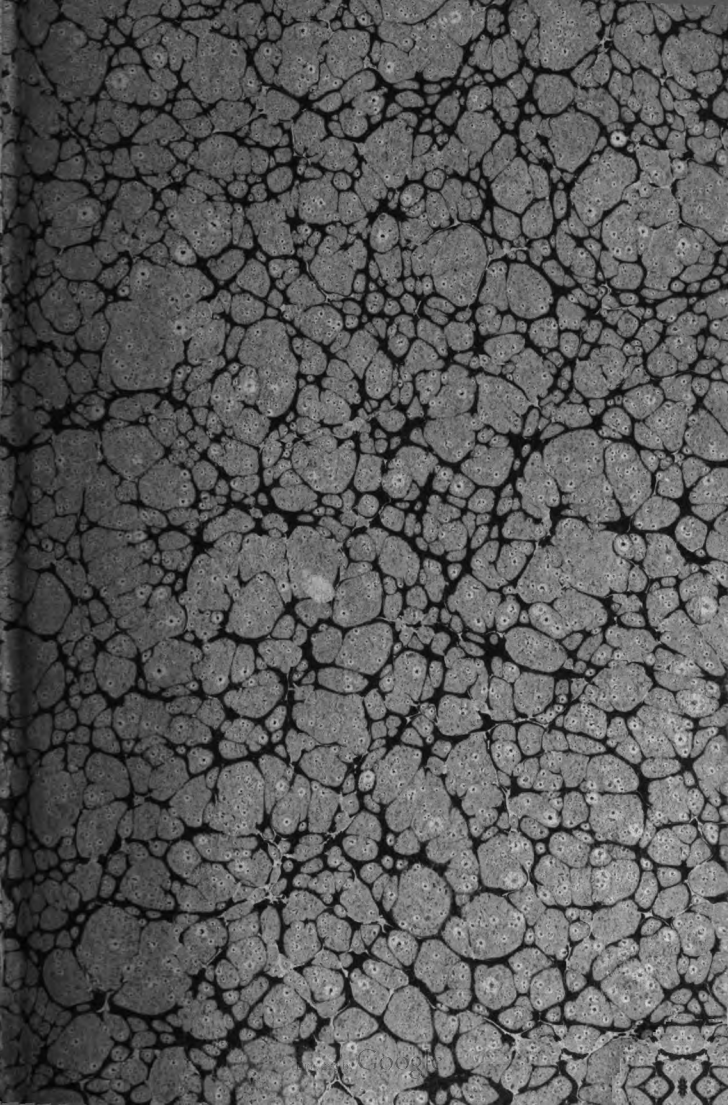


Digitized by Google



BE 624 / 9

VERSOS
DE
B. A. DE S.
BELMIRO,
PASTOR DO DOIRO.

TOMO - I.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1814.

Com licença.

Vende-se em casa de João Nunes Esteves, Mercador de Livros, na Rua da Gloria N.º 14.

V. H. S. O. S.

DEPARTMENT OF

DEFENSE

WASHINGTON, D. C.

OFFICE OF THE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SECRETARY

OF THE

DEFENSE

SONETO.

M

Que triste melancolica figura
 Pobres Versos, quereis fazer no Mundo?

Ah! quando nisso penso, me. tos fundo;
 Sinto voltar-se o dia em noite escura.

Antes quizera dar-vos sepultura
 No terrivel horror do abysmo fundo;
 Pois de tal produção o parto imundo
 Não merece alcançar melhor ventura.

Sem ornato, sem genio, sem cadencia,
 Que deveis esperar? Grandes trofeos?
 Tirai do pensamento essa demencia.

Do desprezo esperai os golpes seus;
 Pois para terdes triste consequencia,
 Basta, filhos, saber-se que sois meus.

V E R S O S

S O N E T O.

MAndou-me Amor hum dia que cantasse
D'Olaia a peregrina formosura;
Que os lindos olhos, que a gentil figura
A's brilhantes estrellas comparasse.

Tomo a Lira; mas antes que entoasse
Da mimosa Pastora a graça pura,
Vi o Riso, os Encantos, a Ternura
Rodearem d'Olaia a bella face.

Pertendo começar, a voz se ensaia;
Do meu cruel receio Amor se admira,
Palpita o coração, treme, desmaia.

Largando para a parte a frôxa Lira,
Amor, lhe digo então, quem vir Olaia
Nada pôde cantar, logo suspira.

SO-

SONETO.

Como está delectosa esta campina,
Rodeada de objectos engraçados!
Como pastão pacíficos os gados
A tenra flor, a relva pequenina!

Aqui murmura a fonte cristalina
Por cima dos seixinhos prateados;
Acolá sobre os almos copados
O terno rouxinol seu canto afina!

As violêtas gentiz d'entre a verdura;
Quando o sopro do Zefiro as menéa,
Com perfumes incensão a espessura.

Mas que importa o prazer, que me rodéa,
Se hum coração afflicto sem ventura
Só com tristes objectos se recrea!

SONETO.

O, salimados farpões, que rijamente
 Amor contra o meu peito disparava,
 Apenas o tocavão, se amolava
 A aguda ponta d' aço reluzente.

Assim não succedea, quando innocente
 Eliza os meigos olhos me lançava;
 Pois a modestia, que os acompanhava
 Penetrou a minha alma docemente.

Não pôde sujeitar-me o Deus Vendado;
 Eliza sim: he de mais alto apreço
 O poder do seu rosto delicado,

Feriu-me o peito, e foi com tanto excesso,
 Que par ella só vive o meu cuidado;
 Porém sou infeliz; eu lhe aborrego.

SONETO.

NEm ouvindo a sonora melodia;
Com que cantas ao pé desta corrente,
Divino Rouxinol, meu peito sente
O mais curto momento de alegria.

As azas da mortal melancolia
Se alargão sobre mim continuamente;
E esta faz que aborreça descontente
O que d'antes o genio me attrahia.

Esse modular doce enternecido,
Que os corações de bronze arrebatára,
Me põe mais na tristeza submergido.

Só cuido que o teu canto me alegrára,
Se do cruel Amor favorecido,
Ao pé da bella Eliza te escutára.

SO-

SONETO

Pequeno cordeirinho, quanto invejo
 O prazer, com que agora andas pulando,
 Ao som dos teus balidos saudando
 Os verdes campos do espaçoso Tejo!

Unido á cara mãe pastar te vejo,
 As desiguaes hervinhas mastigando:
 Vives sempre contente, desfructando
 Quanto pôde excitar-te o teu desejo.

Cercado de afflicções nunca suspiras;
 Não temes inconstancias, falsidades,
 Nem receas d'Amor as cruéis iras.

Mas tudo soffrerias na verdade,
 Se, assim como Belmiro, tu sentiras
 O tyranno rigor d'huma saudade.

SONETO

HUma unica vez que Eliza bella
 Os lindos olhos pôz neste meu peito,
 Senti ao mesmo instante o activo effeito,
 Que nunca Amor causou: causou só ella.

De nada me valeo toda a cautela,
 Que contra os seus encantos tinha feito:
 Mas depois de apertar-me o laço estreito,
 Lamentei o tão tarde conhecê-la.

Vivo ditoso, e sei que hum tal semblante,
 A longa trança de cabello louro,
 Vencem d'Amor o imperio dominante.

Melhor o dizeis vós, peitos do Douro,
 Se fere mais d'Eliza o olhar tocante,
 Se do forte Cupido as settas d'ouro.

SONETO 2

JA' não se ouve na noite tenebrosa **H**
 Rolar a carrancuda trovoada;
 Nem a nuvem de chuva carregada
 A choça humilde gasopa furiosa.

Hum bello dia da Estação formosa
 Vai tornando a campina matizada;
 A mesma Natureza reanimada
 Seus thesouros franquea generosa.

Tudo gosto respira neste dia:
 Até voando para a azul esfera
 Canta alegre a saudosa Cotovia.

Ah! se a minha Pastora aqui tivéra
 Com que prazer então contemplaria
 Nas graças da risonha Primavéra

SONETO.

SE visse hum voraz lobo carniceiro,
 Que andasse devastando no meu gado,
 Tão raivoso, e tão desesperado,
 Que não deixasse vivo hum só cordeiro.

Se acordasse no rustico palheiro,
 De roxas lavaredas rodeado;
 Ou de altissimas brenhas despenhado,
 Cahisse n'hum fundissimo ribeiro:

Se finalmente na floresta ouvisse
 Huma horrivel medonha trovoadã,
 E a mesma terra ao pé de mim se abrisse.

Destas negras imagens nada, nada
 Me assustaria mais, do que se visse
 A minha cara Eliza agonizada.

SONETO

Quando o Sol já no mar se recolhia,
 Nas tristes Fontainhas me assentava;
 E em quanto de chorar não descansava
 Mil^o imagens na idéa revolvia.

Eis-que entre estas lembranças reflectia
 N'huma pequena fonte, que alli estava,
 Que á fraca porção d'agua, que deitava,
 Pouco, e pouco hum penedo desfazia:

Ai de mim! disse então, esta corrente
 O durissimo seixo vai gastando,
 Sobre elle cahindo mansamente:

Mas eu, por mais que esteja suspirando
 Aos ouvidos d'hum genio inclemente,
 Não lhe posso tornar o peito brando.

SONETO.

HUm dia, apascentando o manso gado
Nas bordas de huma placida corrente,
Vi Amor, que choroso, e descontente,
Sem arço ter, estava desarmado.

Da sua horrivel sorte lastimado,
Quem, ó lindo menino, alma innocente,
Lhe disse, faz que estejais tristemente
N'hum abysmo de mágoas sepultado?

A mão pondo no peito suspirava,
E entre crueis soluços respondia:
Huma fraca mulher, quem o pensava!

Huma ingrata, que em nada me avalia,
Eliza... Então Amor se suffocava...
Mais quizera dizer, mas não podia.

SO-

S O N E T O

TU, suspiro feliz d'hum terno amante,
 Sobre as azas do triste pensamento
 Voa junto d'Eliza, e o meu tormento
 Faz sentir ao seu peito de diamante.

D'hum puro amor, e d'humã fé constante
 Redobra-lhe o incorrupto juramento,
 Que mais facil será perder o alento,
 Que deixar de a adorar hum só instante:

Que tanto na memoria me presiste,
 Que desde aquelle dia ainda admiro
 O lindo rosto, onde a Graça existe.

Em fim, tu lhe dirás que o seu Belmiro,
 Morto d'amor por ella, afflicto, e triste,
 Do seu peito lhe manda este suspiro.

SO-

S O N E T O.

D Os bosques da Idalia ao clato Douro
 Voou o Deos d'Amor accelerado
 Trazia este cruel pendente ao lado
 Aguçados farpões na aljava d'ouro.

Dépois de estar ao pé de hum verde louro
 De corações libertos rodeado;
 Ouvi, lhes clama então, do vosso estado
 A sentença fatal, o triste agouro.

» Vereis depressa que nenhum humano,
 » Heróe, covarde, humilde, esclarecido,
 » Se isenta do meu jugo soberano.

Assim foi; porque, apenas sacudido
 O primeiro farpão teve o Tyranno,
 Por Eliza me vi d'amor ferido.

SONETO

Porque gemeis, Pastores, tão queixosos
Contra a torpe faminta desventura?
Ah! se visseis a minha sorte dura,
Talvez que vos julgasseis venturosos.

Faltar no gado os lucros vantajosos,
Sem fructo algum seccar a sementeira,
Ter a choça no Inverno mal segura,
Vos arrancão suspiros dolorosos?

Ao destino cruel vosso inimigo
Nunca chameis; e d'este duro estado
Fazei comparação hoje comigo.

Achar-me-heis que vós mais desgraçado:
E para acreditardes o que digo,
Sabei que sou d'Eliza desprezado.

SO-

S O N E T O .

Não quero, não, ingrata, que a piedade
Amaveis impressões faça em teu peito,
Deixa-o como atégora estar sujeito
Ao odio, á ira, á raiva, á crueldade.

Se pensas nisso ter felicidade,
Se imaginas gozar hum bem perfeito,
Com tal bem viva alegre, e satisfeito
Teu duro coração por toda a idade.

Já foi tempo, cruel, que a tyrannia
D'esse teu peito ingrato, e deshumano
Me fazia gemer, me consumia.

Tive conhecimento do meu damno;
Agora existe em mim, (quem tal diria!)
A Razão, a Prudencia, o Desengano.

S O N E T O.

Mil vezes pelo Céu tenho jurado
De já não querer bem a Eliza ingrata;
Fui perjuro; mas, pois tão mal me trata,
O grilhão romperei desenganado.

Da cruel não terei algum cuidado;
E se a amar outra vez, como insensata
Féra corra vagando a escura mata,
Deixando ao desamparo o manso gado.

Não tenha nos meus bens o Céu cautela;
A mesma choça veja estar ardendo,
Se n'hum momento só me lembrar d'ella.

Porém . . . não seja assim, eu me arrependo;
Pois quanto mais desejo aborrecê-la,
Tanto mais por Eliza estou morrendo.

SONETO.

EM quanto apascentava pelo outeiro
Cem melhados cordeiros, gordas rezes,
Quantas vezes, Tyranna, quantas vezes
Me juraste amor firme, e verdadeiro?

Mas, apenas do lobo carniceiro
O meu gado sentio crueis revézes,
Não deixaste sequer passar dous mezes,
Sem voltar da dureza ao ser primeiro.

Então nunca te achava enfurecida;
Hoje, cruel Pastora, altiva feres
A mutua fé, mil vezes promettida.

Ora pois, obra, Ingrata, o que quizeres;
Que bem sei que á Fortuna sempre unida
Anda a fragil constancia das Mulheres.

S O N E T O.

EU não tenho, Pastora, alvos cordeiros,
 Que te offereçam no dia dos teus annos;
 Nem os dons preciosos, que os humanos
 A' vaidade tributão lisonjeiros.

E de mais, os meus versos são grosseiros
 Para applaudir teus Dotes soberanos;
 Pois hum genio creado entre Serranos
 Apenas sabe o Canto dos outeiros.

Só lagrimas, suspiros, desventuras,
 Pensamentos cruéis, mas amorosos,
 Dedicarei á tua formosura

Potém, se isto não queres, Céos piedosos!
 Que pôde mais hum peito sem ventura
 Consagrar aos teus annos preciosos?

SONETO.

Póde o rio, que foge acelerado,
 Parar a sua rápida carreira,
 Sem custo algum subir pela costeira,
 Até o cume do monte levantado:

Pódem matar a fome ao manso gado
 Os seixos, que se crião na pedreira,
 E a terra, verde relva da ribeira,
 Servir de forte muro no serrado:

Póde, em fim, ter de vida o sentimento
 Esta penha brutal, inanimada,
 E voar, mais ligeira, do que o vento:

Mas ter algum desvio a fé jurada,
 Esquecer-me de ti hum só momento,
 Não póde acontecer, Eliza amada,

S O N E T O.

H Uns desejão mover armadas frentes
 Contra os muros da intrepida Cidade,
 Exercer a voraz atrocidade
 Na terna mãe, nos filhos innocentes.

Outros, d' inclinações muito differentes,
 A Riqueza só tem por Divindade;
 Sacrificão-lhe o gosto, a liberdade,
 Por ella paixão dias descontentes.

Mas eu, que tales venturas pouco invejo,
 Tenho sempre em sócego amortecido
 As inquietas azas do desejo.

A nada disto vóa o meu sentido;
 Pois só quero déveras, só desejo
 Ser d'Eliza cruel favorecido.

SONETO.

Belmiro andava olhando o pobre gado.
 Nas ribeiras do Vouga delectoso,
 Onde, cheio d'amor, triste, saudoso,
 A's aguas repetia o seu cuidado.

Quando, da bella sésa convidado,
 Hum sitio indo buscar menos calmoso,
 Da ingrata Eliza o nome precioso
 Acaso viu na areia estar gravado.

Para affirmar-se, lê, reflecte, admira;
 Amor a quasi extincta chama a areia,
 Logo ajoelha, beija-o, e suspira.

Eis que no mesmo instante vem-lhe a idéa
 A sua ingratição, e enche-se d'ira,
 O vil nome desfaz de si mesma areia.

S O N E T O.

DA paixão de Amor fero penetrado,
 Tenho vivido hum lustro sem ventura,
 Enganando a mim mesmo a vã ternura,
 Que girava n'hum peito atraído.

Com fome vai mingoando o manso gado,
 A monte deixa os campos sem cultura,
 Vejo tolher-me tudo a Sorte dura:
 E continuo em ser mais desgraçado?

Basta já de cegueira: vou ditoso
 Gastar co' amavel paz os annos meus,
 Para sempre esquecendo hum tempo odioso.

Conheci o meu mal, graças aos Céos!
 D'elle quero fugir, sou venturoso,
 Paixões, Amor, Ingrata, a Deos a Deos.

SONETO.

NO magestoso Templo da Verdade,
Cançado de gemer, entrei hum dia,
A ver se neste sitio conhecia
Da ingrata Eliza a torpe falsidade.

O portico toquei, e a escuridade,
Que a vista dos meus olhos impedia,
Foi nevoeiro espesso, que fugia
Do Sol brilhante á intensa claridade.

Eu vi . . . que horror ! hum peito denegrado,
Formando a sua gloria no meu damno,
Manchar a fé, que tinha prometido.

Tremi; pensei: e o meu grilhão tyranno
Ante a Deosa quebrando, agradecido
Pendurei na parede hum desengano.

SO-

S O N E T O.

JA' posso ouvir os ternos passarinhos,
 Que estão saudando a fresca madrugada;
 Outros vejo, que levão pendurada
 No bico a branda felga para os ninhos.

Aqui saltão os mansos condeirinhos
 Na relva de boninas matizada;
 Acolá corre a fonte socegada
 Por entre brancos, desiguaes seixinhos.

Qualquer Pastor se alegra, e se recrea,
 Debaixo da gostosa amenidade,
 Com que a entroncada faz a lisonjea.

Que doce, que feliz tranquillidade!
 Só em ti he que póde, cara Aldéa,
 Passar-se com socego o tempo, e a idade.

SO.

SONETO.

Sanguineas veas n'hum robusto peito.
 O Deus de Guido, Amor, pular sentia:
 Não perde a occasião, a setta afia,
 E no curvo arco a põe muito a seu geito:

Já quasi do triunfo satisfeito,
 Ao coração fez certa a pontaria;
 Disparou, mas cahio na terra fria
 O farpão rijo em seis pedaços feito.

Ai de mim! grita Amor, que infelicidade!
 Os meus tiros não ferem como d'antes;
 Ninguem d'Amor já teme a crueldade:

Zombão de mim sem dúvida os Amantes,
 Se não me empresta Alcina por piedade
 A graça dos seus olhos penetrantes.

S O N E T O

Q uando o Sol. vinte vezes rodeado
 Tinha em Fev'reiro o vasto Firmamento,
 Da bella Eliza o illustre nascimento;
 Deixou de gloria o Douro penetrado;

Com as Graças Amor acompanhado,
 Mostrava o seu feliz contentamento,
 E para o berço nobre olhando attento,
 Foi pôr-lhe ao pé o seu arco desarmado.

Serás, beijando-a, diz, linda Pastora,
 A honra, o assombro, a gloria da espessura,
 E dos peitos a amavel vencedora.

Verdadeiro sahio, quanto lhe augura;
 Pois d'Eliza gentil o Mundo adora
 As virtudes, a graça, a formosura.

SO.

S O N E T O .

Segundo o seu costume , estava posto
Belmiro n'hum penha debruçado,
Em socego nutrindo o seu cuidado
Com as tristes imagens do Desgosto.

Os que hum pouco levanta o magro rosto,
De sons harmoniosos convidado,
E quando os olhos lança pelo prado,
Em toda a parte encontra o alegre Gosto.

As Pastoras amaveis , e os Serranos
Com canticos d'Amor , que em torno gira ,
Entoavão mil hymnos soberanos.

Isto Belmiro ouviu , e á Branda Lira
Indo tambem cantar d'Eliza os annos ,
Em vez de os applaudir , geme , suspira.

SONETO.

A Penas deixei hontem o meu gado
 Junto d'este ribeiro cristalino,
 De tres Feras no assalto repentino,
 Sem lhe poder valer, foi devorado.

Nem hum só me escapou, e tão irado
 Se mostra o duro, o barbaro Destino,
 Que até foi o cordeiro pequenino,
 Que tinha á bella Alcina consagrado.

A Sorte me levou os bens melhores;
 Só me resta huma choça mal provida,
 Onde possa empregar os seus furores.

Tudo a cruel absorva endurecida;
 Porém, se tambem perco os meus amorea,
 Injusta sorte! então acabo a vida.

SONETO.

Jurei sobre o altar do Deos manhoso
Ódio eterno ao seu jugo soberano,
Não podendo soffrer deste Tyranno
A Lei sévêra, o imperio rigoroso.

Offendeo-se o cruel; fero, raivoso
Maquina arruinar-me deshumano;
Porém qualquer desgraça, qualquer damno
Evitava, previa cuidadoso.

Té que da linda Alcina os olhos bellos
Procurou; mil prizões, mil passadores
Nelles armou, nos seus louros cabellos.

Mostrou-me estes encantos roubadores;
Por mais que então eu desejei vence los,
Vingou-se Amor; fiquei prezo d'amores.

SO-

S O N E T O.

Quantas vezes Alcina me dizia,
Levando a minha mão ao ingrato peito;
Que nunca deixaria o amor perfeito,
O terno, o puro amor, que nella via?

Ouvindo taes promessas, que faria?
Tão contente fiquei, tão satisfeito,
Que mil vezes nas aras do respeito
A minha liberdade lhe off'recia.

Ausentei-me d'Alcina; e tão sentida
Nos primeiros instantes se mostrava,
Que a vi por mim d'amor quasi perdida.

Mas como me enganei no que pensava!
Foi-me falsa a Cruel, foi fementida....
E eu d'huma mulher o que esperava?

SO-

SONETO.

Vem-me todos passar a noite, e o dia
Sem socego, e em lagrimas banhado:
Pasmão, depois de ver que ao meu estado
Nada offende o rigor da Sorte impia.

Abençoá-lhes o Céu com alegria,
Dizem elles, até ao seu cajado,
E sempre o conhecemos defecado,
Imagem da mortal Melancolia.

Mas como pensas mal, ó Gente humana!
Vive o gado sem ten enfermidade,
Conservo em santa paz esta cabana.

Não tive algum desastre, isso he verdade;
Mas tenho mal peor: longe d'Albana
Supporto huma vivissima saudade.

SONETO.

EM quanto o curvo barco se alongava,
 Aos impulsos do remo vagaroso,
 Sobre a borda assentado pezaroso,
 Da praia a terna vista não tirava.

Sem querer, cada vez mais me apartava
 Da Pastora, por quem vivo saudosos,
 Que, a mim voltando o rosto precioso,
 Com mil signaes de lá me acompanhava.

Puz a mão no meu peito, e transportado,
 Vinha jurando pelos mesmos Céos,
 De ser firme a pesar do negro Fado.

Quando hum monte de vel abs olhos meus
 De todo hia esconder o objecto amado,
 Ergui a voz então, e disse: adeos!

SONETO

Tão contente, Marilia, me pareces,
Quando afflicto suspira o rouco peito,
Que duvido das juras, que tens feito,
E até cuido Cruel, que me aborreces.

Hum só momento não te compadeces
De quanto Amor me faz por teu respeito;
E esse genio tyranno, a sangue affeito,
Mais contra hum desgraçado o enraiveces.

Mostraste-me apparencias d'amizade;
Mas, quando a mil paixões me viste exposto,
Facilmente a trocaste em crueldade.

Ingrata, poupa, evita o meu desgosto:
Sinta o teu coração tanta piedade,
Como de graças tem o amavel rosto.

S O N E T O.

Marilia attende grata os meus clamores,
 Em piedade trocou a antiga ira,
 Quando suspiro, já também suspira:
 He sensível, he terna aos seus Amores.

Nos lindos olhos meigos, vencedores
 A brandura continuamente gira;
 Para longe do amavel peito atira
 Os desprezos, os odios, os rigores.

Ornado o rosto de immortal belleza,
 Quando abrazado o meu amor lhe exponho,
 Chamando-me o seu Bem, jura firmeza.

Mas que doces venturas me supponho!
 Mudou Marilia acaso a natureza?
 Ah! desperta, Belmiro, que isto he sonho.

SONETO.

Tudo, Marilia, sente a força dura
Dá carreira dos annos: destruçado
Cahe por terra o Cypreste levantado,
Do campo sécca a placida verdura.

Não se izenta a temivel Formosura
Dos estragos do Tempo arrebatado:
Como o Lirio mimoso, que he cortado,
Assim murcha, assim perde a graça pura.

Só tu, gentil Marilia, entre os Humanos
Insensivel a tudo, forte illudes
Do Destino os impulsos mais tyrannos.

Não temes, não recêas golpes rudes;
E, em vez de te abater o Tempo, os annos,
Te embellezão com Graças, e Virtudes.

SONETO.

Ide, meus pobres Versos, venturosos,
 Procurar huma doce companhia;
 A Marfita buscai, que neste dia
 Conta alegre seus annos preciosos.

Ide, e vereis mil corações gostosos,
 Cercados de prazer, e de alegria;
 Que, em toda a parte, grata melodia
 Causa alvoroço aos peitos virtuosos.

Mas, se alguma piedade vos mereço,
 Retratai aos seus olhos soberanos
 O justo sentimento, que padeço;

Que não temo os Destinos deshumanos,
 E que, ainda distante, não me esqueço
 De celebrar o dia dos seus annos.

SONETO.

REina a serena Paz d'entro d'hum peito,
Que já soffreo d'Amor o fogo activo:
Graças a Deos! em liberdade vivo
No meio dos prazeres satisfeito.

Quando chego a encostar-me sobre o leito,
Não fico horas, e horas pensativo;
Pois se extinguiu o pérfido motivo,
Dos meus feros tormentos louco effeito.

Ando alegre, e contente, socegado;
E passei para estado de bonança
Do captiveiro mais desesperado.

Venturoso fiquei com tal mudança;
Pois gozando as delicias deste prado,
Nem do que fui sequer tenho lembrança.

SONHETOS

Não passa dia algum, que reclinado
Sobre as margens do Leça fugitivo,
Não busque o pensamento lenitivo
Na origem feliz do meu cuidado.

Com mil falsos prazeres enganado,
Me penetro do gosto mais activo;
E alguns momentos venturoso vivo
Só do pobre rebanho acompanhado.

Mas logo fôge o bem, logo conheço
Que o prazer para mim he repentino;
E que só na desgraça me envelheço.

Porque não fazes pois, cruel Destino,
Que sejam sonho os males, que padeço,
Assim como as venturas, que imagino.

SONETO.

Como vás, caro Leão, murmurando
 Por entre a verde rama dos salgueiros!
 E como os passarinhos lisonjeiros
 Ao som das tuas aguas estão cantando!

O verde fêno, as margens tapessando,
 Sacia, e nutre os tímidos cordeiros;
 E á sombra d'alta faia os pegoreiros
 Em santa paz respirão somno brando.

Da flor campestre a grata suavidade,
 Que o Zefiro sopitando move, e apura,
 Consola, e alenta a fraca humanidade.

Tudo aqui he prazer, tudo doçura!
 Mas só feliz, quem pôde em liberdade
 Gozar entre a Innocencia esta ventura.

S O N E T O.

E Steu, linda Belmira, tão contente
 Nos guilhões do meu novo captiveiro,
 Que as venturas, que preza o Mundo inteiro,
 Sem elles me farião descontente.

Este peito, que he teu, agora sente
 Da paixã terna o effeito lisonjeiro;
 E quer seja no valle, quer no outeiro
 Sempre te acho, meu Bem, nelle presente.

Assim prezo, não choro ver perdida
 A minha preciosa liberdade;
 Só recio encontrar-te endurecida,

Ah! Belmira, affugenta a crueldade;
 Meus extremos attende, e, enternecida,
 D'hum oração, que te ama, tem piedade.

SONETO.

SE o rustico Pastor viver pudéra
 Das terriveis paixões d'Amor isento,
 Eu não trocára o seu abatimento
 Pelo illustre esplendor d'uma alta esféra;

Mettido na cabana, em que nasçera,
 Gemidos não daria cento a cento;
 E, zombando de tudo, o que he tormento
 Da dôr o nome apenas conhecêra.

Porém nos ferros de este Deos manhoso,
 Sem differença haver, chora, suspira
 O Pastor pobre, o Maioral famoso.

Ainda alguém os seus grilhões fugira:
 Mas, para tal milagre, era forçoso
 Não se encontrar no Mundo huma Belmirar

SONETO

TU vês, Amor, o coração perjuro
 Da Pastora infiel, que est' alma enlaça:
 Tu vês que temeraria despedaça
 A prizão terna do amor mais puro.

Se em teu altar fidelidade juro,
 Jura também vingar-me tal desgraça:
 Com farpas, com veneno lhe repassa
 As entranhas cruéis; o peito duro.

Sem allivio lhe arqueje sempre afflicto,
 E, lágrimas vertendo os olhos bellos...
 Mas não: maior vingança lhe medito.

Estes tormentos podes suspendellos:
 Seja mais castigado o seu delicto,
 Sabendo ainda hum dia o que são Zélos.

SONETO.

DE tão crueis imagens rodeado
Anda sempre o meu triste pensamento
Que já não sei o que he contentamento,
Nem do prazer conheço o rosto amado.

Tudo afflicção me causa; o pouco gado,
Que tenho, anda a morrer, não o apascento;
Procuro a solidão, choro, lamento
Da minha injusta Sorte o duro estado.

Já de gemer cansado, o corpo deito
No escarpado rochedo, e inculca asp' reza,
D'hum infeliz, proporcionado leito.

Tenho tão suffocada a natureza,
Que ás vezes, se se abrisse o afflicto peito,
Todo o Mundo toldára de tristeza.

SO-

SONETO.

Cupidinhos travessos, escondidos
Nos teus formosos olhos, déstramente
A' peitos duros d'insensível gente
Atrão, rindo, mil farpões buídos.

Neste jogo cruel sempre embebidos,
Espalhão pelo chão sangue innocente,
Não descansão, estão continuamente;
Fazendo suspirar mortaes gemidos.

Ah! Belmira; castiga-os sem piedade:
Não consintas que dem mais hum só tiro;
Poupa estragos á pobre Humanidade.

E se por ti d'amor tanto suspiro,
Basta para nutrir-lhes a crueldade
O ternó coração do teu Belmiro.

SO.

SONETO.

Destino, oues mais brando os meus clã- (mores),
 Attende-me huma vez menos irado,
 Algum dia mereça hum desgraçado
 Alcançar venturoso os teus favores,

Não te peço, Cruel, ditas razões,
 Que as que espera hum desejo limitado:
 Não dezas, colmeas, lavras pagado,
 Nem albergue de honrados lavradores,

A não ter sorte menos desprazivel
 A enganosa esperança me arrebatã,
 Nem a peço, nem tê-la me he possivel.

Minha ambigão somente se dilata
 A rogar-te me faças insensivel
 Aos horriveis desprezos d'humã ingrata.

SO.

SONETO

Basta, meu coração tantos gemidos
 He vergonha exhalar. Estes lugares
 Agora vejam, teus crueis pezares
 N'hum jabilo ditoso convertidos.

Os funestos grilhões já carcomidos
 São faceis de romper, vão pelos ares:
 De Bellaira os sanguiferos altares
 Ao vil desprezo sejam reduzidos.

Se os joelhos ainda alguém lhes dobra,
 Crendo-os d'adoração ainda capazes,
 Desengano, e experiencia já te sôbra.

D'amor pela cruz não mais te abrazes;
 Que assim como he vileza o que ella obra,
 Será também loucura o que tu fazes.

SONETO.

Não me causa, Belmira, algum tormento
Dos Zêlos infernaes a força dura;
Nem do teu genio a perfida loucura
Me entristece, me causa sentimento.]

Se dou mil ais, se choro, se lamento;
Se horriveis afflicções o peito atura,
O principio da minha desventura
Não tem, Cruel, tão baixo fundamento:

Que hum novo amante tragas enganado;
Como a mim, protestando-lhe firmeza,
Nada altera, Infel, o meu cuidado.

Mas, se sinto os horrores da tristeza,
He por considerar o teu amado
Hum coração tão cheio de vileza.

S O N E T O.

Afflicto som de languidos gemidos
Pelo campo espalhava o brando vento ;
Sahia este cançado , triste accento
D'entre brutaes penedos carcomidos.

Passavão dois Pastores , e , movidos
Da piedade , da dor , do sentimento ,
Entrarão pelo horrifico aposento
A origem procurar dos ais sentidos.

Forão achar cercado de agonia
Hum Pastor ; e do mesmo a voz magoada
O nome de Marilã repetia.

Chegou-se hum , vio lhe a face desmaiada ;
Era o triste Belmiro , que sentia
A doença fatal da sua Amada.

SONETO.

Procuro sempre huma escondida gruta;
Onde possa nutrir o meu tormento;
E, em quanto dura a Tarde, alli me assento
Na lapa, de meu pranto nunca enxuta.

Neste sitio de dôr, forte não lucha
Com grandes furacões o rijo vento;
Apenas hum ligeito movimento
Dos salgueiros, que o cobrem, mal se escuta.

Aqui duras imagens do Desgosto,
Fazendo-me ficar inanimado,
Desfigurão de todo o triste rosto.

Mas quando o Douro vem ao meu cuidado;
O silencio rompendo, em que estou posto,
Suspirando repito o nome amado.

SONETO.

TErnos, sentidos ais, que afflicto envio,
As lagrimas, que choro sem ventura,
Não fazem cousa alguma, sempre és dura,
Como os seixos, por onde passa o rio.

Nem ja, barbara Eliza, me confio
Na esperança, que a Sorte me assegura;
E querer-te inspirar doce brandura
He o mesmo que bater em ferro frio.

Inda que disfarçada representes
Nutrir a meu respeito hum genio humano,
Por dentro andão vibrando mil serpentes.

Porém tenho hum destino tão tyranno,
Que não posso quebrar estas correntes,
A pezar do meu triste desengano.

SONETO.

BEm pódes encontrar, quem de seu tenha
Alta cabana, muros levantados,
Ferteis seáras, campos dilatados,
Onde rezes sem numero mantenha.

Tu bem pódes achar quem desempenha
Da propria Aldéa os cargos mais honrados,
Quem mande, quem governe mil cajados,
E rendido d'Amor amar-te venha.

Pódes... (e nem por isso me confundo)
Ver que teu nome grava no retiro
Quem de riquezas move hum grande fundo.

Mas com firme certeza te profiro,
Que não pódes achar em todo o Mundo
Hum Pastor mais fiel, que o teu Belmiro.

S O N E T O.

Ligeira fantasia, sonda corres,
Montando terras, e passando mares,
A erigir insensata sobre os ares
Altos Palacios, e soberbas Torres?

Porque, cheia de orgulho, afflicta morres;
Se não tocas de Pluto os vis Altares;
E, olhando com desprezo os Patrios lares,
Em Fantasmas chimericos discorres?

Socega hum pouco agora; a vista apura;
Soletra o meu destino malfadado;
Lê nelle toda a propria desventura:

Será teu voo menos elevado,
Pensando que debalde se procura
Melhorar a fortuna a hum desgraçado.

S O N E T O .

JA' de róxas Violetas não guarneço
A minha Lira, a venturosa frente,
Aquella n'hum Salgueiro está pendente,
Esta pallida a vejo em grande excesso.

Já soccorro das Musas não mereço,
Por mais que lho supplique humildemente,
Do que fui ando agora tão diff'rente,
Que, olhando para mim, me desconheço.

Não sinto o amável gosto da Innocencia;
E a Agonia, de sombras rodeada,
Faz no meu peito triste residencia.

Quem será disto a causa desastrada?
Ah! se he certo o que dicta a consciencia,
De Belmira me queixo, ella he culpada.

SO-

S O N E T O.

Onde escondes, Belmira, aquelle agrado,
Que em teu rosto gentil se descobria?
Onde está o prazer, onde a alegria,
Que a qualquer coração punha encantado?

Agora com semblante carregado
Os ais escutas, que meu peito envia;
E não sei se já passa a tyrannia
A mudança cruel, que tens mostrado.

Se a fé não ultrajei de alguma sorte,
Não he justo soffrer continuamente
Hum castigo, que sinto mais que a morte.

Torna-te affavel, mostra-te contente:
Pois, obrando o contrario, teme ex;ôr-te
A mostrar criminoso hum innocente.

SO-

SONETO.

NAs falas, que atégora pezarosas
Figuravão da Morte a imagem fea,
Já o inquieto Zefiro menéa
Do tenro gômo as folhas buliçosas.

De brancos Lirios, de vermelhas Rosas
A grata Primavera o campo assêa:
Paraizo d'encantos, esta aldêa
Torna as almas mais tristes venturosas.

Jozino! Que cadêa deshumana,
Que illusão te embaraça a liberdade,
Ou que apparente Bem teu peito engana?

Ah! cede aos ternos rogos da Amizade,
Vem achar mais feliz huma Cabana
Que os soberbos Palacios da Cidade.

SO-

S O N E T O.

O Sabio Lavrador corte indignado
A incendiar aquella praga impura,
Que, espalhando hum veneno na cultura,
Lhe deixa o campo todo destroçado.

O fiel Pegoreiro ao manso gado
Acautela de Lobo, que o procura;
Arma laços subtiis, odios lhe jura,
Se tem algum Cabrito devorado.

Parece que anda annexo ao ser humano
Aborrecer a causa endurecida,
Que hum golpe descarrega impio, e tyranno.

Só não sei porque sôrte desabrida
Amo o fatal principio do meu damno,
A mão respeito, que me tira a vida.

SO-

S O N E T O .

Quem , Belleza gentil , quem affirmasse ,
Que o Leça nunca teve formosura ,
Era vir contemplar na Graça pura ,
Que fórma encantos nessa amavel face . -

Talvez que surpendido te encontrasse
A mais galante Ninfa da espessura ;
Talvez que julgaria ter ventura ,
Se envolvido em teus ferros suspirasse .

Eu mesmo por mim fallo ; pois cuidando
Que no Douro haveria gentileza
Me fui junto de ti desenganando ;

Pois formou-te tão linda a Natureza ,
Que fiquei justamente duvidando ,
Se serias Amor , ou a Belleza .

SO-

S O N E T O.

SE, tendo mortalmente repassado
Meu pobre coração de negros zelos,
Possuidos de amor cuido em soffrê-los
Entre horriveis desprezos sepultado;

Se, barbara, impiamente molestado
Pela vista infiel d'huns olhos bellos,
Não posso dia algum deixar de vêllos,
E ficar longe d'elles socegado.

Em fim, se ao lindo objecto, que venero,
Monstro d'ingratidão, e aleivozia,
Ainda muito mais, que a mim lhe quero.

A que ponto a paixão me arrastaria,
Se visse, que, mudando o genio fero,
Os meus tristes suspiros attendia!

SO-

SONETO.

P Erdoa, bella Anarda, és mui travessa;
Tendo o corpo, e semblante não terreno,
És hum puro mortifero veneno,
Desde o bico dos pés té a cabeça.

Esse impio coração pouco interessa
Nas paixões, a que amante me condemno;
Antes, quando tu vês que afflicto peno,
Tomas hum ár contente mais depressa.

Ficas sizuda, se piedade imploro,
E quando choro ao som d'estas cadéas;
Nem ao menos perguntas porque choro.

Pois olha, quer tu créas, quer não créas,
Assim gosto de ti, assim te adoro,
Assim mesmo, Cruel, assim me enléas.

S O N E T O.

Finalmente he chegado o alegre dia,
 Em que dou termo ás minhas desventuras:
 Belmira, Eliza, ingratas formosuras,
 Estalou o grilhão, que nos prendia.

Negros Ciumes, Raivas, Tyrannia,
 Repouzaí nas eternas sepulturas,
 E'levai sobre as vossas mãos impuras
 O veneno mortal, que me roía.

Nem sempre dura a infame atrocidade;
 O Destino, por natureza vario,
 A's vezes seu rigor muda em piedade.

D'Amor eu já não sou triste sectario:
 E agora canto a minha liberdade,
 Encostado á lição do Breviario.

SONETO.

Rompão-se os duros ferros; e em pedaços;
Sobre os torpes altares do Desprezo,
Com fogo roedor, em lume accezo,
Sejão desgastos tão infames laços.

De paixões, de esperanças, de embaraços
Com elles queimarei o enorme pezo:
Quem atégora sempre andava prezo
Forme contente, e alegre soltos passos.

Tudo alli se consumma; e mesmo aquella
Impia lembrança, que conduz ao Vicio,
E que a Razão ás vezes me atropella!

(cio;
Não fique em mim d'Amor hum leve indi-
Até Belmira.... a sua imagem bella....
Eterno Deos! Que duro sacrificio!

S O N E T O.

MEu desafogo, a deos: hoje te deixo,
Companheira innocente, Lyra amada,
Por todos os mais dias pendurada
No torto ramo d'este altivo Freixo.

Não ha remedio: agora em vão me queixo
Aqui ficas sem gloria desprezada,
Só da minha saudade acompanhada;
Pois eu não tenho hum coração de seixo.

Mas, posto que comtigo nada existe,
Inda te ha de saudar enternecida
Alguma alma fiel, que divertiste.

E vendo-te do Tempo carcomida,
Então dirá: Belmiro, Pastor triste,
Ou morreo já, ou já mudou de vida.

SO-

O D E I .

Maravilhosas laminas pendentos
 Na salla magestosa,
 Aureas cópas, alfaias excellentes
 De estructura engenhosa,
 Muito embora rodeem do opulento
 O tapeçado assento.

Em soberbos Palacios encerrado
 O illustre Cidadão,
 De seus Avós antigos tendo herdado
 Glorioso Brazão,
 Mande, governe; as Praças, e a Cidade
 Mova a sua vontade.

No magnifico Throno o Rei se assente;
 O pavidó Estrangeiro
 A' presonça temível se apresente,
 Em fetros prizioneiro;
 E com poder despotico decida,
 Ou a morte, ou a vida.

Tom. I.

E

De

Delicados manjares lhe guarneção
 A regulada meza ;
 Nas lustrosas bandejas appareção
 Os dons da Natureza ;
 De montes de abundancia rodeado
 Se pense afortunado.

Eu nada d'isto tenho : a humilde Choça
 He o Palacio , onde habito ;
 Mas aqui nada temo , com que possa
 Dar gemidos afflicto.
 Se os hombros não me adorna o RegioManto,
 Se não me elevo a tanto ;

Matadores cuidados não rodéão
 O meu rustico leito :
 Alegres sonhos sobre mim ondeão
 Logo apenas me deito ;
 Durmo em paz , d'inimigos não temendo
 O golpe duro , e horrendo.

Sobre a despida meza , em pratos d'ouro
 A iguaria não fuma :
 O roxo sãmo do famoso Douro
 Nos cristaes não espuma :
 Tu , simples , tu , amavel Natureza,
 Es a minha riqueza. Se

Se na frente não mando em brava guerra
 Hum Exercito inteiro;

Se, por me conservar na propria terra,
 Destemido guerreiro,
 Brotando sangue da mortal ferida,
 Não perde a cara vida;

De que serve dominio tão cruento?
 Ter hum pobre rebanho,
 Empregar nelle o alegre pensamento;
 He isto hum bem tamanho,
 Hum bem, que excede os apparens bens;
 Que tu, Grandeza, tens.

Voai, Heróes do Mundo, d' hora em hora
 A' mais altos estados;
 Famintos d' ambição, sulcai embora
 Os mares empolados;
 Que, com pouco contente o meu desejo,
 Em nada vos invejo.

O D E II.

Mortaes, eu sou ditoso:
 Os grillhões, que arrastava ha tantos annos,
 Em mil pedaços fiz.
 Já não suspiro: passo venturoso,
 Izento de paixões, livre d'enganos:
 Mortaes, eu sou feliz.

Atégora soffria
 D'hum insensato amor a prizão dura:
 A's impias leis sujeito
 Da Pastora infiel sempre vivia,
 Ignorando a vileza, que a perjura
 Essondia no peito.

Huma subtil cortina
 Toda a sua impiedade disfarçava:
 Pela presença amavel
 Ninguém conheceria a ingrata Alcina,
 O veneno, os enganos, que occultava
 O semblante adoravel.

Mas

Mas eu, que, desde a idade
A mais tenra, a mais candida, e innocente,
Extremoso a adorei,
A conhecer cheguei a falsidade
D' aquelle monstro vil, que louçamente
Tantos annos amei,

Logo, no mesmo instante,
Que pude ver o santo Desengano,
A misera cadeia,
Que me fazia desgraçado amante,
A pezar do enleio deshumano,
(Que ventura!) quebrei-a

Em vão a fementida
Quiz oppôr-se ao impulso, que formava,
Humas vezes chorando,
Outras, qual fêra Tigre embravecida,
Pelos Ceos, por Amor firme jurava
De eu viver suspirando.

Porém nem a ternura,
Nem quantos ameaços proferia,
Nada me penetrou.
Ah! procure as delicias da ventura,
Disse então, vá passar em alegria
Quem sempre suspirou.

Bas-

Basta de captiveiro ,
Basta já de servir a hum Bem tyranno ,
A' huma infiel Pastora.
Não me prenda outra vez o lisonjeiro
Semblante , onde se occultava o feio Engano ;
De quem 'stou livre agora.

Desde então meu cuidado ,
Solto da perigosa tempestade ,
Vive izento d' Amor.
Desde então passo os dias descansado ;
No meio da feliz tranquillidade
Sou ditoso Pastor.

Já não me mata o pezo
Da insoffrivel cadéia , que arrastava :
Não me assusta o horroroso
Estrondo do grilhão , com que era prezo :
Depois que me esqueci de quem amava ,
Mortaes , eu sou ditoso.

ODE

O D E III.

Somnolentos Amores
Da linda Mãe no candido regaço,
Lagando os passadores,
A mortifera aljava, o ferreo laço,
Sobre a relva cahindo,
Cançados de ferir, estão dormindo.

Já nos peitos amantes
Tem dominio o prazer da Liberdade:
Entranhas palpitantes
Respirão em feliz tranquillidade:
Já nos tristes retiros
Não se ouvem resoar crueis suspiros.

As Ninfas innocentes
Da Lira harmoniosa ao som Divino
Vão unindo contentes
Deste ditoso dia o sacro Hymno:
Coroados Pastores
Em torno espalhão desfolhadas flores.

Na

Na relva matizada
 Mil passos regulares vai traçando
 A tropa delicada;
 E, junto á dança hum circulo fazendo,
 Com vozes expressivas
 Enchem os ares d' entoados Vivas.

„ Viva a mimosa Tirse,
 O noŝso bem, a gloria da espessura „
 Ninguem póde eximir-se
 De cultos tributar á Formosura.
 Velhos, moços, meninos
 Adorão seus encantos peregrinos.

O mesmo Tempo annoso,
 De flores adornando a calva testa,
 Se demora gostoso
 Nos alegres contornos de floresta.
 No engelhado rosto
 Lhe brilhão o prazer, o riso, o gosto,

Em feixos curpolentos,
 De rijas tempestades zombadores,
 Os seus contentamentos
 Gravando estão Serranas, e Pastores;
 Padrões de tanta gloria
 Querem deixar entregues á memoria,

Até balbuciando
No collo da Mãi terna , e carinhosa ,
Está pronunciando
Pequena Pastorinha graciosa
Os sons mal exprimidos ,
Que fazem impressão nos seus ouvidos.

Neste ditoso dia ,
De bella Tirse aos annos consagrado ,
Tudo o que he tyrannia
Foge do patrio Douro affortunado.
O prazer , a Ventura
Hoje o throno governão da espessura.

Não se ouve hum só suspiro ,
Grata satisfação tudo respira ;
Té o pobre Belmiro
Contente hoje tempéra a branda Lira,
Tanto podem , Humanos ,
Da nobre Tirse os preciosos annos !

ODE

O D E IV.

O Raivoso Desprezo
Contente brame, alçando sobre os ares
Os seus crueis Triunfos:
Belmiro he triste victima innocente,
Em q̄ o monstro d' horror emprega, entranha
As feas, torpes garras.

Astuto procurou
Não arnezes, nem ferros passadores;
Mas huns Divinos olhos:
D'aqui mesmo vomita o fero estrago,
Com que atropélla a candida Innocencia,
A tremula Razão.

Sem forças, já cançado
De combater as iras do Tyranno,
Abro constante o peito
A' impiedade do barbaro inimigo:
Entra logo, atormenta, despedaça,
Faz atear a raiva.

O'

O' Liberdade amavel !
Só pódes rebater o forte impulso
Do implacavel monstro !
Faz sentir-lhe o poder do teu imperio :
Co' a torpe Ingratidão afflicto gemão
Nos escuros abysmos.

ODE

O D E V.

Não procuro de batalhões armados
As destras, e belligeras fileiras
Para vingar, Eliza,
Os terriveis estragos, que tens feito,

Deixa voar o Tempo arrebatado,
Passem Janeiros, tornem os Janeiros,
As Estações do anno,
E eu verei humilhado tanto orgulho.

Quando os louros cabellos alvejarem;
Quando o fogo dos teus divinos olhos
Se for desanimando;
Quando engelharem as rozadas faces;

Os teus altares cheios de desprezo
Não verão, como agora, cem amantes
Pallidos, e gemendo,
Desesperados ferros arrastando.

Co-

Como d' hum Edificio , que ameaça
Com gretadas paredes mil ruinas ,
Hão de fugir depressa ,
Em tẽ vendo esses mesmos , q̃ encantavas

Não farás arquejar peitos afflictos ,
Ministrando d' amor fatal veneno ;
Para ti olharáõ ,
Como para hum penedo inanimado.

Treme , Cruel , e pensa que os Troféos ,
A altiveza , a vaidade , que hoje tens ,
Inda hão de ser a causa
Das tuas afflicções , dos teus tormentos.

Vendo-te assim por todos desprezada ,
Roída com paixão , e com rêmorsos ,
Erguendo as mãos ao Céu ,
Então direi : Eliza , estou vingado.

ODE

O D E I.

DE novo a Lira
Encordoemos
Divino assumpto,
Musa, cantemos.

Deixem meus olhos
De verter pranto,
Ao menos hoje,
Que alegre canto.

Fiquem suspensos
Dentro do peito
Os tristes ais,
Que ao vento deito.

Graças, Amores,
Em torno andando,
Sublimes versos
Me vão dictando.

SO-

De Eliza os annos,
Annos sagrados,
Divinamente
Sejão cantados.

Mas tu não tocas,
Cançada Lira?
Só acompanhas.
A quem suspira?

O D E II.

DA rôta penha,
D'onde guardava
O meu rebanho,
Que em baixo andava,

Vi pela praia
Correr Cupido,
Quasi sem folgo
Esbafarido.

Acudo logo,
Tomo-o nos braços,
Dou-lhe mil beijos,
Ternos abraços.

„ Ah!

- » Ah! deixa deixa,
Amor começa,
» Deixa-me agora
» Correr depressa:
- » A linda Eliza
» Vou procurar,
» Que hoje seus annos
» Ha de contar.

Bracêja hum pouco;
Ponho-o no chão;
Mas inda prêzo
Lhe digo então:

- » Onde deixaste
» Os teus farpões?
» Onde ficarão
» Duras prizões?
- » Se te offender
» Algum traidor,
» Que lhe farás,
» Coitado Amor?

Rio-

Rio-se Cupido,
E, já correndo,
Voltando o rosto,
Me vai dizendo:

» Eliza tem
» Olhos galantes;
» E nelles acho
» Farpões bastantes.

O D E III.

H Uma grinalda
Hoje formei ;
Diversas flores
Lhe misturei.

Lizas Papoilas ,
Rôxos amores ,
E outras muitas
De lindas côres.

Até Suspiros —
Soube apanhar ,
Só Bem me-queres
Não pude achar.

De verde Murta
Tinha-a enlaçada ;
Era huma gloria
Vê-la acabada.

Del-

Della as Pastoras
Tinhão ciume;
Te-la qualquer
Louca presume.

Mas quando vem
Correr contente
Ornar d'Eliza
A linda frente;

Baixando os olhos
Envergonhadas,
Julgão as flores
Bem empregadas.

O D E IV.

Venus formosa
Junto a hum regato
Estava olhando
Certo retrato.

Não se fartava
De o reparar,
Cada vez mais
Tinha que olhar.

Hum só gemido
Do peito exhala,
Beija o retrato,
E assim lhe falla:

„ Ah ! se eu tivera
„ Tão bello rosto
„ Nunca sentira
„ Mortal desgosto.

„ Es-

- » Estes cabelos
» De ouro burnido
» São as prizões
» Do meu Cupido.
- » Dos grandes olhos
» A'doce vista,
» Alma não ha,
» Que lhe resista.
- » Ornão-lhe as lindas
» Faces formosas,
» Brancos Jasmins,
» Vermelhas Rozas.
- » Ricos Amores,
» Farpas soltando,
» Por entre os beijos
» Andão brincando.
- » Mais do que neve
» Branca garganta,
» Sem ter adorno
» Peitos encanta.

» O

„ O casto seio ,
„ Templo d'Amor ,
„ Até incendios ,
„ Motiva ardor .

„ Mais do que Venus
„ És venturosa ,
„ Venus de ti
„ Anda ciosa . „

Quieta hum pouco
Inda ficando ,
Sem fazer bulha
Me fui chegando .

Olho , reparo ,
Eu me arrebató !
Vendo d'Eliza
Ser o retrato .

O D E V .

CAntar, Eliza,
Tua belleza,
He grande empreza,
Eu não me atrevo,

Se chego a ver
O teu semblante,
No mesmo instante
Tremo, desmaio.

Elle me infunde
Hum tal respeito,
Que me entra o peito
Logo a arquejar.

Em ti contemplo
Numen terrivel;
Sempre insensivel
Ao meu tormento.

Seja

Seja o que for,
Que esta alma encerra,
Me cahe por terra
A frôxa Lira.

Ah, linda Eliza,
Gloria do Mundo,
Eu me confundo,
Não sei que diga!

Mas, se gemidos
Formão louvores,
Canções melhores
Ninguem te entôa.

O D E VI.

ENtrei no Templo
Do Deos d'Amor;
O que vi n'elle
Inspira horror.

Ro-

**Rotas entranhas ,
Fumo lançando ,
Ainda estavam
Agonizando.**

**O altar funesto
Do Deos tyranno
Nadava em sangue ,
Em sangue humano.**

**Forçados ais
Alli se ouvião ,
De tristes peitos ,
Que em vão gemião.**

**Os duros ferros ,
Que se arrastavão ,
Medonhos sons
Accrescentavão.**

**Pobres amantes
A cada canto
Vertião sempre
Amargo pranto.**

Do

Do eburneo Throno
Os via Amor,
E se alegrava
Da sua dôr.

Eu, já medroso,
Deste lugar
Principiava
A recuar.

Porém Cupido
Não o consente,
Péga nas armas
Ligeiramente.

Encurva o arco,
Solta hum farpão,
Que se me enterra
No coração.

Dei hum suspiro
Quasi mortal;
Mas fiquei vivo
Para meu mal.

En-

Entre desmaios
Gritei : „ piedade : „
Por esta achei ,
Barbaridade.

N'um grilhão duro ,
Grosso , e pezado
Dahi a pouco
Vi-me enleado.

D'Amor escravo
Choro , suspiro ,
Padeço , aturo
Pobre Belmiro !

As prizões rôtas
Nunca verei ,
Vivendo em ferros
Acabarei.

Tyranno Deos !
Maldito Templo !
Tomai , Humanos ,
De mim exemplo.

ODE-

O D E VII.

HE triste allivio
D'hum desgraçado
Contar a todos
O seu cuidado.

Eu , que supporto
Iras d'Amor ,
Tambem te conto
A minha dôr.

Se tu me obrigas
A suspirar ,
Attende , Eliza ,
O meu penar.

Depois que vi
O teu semblante ,
Passei de livre
A ser amante.

Feliz

Feliz vivia
Entre os retiros ,
E nunca soube
Formar suspiros.

Mas o teu rosto
Encantador
Já me tem dado
Lições d'amor.

Não fui difficil
Em aprender ,
Nem presumia
Tanto saber.

Por duas vezes
Te ouvi fallar ,
E aprendi logo
A suspirar.

O mais , que sei ,
Triste soffrendo ,
A's minhas custas
Fui aprendendo.

Ma

Mas não sabia
Que o ter amores
Custava tanta
Acerbās dores.

Que, de cadéas
Estando prezo,
Sopportaria
O teu desprezo.

Que hum terno peito,
Sempre fiel,
Te encontraria
Dura, e cruel.

Que aquelles olhos,
Onde Amor gira,
Me lançarião
Mil raios d'ira.

Tudo ignorava,
Nada sabia,
Quando sem ferros
Feliz vivia.

Mas sei agora
O que he pensar,
Já sei gemidos
Ao vento dar.

Já sei fazer
Versos d'amor,
Já sei dizer
A minha dôr.

Tu me ensinaste
A ser amante,
Aprendi logo
Do teu semblante.

Porém agora
Não sejas dura,
Faze que tenha
Melhor ventura.

Pelos teus faustos
Ditosos annos,
Abranda os meus
Grilhões tyrannos.

Que

Que eu te prometto,
A' fé d'Amante,
Ser-te fiel,
Sempre constante.

Quem taes promessas
Firme te jura,
Merece, Eliza,
Melhor ventura.

Veja em teus olhos
Meigos signaes:
Divina Eliza,
Ouve os meus ais.

O D E VIII.

Façamos pazes,
Minha Belmira,
Attende a quem
Por ti suspira.

Or-

Ornem teu rosto
Encantador
Doces signaes
De terno amor.

Brandos suspiros
Enternecidos
Venhão unir-se
Aos meus gemidos.

Deixa a indiff'rença,
Com que me tratas;
Não te mistures
Com as ingratas.

Não falles mais
No Tejo triste;
Pois nada em mim
D' elle presiste.

Se lá fiz Versos,
Objecto amado,
Voava ao Douro
O meu cuidado.

Quando pegava
Na branda Lira,
Tu me animavas,
Cara Belmira.

Se só por isto
Fui delinquenté,
He o meu crime,
Crime innocenté.

Ah! tu bem sabes
Que não te minto,
Sabes o amor,
Que por tí sinto.

De injusta ira
Não mais te abrazes;
Belmira amada,
Façamos pazes.

ODE

O D E IX.

N As Fontainhas
Belmiro hum dia
N' alma sentia
Ancias mortaes.

A interna dôr
Desabafando,
Diz, exhalando
Sentidos ais:

” Meu pensamento,
Loucos sentidos,
Onde embebidos
Vos demorais?

Sem descansar
De noite, e dia,
Desta porfia
Vós que lucráis?

Se a buscar ides
Quem impia era,
A mesma fêra
Sempre encontrais.

Inda não sabe
O que he ternura,
Cruel, e dura
Cada vez mais.

Vê insensível
Nos seus altares
Entre pezares
Tristes mortaes.

Não estreméce,
Se chega a ouvir
Perto tenir
Grilhões fataes.

Nem se lhe coalha
O sangue quente,
Ouve indifferente
Sons infernaes.

Al-

Altiva fica
Belmira rindo,
Em persentindo
Que a procurais.

Vós bem sabeis
Que em vão a dôr
Do seu Pastor
Lhe retratais.

Nunca piedade
Lhe mereceo
Quem tem de seu
Pobres cazaes.

Ah! se quer só
Quem tem ventura,
Será loucura
Ateimar mais. »

Fica em silencio,
Nada mais falla;
Chorando exhala
Miudos ais.

ECLO-

 E C L O G A I.

MELIBEO, E AMINTAS.

M E L I B E O.

Que he feito, caro Amintas, do teu gado?
 Onde tens o rebanho numeroso,
 Que cobria a campina, e o montado?

Ha poucos annos via-te gostoso
 Apascentar lanigeros cordeiros
 Nas margens d'este rio venturoso.

Sentado á fresca sombra dos salgueiros,
 Da tua flauta doces sons tirando,
 Transportavas os rusticos vaqueiros.

Té as Ninfas gentis, atravessando
 As cristalinas ondas prateadas,
 Te estavam d'entre os juncos escutando:

As

As mesmas avezinhas, encantadas
Pela tua sonóra melodia,
Nas arvores pousavão admiradas.

Mas como te deixou tanta alegria?
Porque estás tão afflicto, tão diff'rente
Do que eras, caro Amintas, algum dia?

Foges, como de fêra, á humana gente,
Buscas a melancolica espessura,
Sitio proprio d'hum peito descontente.

Aqui passas o dia, e a noite escura,
Soltando tristes ais, que espalha o vento,
E assim não buscas ter melhor ventura.

Na mesma Aldéa se ouve o teu lamento;
E ao mais duro Pastor causa piedade
O afflicto som de tão cruel accento!

E a mim com mais razão, q' n'húa idade
Bem tenra ainda, Amor já tinha feito
Entre nós os protestos da amizade.

Se sabes pois o affecto do meu peito,
Se te podem lembrar quantos extremos
Já fiz, e te deixavão satisfeito;

Será justo que agora conversemos;
 E que ao doce murmúrio desta fonte
 Os teus males cruéis communicemos.

O meu gado entretém-se allí defronte:
 Começa agora, Amintas, o teu conto;
 Antes que me deserte para o monte,

A M I N T A S.

Oh! caro Melibeo, he isso hum ponto
 Tão fóra da razão, tão desastrado,
 Que só em pensar nelle fico tonto!

D'antes era Pastor rico, e abastado,
 Sobejava-me pão no fim do anno;
 E agora apenas tenho este cajado.

Mas isto inda não he o peor damno,
 Pois nos bens, que a Fortuna nos ordena,
 Mal póde ter firmeza o peito humano.

A desgraça cruel, que me envenena,
 Toda a minha funesta desventura,
 Não procede de origem tão pequena.

Tens.

Tens vivido, Pastor, n'outra espessura,
Ignoras quanto sinto, e, o não ignora
Inda a mais innocente creatura.

Todos sabem que amei huma Pastora,
Que por ella vivia desvelado,
Que Themira cruel me foi traidora.

Mas que faço em contar te o meu cuidado?
Foge, amigo, da minha companhia,
Deixa-me aqui morrer desesperado.

M E L I B E O.

Amintas desgraçado! Quem diria
Que d'hum violento amor a paixão cega
Em situação tão dura te poria!

Que triste fructo alcança quem se entrega
Ao dominio d'Amor! He desditoso:
Mas ainda assim hum pouco te socêga.

Contai-me o teu destino rigoroso;
E logo o sentirás menos violento,
Por mais que seja triste, e lastimoso.

AMIN-

A M I N T A S.

Duvido que o cansado pensamento
 Se possa recordar de mal tão forte,
 Sem que eu desmaie, sem que perca o alento.

Porém, se não vier a fria Morte
 A desgraça acabar do pobre Amintas,
 Farei por te instruir da minha sorte.

Tu conheces Themira, a amavel filha
 Do virtuoso Silvio. Eu tenho amado
 Esta rara, e pasmosa maravilha,
 Este portento pelos Ceos formado,
 Desde o dia infeliz, que pude vê-la,
 Penetrado d'amor fiquei por ella.

Os seus olhos mais bellos, do q' o ervaího,
 Quando reluz na folha buliçosa
 Do entroncado, e altissimo carvalho,
 Ferirão a minh'alma venturosa:
 Entrei a suspirar, e em cada instante
 Via incendios nascer n'hum peito amante.

Eu-

Eu via pouco e pouco ir-me faltando
 Aquella doce paz, aquelle gosto,
 Que sentia o meu gado apascentando:
 Encontrava no desmaiado rosto,
 Quando escripto na clara fonte o via,
 Sinaes d'uma cruel melancolia.

Valha-me Deus! dizia muita vezes,
 Que motivo terei para andar triste?
 Já quasi não cortendo quatro mezes,
 E em conservar-me assim meu peito insist e,
 Mas a imagem, q' a alma impressa andava,
 Toda a minha ignorancia dissipava.

Porém era mais duro o meu tormento,
 Não podendo expressa-lo a origem d'ella:
 O coração me ardia a fogo lento,
 Remedio não lhe dava; como aquelle,
 Que de sede mortal acommetido,
 A' vista da agua cabe desfalecido.

Chegou em fim a desejada festa,
 Onde as nossas Pastoras se juntavão:
 Já nos frescos lugares da floresta
 Os valentes cajados se arvoravão:
 Cada qual revolvía na memoria
 A vantagem, o premio, a victoria.

O sitio da contenda está patente;
 Mas não se entende hum leve desafio:
 Com razão se murmura, e toda a gente
 Dos Pastores accusa o fraco brio.
 Não pude soffrer mais: fui o primeiro,
 Que saltei para o largo do terreiro.

No meio com valor me exponho á lucta;
 (Cuido que por Amor era animado)
 O forte Jonio a gloria me disputa;
 Mas depressa ficou no chão prostrado.
 Altos, alegres vivas se entenderão,
 E hum malhado cordeiro então me derão.

Pêgo nelle, e Themira procurando,
 Themira, que mais bella do que a Aurora
 Tinha estado tambem presencendo,
 Aqui tens, gentilissima Pastora,
 Lhe digo então, o premio, que pertence
 A quem os corações domina, e vence.

O pejo lhe circula a rubea face,
 Fica mais linda, fica mais galante:
 Mas, antes que o cordeiro me accitasse,
 Vai consultar o paternal semblante.
 Pegou nelle, e, baixando os olhos bellos,
 Me agradece com termos mui singellos.

Logo o mesmo Pastor me desafia,
Já suado, e coberto de poeira;
E que de mais tres cabras perderia
Quem ficasse vencido na carreira.
Com promptidão o desafio acceito,
E de animo revisto o amante peito.

Em quanto huma baliza se marcava,
Deitei os olhos meus para Themira,
Que já tambem c'os seus me acompanhava:
O coração ferindo então suspira;
E o meu Bem, de mil graças adornado,
Respondeo c'hum sorriso desfarçado.

Apenas signal dêrão, de repente
Parti, corri, voei, e n'hum momento,
Passando o meu rival, constantemente
Acclamárão por meu o vencimento:
E o rosto de Themira bem mostrava
Quanto as minhas venturas estimava.

O' Melibeo, se então vencer pudesse
Milhar d'homens, Exercitos inteiros;
E ao meu grande valor se concedesse
Reinos em vez de Cabras, e Cordeiros;
Menos feliz sem dúvida sería,
Não tinha o coração tanta alegria.

Em quanto outros Pastores apostavão,
 Os olhos de Themira, e os olhos meus,
 Com secretos signaes d'amor fallavão:
 Eis-que sinto chegar d'hum triste adeos
 Rapida hora, a hora deshumana;
 Com Silvio se ausentou para a cabana.

Qual foi a interna languida tristeza,
 Quando vi que o Destino me roubava
 O bem precioso, onde a minha alma preza,
 Com todas as potencias já se achava!
 Dizei-o vós, sombrios arvoredos,
 Testemunhas fiéis dos meus segredos.

Em toda a noite o afflicto pensamento
 Me figurava a imagem de Themira:
 No meu amante peito Amor violento
 Impio vibrava a sua cruel ira:
 Cercado de afflicções appetecia
 A serena manhã do claro dia.

Apenas as sonoras avezinhas
 Da Aurora o nascimento me instruíão,
 Abri logo o curral, e as ovelhinhas,
 Balindo de alegria, me seguirão.
 O espaço atravessei d'aquelle monté,
 E as deitei a pastar junto da fonte.

Encostando-me ao rustico tajado ,
Co' a mão na face , e os olhos para a terra
Voltados , bem mostrava neste estado
A molesta paixão , que o peito encerra.
Qualquer por mim sem o sentir passava :
Tão distrahido o pensamento estava !

Estava assim : té que huma voz ouvindo ,
Huma angelica voz , terna , agradável ,
Sahi deste lethargo , já sentindo
Dentro d'alma alvoroço inexplicavel.
Era a minha Pastora : o doce canto
D'outra nenhuma me alegrava tanto.

Ao pé de mim chegou ; e eu , não podendo
Soffocar os impulsos , que sentia ,
Em quanto d'agua o pote estava enchendo ,
Os meus cégos amores lhe exprimia.
Foi sensivel ; Pastor , aos meus extremos ,
E pura , eterna fé nos promettemos.

Na mais forte paixão passei dois annos
Com a minha ventura satisfeito ;
Não temia insensato os vís enganos ,
Que huma Pastora esconde no seu peito ;
Só presumia em grangear-lhe o agrado ,
Não tinha outra carcereira , outro cuidado .

Má hora que na aldêa se me visse
 Contente divertir outra serrana ;
 Nem, antes que Themíra consentisse ;
 A Cithara tocar n'outra Cabana ;
 Quer fosse na campina , quer na fonte ,
 Sempre Amintas se achava ahi defronte,

Do meu Pomar a fructa misis mimosa ,
 O Pessego , a Laranja , a Pera , a Lima ,
 O brando Figo , a Ginja saborosa ,
 E toda a que merece alguma estima ,
 Pela fresca manhã era cortada ,
 E off'recida ao meu Bem , á minha Amada.

Se pescava no rio alguma Truta ,
 Se no monte caçava algum Coelho ,
 Se as apostas ganhava ao jogo , e á lucta ;
 Não cuidava em tomar novo conselho ,
 Para quem as daria : era sabido
 Que a mais ninguem pendia o meu sentido.

Sempre abella Themíra era a primeira ,
 A quem se vião nos seus louros cabellos
 Os botões mal abertos da rozeira :
 Pois bem-me-queres , o ponto era have-los ,
 Que Amintas cuidadoso os procurava ,
 E huma fresca grinalda lhe enlaçava.

Em paga mil amantes juramentos
 Cada hora a tyranna me fazia;
 Porém tudo aleivosos fingimentos,
 Que o disfarçado peito lhe encobria.
 Mas se Themíra muito mais disséra,
 Muito mais, caro amigo, então lhe crêra.

Finalmente chegou á nossa aldéa
 Dorindo, este rival, que me consome:
 A Perfida o amou: que acção tão féa!
 Té de Amintas riscou o triste nome,
 O nome, que ambos tínhamos gravado
 (Signal d'amor) n'hum freixo levantado.

Mas inda d'isto mesmo duvidoso,
 Procurei a Themíra, e encontrando
 Aquelle coração vil, e aleivoso,
 Sem nada me fallar, foi caminhando;
 Nem se quer me salvou, fez que não via
 Hum desgraçado, que matar queria.

A innocente avesinha, que he ferida
 Pelo ferro do caçador tyranno,
 Tão depressa não fica esmorecida,
 No coração não sente peor damno,
 Do que esta alma fiel então sentio,
 Quando em Themíra tal mudança vio.

Tom. I.

H

Lágrimas dos meus olhos reventarão,
 Suffocados suspiros dolorosos
 Este pranto infeliz acompanharão,
 Os troncos insensíveis mais piedosos
 Mostrarão ser então, do que a Perjura,
 A' voz da minha triste desventura.

Vendo ainda a Cruel que no meu peito
 Huma fraca esperança presistia,
 Quiz de todo romper o laço estreito
 Do immortal amor, que me prendia;
 A' minha mesma vista com Dorindo,
 Sem o menor soçobro, esteve rindo.

Desde então, Melibea, desenganado,
 Seguro de não ter melhor ventura,
 Como hum bruto animal desesperado,
 Vago os sombrios bosques da espessura.
 Nunca posso encontrar na minha Sorte
 Algum allivio, só se fôr a Morte.

O A'lamo, onde alegre costumava
 Gravar a mutua fé, os meus amores,
 Aquelle, que mil vezes me abrigava
 No verão, dos quentissimos ardores,
 Seccou de todo, para ver extinctas
 As memórias fieis do triste Amintas.

Não foi só esta perda: o manso gado
 Começou a mingoar de tal maneira,
 Que muitas vezes sem comer, pasmado
 Ficava na campina a tarde inteira.
 Eu não sei que o tolheo; pelos outeiros
 Me morrêrão as Cabras, e os Cordeiros.

Os campos, onde tinha alguns Centeios,
 E aquelles, em que está o louro Trigo,
 D' Avéa impura, e de Zizania cheios,
 Me fazião ter isto por castigo:
 Porém de tudo nada me affligirá,
 Se não fosse a inconstancia de Themíra.

Vendo, pois, que a desgraçada não queria
 Cançar de me affligir, a humilde Choça
 Para sempre deixei: a noite, e o dia
 Aqui passo gemendo, até que possa
 Ser livre da insaciavel Desventura
 Nos horrores da triste sepultura.

M E L I B E O.

O teu conto, Pastor, me tem causado
 Bastante pena: quanto he lastimoso
 O negro abysmo, em que andas sepultado!

H 2 Da

Da vil Pastora o genio monstruoso,
Seu coração nutrido da crueldade
Te arrancão do socego venturoso.

Mas isto não me causa novidade,
Pois ha bem poucos mezes succedeo
Perto d'Aldéa igual inflicidade.

Bem conheces Belmiro, Amigo meu,
Pergunta-lhe a tragedia, que impiamente
Com Eliza a Desgraça lhe teceo.

Se não passára a ser impertinente,
Te contaria casos semelhantes
A'quelle, porque gemes descontente.

Destes aprenderião os Amantes
Que as Pastoras, crueis por natureza,
Além d'isto são falsas, e inconstantes.

Porém, Amigo; agora o que me peza
He sentir-te de magoas penetrado,
Sem te ver castigar huma vileza.

Essa Pastora indigna, que ha faltado
D'hum puro amor ao santo juramento,
Mais occupar não deve o teu cuidado.

Se-

Seja fumo , que espalhe o rijo vento :
 Desde hoje não presista na lembrança
 O principio cruel do teu tormento.

A' sua mesma vista brinca , e dança ,
 Diverte-te , conversa co' as Pastoras ,
 Affecta não sentir esta mudança.

Vingado te verás em poucas horas ,
 Não fazendo algum caso de a perderes ,
 E mostrando á Infiel que a não adoras.

Torna a gostar os candidos prazeres
 Da tua doce , e amavel liberdade ,
 E sabe que as Pastoras são mulheres.

A M I N T A S.

Se da minha desgraça tens piedade ,
 Consente , Melibeo , que os tristes dias ,
 Que viver , passe nesta soledade.

Troquei as minhas doces alegrias ,
 Depois que me deixou aquella Ingrata ,
 Por tormentos , por ancias , e agonias.

Bem

Bem sei que esta paixão não he sensata ;
 Mas que lhe hei de fazer ? Amor o ordena ,
 Amor Tyranno , que d' amor me mata.

Ahuma afflicção eterna me condemna ;
 E , para maior mal , no pensamento
 De Themíra me pinta a horrivel scena.

Deixa-me pois soffrer o meu tormento ,
 Que em vão pertenderás n'hum desgraçado
 Coração inspirar contentamento.

M E L I B E O .

Caro Amintas , ao teu antigo estado
 Pódes hoje tornar ; eu já te off'reço
 De boamente parte do meu gado.

He mui curto favor , eu bem conheço ;
 Porém quando a amizade o faz sincero ,
 Amintas adorado , não tem preço.

E pelos meus extremos tambem quero
 Que vás passar comigo hum pár de dias ,
 A ver se desvaneces mal tão fero.

AMIN-

AMIN-

A M I N T A S.

Estas minhas mortaes melancolias,
 Hão de ter fim, mas quando convertido
 O meu corpo estiver em cinzas frias.

Então sim, Melibeo, porque, esquecido
 Do meu ingrato Bem, da minha Amada,
 Perderei esta' imagem do sentido.

M E L I B E O.

A noite, a escura noite está chegada,
 As fêras por aqui andão famintas,
 Juntemos a pacífica manada.

Vamos para o Casal: de todo extinctas
 Tuas penas serão; e em breves dias
 Em Amintas verás hum novo Amintas.

EGLO-

E C L O G A II.

BElmiro andava ha tempos desvelado
Por encontrar Eliza, os seus amores :
Só deixava pastando o pobre gado
A branda hervinha, as engraçadas flores :
Para a fonte corria diligente,
Sem se lhe dar do que diria a gente.

Muitas tardes lá foi, sem ter proveito ;
Pois, ou vinha a Pastora acompanhada,
Ou com elle se achava outro sujeito.
Assim tinha d'amor a alma abrazada ;
E por unico allivio nos retiros
Consagrava ao seu Bem ternos suspiros.

Até que hum dia (por acaso estando
Debruçado á janella da cabana)
Por huma costa vio subir cantando
A sua gentilissima Serrana.
Apenas fecha a porta, e sem cajado
Voa junto d'Eliza transportado.

Graças a Deos, Pastora, então lhe disse,
 Que todo o meu desejo está completo!
 Andava louco; e quasi a ser tontice
 Chegava o grande extremo deste affecto.
 O coração de magoa estalaria,
 Se hoje a minha paixão te não dizia.

Os teus bellos costumes, e a pureza
 Do teu amavel genio me tem feito,
 Pequena Eliza, não sentir dureza
 Nas prizões grossas, a que estou sujeito.
 E talvez tanto amor, que ha tempos trago,
 Seja, Ingrata, por ti mui bem mal pago.

Na terra os grandes olhos tinha posto
 A innocente Pastora: fez-lhe o pejo
 Similhante a huma rosa o lindo ros'o.
 Foi vencida a Vergonha do Desejo:
 E, animando huma vista graciosa,
 Assim responde meiga, carinhosa:

Se o quanto adoras Marcia não soubéra,
 Pelas tuas mentiras seduzida,
 Nesses falsos extremos então crêra;
 Mas a tua paixão he bem sabida:
 Da nossa aldéa todos os Partores
 Não ignorão q̃ Marcia he os teus amores.

Ah! meu Bem (lhe tornou bem pouco triste)
 Se outro objecto, tirando a bella Eliza,
 Neste peito, que he teu, agora existe,
 Todo o pasto no chão que o gado piza,
 Se lhe converta em asperos abrolhos,
 E em castigo me falte a luz dos olhos.

Por ti morro d'amor, tu bem o entendes,
 Injustamente agora me criminas;
 E se visses, Cruel, quanto me offendes,
 Quanto sinto a vileza, que imaginas,
 Quanto o meu coração palpita afflicto,
 Perdão me pedirias do teu dicto.

Se alguém te contou essa falsa historia,
 Talvez por nos metter em odio injusto,
 Risca tão vil mentira da memoria,
 Da minha ligeireza acabe o susto.
 Póde dizer com toda a segurança
 Que no meu coração não ha mudança.

Todos os meus cordeiros innocentes
 Te podião dizer quantos suspiros,
 Quantos tristes soluços descontentes,
 Longe de ti se me ouvem nos retiros;
 Quantas vezes repito ás mesmas flores
 Este nome d'Eliza, os meus amores.

Quando vou ás funções da nossa Aldéa ,
E não vejo entre os mais teu lindo rosto ,
Fitando os olhos meus na branca aréa ,
Como immovel penedo fico posto.
Melancolico passo a tarde toda ,
Sem saber se se canta , ou dança á moda.

Pelo contrario , Eliza , se embellece
Aquelle sitio a tua companhia ,
Logo no meu semblante se conhece
Os ternos sentimentos d'alegria.
Muitos esta mudança já tem visto ;
Pois , em vendo o meu Bem , não lhe resisto.

E ainda crês em ditos , que me offendem ?
Imaginas , Cruel , que ao teu Belmiro
Mais cadéas , que as tuas , hoje o prendem ?
Inda duvidas que por ti suspiro ?
Acredita , Pastora ; o meu affecto ;
Ferido não me tem diverso objecto.

Pastor , (risonha , Eliza respondia)
Eu quero acreditar-te , e tambem quero
Que saibas a entranhavel sympathia ,
Porque me és caro , com que te venero ?
Não sei se amor lhe chame ; ou se hé respeito ;
Pois em te vendo abata-se o meu peito.

Quando entendo os teus Versos repetidos
Por discretas Pastoras, e lhes vejo
Attribuir applausos merecidos,
Com que cousas se occupa o meu desejo!
Quizera então que Eliza te inspirasse,
Que só meu nome nelles se encontrasse.

Será sonho, meu Bem, tanta ventura!
(Interrompe Belmiro, com transporte)
He verdade, o teu rosto mo assegura.
Feliz Belmiro! Venturosa sorte!
Agora vou riscar quantos tormentos
Me causavão ciosos pensamentos,

Se ás vezes meus ouvidos entendião
Que eras tão bella, como a Madrugada,
Que os teus olhos os corações ferião,
Que em te agradar andava desvelada
A fresca mocidade; infernal zêlo
Me fazia tornar o peito em gélo.

Bastava que te visse levemente
Dar a qualquer Pastor hum brando riso,
Para ficar afflicto de repente,
E de todo perder o meu juizo:
Tão forte era a paixão que padecia;
As duras penas, que em te amar soffria!

Mas agora que escuto, Eliza amada,
 A terna confissão dos teus amores,
 De todo fica esta alma socegada,
 Não recêa os excessos dos Pastores.
 Porém sou desgraçado; ainda temo
 Que duravel não seja tanto extremo.

« Não, Belmiro, (diz ella, com firmeza,
 Animando d'amor o lindo rosto)
 Facilmente não pódes ligeireza
 Encontrar, em quem te ama por seu gosto.
 Longe do coração te ser ingtato,
 Vivirá nelle escripto o teu retrato.

A rolinha fiel, que geme afflicta,
 Quando a cara ametade lhe he roubada;
 Que d'hum ramo a outro ramo em vão se
 Sem socego, de dores penetrada, (agita,
 Nunca me excederá no triste giro,
 Quando ausente estiver do meu Belmiro.

Quantas flores colhêr no verde prado,
 Quantas c'roas tecer das mesmas flores,
 Hão de ser hum tributo consagrado
 A' nossa mútua fé, aos meus amores. »
 Belmiro lhe jurou da mesma sótte,
 E ser fiel ainda além da morte.

Eliza satisfeita esteve ouvindo
 De tão amante affecto o puro enleio ;
 E , o seu candido lenço hum pouco abrindo,
 Huma já murcha flor tira do seio ;
 O Pastor a recebe com respeito ,
 Por tres vezes a beija , e a põe no peito.

A porta do Casal ficou-me aberta ,
 (Continúa a Pastora) e tenho medo
 Que minha Mãi , achando assim deserta
 A Cabana , descubra este segredo.
 Vou-me embora , Pastor : quanto he custosa
 De quem se adora a ausencia rigorosa !

Adeos , Eliza , meu objecto amado ,
 (Despede-se Belmiro suspirando)
 Agora , de tristeza rodeado ,
 Fico duras saudades supportando :
 Em quanto não tornar a ver teu rosto ,
 Não tornarei a ter hum leve gosto.

Não te esqueças de mim ; tem na memoria
 Do teu Pastor fiel a imagem triste ;
 Nisso me causarás immensa gloria ,
 Em quanto o meu amor firme resiste
 A' distancia cruel , que nos separa ,
 Em quanto não nos vemos , prenda cara.

De tudo, o q' em mim vês, gado, cabana,
 Colméas, dispor podes livremente;
 Quer seja dia santo, quer semana,
 De em tudo te servir serei contente:
 Em fim tu sabes bem com que alvoroço
 Te off'reço quanto valho, e quanto posso.

Acabou de dizer, e já partindo
 Hia a linda Pastora satisfeita:
 Após ella Belmiro a vai seguindo,
 Té que o ultimo adeos saudoso acceita:
 E depols n'humã penha levantada
 O nome foi gravar da sua Amada.

E C L O G A III.

JA' tinha o Lavrador da sementeira
 Tirado para fóra o curvo arado;
 Já trazia a innocente Pegoreira
 Do monte para a choça o manso gado;
 E as Pastoras seu cantaro levando
 Para a fonte, se ouvião ir cantando.

Em fim de todo o Sol se tinha posto,
 Já muito mal se distinguia a gente,
 Quando Belmiro, imagem do Desgosto,
 Da cabana sahia lentamente:
 E em cada passo, que o Pastor formava,
 Sentidos ais do triste peito dava.

Até que entrou por huma balça escura,
 Onde reina o Silencio pavoroso:
 Alli não se ouve humana creatura,
 Nem cantar Rouxinol melodioso.
 Mas só de tempo em tempo então se escuta
 O rouco Moxo na escondida gruta.

De-

Depois de ter hum pouco respirado
 O sombrio vapor destes lugares,
 A hum caduco freixo recostado,
 De todo larga a redea aos seus pezares.
 Terrível afflicção no peito gira,
 E diz alto o que a sua dôr lhe inspira:

Amavel solidão, que doce encanto
 Venho gostar no teu mimoso seio!
 Com liberdade espalho amargo pranto,
 De suspirar não tenho algum receio;
 Quanto sinto declaro aos teus penedos,
 Sem temer que descubirão meus segredos.

Só em ti he que alcança refrigerio
 Hum triste genio, que a paixão consome;
 Só aqui menos duro o seu imperio
 Consente que eu algum allivio tome.
 No meio da mortal melancolia,
 Não me he tanto cruel minha agonia.

Atégora á florída Primavera
 Desenhava Canções harmoniosas:
 Na campina da verde fresca hera
 Enlaçava feliz c'roas mimosas:
 Tudo acabou, já tudo está mudado,
 Como d'antes não sou, sou desgraçado.

Tom. I.

I

Depois que pude vêr huma Pastora,
 Mais amavel, que a luz da Madrugada,
 Da linda Mãi d'Amor competidora,
 O meu encanto, a minha Eliza amada,
 Disse adeos para sempre á liberdade,
 Aos prazeres, á antiga f'licidade.

Bem como aquella flor tenra, e formosa,
 Que no campo, durando o Estio ardente,
 Perde insensivelmente a côr mimosa,
 De todo inclina a desmaiada frente;
 Assim mesmo espirou sem violencia
 No peito meu a candida innocencia.

Sinto-me prezo, e já tão costumado
 A supportar asperrimos tormentos,
 Que só d'imagens tristes rodeado
 Desabafa a minha alma alguns momentos;
 Horrorisa-me o prado verdejando,
 Não posso ouvir a fonte murmurando.

Deixo sem compaixão de noite ao feio
 Meus peludos cordeiros; não recio
 Que possam vir a ter algum desvio,
 Ou que sahem com fome a campo alheo.
 Os vizinhos, que vem quão mal otracto,
 Tem dó delles, e chamão-me insensato

Todos pasmão da estranha novidade,
 Que encontrão no meu genio, que algum dia
 Alegre, cultivando a patria herdade,
 Os rigores do tempo alli soffria;
 E agora que se passa huma semana,
 Sem me verem, mettido na Cabana.

Vai-se-me consumindo pouco, e pouco
 O rebanho, os meus bens, a propria vida;
 Por hum tyranno amor vejo-me louco,
 Toda a minha esperanza está perdida;
 E os meus males se augmentão de tal sorte,
 Que muitas vezes peço a horrivel morte.

Eliza, esta Pastora sem piedade,
 Que só para Belmiro he impia fera,
 Depois de me roubar a liberdade
 Despreza-me cruel (quem tal disséra!)
 Como o rochedo, que he do mar batido,
 Não se abranda ao meu pranto enternecido.

Zomba dos froxos, e mal dados laços,
 Que a innocente paixão nos tinha urdido:
 Mostra-se altiva, quebra em mil pedaços
 O doce enteio, por Amor tecido:
 Neste escripto cruel diz a tyranna,
 Que não me quer: em fim me desengana.

Ah! letras do meu Bem , unica prenda ,
Que me resta na minha infelicidade!
Ainda que em vos lendo afflicto entenda
Os negros sentimentos da crueldade ,
Para longe de mim nãe vos largára ;
Pois sempre sois da minha Eliza cara.

Mais que as proprias colméas vos estimo
(Deos sabe que isto digo com lizura ,)
E tenho em mais apreço o vosso mimo ,
Que a chuva , que me rega a sementeira :
Em vos lendo mil vezes cada dia ,
Fogo a nuvem , que o peito me cubria.

Mas que fallo ? que estou pronunciando ?
Que fantasticas glorias imagino !
O coração , de magoas estalando ,
Já não sente o seu horrido destino.
Ah! Belmiro , Belmiro desgraçado ,
Quando te pensarias neste estado !

Tu , que d'antes no brinco dos Pastores
Mais que todos alegre te mostravas ;
Tu , que compunhas as Canções melhores ,
E aos Domingos na Aldéa recitavas ;
Que cheio d'hum feliz contentamento
Dizias que d'Amor eras izento !

Quando imaginarias que, mettido
Por entre as sombras d'esta balça escura,
Recostando-te a hum tronco carcomido,
Havias de chorar tanta amargura!
Quando cuidaste vêr (duro transporte!)
Assim mudada a tua fausta sôrte!

Nunca o pensei : mas quando a linda graça
Vi d'Eliza no perfido semblante,
Usou Amor d'huma aleivosa traça,
Para atear-me a chamma devorante.
Encheo-me de esperanças o tyranno,
Pobre de mim ! foi tudo hum puro engano.

Té, se a minha ternura suffocada
Chega á presença da Pastora amavel,
Nesta pintura tosca, inanimada
Farta a sua paixão insaciavel :
O brando papel rasga em mil pedaços,
Aos pés o calca, e enche-o de ameaços.

Depois, voltando os olhos cheios d'ira,
Mas assim mesmo lindos, e formosos,
Voltando-os para a parte, onde suspira
Hum firme peito tristes ais saudosos,
Deseja ver-me o coração cravado,
Como se fosse crime o havê-la amado.

Cruel Amor, tyrannò Pensamentò,
 Que pertendeis de mim, se a ingrata Eliza
 Tanto mal me appetite, e o meu tormentò
 Genio tão duro nada penaliza?
 Quero viver sem vós, fugi depressa,
 Que a idéa desta barbara se esqueça.

E vós, nocturnas filhas da Tristeza,
 Cujo lúgubre, enrouquecido canto
 Enche de horror a mesma Natureza,
 Voai junto de mim, gemei, em quanto
 Choro crueis desprezos; vinde agora
 Consolar a paixão, que me devora.

Mas, se chegarem os fataes momentos,
 Em que hão de terminar as minhas lidas,
 Os meus cançados ais, os meus tormentos,
 Sêde mais que a Tyranna enternecidas:
 A' vista do meu rosto defecado
 A morte lastimai d'hum desgraçado.

Melançolicos, funebres Cyprestes
 Adornem minha tosca sepultura:
 Gravei junto dos troncos mais agrestes
 Toda a historia da minha desventua:
 Que se léa: *Belmiro entre os Pastores*
Por Eliza cruel merreo d'amores.

Disse: mas, reclinando bem depressa
 Para cima do seu esquerdo braço,
 Molhado o rosto, a languida cabeça,
 Pensativo ficou pequeno espaço;
 Té que, dando hum suspiro mais ardente,
 Cahio na fria terra mortalmente.

Assim Belmiro esteve alguns momentos,
 Sem soccorro de humana creatura,
 Pois em ninguem procure sentimentos
 Hum Pastor, que he de todo sem ventura:
 E, tornando a si desta dôr tyranna,
 Suspirando voltou para a cabana.

E C L O G A IV.

BELMIRO, E AONIA.

A O N I A.

MEu Belmiro, q̄ tens? porque suspiras?
 Que motivo te obriga a estar soffrendo
 Da tristeza cruel as crueis iras?

Quem pôde carregar-te o golpe horrendo,
 Com que o teu coração sinto passado,
 Que sem allivio ter ouço gemendo?

Ao musgoso penedo recostado,
 Debruças para a terra o afflicto rosto,
 Em tristes, quentes lagrimas banhado.

Não mostras os signaes d'aquelle gosto,
 Com que junto do Tejo satisfeito
 Hias passando a tarde até o Sol posto.

Arqueja velozmente o terno peito,
 E quando os olhos para mim levantas,
 A maior afflicção te pões sujeito.

Ao som da branda Lira já não cantas
Aquellas venturosas cantillénas,
Com que o meu coração nutres, e encantas.

Ao silencio profundo te condêmnas:
Meu Belmiro, que he isto? por piedade
A'tua Aonia explica astuas penas.

BELMIRO.

Queres saber . . . (O Céos, em que discorro!
Porque me vês tão triste, e macilento?
O principio tu és do meu tormento,
Por ti agora certamente morro.

AONIA.

Ah cruel! assim pagas a ternura,
Com que fina te adoro? assim pertendes
Manchar d'hum casto peito a fé mais pura?

Causar-te algũ tormento! ou mal entendes
Do meu amor a candida pureza,
Ou com falsos pretestos te defendes.

BELMIRO.

Os zelos infernaes, Aonia cara,
Não me fazem brotar roucos gemidos;
Mas a Sorte, que, tendo-nos unidos;
Sem piedade, raivosa nos separa.

A O N I A.

Tu deliras , Ingrato? que vileza
 Nas entranhas escondes? por ventura
 Encontras no teu Bem menos firmeza?

Pois se as nossas prizões Amor segura ,
 Se na minha constancia vives certo ,
 Porque intentas deixar esta espessura?

B E L M I R O.

Não he , formosa Aonia , por vontade
 Que para o Douro retirar-me intento:
 Neste largo penedo toma assento ,
 E attende o teu Belmiro por piedade.

Tu sabes porque força do Destino ,
 A Cabana deixando , em que vivia ,
 Cheguei a entrar , cercado de alegria ,
 Nas aréas do Tejo cristalino.

Forão passando quasi tres semanas ,
 Que no meu peito a santa paz reinava ;
 Quando Amor nos teus olhos me forjava
 Doces prizões , cadéas soberanas.

Ap-

Appareces-me hum dia tão formosa ,
 Tão amaveis encantos respirando ,
 Que huma só vista sobre mim lançando ,
 Gemer fizeste huma alma venturosa.

Logo a terna paixão se foi nutrindo.
 Com tanta rapidêz , que este meu peito
 Só tinha allivio , e estava satisfeito ,
 Quando podia ver teu rosto lindo.

Soubeste que te amava : mas , tyranna ,
 Expressando-te o meu amor ardente ;
 Que desprezos soffri primeiramente ,
 Antes que te encontrasse mais humana ?

Procurava mil meios de agradar-te :
 Era alegre , se alegre te mostravas ,
 Descontente , se afflicta suspiravas ,
 O meu desvelo todo era imitar-te.

Aquelle cordeirinho mais amado ,
 Que das tuas caricias era cheio ,
 Mil vezes o beijei , unido ao seio ,
 Tinha-o largos instantes apertado.

As

As venturosas flores , que toucavão
O teu louro cabello , se cahião ,
Nenhuns Pastores mais as possuião ,
Junto ao meu coração se sepultavão.

Mas escuso contar-te a longa historia
Das finezas , que obrei por teu respeito ;
Tu as sabes , meu Bem , eu não suspeito
Que as perdeses tão cedo da memoria.

Cheguei ultimamente a ser ditoso ,
Alcançando o favor dos teus extremos ;
E huma constancia eterna promettemos
Contra o podêr do Fado rigoroso.

Mas quando em adorar-nos mais constantes
Este fero inimigo nos persente ,
Insensivel ao nosso amor ardente ,
Me faz viver no Douro , como d'antes.

Obriga-me a deixar-te , Aonia amada ,
A deixar estes campos venturosos ;
E a trocar por penedos cavernosos
Do Tejo a branca arêa prateada.

Não

Não posso resistir ; quem he sujeito
 A'diversa vontade , á alheio mando ,
 Que remedio , meu Bem , senão chorando
 Cumprir á risca hum tão cruel preceito ?

Eis-aqui toda a origem do desgosto ,
 Que ao vento me faz dar suspiros tristes ;
 O motivo eis-aqui , porque tu vistes
 Voltado para a terra o afflicto rosto.

Pensa agora se he justo o meu tormento :
 Se posso ter instantes de alegria ,
 Ou se a negra , e mortal melancolia
 Não deve ser agora o meu sustento.

Mas tu choras , meu Bem ? Já te interneces
 Da minha cruel sôrte ? Encanto amado ,
 Consente agora que aos teus pés prostrado
 Os cultos te consagre , que mereces.

A O N I A .

Ah Belmiro , Belmiro ! Eu bem sabia
 Que haviás de partir ; mas não pensava
 Que tão veloz chegasse o triste dia.

Tão embebida em adorar-te andava ,
 Que , esquecida dos proprios cordeirinhos ,
 Só no meu Bem , em nada mais cuidava .

Porém quando patentes os caminhos ,
 Me conduzião á maior ventura ,
 Convertêrão-se as flores em espinhos.

Quando cria a bonança mais segura ;
 A tormentosa horrivel tempestade
 Veio quasi cavar-me a sepultura.

'Stou proxima a perder-te, isto he verdade:
 De me affligir agora não descança
 O tyranno rigor d'huma saudade.

E até me foga a timida esperança
 De ser mais venturosa ; pois o Douro
 Te faz perder Aonia da lembrança.

B E L M I R O .

Não me crêas , Pastora , tão mudavel :
 Se atégora fiel pude adorar-te ,
 Lá no Douro , no Tejo , em qualquer parte
 Não me póde esquecer teu rosto amavel.

Suspiros tristes do meu triste peito
 Comtigo virão ter a cada passo ;
 E o nosso terno , e venturoso laço
 Nunca o Tempo verá roto , e desfeito.

As

As caras innocentes ovelhinhas,
Companheiras fieis nas minhas penas,
Repetirei as doces cantilénas,
Com que tu tantas vezes te entretinhas.

D' Aonia . . . só d' Aonia o nome amado ;
Este nome, que faz a minha gloria.
Em signal de que existe na memoria,
Scripto sempre andará no meu cajado.

Buscarei melancolico aposento,
Rodeado de tosca penedia,
Para, livre dehumana companhia,
Nutrir contigo o afflicto pensamento.

Que amores não direi ! Com que ternura,
Expressando a paixão, que esta alma sente,
Repetindo estarei continuamente
Do meu constante peito a fé mais pura !

Tendo sempre occupada a inquieta idéa
Nas tuas perfeições encantadoras,
Nem buscarei servir outras Pastoras,
Nem ás funções irei da pobre Aldéa.

Mas

Mas tu, meu Bem, talvez mais esquecida
Sem te custar a perda d'hum suspiro
Riscarás da lembrança o teu Belmiro,
Alegre viverás, e divertida:

Em quanto passo afflicto, em quanto gemo,
Talvez... talvez nos teus mimosos braços
Amor enleará dourados laços....
Eis-aqui, bella Aonia, o que mais temo.

A O N I A.

Vês aquelle penedo levantado,
Que, insensível ao raio furioso,
Conserva sempre illeso o mesmo estado?

Passa por elle o Inverno rigoroso,
Combate o a tempestade bramidora,
E costuma ficar victorioso:

Assim a tua candida Pastora,
Constante nos assaltos da desgraça,
Será sempre fiel ao Bem, que adora.

Se o Destino cruel nos ameaça,
Podêr nunca terá de ver desfeito
O ditoso grilhão, que nos enlaça.

Es-

Este peito , Belmiro , este meu peito ,
Que tantas vezes suspirar ouviste ,
Nunca será de mágoas satisfeito.

Andarei pelos campos sempre triste ,
Nos altos freixos lendo aquelle nome ,
Que ao pé da tua Aonia lhe insculpiste.

E , sem que nesta ausencia allivio tome ,
Saudades chorarei junto do Tejo ,
Que desgraçadas lagrimas consome.

Para mim se acabou todo o festejo ;
E em quanto não te vir , Belmiro amado ,
Só de exhalar mil ais terei desejo.

E agora vás de todo socegado ?
Inda recéas que a constante Aonia
Ultraje o puro amor , que te ha jurado ?

B E L M I R O .

Tenho ouvido contar tantos enganos ,
Tanta inconstancia , tanta aleivosia ,
Que a minha impertinente fantasia
Receios me suscita os mais tyrannos.

E's Pastora, meu Bem, e isto he bastante :
 Tudo deve temer hum desgraçado ;
 Pois mil vezes se sente atraído
 Ainda perto, quanto mais distante.

Porém quero deixar loubos temores,
 Não me quero affligir com tal lembrança ;
 Pois, se chego a encontrar huma mudança,
 Me acabão de matar os teus rigores.

A O N I A.

O Justo Céu, que os corações entende,
 Castigue promptamente o fementido,
 Que ser perjuro, ou enganar pretende.

Seja em duro penedô convertido
 Aquelle de nós ambos, que algum dia
 For em perfidos laços envolvido.

B E L M I R O.

Seja embora ; pois vejo-me seguro
 De nunca sopportar hum tal castigo :
 E para acreditar o que digo,
 Novamente constancia eterna juro.

He tempo de deixar-te : a calva serra
 Ja se vai entre nuvens escondendo ;
 E a densa nevoa, para o chão descendo,
 Começa a húmmedecer a fria terra.

Adeos, Aonia, meu encanto amado,
 Antes de me apartar d'estes retiros,
 Deixa que exhale os ultimos suspiros,
 D'hum só gemido teu acompanhado.

A O N I A.

Adeos, meu doce Bem, minha alegria,
 Se agora fico triste, sem socoço,
 Vá na tua ditosa companhia
 Esta alma, que te adora, e que te entrego.

B E L M I R O.

Na ausencia sempre firmes, e constantes
 Contra os impulsos dos raivosos Fados,
 Seremos pelo mundo nomeados,
 Como exemplo fiel dos dois Amantes.

E C L O G A V.

Ainda o frio gèlo branquejava
 Sobre as crestadas urjes dos outeiros;
 Ainda o Sol brilhante não dourava
 Da pobre Aldéa os montes derradeiros,
 Quando o triste Jozino ja sahia
 Da emprestada Cabana, em que vivia.

O pequeno retalho d'hum rebanho,
 Que apênas lhe deixou a Sôrte escaça,
 O hia acompanhando; e era tamanho
 O podêr da afflicção, e da desgraça
 No peito sem ventura de Jozino,
 Que o fazia chorar o seu destino.

Chegando a hum fundo valle, ao qual rodéa
 De penhas desiguaes a grande altura,
 A violenta paixão, que a dôr atéa,
 Neste sitio desabafar procura.
 Cançados ais miudamente exhala.
 Encosta-se ao cajado, depois falla:

Que

Que culpa tens, rebanho desgraçado,
 Nas tyrannas paixões, que Amor ordena,
 Para ser cruelmente condemnado
 Do teu triste Pastor á dura pena?
 Que desastrado mal tens commettido,
 Para fomes soffrer, e andar tolhido?

Não basta que eu suspire mortalmente,
 Que arqueje o afflicto peito de agonia,
 Que passe as longas horas descontente,
 Entregue a huma fatal melancolia?
 He força que os meus males reconheças,
 Porque eu padeço, que tambem padeças?

Augmenta-me a afflicção o ver-te exposto
 A's iras do Destino mais tyranno:
 Não se contenta o meu cruel Desgosto
 Em roer-me as entranhas deshumano;
 Nisto encontrando estrago mui pequeno,
 A mais estende o seu mortal veneno.

O Céu te queira dar melhor ventura,
 E volte áquelle tempo affortunado,
 Em que, livre a minha alma do que atura,
 Occupava contigo o meu cuidado.
 Tempo ditoso, que hoje tanto invejo,
 Dias, porque suspira o meu desejo!

Neste seculo d'ouro os fundos valles
Ao éco dos meus ais nunca gemião,
Nem as tristes historias dos meus males
Nos lizos troncos entalhar se vião;
Só da mimosa Flauta os sons tirava,
Com que os campos, e os montes alegrava.

Tu, rebanho infeliz, sempre entretinhas
O livre, e socegado peuzamento;
Cuidava em apanhar terras hervinhas,
Viçoso fêno, para o teu sustento;
Era ditoso: Deos me abençoava
Os dias de prazer, que então passava.

Sendo vivo o malhado cordeirinho,
Que ha pouco me morreo, a branca fronte
Lhe enramava do verde rosmaninho,
Que alegre hia colher áquelle monte,
Assim prezo com tão feliz enleio,
Não podia encontrar melhor recreio.

Junto ao Douro passando a tatde inteira,
Via chegar a noite satisfeito,
A' Cabana voltava sem canceira,
Que me affligisse o venturoso peito.
Dormia n'huma paz affortunada,
Até sentir a fresca madrugada.

Quando ouvia chorar alguns Pastores,
 Nas tyrannas prizões, que Amor lhe urdía,
 Julgava por delirio aquellas dôres,
 Do seu martyrio nada me doía.
 Porém, pobre de mim! diverso fôra,
 Se o que então lhe escutava ouvisse agora.

Mas aquella innocencia venturosa,
 Que escondia aos meus olhos a desgraça,
 Foi como a parda nuvem tormentosa,
 Que no Verão ligeiramente passa.
 Cheguei a conhecer funesta idéa!
 D'Amor cruel a barbara cadêa.

Vós, campinas do Douro, vós me vistes;
 Entre mortaes angustias desmaiado:
 Mil vezes entre as hervas encobristes
 Dos meus olhos o pranto desgraçado:
 Vós ouvistes o som internecido
 D'hum roto peito, já d'Amor ferido.

Acabou-se a ventura, a idade d'ouro;
 Por ella quiz trocar (quem tal disséra!)
 Huns olhos lindos, hum cabello louro,
 Hum genio falso, hum coração de fera.
 Foi Marfida . . . mas ah! que hum suor frio
 Sinto, quando este nome pronuncio!

Esta cruel Pastora, disfarçando
A pérfida intenção, que a dominava,
E sem temor aos mesmos Céos jurando,
Que só amim, e a ninguem mais amava,
Fez-me esquecer de tudo, e em breve espaço
Me encadeou no mais funesto laço.

Logo vós, cordeirinhos desgraçados,
Triste resto do meu pobre rebanho,
Começastes a ser desamparados,
Conhecendo em mim hum Pastor estranho:
Logo entrei a empecer a vossa sorte,
E a procurar a minha propria morte.

Depois que vi Marfida, a Natureza
Voltou-me a linda face. Aborrecia
Dos Pastores a amavel singeleza,
Não procurava a sua companhia:
Mas, se o meu Bem não via, andava cégo,
Melancolico, afflicto, sem socego.

Procurava a eminencia de algum monte,
Para ver-lhe a janella da Cabana,
E muitas vezes junto á clara Fonte
Esperava Marfida deshumana:
Quando vinha mil glorias no meu peito
Me deixavão contente, e satisfeito.

Então lhe relatava os meus amores,
Dizia-lhe ternuras cento a cento;
E jurava que em meus fiéis ardores
Não havia o mais leve fingimento;
O transporte era tal, que em mim se via,
Que o pranto pelo rosto me corria.

Lembra-me que huma vez internecida,
Dos meus olhos as lagrimas limpando,
Me chamava o seu Bem, a sua Vida;
Que, o semblante de graças animado,
Prometteo entre pejo, e entre temores,
Que seria até á morte os meus amores.

Porém esta promessa mentirosa
Não me teve illudido muitos annos;
Não pôde a sua traça industriosa
Encerrar no vil peito os vis enganos:
A pezar do segredo, e da cautella,
Graças aos Céos! cheguei a conhecê-la.

Mal tinha quatro mezes habitado
Nas campinas do Tejo, afflicto, e triste,
Logo quiz empregar o seu cuidado
No mesmo objecto, que inda hoje existe.
Jonio feliz, he Jonio venturoso,
Por quem deixou Jozino desditoso.

Mas, não contente esta raivosa fera
 De tragar-me com hum mortal desprezo,
 Outros meios tyranna considéra,
 Para roubar-me o bem, que estimo, e prézo:
 Quiz-me imputar com negra aleivosia
 O mesmo crime, que em seu peito havia.
(rosto

Chegou-me a envergonhar, lançando em
 Que lhe fôra traidor, que novos laços
 No Tejo me tecerão por meu gosto;
 Finalmente, rompendo em mil pedaços
 A innocencia prizão por ella urdida,
 Odios me jura altiva, e embravecida.

Vê correr insensivel o meu pranto,
 Ouve alegre, e contente os meus gemidos;
 E a sua crueldade chega a tanto,
 Que só tem por instantes divertidos
 Aquelles, em que sem algum soccorro
 Afflicto gemo, vacillante morro.

Anda, Tigre, se ainda mal contente
 Do que vês, outros males me desejas,
 Novos martyrios o teu genio invente,
 Na ultima desgraça então me vejas.
 Sendo tu mesma ao meu rival unida,
 Aos vossos pés acabarei a vida.

Mas aonde me leva o meu transporte?
 Louco, insensato! Estou contando agora
 Ao pequeno rebanho a infausta sorte,
 Como que se ao meu mal sensível fôra!
 Mas nisto mesmo alcança refrigerio,
 Quem soffre da paixão o forte imperio.

Se eu pudesse tambem na rôcha dura
 Os males encahar, que o peito sente,
 Toda a historia da minha desventura
 Seria util á vindoura gente:
 Leria com horror meu triste damno,
 Lucrando hum proveitoso desengano.

Vendo hum pobre Pastor tão desvelado
 Em ser firme, e fiel aos seus amores,
 Mas sempre afflicto, sempre desgraçado,
 Sempre soffrendo barbaros rigores;
 Então diria: O infeliz Jozino
 Bem merecia ter melhor destino.

Mas se visse que ainda aborrecido,
 Desprezado adorava hum peito ingrato;
 Que andava em tristes ancias submergido,
 Não me teria então por insensato?
 Ah! não mais suspirar: infames laços,
 Eu vos quebro tambem em mil pedaços.

E agora, meus Cordeiros, principio
A ter conta de vós: sereis ditosos:
Passando no curral o Inverno frio,
E do Verão os dias mais calmosos:
Não soffrereis as inclemencias duras,
Que vos causão as minhas desventuras.

Eu virei apanhar o tenro pasto,
Para de noite estardes entretidos;
E os instantes, que em ser-vos util gasto,
Não mais eu gastarei em dar gemidos:
Empregado comvosco tão sómente,
Serei feliz, e vivirei contente.

A minha Flauta, que até agora estava
Cheia de pó no canto da cabana,
Se em quanto era infeliz nunca tocava,
Quer fosse dia santo, quer semana,
Alegre soará por estes vales,
Em signal de acabar meus tristes males.

Não disse mais Jozino: e então juntando
Do seu gado a pequena quantidade,
Menos afflicto o guia, já sentindo
A sua restaurada liberdade.
Mas Amor, que ao pé d'elles inda voava,
Ria-se, e mil desgraças lhe jurava.

ECLOGA VI.

BELMIRO, E MARILIA.

N' Huma tarde, que a Primavera linda
 Aos verdes campos, e ás mimosas flores
 Annunciava a suspirada vinda;
 Junto ás margens do Douro dois Pastores,
 Marilia, e mais Belmiro assim fallavão,
 Em quanto o mánso gado apascentavão.

BELMIRO.

Ah! Marilia cruel, suspende agora,
 Suspende por piedade a horrivel ira,
 Com que feres hum peito, que te adora.

Já he tempo: de tantas penas tira
 Hum triste coração, que, no tormento
 Do mais funesto amor, d'amor delira.

Concorre para o seu contentamento,
 Assim os Céos te fação venturosa,
 Assim vejas teus bens em grande augmento.

Al-

Alguns signaes de graça carinhosa,
Esses formosos olhos animando,
Lhe ensinem que és menos rigorosa.

O teu caro rebanho misturando
Aos meus pobres cordeiros, socegada
Consente que no campo andem pastando.

Em me vendo não fiques assustada,
Nem cuides em fugir como atégora;
Pois eu fêra não sou, Marília amada.

Não seu Lobo faminto, que devora
Os tenros cabritinhos; nem serpente,
Que impestados venenos evapora.

Inda que seja constrangidamente,
Fôrça algumas palavras, principia
A fazer venturoso hum descontente.

Darás fim aos meus ais; doce alegria,
Por ti mesma inspirada, virá logo
Expulsar-me a incançavel agonia.

Não sejas insensivel ao que rogo,
Dize que sentes meu amargo pranto,
Permitte ao menos este desafogo.

E se a minha ventura póde tanto,
 Que hum só ralo d'amor em ti divizo,
 Verás, Marilia, como alegre canto,
 E o teu nome adoravel eternizo.

M A R I L I A.

Amor...! São tão funestas as idéas,
 Que da sua paixão tento formado,
 Que, apenas fallão nelle, pelas véas
 Sinto parar o sangue enregelado,

Semblantes de fecades, macilentos,
 Olhos de verter pranto denegridos,
 Corações entre angustias, e tormentos,
 Soluçando com dôr roucos gemidos,

São os tristes signaes dos seus estragos:
 Deos me livre d'Amor! sempre o receio,
 Pois, encobrando a raiva com affagos,
 Engana hum peito d'innocencia cheio.

Os letreiros, que d'antes se entalhãrão
 Nos grossos freixos d'estes arredores,
 As terriveis desgraças nos declarão,
 Que padece o infeliz, que tem amores.

Ins-

Inspirou-me hum ditoso desengano
 A penetrante voz desta verdade ;
 Passo contente o dia , o mez , e o anno ,
 Na minha cara , e doce liberdade,

B E L M I R O .

Como he grande , Marilia , a illusão cega ,
 Que a respeito d'Amor injustamente
 A mil enganos o teu peito entrega !

Entende se gemer a afflicta gente ,
 Trazendo impressos no já murcho rosto
 Os miseros signaes do mal , que sente .

Porém Amor não he , q̃ assim tem posto
 No terrivel abysmo de agonias
 Essas victimas tristes do Desgosto .

Falsidades , desprezos , tyrannias ,
 Eis-aqui o tormento , que escurece
 A Primavera dos seus bellos dias .

Oh ! Se no Mundo nada d'isto houvesse ;
 E se hum objecto a outro objecto amado ,
 Com puro amor , amor correspondesse !

Ea-

Então, sendo o martyrio transformado
Em prazeres, em gostos, em ventura,
Não se acharia hum triste, hum desgraçado.

Ora pensa, meu Bem, com mais brandura,
Desvanece o receio, que intimida
A tua doce, e natural ternura.

Já ouviste a Rolinha sempre unida
A' metade fiel rolar contente,
Em ditosos transportes embebida?

Aqui tens o retrato simplesmente
Do verdadeiro amor. Grata, e sensivel,
Que vivamos assim, meu Bem, consente;

M A R I L I A.

Ainda não passarão muitos mezes,
Que quando c'os Pastores conversavas,
Lhe quizeste afirmar bastantes vezes
Que a tyranna Marilia abominavas.

Que escondia no disfarçado peito
Inconstancia, vileza, atrocidade;
Não podia pensar-se algum defeito,
Que deixasses de pôr com liberdade.

Tom. I.

L

He

He certo o que disseste: tambem tenho
 Hum coração em tudo atraídoado;
 Porém nas tuas ditas eu me empenho,
 Não queiras ser comigo desgraçado.

B E L M I R O.

Não me afflijas, Marilia; se tal disse,
 Ou me tinha esquecido que te amava,
 Ou então, meu Encanto, foi tontice.

Se mais que mil rebanhos desejava
 O bem da tua candida amizade,
 Como palavras taes pronunciava?

Cruel te chamaria, era verdade:
 Porém aborrecer-te! Meus amores,
 Não créas essa negra falsidade.

A's vezes invejosos os Pastores,
 Vendo mais venturosa a sorte alheia;
 Formão enredos com fingidas côres.

Pódes ir perguntar por toda a Aldéa;
 Ninguem te ha de dizer que ouviu Belmiro
 Contra ti praticar acção tão fea.

Antes has de saber por quem suspiro;
 Que o nome de Marilia sempre entalho
 Nas arvores, nas penhas do retiro.

Que , apenás os Cordeiros agazalho,
Procurando outra vez os campos triste,
Saudoso prantò pelo rosto espálho.

Nada em fitti na lembrança me persiste !
Só tua bella imagem , quer na Aldeá,
Quer no prado , comigo sempre assiste.

M A R I L I A.

Eu não sei se me fallas com verdade ,
Se o que agora me dizes por mim sentes ;
Ha pelo Mundo muita falsidade ,
Com que se enganão peitos innocentes.

B E L M I R O.

Eu juro sobre a tua mão nevada ,
Pelos brilhantes Céos , não ser fingido
O meu sincero amor , Marilia amada.

Tu mesma quantas vezes conhecido
Tens nos meus tristes olhos , nos meus ais
Hum terno peito da paixão ferido ?

Mas , se ainda são fracos os signaes ,
Se receas ainda que te engane ,
Outras provas darei , se queres mais.

L. 2. MA

M A R I L I A.

Basta, caro Pastor : se fui tyranna ;
 Cruel não sou , o teu exemplo sigo :
 Na Pastora , que chamas deshumana ,
 Encontrarás hum coração amigo.

No fundo valle , ou no elevado monte ,
 O nosso gado junto deitaremos ,
 E vendo borbulhar a clara fonte ,
 Satisfeitos a tarde passaremos.

As mimosas Cantigas , que fizeres ,
 Hão de ser por Marilia decoradas ;
 E quando a terna Cithara tangeres ,
 Por ella com prazer serão cantadas.

Colhendo na campina brancas flores ;
 Huma grinalda enlaçarei contente ,
 Não para convidar outros Pastores ,
 Só para ornar do meu Belmiro a frente.

B E L M I R O.

Adoravel Marilia , que mal posso
 Com suffocadas vozes expressar-te
 Da minha alma o transporte , e o alvoroço !

Ah ! quem podéra o coração mostrar-te !
 Verias como agora agradecido
 Só viye , caro Bem , de idolatrar-te.

He possivel que veja suspendido
 O barbaro rigor do injusto Fado,
 E que em ventura seja convertido?

Embora acabe todo o manso gado
 Nas torpes garras da raivosa fera,
 Ou na enchente do rio accelerado.

Faça Inverno por toda a Primavera,
 E nas colméas tenha tanto damno,
 Que perca o doce mel, e a branda cêra;

Da Sôrte venha o golpe mais tyranno;
 Ver-me-has soffrer tudo satisfeito,
 Sem que huma vez lhe chame deshumano.

Se de eterna amizade o laço estreito
 Os nossos corações desde hoje enleia;
 Nada entristêça o meu ditoso peito.

M A R I L I A.

Seremos ambos bemaventurados,
 Imitando a firmeza dos rochedos:
 Mas, Belmiro, não sejam revelados
 Do nosso amor os intimos segredos.

B E L M I R O.

Sou como a desgraçada Borboleta,
 Que, apenas vê do fogo a luz ardente,
 Não pôde socegar, vòta inquieta.

Assim, Marilia, tendo-te presente,
Os olhos, os suspiros, a ternura
Mostrarão logo o que a minha alma sente.

Mas que importa? Se a nossa fé segura
Está contra o poder do mesmo Tempo,
Não devemos temer a Sorte dura.

M A R I L I A .

Este dia feliz tem acabado:
Para perto de nós já se avizinha
O meu caro Melampo; e o manso gado
Deixa de mastigar a branda ervinha.

Não me posso deter hum só instante;
Pois receio que logo faça escuro:
O meu Casal do teu fica distante,
E o sitio por aqui não he seguro.

Quando á manhã raiar a linda Aurora,
Hei de vir com o cantaro á fonte:
Hum pouco junto d'ella te demora,
Antes de conduzir o gado ao monte.

B E L M I R O .

Sim, meu Bem, como vivo de adorar-te,
A' manhã buscarei a minha Vida, (parte.
Ou na fonte, ou no campo, em qualquer

Como esta noite par'cerá comprida!
Nunca ha de ser a bella Madrugada
Com ancia tão contínua appetecida.

Parte, Marilia, parte descansada,
Que tambem para a Aldéa me retiro;
E, em quanto vou pensar na minha Amada,
Não te esqueças, Amor, do teu Belmiro.

Neste tempo do serro cavernoso
Já cahião as sombras denegridas;
E o frôxo Sol já pouco luminoso
Só dourava as montanhas mais erguidas.
Então dividem os cordeiros seus,
E dizem suspirando hum terno adeos.

ECLO-

E C L O G A VII.

BELMIRO, E JOZINO.

A Sombra d'huma Faia, que adornava
 Do nosso Douro os campos venturosos,
 Belmiro, Pastor pobre, descansava
 Nos instantes da tarde os mais calmosos:
 Do sitio convidado se occupava
 Com os seus pensamentos amorosos;
 E assim via correr o claro dia,
 Sem desejar mais bella companhia.

Quando Jozino busca fatigado
 Este mesmo lugar, e mal conhece
 O seu amigo caro, transportado
 Entre abraços o coração lhe off'rece.

Então no verde musgo matizado,
 Com que a vasta campina se embellece;
 Sentão-se; e pelo tempo, que inda resta,
 Fallão, e a sua pratica foi esta.

Jo-

J O Z I N O.

Dize, caro Belmiro, que tormento
Ha mezes te consome? Que desgosto,
Que desgraças horriveis te tem posto
No meio do mais negro sentimento?

O teu ponto he fugir destes lugares,
Os montes procurar, e entre as brenhas
Dár gemidos ao vento, sem que tenhas
Pequeno allivio em teus crueis pezares.

He hum milagre ouvir-se a tua Lira;
E, quando a tanges, tanges por tal modo,
Que o seu cançado accento ao Mundo todo
Em lugar de prazer, tristeza inspira.

Tanta mudança estranho na verdade:
Não sou eu só, tambem na nossa Aldéa
Não ha pessoa alguma, que não créa
Que soffres a maior inf'licidade.

B E L M I R O.

Quem presume que desgraçado vivo,
Meu Jozino adorado, mal presume;
Pois se ando solitario, pensativo,
He genio meu, e o faço por costume.

Em-

Em nada vejo a Sorte mais raivosa
 Contra o meu coração féra voltar-se,
 Antes sendo, como he, tão venturosa,
 He certamente digna de invejar-se.

J O Z I N O.

Trazer o magro, e desbotado rosto
 Sempre cheio de copioso pranto;
 Sobre o braço encostado, a cada canto
 Ficar horas, e horas alli posto.

Gravar nos altos Freixos da espessura
 Nomes, que se repetem suspirando;
 Estár co' as mesmas penhas conversando;
 São estes os effeitos da ventura!

B E L M I N O.

Tendo-me pouco, e pouco acostumado
 A' terrivel bebida do veneno,
 No que outros sentem mal desesperado
 Venho a encontrar allivio não pequeno.

Se alguns achar só podem amarguras
 Nas douradas prizões que Amor tecêra;
 Nas que me esleião, gosto mil doçuras,
 Livre d'ellas, Jozino, então morrerá.

Vê-

Vê se tenho razão: attento escuta
 A fiel narração dos meus amores:
 Conhecerás, Pastor, que sem disputa
 Sou o mais venturoso dos Pastores.

Na paz d'huma innocente liberdade,
 Bom Jozino, vivi bastantes annos,
 Passando a minha fresca mocidade
 Na triste companhia dos Serranos.

Com taes cores pintavão-me a cadéa,
 Com que Amor os amantes enleava,
 Que, só em pensar nella, a minha idéa
 De susto, e de temor se horrorisava.

Os enganos contavão, que as Pastoras
 Occultão nos seus peitos disfarçados;
 Dizião, que erão falsas, e traidoras;
 Que os corações tornavão desgraçados.

Tal medo lhes tomei, que raras vezes
 Em dia de função á Aldéa vinha;
 Os montes habitando muitos mezes,
 C'os meus pobres cordeiros me entretinha.

Assim

Assim passava, quando Amor, querendo
Que os olhos a tão louco engano abrisse,
Começou-me a animar, foi-me trazendo
Até onde mais claramente o visse.

Mostrou-me hum dia, oh dia affortunado!
N'hum Cabana junto ao claro Dóuro
O admiravel semblante, em que encerrado
Tem todos os seus bens, o seu thesouro.

Mostrou-me hum Pastora, que por ella
As mesmas broncas pedras suspirarão,
Se os seus olhos, se a sua face bella,
Como eu os vi, tambem a ver chegarão.

Foi Belmira... (este nome he só bastante
Para de gloria encher a qualquer peito!)
Foi Belmira quem vi, que fez amante
Hum livre coração, nunca sujeito.

Foi esta viva imagem dos Amores,
Dos Encantos, das Graças, da Belleza,
Que ateou os incendios, os ardores,
Que a minha alma feliz estima, e préza.

Ah !

'Ah! se ouvisses, Jozino, a meiga falla,
 Com q os peitos atrahe, com que os namora?
 A brandos corações não tanto aballa
 Do terno rouxinol a voz sonora.

Pois quando o amavel rosto precioso
 Se deixa ver entre as gentiz Serranas,
 Parece o branco lirio magestoso
 No meio de viçosas espadanas.

Logo a primeira vez, que pude vê-la;
 'Animei me a dizer-lhe que a adorava,
 Que a minha paz, que o meu descanso a ella
 Com o maior prazer sacrificava.

Dos meus olhos os ternos movimentos
 Disserão muito mais, e aquelle mudo
 Silencio, com que estive alguns momentos,
 A acabou d'instruir, lhe disse tudo.

Escutou-me Belmira, ouviu piedosa
 'A confissão da minha paixão terna;
 E, ornando o pejo a face côr de rosa,
 Pelos Céos me jurou constancia eterna.

Oh.

Ohi meu Jozinho, que ventura a minha!
 Qué glórias não conheço de repente!
 Nunca na minha vida, nunca tinha
 Encontrado prazer mais eminente.

Apenas me apertei, pelos outeiros
 Andava como touro de alegria!
 Sobre a arca, nas penhas, nos salgueiros
 Os meus novos amores escrevia.

Belmira linda, e affavel, animando
 A Lira até então desafinada,
 Suspiros c'os meus Versos misturando,
 Ao som d'ella cantava a minha Amada.

Quando a via, a gostosa Primavera
 Depois do triste Inverno não causava
 Tanta consolação: para mim era
 A unica estação, que desejava.

Viva assim contente, bom Jozinho,
 Mas nem sempre se pode estar contente!
 E por força invisivel do Destino
 Fui ver do grande Tejo a clara enchente.

O tempo, que habitei nesses lugares,
 Não perdia Belmira do sentido:
 O defecado rosto dos Pezares
 Só no Tejo por mim foi conhecido:

Mas depois que voltei ao Douro amado,
 Hum golpe o mais fatal mē deixa afficto;
 (Eu sinto o coração sobresaltado,
 Quando nesta desgraça hoje medito!)

Logo busco o meu Bem, busco Belmira;
 Allivio quero dar a hum peito amante:
 Que encontro inesperado! raivas, ira
 Andão girando no cruel semblante.

Infiel me noméa, chama ingrato
 Meu grato coração; diz-me que adore
 Da bellissima Aonia o seu retrato,
 Que por ella saudoso gema, e chore.

Não se póde encontrar mais duro engano:
 Vós, aréas do Tejo, vós bem vistes
 Que, sem no peito haver outro algum damno,
 Suspirando verti lagrimas tristes.

Ain-

Ainda hum penedo levantado,
Se o tempo rijas penhas não consome,
Vós podereis mostrar, por mim gravado,
Não a Aonia, mais de Belmira o nome.

Alguns dias tyrannâ me affligia,
Denegrida traição lançando em rosto:
Vinha a manhã, a tarde, anoitecia,
E eu lutando com o mortal desgosto.

Mas os Céos, que protegem a innocencia,
Mostrarão claramente a falsidade;
E hum crime, que era crime na apparencia,
Da Pastora alcaçou prompta piedade.

Amaveis sentimentos de ternura
Vem procurar Belmira agoniada;
Bem como a tormentosa noite escura
Busca a serena luz da madrugada.

Fizemos mais solemne o juramento,
Que os nossos corações agora enlaça,
Promettemos soffrer qualquer tormento;
Ser fiéis nos combates da desgraça.

Via

Vi então acalmar a afflicção triste,
Que dentro das entranhas me fervia;
Desde então neste peito nada assiste
Mais que a constancia, amor, gosto, e alegria.

Agora não invejo alguns Pastores,
Que apascentão rebanho numeroso:
Se constantes achar os meus amores,
Sou mais rico Pastor, sou mais ditoso.

Famintos corações embora alcancem
A riqueza, que encerra o Tejo, e o Douro,
Ainda que sou pobre, em vão se cancem,
Não podem exceder o meu thesouro.

Assim, Jozino amado, estou contente
Nos ferros do meu doce captiveiro,
Não tenho gordas rezes, que apascente;
Porém não temo o Lobo carniceiro.

Quando o espaçoso Douro corre cheio,
Turvas trazendo as sus aguas claras,
Na Cabana me obrigo, não receio,
Que me inunde as devezas, e as seáras.

Se faz calma, procuro a fresca praia,
 E alli respira o meu amante peito;
 Ou a sombra procuro d'esta Faia,
 Aonde passo a tarde satisfeito.

He verdade, que gemo nos retiros,
 Que ás vezes corre o pranto pelo rosto;
 As lagrimas porêm, e estes suspiros
 São suspiros, são lagrimas de gosto.

A minha Amada sabe compensallas:
 Hum meigo riso, hum doce olhar divino,
 Ternos affectos, carinhosas fallas;
 Isto quanto não val, caro Jozino?

Olha pois se haverá Pastor ditoso,
 Que com Belmiro possa comparar-se;
 E se o meu captiveiro venturoso
 Não he feliz, e digno de invejar-se:
 J O Z I N O.

Quando te ouço gostoso estar contando
 As desgraças do teu destino fero,
 Encho-me de pezar, e considero,
 Ou que deliras, ou que estás sonhando.

Po-

Pobre Belmiro ! Ah quanto mal discorre
 Quem tyrannas paixões soffre animoso !
 Feliz se chama , chama-se ditoso ,
 Ao mesmo tempo que d'angustias morre.

Se disseses que incendios consumirão
 A rustica Choupana , que te cobre ;
 Que o teu çurrão , que o teu cajado pobre
 A cinza os seus estragos reduzirão.

Que duas brancas rezes , que escaparão
 Da manada , que tinhas algum dia ,
 No meio do regato , que corria ,
 Ambas ao mesmo tempo se affogarão ;

Facilmente te crêra : mas querer ;
 Mostrar ventura na paixão d'amor ,
 Custa o mesmo , que em fogo abrazador
 Hum pedaço de neve converter.

Por meus peccados , tenho já soffrido ,
 Tempo triste , e infeliz ! grilhões tyrannos ;
 Mas por força de santos Desenganos
 Vivo ao antigo bem restituído.

Posso, por exp'riencia, aconselhar-te,
Do teu erro mostrando certo o indicio,
Para que fujas este precipicio,
Aonde sem temor corres lançar-te.

Eu conheço Belmira claramente,
Sei que he bella, que as encarnadas rosas
Não são tão lindas, são menos vistosas,
Quando lhe cingem a nevada frente.

Mas quem dirá que aquelle amavel rosto
No peito encerra negros sentimentos?
Que em causar aos mortaes mortaes tormétos.
Funda as suas delicias, e o seu gosto?

(dade,
Pois, bom Pastor, não minto, isto he ver-
E o mesmo affirmarão por toda a aldéa,
Que Belmira tem vozes de Seréa,
Excedendo d'hum Tigre a crueldade.

Se queres ser ditoso, foge, foge,
Mais que da mordedura de Serpente:
Eu te ajudo a quebrar a vil corrente;
Esta louca paixão ao mar se arroje.

Quan-

Quando fosse possível que as Pastoras
 A qualquer não fizessem desgraçado,
 Sem dúvida com esta ao teu estado
 Podias grangear tristes melhoras.

B E L M I R O.

Se lhe ouvisses, Pastor, os juramentos,
 Que cheia de ternura me tem feito,
 Terias mui diversos pensamentos,
 Facilmente mudáras de conceito.

Não virias na minha paz tranquilla
 Espalhar as sementes do veneno;
 Pois o amante fiel sempre vacilla
 A' vista do receio mais pequeno.

J O Z I N O.

O mesmo, que tu dizes, me disserão,
 Não ha muito, Pastores desgraçados,
 Que, vivendo tambem preocupados,
 Os ferros de Belmira já soffrêrão.

Eu cuido que nas brenhas dos retiros
 Ainda ouvir se podem seus lamentos!
 Ah! tira, tira uteis documentos
 Da alhea dôr, dos seus mortaes suspiros.

Qual-

Qualquer d'estes te excede em ter rebanho,
 Em ser destro na luta, em saber dança:
 E onde firmas a tua confiança.
 Se nada sabes, se não tens hum anho?

Que importa andar nos troncos entalhando
 O nome de Belmira? que aproveita
 Gemer por ella, se affectada acceita
 Os ais, que estás inutilmente dando?

B E L M I R O.

Ah Jozino cruel! cruel Jozino!
 Em lugar de aos meus males pones termo,
 E em vez de suavizar o meu destino,
 O alegre peito sinto agora enfermo.

Não tenhas, não, por mim tanta piedade,
 Deixa-me antes viver no meu engano;
 Pois a quem aborrece a liberdade
 De que serve hum funesto desengano?

Porém.... cégo temor! louco receio!
 Em nada vejo ingrata a minha sorte,
 Belmira me he fiel: o amante enleio,
 Que nos enlaça, não o rompe a morte.

Jos

J O Z I N O.

Está feito, Belmiro; segue embora
Teus errados caminhos: vai contente
Jurar eternos votos novamente
Junto d'essa ternissima Pastora.

Inda tempo virá, que, de contino
Chorando a tua negra desventura,
Te lembrem sem remedio, sem ter cura—
Os saudaveis conselhos de Jozino.

Assim fallavão: quando os passarinhos
Junto aos copados Cedros revoavão;
Huns pelos ares, outros nos seus ninhos
Canticos de saudades concertavão:
Unidos os malhados cordeirinhos
O seu Pastor fiel 'sperando estavão:
Era chegada em fim a noite escura,
Eis que hum, e outro o seu Casal procura.

ELI-

E L I Z A.

O Fresco orvalho, que já vem cahindo
No tremulo salgueiro,
Que o meneio d'hum Zefiro ligeiro
Agita, está bulindo,
Desperta o rouxinol melodioso,
Que festeja a manhã terno, e saudoso.

Ah! nem tanto dormir!
Acorda, Eliza amada,
Anda gostar o encanto
Da fresca madrugada.

Já ao longe apparecem no Horizonte
Diamantinos raios;
Já se percebe o Sol entre desmaios
No elevado monte;
As nuvens, d'ouro, e purpura vestidas,
Se avistão entre sombras escondidas.

An-

Anda abrir , preguiçosa ,
 A rustica janella ;
 Verás então , Eliza ,
 Nascer a Aurora bella.

Do colmado jazigo mastigando
 Vem malhados bezerros :
 Apôs d'elles c'os camponezes ferros
 Alegre caminhando ,
 Os segue o Lavrador. O tenro filho
 Vai tangendo o pacifico novilho.

Dos teus formosos olhos
 Sacode o somno brando :
 Olha , Eliza , que he dia ,
 E o gado está ballando.

Ao grato som das ondas pratêadas
 O Pescador cantando ,
 Prepara as redes ; e o batel largando
 Das mortas enseadas ,
 Rompe os mares com gritos de alegria ,
 Faz immalhar a branca pescaria.

Va-

Vamos, amado Bem,
 Ver as redes tirar;
 Vamos á fresca praia
 Contentes respirar.

Mas a porta da rustica Choupana
 Ainda está fechada?

Talvez que tenha agora reclinada
 A face soberana!

Aquella cruel arvore sombria
 Impede entrar mais cedo a luz do dia.

Dura inquietação!
 Quem poderei achar,
 Que á minha preguiçosa
 Possa ir acordar?

Ao leito do meu Bem vòa contente,
 Zefiro buliçoso,

E as emplumadas azas carinhoso
 Sacode brandamente:

Frias góras de orvalho cristalino
 Salpiquem o semblante peregrino,

Diante de ti leva'
Aos meus castos amores
As volantes folhinhas
Das engraçadas flores.

E, em volta do seu rosto bafejando
Imagens graciosas,
Far-lhe-has abrir as palpebras formosas,
O somno affugentando:
Deita-lhe mesmo a simples vestidura,
Não me tarde mais tempo esta ventura.

Oh venturosos campos,
Que encantos respirais,
Sem a minha Pastora,
Vós nada me alegrais!

I D I L I O.

EM quanto as suas mansas ovelhinhas
 Pastavão na ribeira
 As verdes, infructíferas hervinhas;
 Junto d'huma escarpada ribanceira
 Cantavão docemente
 Dois Pastores ao som da clara enchente.

B E L M I R O.

Divina Primavera, as tuas flores
 Na relva entrelaçadas,
 Como a minha Pastora, os meus amores,
 Não são tão engraçadas.

J O Z I N O.

Divina Primavera, a tua vinda
 Nunca me alegra tanto,
 Nem me transporta, como a face linda
 De Tirfe, o meu encanto.

BEL-

BELMIRO.

Quando vejo pular no verde prado
O cordeiro innocente
Em torno da Mãi cara, o meu cuidado
Doces prazeres sente :
Porém, se do meu Bem no claro peito
Demoro a frôxa vista,
Sinto no coração dobrado effeito,
Por mais que lhe resista.

JOZINO.

O terno som da placida corrente,
Que, através da espessura,
Por entre mil seixinhos brandamente
Escapando murmura ;
Tanta impressão não faz nos meus sentidos,
Tanta graça não tem,
Como ardentes suspiros, despedidos
Da bocca do meu Bem.

BELMIRO.

Na calmosa Estação a planta verde
Inclinando-se chora :
O campo matizado as côres perde,
Que pintou linda Flora :

Vem

Vem o aspero Inverno, ao manso gado
 Faz cerrar nos curraes,
 E lentamente cobre o secco prado
 De frigidios cristaes.
 Mas depressa a risonha Primavera
 Anima a triste planta:
 O terno Rouxinol na fresca hera
 Os seus amores canta.

Assim eu, que da longa, e dura ausencia
 Soffrendo o activo effeito,
 Saudades me desmaião, e com violencia
 Suspira o firme peito.
 Mas de Marilia a amavel companhia,
 Como a bella Estação,
 Espalha mil transportes de alegria
 No afflicto coração.

J O Z I N O.

Fóra do pobre ninho andão voando
 Alegres passarinhos,
 Com cuidado sustento procurando
 Para os caros filhinhos.

D'hum ramo a outro ramo diligentes
 Voão, e com destreza
 Os bichinhos caçando, vão contentes
 C'o a sua debil preza:

Da mesma sôrte os tristes olhos deito
 Pela vasta Campina ;
 Se nella Tirse encontro , satisfeito ,
 O prazer me domina.

BELMIRO.

Campos , Choupanas , gados numerosos ,
 E quanto o Douro cria
 Que Marilia são menos preciosos ,
 Não tem tanta valia.

JOZINO.

Rosas , lirios , papoilas , quantas flores
 Anima a Natureza ,
 Como a formosa Tirse , os meus amores ,
 Não tem tanta belleza.

Assim cantavão ; quando a sombra féa
 O prado escurecia ;
 As mansas rezes juntão , e da Aldéa
 O caminho tomando em companhia ,
 Contentes vão sahindo ,
 O pacifico gado conduzindo .

EPIS.

EPISTOLA I.

OS dias , que aqui passo Jonio amado ,
São sec'los : o que faz hum duro estado !
Pois nunca se mostrou a minha Aldéa
Tão desabrida , e fêa.
Por toda a parte a morta Natureza
Me representa imagens de tristeza ;
E em cada objecto o afflicto pensamento
Está nutrindo o seu mortal tormento.
Vivo sem gosto , sem prazeres passo ,
E só com suspirar me satisfaço:
D'hum pobre, e humilde tecto ao triste abrigo
Sopporto , caro Amigo ,
O tyranno rigor do meu destino :
Mil vezes cada dia me amofino ,
Pensando no abysmo desgraçado ,
Em que me considero sepultado.
Não tenho quem console a minha sorte ,
Quem a minha alma languida conforte :
Apenas alguns rusticos Vaqueiros ,
Em todos os seus tratos bem grosseiros ,
Esta choça frequentão ,

E

E em vez de allivio darem, me atormentão.
 Hum me conta que ha perto de dous mezes
 Faltão no seu rebanho sete rezes;
 Outro diz que está boa a sementeira,
 Que teremos hum anno de fartura;
 Assim d'esta maneira
 Comigo paixão quasi a tarde inteira.
 Porém se fico só alguns momentos,
 Com que ternos, saudosos pensamentos
 Vivo então entretido!
 Ah! meu Jonio querido,
 Quem podéra pintar-te a propria scena,
 Sem renovar no peito a dura pena!
 Da bella Eliza os annos são chegados:
 E eu por meus peccados
 Nem sequer hum só Verso tenho feito:
 Verei se desde agora lhe endireito
 Ao menos hum Soneto.
 Espero, que tambem o teu affecto,
 E o dos nossos Pastores
 Applaudão neste dia os meus amores.
 Agora, Jonio caro, fica certo
 Que na Aldéa, onde habito, no deserto,
 Em que estou embrenhado,
 Só terá por allivio o meu cuidado
 A noticia fiel da tua sorte.

Tom. I.

N

Da

Da incançavel Desgraça o duro córte
Então me cahirá mais brandamente.
Em fim, Jonio feliz, serei contente,
Mesmo neste retiro,
Vendo-te inda lembrar do teu Belmiro.

EPIS-

EPISTOLA II.

QUando já me pensava sepultado
Do Desprezo infeliz no abysmo feio,
Sem ter noticias do meu Jonio amado;

D'huma pura amizade doce enleio,
Os teus Versos, vierão de repente
Desvanecer meu timido receio,

Sei que ainda me estimas, e que ausente;
Apezar da distancia, que medéa,
Te lembras de quem te ama ternamente.

Porém entre o prazer, que me rodéa,
A tua sórte, pouco venturosa;
Mil afflicções no peito me seméa.

Eu maldigo a Desgraça monstruosa,
A Desgraça cruel, que não descança,
Sem affligir huma alma virtuosa.

Mas, adorado Jonio, haja esperança :
Depois da tempestade bramidôra
Costuma vir hum dia de bonança.

Dos tristes o destino se melhora ,
Quando menos se pensa : n'hum momento
Diverso pôdes ser do que és agora.

Se da alhéa Cabana o pavimento
Te agazalha , te serve de jazigo ,
E não tens qualquer rustico apozeno ;

Se não encontras coração amigo ,
Que , movido das tuas agonias ,
Pertende suavizar o teu perigo ;

Inda amanheceráõ alegres dias ,
Em que , posto n'hum mais ditoso estado ,
Os Pastores te fação cortezia.

Se também te imaginas desgraçado ,
Deixando-te a Infiel , que idolatravas ,
Louva os Céos , nisso fosse affortunado.

Louco d'amor por ella suspiravas ,
Chegaste-a a conhecer ; és venturoso ;
Despedaça as cadéas , que arrastravas ,

(forçoso,
 Não chores , não , perdendo hum mal
 Que huns matadores olhos te forjavão,
 Nem por isso te chames desditoso.

A solidão , a gruta , onde soavão
 Teus ais cançados , languidos gemidos ,
 Não oução mais as queixas , que escutavão.

Busca os campos de flores revestidos ,
 Louva da Natureza as bellas Graças ,
 E terás em cocego os teus sentidos.

Do dia as horas ser-te-hão escassas ;
 Mas , se amas outra vez o ingrato objceto ,
 Sempre o mesmo serás , por mais que faças.

Por gostar dos teus Versos , os remetto
 A' encantadora Eliza , e tambem mando
 Na sua companhia hum meu Soneto.

Agora , bom Pastor , continuando
 Em me contar as tuas aventuras ,
 Irás o meu destino alliviando ,
 Encherás este peito de venturas.

EPIS-

EPISTOLA III.

(pestades

N ão devem , caro Armindo , as tem-
 Desanimar o affouto Marinheiro ;
 Cobrem-lhe a Náo as ondas empoladas ,
 A tormenta lhe quebra os altos mastros ;
 Vê mil vezes o rosto á féra Morte ,
 Antes que possa vêr o alegre porto ,
 Aonde a ambição céga o leva , o arrasta ;
 O Lavrador sincero rasga os campos ,
 E sobre a terra espalha a sementeira ;
 Incançavel sopporta o Sol ardente ,
 A chuva , a tempestade , o frio , a neve .
 Antes de recolher o doce fructo
 Das suas esperanças .
 O misero Soldado , entre clamores
 Da horrorosa , mortal artilharia ,
 Empunha a férrea espada , assalta os muros ,
 Salpica o duro chão c'ó proprio sangue ,
 Antes que volte , cheio de triunfos ,
 Gozar na cara Patria
 Do seu valor o premio , e a recompensa .
 E se he verdade tudo , quanto digo ;
 Que

Que esperanças, que alegres esperanças
 Não devem ter agora os teus trabalhos?
 Se distante da Patria tens vivido,
 Se deixaste saudoso os doces lares,
 Nem sempre ha de durar este desterro.
 A Fortuna se mostra ora risonha
 Aos olhos dos mortaes, ora raivosa,
 Atégora lhe viste máo semblante,
 Daqui a pouco tempo o verás grato.
 Não te cause tristeza o vil desprezo,
 Com que alguns insensatos te maltratão,
 A huma alma, que a Razão illustre anima,
 Longe de a offender, causa piedade.
 Lí a tua Elegia:
 E inda que nella vejo retratados
 Fre cos signaes da tua viva mágoa,
 Eu não posso deixar de consolar-me.
 Marsia, a formosa Marsia, que algum dia
 Das tuas Canções era o terno objecto,
 Agora a vejo ser dos teus gemidos. (doso,
 Que importa, Armindo! Louva o Céu pie-
 Abençoa os tormentos, que padeces:
 Se ainda brotão sangue as vivas chagas
 Do coração ferido,
 A mesma tyrannia d'essa ingrata,
 Para as curar depressa,

Ha

Ha de ser o remedio mais saudavel,
Foge, ditoso Armindo,
De reunir a misera cadéa:
Inda a preço de lagrimas bastantes,
Conserva a resgatada liberdade.
A risonha, florida Primavera
Começa a embellecer a nossa Aldéa:
Já n'humas destas tardes junto ao rio
Dous rouxinoes cantavão docemente:
Lembrarão-me os instantes preciosos,
Que neste mesmo sitio,
Escutando-os, passavamos contentes.
Tu sabes as bellezas, que este tempo
Pelos campos semea:
Deixa, Armindo, os estrondos da Cidade,
Vem gostar as delicias da Amizade,

AOS

AOS ANNOS
DE ELIZA.

BELMIRO.

Porque deixas, Liceo, na ruiva aréa
Encalhado o Batel, e, em calmaria
Spraiando o claro mar, vens ter á Aldéa
Sem ambição da branca pescaria?

LICEO.

Não he motivo estranho, o que me obriga
A deixar hoje a misera fadiga:
Tu sabes que este dia affortunado
He aos doces prazeres consagrado.

BELMIRO.

Certamente: na Aldéa se respira
Hum sincero, e geral contentamento;
Todos estão cantando ao som da Lira
A memoria d'hum fausto nascimento.

L-

L I C E O.

Hontem , que o largo mar irado estava ,
 E as ondas furioso encapelava ,
 Singelo sacrificio já dispondo ,
 Rudes , pobres cantigas fui compondo.

Da alegria , em que fallas , são nascidas ,
 E ao seu objecto , Eliza dirigidas.
 Cuve-as , Pastor , e já que disto entendes ,
 Antès que as cante , quero que as emendes.

B E L M I R O.

Gostoso escutarei , Liceo amado ,
 D'esse genio fecundo o raro effeito :
 E em ouvindo o teu Plectro sublimado ,
 Sentirás palpitar meu terno peito.

L I C E O.

Sentemo-nos na margem d'este rio ,
 Que a dizellas , Belmiro , principio.

Attende agora
 Hum pescador ,
 O' Mãi d'Amor ,
 Filha do Mar.

Vem-

Nas crespas ondas
Erguendo a frente,
Divinamente
Vem-me inspirar,

Eu te prometto
Duas Rolinhas,
Branças Pombinhas
Sacrificar.

De ruivas conchas
Muitos milhares
Os teus altares
Irão ornar.

Buzios torcidos
De parda côr
Ao teu Amor
Hei de apanhar.

Ah ! Vem , não tardes ,
Empunha o Sceptro ,
Meu rude Plectro
Corre animar.

Hoje não louvo
Altos Serranos,
Huns faustos annos
Quero cantar.

O' bella Deosa,
He huma Pastora,
A quem adora
O mesmo Mar.

Eliza amavel,
Das Graças filha,
A maravilha
Deste lugar.

Eu a retrato
Com côr fiel,
Se o meu pincel
Não desmaiar.

He quasi louro
O seu cabelo,
Custa abrangello,
Ao pentear.

Tem lindos olhos
Da cor dos Céos,
Ganhão tropheos
N'hum só olhar.

Nas brancas faces
Lizas, formosas,
Vermelhas rosas
Podem-se achar.

São os seus beijos
De coral fino,
Que o Deus menino,
Corre beijar.

No casto seio
De neve pura,
A formosura
Vai repousar.

Todo o mais corpo
He tão bem feito,
Que hum só defeito
Não se ha de achar.

Eu te abençoó,
O' Natureza,
Que esta belleza
Chegaste a dar.

Festeje o dia,
Em que nasceo
A Terra, o Céu,
O fundo Mar.

Deixem as redes
Os Pescadores,
E os seus louvores
Venhão cantar.

BELMIRO.

Ah! Liceo! quem podéra o teu engenho
Imitar! Quem compor assim podéra!
Porém de nada val o gosto, e empenho,
Quando se tem mui rude, e curta esfera!

Eu tambem ao prazer, que hoje se sente,
Cantigas fiz do bello ornato nuas:
Ouve-as, ellas não prestão certamente:
Feliz de mim se soffrem como as tuas!

Formosa Eliza,
Pastora bella,
Do campo flor,
Do Céu estrella.

Tu, que és a causa
De tanto gosto,
Volta ao meu canto
Serenos o rosto.

Escuta hum pouco
A branda Lira,
E o Estro pobre,
Que Amor inspira.

Se der cantando
Alguns gemidos,
Perdoa, Eliza,
Fecha os ouvidos.

Quem principia
Triste a cantar,
Acaba ás vezes
A suspirar.

Para que a minha
Voz mais levante,
Os olhos fito
No teu semblante.

Tempo, que gastas
Thronos, Grandezas,
Tu não destróes
Tantas bellezas.

Quando hum Pastor
Triste lamenta,
Qual penha bronca,
Ouve a tormenta.

Causa desgosto,
Tanta aspereza
Andar unida
A tal belleza.

Teimosa Sorte,
Se alguém podéra
Tornalla branda,
E menos féra!

Teria em paga ;
Do meu thesouro
Dois favos cheios
Do mel mais louro.

Da minha fraca ;
Pobre manada ,
Huma rez branca ,
Ou bem malhada.

Daria mais
(E isto asseguro)
Hum grande tarro
De leite puro.

Redondas nozes
Tambem daria ;
Tudo o que tenho
Off' receria.

Formosa Eliza ;
Ah ! por piedade ,
Perdoa a minha
Temeridade.

Já me occultava
 O meu penar,
 Que hoje não devo
 Queixas formar.

Mas só pedir
 Aos Céos Sob'ranos
 Que felicitem
 Teus fãos os annos.

LICEO.

Agora, bom Pastor, vamos depressa,
 Que o festejo na Aldéa se começa.
 As cantigas, que aqui já dito temos,
 Na presença de Eliza cantaremos,

BELMIRO.

Vamos, Liceo; e os justos Céos piedosos
 Queirão fazer, (tornando-a menos dura)
 Que esses teus Versos sejam mais ditosos,
 E que tenham que os meus melhor ventura.

QUA-

QUADRA.

Atira, Cupido, atira,
 Atira já livremente;
 Fere-me aquella ingrata;
 Mata-ma já de repente.

GLOZA.

Sobre o braço reclinada
 Dormindo está: Deos d'Amor,
 Do teu cruel passador
 Afia a ponta dourada:
 N'hum brando somno engolfada,
 Que o sentimento lhe tira,
 Nem sequer o ar respira...
 Que opportuna occasião;
 Prepara o duro farpão;
Atira, Cupido, atira.

Atira.... Mas que embaraço
 Te fez o corpo tremer?
 Sem alguma força ter
 Cahe languido o rijo braço!
 Animo, Amor: ferreo laço
 Abranja o punho inclemente,
 Aqui mesmo, de repente
 Sinta o peito empedrenido,
 Que o Deos d'Amor offendido
Atira já livremente.

Sinta, que os teus passadores
 Rasgão a penha mais dura,
 Que da altiva formosura
 São teus ferros vencedores.
 Que Vassallos, e Senhores
 Te rendem submissão grata:
 Mas para que se dilata
 Hum triunfo, huma victoria?
 Vai alcançar tanta gloria,
Fere-me aquella ingrata.

Quente sangue inda fumando
A fria terra salpique,
Anarda desde hoje fique
Grossas prizões arrastando.
Mas, se assim mesmo, zombando
Contra o teu braço potente,
Mostrar a Ingrata que sente
No peito impia crueldade,
Então não haja piedade,
Mata-ma já de repente.

QUA.

Q U A D R A.

Ouvindo a Razão sagrada,
 Vi teu genio enganador:
 Acabárão-se os gemidos,
 Ah! não mais, não mais amor.

G L O Z A.

Qual enfermo delirante
 Com a febre angustiado,
 Assim tinha neste estado,
 Marilia, meu peito amante.
 Fui supportando constante
 A chamma desesperada;
 Mas a paixão tão pezada
 Ganhando rancor, e tédio,
 Para tudo achei remedio,
Ouvindo a Razão sagrada.

Es-

Escutando-a, de repente
Alcansei consolação,
Prazer, que o meu coração
Venturoso agora sente.
Junto d'ella claramente
Conheci teu falso amor:
A gelando-se de horror
O sangue nas próprias veas,
Practicar mil acções feas
Vi teu genio enganador.

Custou-me, fallo a verdade,
Horas de melancolia
A tyranna alleivosia
Da tua infidelidade.
Porém, tendo em liberdade
A força dos meus sentidos,
Teus protestos fementidos
Risquei do meu pensamento,
Marilia deitei ao vento,
Acabarão-se os gemidos.

Livre agora da tormenta,
Em que me vi soçobrado,
Esquecendo o mal passado,
Doce ventura me alenta.
Nem já mais se representa
A idéa do teu rigor:
Porém, tendo inda temor
De tornar a padecer,
Nunca mais Marilia ter,
Ab! não mais, não mais amor.

QUADRA.

Tristes enganos do Mundo,
Já he tempo de acabar:
Dos homens a variedade
Me fez já desenganar.

GLOZA.

JA' sem fructo ; em vão se csnça
A ingrata , infiel Pastora :
O meu peito em cada hora
Mil desenganos alcança.
Na fantastica esperança
Insensato não me fundo :
Conheci que do jucundo
Rosto seu a perfeição ,
Que os attractivos só são
Tristes enganqs do Munda,

Por ella dava gemidos,
 Que todo o campo atroavão,
 Na Aldéa não se encontravão
 Excessos mais repetidos.
 Com mirtho os jasmins tecidos.
 Seu cabello hião ornar :
 Sempre andava a publicar
 De Marilia a formosura ;
 Porém huma tal loucura
Já he tempo de acabar.

Foi notoria a aleivosia,
 Que encerrava no vil peito ;
 Logo pude ver desfeito
 O grilhão, que nos prendia.
 Já vivo... quem tal diria !
 Na gostosa liberdade ;
 Diga embora a mocidade
 Que ser constante não pude ;
 Que em taes casos he virtude
Dos homens a variedade.

Inda Marilia pensava
Vibrar agudos farpões,
Inda forçadas prisões
A infiel me preparava.
O veneno, que occultava,
Então vim a penetrar:
Ainda temi quebrar
D'Amor a dura cadéa;
Mas em fim huma acção fêa
Me fez já desenganar.

QUA-

Q U A D R A.

Se entre nós até morrer
Não ha de haver união,
Eu não quero viver mais,
Mata-me por compaixão.

G L O Z A.

M Arilia, quando hontem vi
Amor no teu lindo rosto,
Logo, cheio de desgosto,
Olhar-me irado o senti.
Coalhou-se o sangue, tremi,
Nada lhe pude dizer:
Mas ao depois quiz saber
Se queria estar comigo,
Se tão sómente contigo,
Se entre nós até morrer.

Louco, me responde Amor,
Desvanece os teus intentos;
Pois tão altos pensamentos
São dignos do meu furor.
E's hum rustico Pastor,
Creado na solidão;
Marilia de perfeição
Tem partes celestiaes,
E entre peitos desiguaes
Não ha de haver união.

Ah, cruel! então gritei,
Tu só me podes matar,
Não me querendo enlear
Ao coração, que alcancei.
Mas se a tua infame lei,
Se os teus decretos fataes
Não se abrandão com meus ais.
Da-me a morte desastrada;
Pois perdendo a minha Amada,
Eu não quero viver mais.

Depois de me responder
Mil injustos desenganos,
Nos teus olhos soberanos
Foi-se o Cruel esconder.
Sim, Marilia, se has de ter
Tão ferido coração,
Antes no meu peito então
Enterra hum duro punhal,
Evita-me o maior mal,
Mata-me por compaixão.

QUA-

QUADRA.

Os olhos da minha Amada
Mais que todos lindos são:
Em tudo he agradável,
He formosa sem senão.

GLOZA,

Quando a minha bella idade
Na pobre Aldéa passava,
Rindo-me d'Amor, cantava
Os gostos da liberdade.
Do cégo Deos da impiedade
Não temia a farpa hervada:
Como penha inanimada
Aos seus tiros resisti,
Até o instante, em que vi
Os olhos da minha Amada.

Apenas pude encontrar
Huma vista enternecida,
Qual Rolinha, que he ferida,
Entrei logo a desmaiar.
Ouvia-se palpitar
O vencido coração :
Não causem espanto, não,
Efeitos tão repentinos ;
Pois os seus olhos divinos
Mas que todos lindos são.

Na loura trança se vem
Brincar travessos Amores ;
Do pejo as amaveis cores
Ornada a face lhe tem.
O Rizo, a Graça, o Desdem
A fazem mais estimavel :
O seu genio incomparavel
He centro de perfeições,
Prende, encanta os corações,
Em tudo he agradavel.

Ah ! mortaes ! a Mãi d'Amor
Inveja os encantos seus ;
Vai altos nobres trofeos
Aos seus pés rendida pôr.
Esta Ninfa he sup'rior
A qualquer comparação :
Se pôde haver perfeição,
Que não tenha algum defeito,
Só a que vive em meu peito
He formosa sem senão.

M O T E.

A lembrança do passado
Infunde melancolia.

G L O Z A.

DE que serve ter gravado,
No meu triste pensamento
O nosso contentamento,
A lembrança do passado?
De que serve se acabado
Vejo o bem, que possuia?
Quanto mais feliz seria,
Se podéra ver riscada
Imagem, que só lembrada
Infunde melancolia!

Zombei do jugo pezado,
 Que tantos annos soffri:
 Sou feliz; até perdi
 A lembrança do passado.
 Já tenho roto, e quebrado
 O grilhão, que me prendia,
 Livre da vil tyrannia
 D' Amor, vivo satisfeito:
 Agora nada em meu peito
Infunde melancolia.

M O T E.

Não te posso declarar
Os segredos do meu peito.

G L O Z A.

SE quero, Anarda, expressar
O meu funesto desgosto,
Em vendo teu lindo rosto,
Não to posso declarar.
A hum continuo suspirar
Fico, Anarda, então sujeito;
Mas teu genio contrafeito,
Que faz reparo em me vendo,
Nos meus olhos está lendo
Os segredos do meu peito.

MO-

M O T E.

Com passo igual, como a Morte,
Piza Amor a choça, e o Throno.

G L O Z A.

HE d'Amor o Imperio forte
Tão pestifero aos humanos,
Que fomenta estragos, damnos,
Com passo igual, como a Morte.
Muda dos mortaes a sorte,
Troca o Inverno em Outono,
Faz perder o brando somno,
Não respeita sob'rania;
Com a mesma tyrannia,
Piza Amor a choça, e o Throno.

MO-

M O T E.

O nome da minha Amada.

G L O Z A.

QUando da ausencia o tormento
 Com mais força augmentar vejo,
 Vou para as margens do Tejo
 Dar allivio ao pensamento,
 Modera-se algum momento
 A paixão desesperada:
 Porém, sentindo ateadas
 A viva saudade, afflicto
 Entre suspiros repito
 O nome da minha Amada?

Ex^a

Extincta a mimosa côr
 Do rosto lindo, e engraçado,
 Ao pé do Tejo sentado
 Vi Cupido, o Deos d'Amor.
 O amolado passador
 Tinha na aljava doirada;
 E huma concha prateada
 Da ruiva aréa apanhando,
 Nella gravava, chorando,
 O nome da minha Amada.

Todo este Tejo se admira
 Da paixão, a que me atrevo;
 Pois em qualquer parte escrevo
 A minha cara Belmira.
 Nas costas da pobre Lira
 A tenho tambem gravada,
 Na mesma neve gelada,
 Em qualquer pequeno galho,
 Quasi transportado, entalho
 O nome da minha Amada.

A chei, mortaes, hum segredo
Para abrandar o Tyranno,
Cujo peito deshumano
He mais duro, que o rochedo.
O que faz suar de medo
A mesma testa c'roadada,
O que a cadéa pezada
Nos pulsos lhe lança rindo,
Treme de susto em ouvindo
O nome da minha Amada,

Se gratos Versos formais,
Louvando as Ninfas do Tejo,
Com taes objectos não vejo
Vossos contos immortaes.
Ah! se acaso desejais
Huma gloria sublimada,
Ao som da Lira dourada
Cantai, ó caros Pastores,
A graça dos meus amores,
O nome da minha Amada.

Nem as ternas cantilenas,
 Que no Tejo ouço entoar,
 Tem força para abrandar
 As minhas horriveis penas.
 Aborreço as bellas scenas
 Da campina matizada;
 Tudo me atormenta, nada
 Com prazer me vai nutrindo;
 Só me consoló em ouvindo
O nome da minha Amada.

Quando a calma ardente cresta
 Do campo a grata verdura,
 Vou procurar a frescura
 D'huma sombria floresta.
 Alli passo a quente sésta
 Sobre a relva matizada;
 E, tendo a idéa occupada
 No meu objecto divino,
 A's mesmas aves ensino
O nome da minha Amada.

Junto á saudosa corrente
D'hum pacifico ribeiro
Passo quasi o dia inteiro
Livre da importuna gente,
Huma avesinha innocente
He companheira adorada;
E vive tão costumada
Ao que sempre estou dizendo,
Que já repete em me vendo
O nome da minha Amada.

Mil pensamentos inspira
Hum canto doce, e agradável,
A Pastora mais amavel,
A minha cara Belmira.
He por ella a branda Lira
Divinamente animada,
A mesma Faia copada
Mais altiva se conhece,
Quando no tronco apparece
O nome da minha Amada.

A comprida trança d'ouro,
De que Amor fórma as prizões.
He o objecto das Canções
Dos pastores lá no Douro.
He Belmira, o meu thesoiro
Tambem no Tejo adorada;
A Faia mais elevada,
O Cipreste, a gruta, a penha,
Não ha cousa, que não tenha
O nome da minha Amada.

M O T E.

A tua ausencia, meu Bem,
Me ha de tirar a vida.

G L O Z A.

AH Elmira! parte, vem
Minha morte suspender;
Pois já não posso soffrer
A tua ausencia, meu Bem.
Anda consolar a quem
Vive n'huma infausta lida:
A dura Sórte intimida
Antes que mais se embraveça;
Senão verás que depressa
Me ha de tirar a vida.

Con-

Contra mim poder não tem
Contra a prisão, que me enlaça,
Toda a força da desgraça,
A tua ausencia, meu Bem.
Debalde pertende alguém
Roubar-me a fé promettida;
Pois antes que consumida
Seja esta paixão fiel,
Primeiro a Morte cruel
Me ha de tirar a vida.

CAN-

C A N T I G A S.

SE atégora desgraçado
Dei ao vento inúteis ais,
Hoje rompo em mil pedaços
D'Amor as prizões fataes.

Em vão, doces Esperanças,
Ao longe o premio mostrais;
Sei quanto já me enganastes,
E que agora me enganais.

Ainda da tempestade
Vejo frescos os signaes;
Ainda, paixões, me lembra
Quantos suspiros custais.

Fervião dentro do peito
Iras, Zelos infernaes,
Nunca tinha refrigerio,
Dava sempre tristes ais.

Hum doce feliz socego
Me cresce cada vez mais,
Já d'Amor não sinto n'alma
Os seus venenos mortaes.

Vós, affictos corações,
Que em tormentos suspirais,
Aprendei do que hoje faço,
Se ventura desejais.

Se com triste, amargo pranto
A fria terra ensopais,
Acabe o cruel motivo,
Porque vós tanto chorais.

Gemendo se passa a noite,
O dia affictos passais,
Se isto por Amor fazeis,
D'Amor que prethio esperais,

Vede o sangue inda fumando,
Que entre ferros derramais;
He vergonha pór Pastoras
Fazer sacrificios taes.

Não vos prendão as promessas,
Que ás tyrannas escutais.
Soffrendo tristes enganos,
Se nellas vos confiais.

Nutrem no fingido peito
Odios, vinganças mortaes;
Desprezão vossos gemidos.
Zombão, quando suspirais.

Se acaso destas infames
Algum favor alcançais,
Por quantos duros tormentos
Este favor não comprais?

Ah! fugí destas Serpentes,
Tristes, miseros mortaes,
Que vos enchem de veneno,
Quando o peito lhe mostrais.

Ouvi de mil desgraçados
O som de languidos ais:
Ah! tremei, e desde agora
Quebrai os laços fataes.

Depois vereis quanto infames
São d'Amor os cabedaes,
Que aborreceis mortalmente,
O que agora deseçais.

Se, enfadados de gemer,
O meu exemplo tomais,
Adeos, triunfos d'Amor,
Então de todo acabais.

CANTIGAS.

ENtre toscas, brutas penhas
Vou nutrir a minha dôr:
Anarda, fica com Deos,
Adeos para sempre, Amor.

Desde hoje não ouvireis
Gemer hum triste Pastor:
Eu te deixo, linda Anarda,
Adeos para sempre, Amor.

Pendente n'hum velho tronco
A minha Lira vou pôr :
Acabarão-se os meus gostos ,
Adeos para sempre , Amor.

Pouco , e pouco irei murchando ,
Como a já cortada flor :
Serão breves os meus dias ,
Adeos para sempre , Amor.

Não verei soprar-me a vida
Hum semblante encantador ,
Comtigo tudo me fica .
Adeos para sempre , Amor.

Não terás mais o trabalho
De enterrar o passador :
Vai-se embora hum teu escravo ,
Adeos para sempre , Amor.

Com as feras mais humanas
Eu vou ser habitador :
Se lá não podes voar ,
Adeos para sempre , Amor.

Mas

Mas se algum dia mais forte
 Me apertar a mortal dôr,
 Lá vai o pobre Belmiro,
 Adeos para sempre, Amor.

CANTIGAS.

A Mor, voando ao meu peito,
 Ternos amores me ensina,
 E nelle co' a farpa escreve
 A minha formosa Alcina.

Depois a Lira tomando
 As cordas todas afina,
 E me pede que cantemos
 A minha formosa Alcina.

Tanto pede, tanto roga,
 Amor tanto me allucina,
 Que cantamos deste modo
 A minha formosa Alcina :

Pe-

Pequenas, mimosas flores,
Que esmaltais esta campina,
Correi contentes ornar
A minha formosa Alcina.

Se de orvalho inda levardes
Fria gôta cristalina,
Como Astro fareis brilhante
A minha formosa Alcina.

Toucai-a, mais sobre o peito
Fique a mimosa bonina,
Esta tornará mais bella
A minha formosa Alcina.

Hum festão de roxos goivos
Lhe encadée a trança fina:
Ah! fazei Deosa das Graças
A minha formosa Alcina.

E, se poderdes, dizei-lhe,
Que só ella me domina,
Que só extremoso adoro
A minha formosa Alcina.

Que-

Que ainda, que mil venturas
Fausta sorte me destina,
Pobre serei, não me dando
A minha formosa Alcina.

Que assim mesmo deshumana,
Dura, cruel, e mofina,
Que assim mesmo he o meu encanto
A minha formosa Alcina.

Que quer mettido nas brenhas,
Quer na praia, ou na campina,
Repito ao som de suspiros
A minha formosa Alcina.

Que ninguém conhecer póde,
Nem levemente imagina,
Quanto adoro, quanto estimo
A minha formosa Alcina.

Mas, se virdes que enraivada
Com ouvir vos se amofina,
Deixai-a, não molesteis
A minha formosa Alcina.

Então procurando os pés
 Desta Pastora divina,
 Adorai os meus amores,
 A minha formosa Alcina.

Fez-me suspender o canto
 Huma gloria repentina:
 Vi chegar ao pé de mim
 A minha formosa Alcina.

C A N T I G A S.

CLaro Douro, que atravessas
 Este verde salgueiral,
 Suspende as ligeiras águas,
 Deixa contar-te o meu mal.

Não queiras, não, em dureza
 A huma féra ser igual,
 Como ella de mim não fujas,
 Deixa contar-te o meu mal.

Se

Se de horror toldar as aguas
A minha historia fatal ,
Não corras mais apressado ,
Deixa contar-te o meu mal.

Para saberes o pouco
Que a fé das Pastoras val ,
Ouve a minha desventura ,
Deixa contar-te o meu mal.

Porém já como assombrado
Corres turvo , e desigual ?
Ah ! socega , Douro amado ,
Deixa contar-te o meu mal.

Mas em fim , parte ligeiro
Saudar o feliz casal :
Pois a dura angustia não
Deixa contar-te o meu mal.

F I M .

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF MODERN ART
1900
1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000



V E R S O S

D E

B. A. DE S.

B E L M I R O

PASTOR DO DOURO.

TOMO III.



L I S B O A ,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1 8 1 6 .

*Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

*Vende-se em casa de Rolland, Rua Nova dos
Martyres, N. 10.*

ADVERTENCIA.

O acolhimento, que merecerão os dous primeiros volumes das Poezias de Belmiro, Pastor do Douro, me obrigará a juntar algumas obras posthumas do mesmo Author, que apparecem á luz; e para completar o volume. He uni as obras de hum particular amigo do Author, as quaes elle conservava entre as suas, e que me persuado merecerão igual acolhimento.

S O N E T O .

Inimigos da paz, e da amizade,
Quimericos Heroes, a quem a sorte
O flagello entregou, e a horrivel morte,
Com que assolais a incauta humanidade;

Cevados na ambição, na crueldade,
Pizai o fraco, e derrubai o forte;
Deixando a triste esposa sem consorte,
E o filhinho na timida orfandade.

Partai-vos de ver sangue: heroica rima
Cantará vossa gloria deshumana;
Pois ha Genio, que taes acções estima.

Não eu: porque na rustica choupana,
Occupado no objecto, que me anima,
Só cantarei alegre a minha Albana.

SONETO.

O teu rosto gentil entre as Serranas,
 De todo o nosso Douro cavernoso,
 Parece o branco Lirio magestoso,
 No meio de viçosas espadanas.

O monte, o campo, as rústicas choupanas
 Nunca mostraõ objecto mais formoso ;
 Qualquer Pastor te adora respeitoso,
 Como a alguma das Deozas soberanas.

Sim, meu bem, não duvides, que em belleza,
 Em graças, em modestia, em compostura,
 Foi pródiga contigo a natureza.

Já mais vi tão amavel creatura!
 Thé nem a menor sombra de fereza,
 Eclipsa a tua rara formosura.

SONETO.

Raia a clara manhã, acaba o dia, A
 A parda noite chega, torna a Aurora,
 E não posso alcançar n'hum só hora,
 O mais pequeno toque de alegria. 1

Retráda na inquieta fantazia,
 Vive a inconstancia da infiel Pastora;
 Recordo-me, q' he bella, q' he traidora,
 E que dantes humana me attendia. 2

Sem ter ligeira sombra de esperanza,
 Benetrantes angustias vem ferir-me,
 Meu triste peito de gemer não canda. 3

Que remedio pois contra affligir-me? (4)
 He proprio n'hum tal sexo o haver mudan-
 Não seria mulher, se fosse firme. 4

SONETO,

À sombra de frondosos castanheiros ,
 Que a viraçãõ agita brandamente ,
 Nas tardes vou passando a calma ardente,
 The q' deite á campina os meus cordeiros.

Saõ unicos , e amaveis companheiros
 Na situaçãõ tranquilla , que a alma sente,
 Nenhum cruel cuidado impertinente
 Tolhe os meus passatempos lisongeiros.

Das aves escutando a alta cadencia ,
 E aos maiores transportes elevado ,
 Parece que adquire outra existencia,

Que falta para ser afortunado ?
 Entre este sacro azilo da innocencia
 Só resta Albano ter junto ao meu lado.

SONETO.

Não me fujas, Albana; por piedade
 Permite o bem da tua companhia,
 Pois será deshumana tyrannia,
 Que esrale de afflicção, e de saudade;

Ouve a queixa expressiva da amizade;
 Que a mais veloz corrente sustaria;
 Prática agora o mesmo, que eu faria;
 Não fujas, mostra entranhas de bondade.

Se a aldêa tem prazeres innocentes,
 Douz amantes unidos pelos Ceos,
 Em qualquer parte pôdem ser contentes.

Formosa Albana, attende os rogos meus;
 Mas se acaso he forçoso, que te auzentes,
 Dize-me ao menos; *Meu Belmiro adeus!*

S O N E T O.

Eu parto , amado bem , fero o Destino
 Assim o quer , não posso combatê-lo ;
 Mas deixando o teu rosto lindo , e bello ,
 Vou cheio de paixão , quasi sem timor

Em vão suspiros dou , e me amofino
 Pela triste cegueira de não vê-lo ;
 Principio a viver entre o flagello
 Tenho tornado aos tempos de menino.

Mas para desafogo da saudade ,
 Hum coração , que livre persistia ,
 Te deixo entregue já sem liberdade.

Pois nas mãos do tormento estalaria ,
 Se este penhor mais terno da amizade
 Não ficasse na tua companhia.

SONETO

Cheguei ao grão mais alto de ventura
 A que podia alçar-me o pensamento:
 Vi Corina, fatiei-lhe, e o meu tormento
 Junto della encontrou a sepultura.

Seus bellos olhos chetos de ternura,
 Animavaõ o meu contentamento,
 Sentia dentro d'alma aquelle alento,
 Que ao sequioso, inspira a fonte pura.

Mas, perdendo esta amavel companhia,
 Meu coração cativo agora existe,
 Cercado de affeições, e de agonia.

Aos caprichos do fado, quem resiste!
 Não pôde conservar huma alegria,
 Que sempre e por sempre viver triste.

S O N E T O.

Depois de ter passado a Primavera ,
A doce Primavera dos meus dias ,
Pensei , que nunca mais me envolverias
Nos pezados grilhões , que já soffrêra.

Cuidei , Amor , que aquella paixã fêra ,
Que origina mortaes melancolias ,
A ateavas , em quanto não sentias
Do encanecido tempo a mão severa.

Enganei-me , lie verdade : sem respeito
Vibraste agudas settas penetrantes ,
Que incuráveis feridas me tem feito.

Voltei á triste esquadra dos amantes ,
E até para meu mal ainto no peito
Huma paixã cruel maior que antes.

SONETO

Não me admira, que o pobre marinheiro,
 Tendo mais de cem-vezes naufragado,
 Torne afoito a sulcar o mar irado,
 Esquecendo até o perigo derradeiro.

Que intrépido o soldado aventureiro,
 Deixe a querida patria, e volte armado
 Ao mesmo campo ainda borrifado
 Com sangue do amigo, e companheiro.

Aquelle, alta fortuna o allucina,
 Este, que heroe na idéa se retrata,
 Voa contente á propria ruina.

Mas a mim, que me céga, e me arrebatá?
 Porque amo novamente, se em Corina
 Nada posso encontrar mais, q' huma in-
 (grata?

SONETO

Teu bello rosto, que mil almas prende,
 A singella innocencia, o teu agrado,
 Me pozerão, Albana, em tal estado,
 Que não me entendo, nem alguém me en-
 (tende.

Já da propria vontade mal depende
 o Tomar do meu rebanho algum cuidado;
 Vive sem o Pastor, e encorralado
 o Pelas ferteis campinas não se estende.

Agora tudo o meu sossego altera,
 De balde o coração triste procura
 Recobrar a alegria, que perdéra.

Vê pois, se pôde haver sorte mais dura!
 Necessito encontrar genios de fera,
 Para respirar livre, e ter ventura.

S O N E T O

Mil cousas impossiveis déstramente ;
 Na vagã fantazia estou pintando ;
 ; Ora cuido , que huma Provincia mando ,
 Ora , que leis imponho a toda a gente.

Muitas vezes me creio de repente
 N'huma soberba quilha o mar sulcando ,
 Para o seio da patria transportando
 Os thezouros mais ricos do Oriente.

Mas inda além dos traços de ventura ;
 Que risca o meu desejo , e aqui refiro ,
 Voã meus sonhos a maior altura.

Com Albana estar penso n'hum retiro ,
 Que piedosa , e sensivel á ternura ,
 Me chama o seu Pastor , o seu Belmirô.

S O N E T O.

Que me importa , Nerina , que tu graves
Nos lizos troncos expressões sincéras ,
Que apanhes flores , e em flexiveis heras
Formes capellas , e festões acabes ?

Que os accentos harmonicos suaves
Do teu canto domesticquem feras ?
Que quando a grata cithara tempéras
Pouzem para te ouvir immensas aves ?

Que me importa , digo eu , q em toda a aldêa
Espalhe mil prazeres teu agrado ,
Que abater faças a tristeza fêa ?

Naõ, se mudando meu destino irado ,
Será menos pezada esta cadêa ,
Vendo o mundo infeliz , e desgraçado.

S O N E T O.

Inda quando me vejo suffocado
No meio da afflicção, e do tormento,
Nunca deixa o meu triste pensamento
De entreter-se contigo, objecto amado.

Tudo o mais, que possuo, algum cuidado
Não me deve: em continuo esquecimento
Andaõ sempre os cordeiros, q̃ apascento,
Ficando varias noites no montado.

Olha, Albana cruel, quanto mereço !
Em que divida estás: até que ponto
Me arrastra da paixão o grande excésso !

Males, que tu não causas calco, e afronto,
Superior a tudo me conheço :
E que paga me dás? Chamas-me toton.



I D I L I O.

Dentro da humilde çabana,
 Belmiro passava o dia,
 Presenceando os combates,
 Que no seu peito sentia.

Já tinha o cruel amor,
 Quasi o coração rendido,
 De balde afflicto se opunha
 Ao seu furor desabrido.

Batia as azas ligeiro,
 Com ancia suspiros dava,
 Mas o tyranno, mais féro,
 Agudas settas cravava,

De negro sangue esvaído,
 Não pulsa, não tem alento,
 Fica o triste coração
 N'hum mortal abatimento.

Entrão amor reflectindo
 Na victoria, que alcançava,
 Dando hum sorriso maligno,
 Desta maneira fallava :

„ Triunfei : hoje venci ,
 Insensível coração ,
 Os teus livres desatinos ,
 A tua altriva izençaõ.

Corria o tempo veloz ,
 A semana , o mez , e o anno ,
 Sem que tu reconhecesses
 O meu poder soberano.

Fazias mil sacrificios
 Á odiosa liberdade ,
 Esta Deosa , que abomino ,
 Era a tua Divindade.

Se alguns suspiros ouvias ,
 Filhos da minha ternura ,
 A esta emoção amavel
 Chamavas cega loucura.

No meu templo testemunhos
 De mil amantes estaõ ;
 Só não se encontra pendente ,
 Signal da tua paizaõ.

Os mesmos Deoses respeitaõ ,
 E soffrem os ferros meus ;
 E tu , coração vencido ,
 Querias ser mais que hum Deos ?

Reconhece o meu poder ,
 Sente a tragadora chamma ,
 E ab som de grossas cadeas ,
 Suspira , soluça , aia. »

Tom. III.

B

Então Amor, d'hum setta
 Com a ponta aguda, e fina,
 Entalhou no coração
 Este nome de *Corina*.

Depois de ter arrancado
 As farpas quasi mortaes,
 Com vozes menos severas,
 Ainda lhe falla mais:

» Eis-aqui o amavel nome
 Daquella, que detérmino
 Ser a unica Senhora
 Do teu occulto destino.

He huma Pastora innocente,
 De rosto gentil, e bello;
 Que, se as Graças renascessem,
 Serviria de modelo.

Seus olhos, que raios lançaõ,
 Como a Aurora em manhã clara,
 As minhas settas seriaõ,
 Se a vencer-te não chegára.

Corina, a bella Corina,
 Assombro do nosso Douro,
 De innocentes qualidades,
 Tem o mais rico thesouro.

Eu bém podéra vingár-me
 Do teu desprezo odioso;
 Mas não, mesmo entre os meus ferros,
 Quero que sejas ditoso.

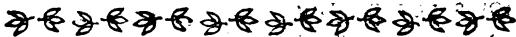
Quero, que tendo já visto
 O seu rosto encantador,
 Chores por perdido o tempo,
 Que viveste sem amor. »

Assim fallou, e soprando
 Novo alento ao coração,
 Entrou a mover as azas
 Com a antiga agitação.

Cupido voou ao templo,
 N'hum columna gravar
 A historia, de quem acaba
 De em seus grilhões enlevar.

Belmiro, o triste Belmiro,
 Depois de ter observado
 Quanto se passa, estremece
 Como d'hum sonho acordado.

Levanta-se, e suspirando,
 Toma a branda lira, e a afina;
 Mas nada mais cantar pôde,
 Que Amor, e a sua Corina.



E G L O G A.

BELMIRO, E FILENO.

Deixou a triste aldêa o bom Fileno,
 Para alivio buscar aos seus cuidados;
 E entrando por hum sitio occulto, e ameno
 Vio, ainda de fresco, estar gravados
 No mais formoso cedro da campina
 Os nomes de Belmiro, e de Corina.
 Junto do tronco chega, já temendo,
 Que isto fosse illusão da fantezia;
 Mas o letrado novamente vendo,
 De afflicção penetrado assim dizia:
 „ He possivel, q̃ ainda hum signal veja,
 De que o triste Belmiro amante seja!
 Será: por mais estragos, que soffrido
 Tenha hum pobre mortal, por mais que
 Nova paixã lhe risca do sentido (jura,
 Os vestigios da antiga desventura:
 Experiencia, razaõ, saõ fraco escudo;
 Huma só yista ás vezes vence tudo.

Mas q̃ lhe hei de fazer? . . . » E suspirando
 Sobre a doce lembrança da amizade,
 Olha para o letreiro, e vai andando,
 Cheio de compaixão, e de piedade,
 Alguns passos formando, se quedava,
 Reflectia, e de novo suspirava.

Assim foi caminhando, porém logo
 A Belmiro encontrou, que buscar vinha
 Tambem ao campo o mesmo desafogo.
 Mal chega junto d'elle: » A sorte minha
 (Abraçando-o lhe diz) he venturosa,
 Pois o meu coração hoje te goza. »

Ah Fileno ! (Belmiro lhe responde (ços)
 Outra vez apertando-o entre os seus bra-
 Que passeio ditoso ! Pois aonde
 Podia dirigir melhor os passos ? (zes,
 Chego a vêr-te, Pastor, q̃ ha quatro me-
 Que appareces na aldêa raras vezes.

A minha vida hum pouco embaraçada,
 (Fileno lhe tornou) a sementeira,
 A funda cava, a vinha ser podada,
 Me gastaõ a semana quasi inteira:
 No Domingo não falto ir ao festejo,
 Mas lá, Belmiro meu, nunca te vejo.
 Já tinha nisto mesmo reparado,
 E a fallar-te a verdade, presumia,
 Ou que estavas doente, ou namorado,
 Pois o coração prézo, que Amor guia,

Embrenhaõs lugares só procura
 Para nutrir a sua desventura. »
Acabou de fallar, porém **Belmiro**,
 Em silencio ficando alguns instantes,
 Apenas lhe responde c'hum suspiro.
 » Os signaes, que em ti vejo saõ bastan-
 (Continua Fileno) Eu sei agora, (tes:
 Que huma paixã amante te devõra.
Mas naõ quero, que rompas hum segredo,
 Que já a tua cegueira fez patente
 Pelos troncos mais grossos do arvoredo:
 Se com amor se pôde ser contente,
 Vive feliz; e adeos, que levo pressa,
 Em voltar a casa antes que anoiteça.
 Queria retirar-se, e de improviso
 O seu amigo com transporte o abraça:
 » Naõ fujas, meu Fileno, pois preciso... »
 Com soluços a voz se lhe embaraça,
 Naõ pôde mais fallar com agonia,
 Só chorar livremente he que podia.
Ah naõ fujas... naõ fujas... (vai dizendo,
 Conservãdo a Fileno entre os seus braços)
 Encobri-te o meu peito, eu me arrependo
 De occultar-te estes meus ditosos laços:
 Desperta os sentimentos da amizade,
 Attende o teu Belmiro por piedade. »
Dos olhos de Fileno rebentãraõ
 Lagrimas tristes, lagrimas sinceras:

Pela mão o conduz , e se assentáraõ
 Sobre hum montão de entrelaçadas heras:
 Entãõ Belmiro menos perturbado ,
 Deste modo lhe conta o seu cuidado :
 Ninguem , Fileno meu , fiar se deve
 Nos doces bens , que a liberdade inspira,
 Pois, quando a Amor lhe práz, em tempo
 Contra a nossa ventura se conspira. (breve
 Aborrece o descanso , e os seus ouvidos
 Querem sempre escutar mortaes gemidos.
 Exemplo triste sou , que ha poucos dias
 Meu gado apascentava satisfeito,
 E hoje sinto penosas agonias ,
 Como furias cruéis roer-me o peito.
 Voltou do Inverno a tempestade féra,
 Acabou minha alegre primavera.
 Tu mesmo és testemunha do socêgo ,
 Em que a minha alma livre respirava :
 Vivia izento sem algum apêgo ,
 Mais q̃ ao proprio rebanho , q̃ guardava.
 Ai de mim ! trãformei-me n'hũ instante,
 Soluçõ ... gemo ... choro ... sou amante.
 N'outro tempo , he verdade, já sustive
 A força deste amor , que me devóra ;
 Porém nunca , Fileno , nunca tive
 Paixaõ mais extremosa do que agora :
 A razaõ me fugio , pareço hum tonto ,
 E a causa quem será ? Ora eu ta conto.

Estando com Jozino na cabana
 Da estimavel Almena, se juntáraõ
 Nessa tarde Marilia, Isbella, Albana,
 E outras mais, cujos nomes me escapáraõ,
 E entre estas, para ser minha ruina,
 A incomparavel, a gentil Corina.

Apenas reparei nesta Pastora,
 O coração tremeo-me de assustado,
 Já prevendo talvez não ter demóra
 O grilhaõ, que lhe havia preparado.
 Porém meus olhos embebidos estavaõ
 Nas raras perfeições, que nella achavaõ.

Sim, Fileno adorado, retratar-te
 Eu quizera esta amavel creatura,
 Tendo a divina, e indispensavel arte
 Para formar angelica pintura.
 Hum portento he Corina, todo o mundo
 Entre a sua extensaõ não tem segundo.

Nos grandes olhos, que a viveza anima,
 Existe hum não sei que, q' almas enlaça:
 Ah faltaõ-me palavras, com que exprima
 A grave compostura, o encanto, a graça,
 Com que escapaõ sorrisos disfarçados
 Por entre os lindos beiços encarnados.

Seu branco seio, que a immortal decencia
 Continuamente traz acautelado,
 Da brandura, do afago, da innocencia
 He o azilo feliz, e o mais sagrado.

Corina he bella : a sabia natureza

A formou de defeitos salva , e illeza !

He pois esta , que eu vi naquella tarde ,
 Que lançando ao meu peito huma só vista ,
 Fez atear o lume , em que afflicto arde :
 E a quem póde encontrar , q̃ lhe rezista ?
 Ah ! nem tive lugar de defender-me ,
 O mesmo foi chegar , vêr , e vencer-me.

As Pastoras quizerão , que tocasse
 A minha branda cithara singella ,
 E que tambem depois acompanhasse
 As Canções innocentes ao som della.
 Logo Corina , e Almena se ajustáraõ ,
 E alegres a cantar principiáraõ.

O terno rouxinol na occulta faia ,
 Junto do amavel par , que os filhos cria ,
 As sonoras cantigas nunca ensaia
 Com tanta força , e tanta melodia.
 As suas vozes magestosas , graves ,
 Tinhaõ accentos muito mais suaves.

Eu não sei se toquei , ou se calado
 Ficava alguns instantes o instrumento ,
 Pois ás vezes me achava reclinado ,
 Sem tino , sem acção , sem movimento.
 Tanto póde connosco a paixãõ cega ,
 Quando , Fileno meu , a amar se chega !
 Perto estava da noite , e era forçoso ,
 Deixar aquella por quem já morria :

Deixei-a em fim ; mas quanto fôï custoso
 Perder a sua doce companhia !
 Tu , ó meu coração , bem o mostraste
 No muito , que saudoso suspiraste.
 Mal na minha cabana recolhido
 Pude estar solitario , e sem ter gente ,
 Estes olhos choráraõ ter perdido
 A amavel liberdade amargamente ;
 Porém lagrimas tristes , bom Fileno ,
 Nunca lavaõ d'amor cruel veneno.
 De noite o peito afflicto me arquejava ,
 Fugia espavorido o somno brando ;
 Só a imagem daquellea , que adorava ,
 Vivamente me estava acompanhando.
 Os funestos , os negros pensamentos
 Traziaõ apõz si impios tormentos.
 Já farto de futar , mal'raia o dia ,
 Busco o meu bem , desenganar-me quero ;
 E entre susto , e esperança lhe exprimia
 Toda a paixão , o meu amor sincero :
 Entaõ pendia delle a minha sorte ,
 Huma vida feliz , ou prompta morte.
 Corina com bõdade esteve ouvindo
 Do peito mais fiel a paixão pura ,
 E as brancas faces de carmim cobrindo ,
 Deo novo lustre á sua formosura ;
 Mas esta novidade a voz lhe priva ,
 Ficando alguns instantes pensativa .

Porém, Fileno amado, eu sou ditoso ;
 Vencéo o amavel pejo, que a sustinha ;
 E com gesto innocente vergonhoso, (nha,
 Pondo os olhos no chaõ, q ha de ser mi-
 Me promette, firmando o voto eterno,
 Com huma vista, e c'hum suspiro terno.

Oh que mudança em meus crueis revezes !
 Como pude suster tanta alegria !
 Eu já dizer ouvi, que muitas vezes
 Com prazer repentino se morria,
 Principalmente, quando está disposto
 Qualquer para a pancada do desgosto.

Graças aos Céos ! de gôsto não morri :
 E recobrando novo alento, então
 Mil ternas expressões lhe proferi,
 Que me estava dictando a gratidão :
 Corina as escutou, e o mesmo Amor,
 Que animava seu rosto encantador.

Dé que eu era feliz já bem seguro,
 Procurei outra vez minha cabana :
 E nutrindo em meu peito o affecto puro,
 Com paciencia soffro a deshumana
 Ausencia, que me priva em alguns dias
 Ver o centro das minhas alegrias.

Porém, Fileno, sempre, em quanto vivo
 Distante do meu bem, acho-me cego,
 Tenho crueis temores sem motivo,
 Não póde esta alma ter algum socêgo.

Eu sou ditoso sim ; mas tal ventura
 Traz unidos a si fel , e amargura .
 Bem como aquelle afoito navegante ,
 Que de immensas riquezas carregado ,
 Vem para a patria , d'hum paiz distante ,
 Sulcando o bravo mar encapellado ;
 Da sorte liberal favorecido ,
 Teme ser n'hum abysmo submergido .
 Assim eu tendo a posse d'hum thesouro ,
 Que excede no valor quanta riqueza
 Depositado tem no Téjo , e Douro
 A industria , e a providente natureza ,
 Receio , que o Amor taes cousas obre ,
 Que Corina me fuja , e eu fique hum pobre .
 Desta fórma , Pastor , os dias passo ,
 Ora na aldêa , ás vezes na campina :
 Para meu desafogo versos faço ,
 E tambem porque he gôsto de Corina :
 Tendo por meu maior contentamento
 O adivinhar-lhe o occulto pensamento .
 Porém dos meus extremos sou contente ,
 Achando recompensa em , quem adoro :
 Soffro constante , se padeço ausente ,
 Persisto firme , se saudoso choro .
 Eis aqui , bom Pastor , Eileno amado ,
 Toda a conta fiel do meu cuidado .
 Naquelle tempo , em que Belmiro estava
 Fazendo a relação mais expressiva ,

Fileno condoído lhe lançava (va.
 De quando em quando a vista compassi-
 Apenas acabou, a mão lhe pede,
 Aperta-a com transporte, e se despede.
 Vendo Belmiro, que ausentar-se intenta,
 „ Meu amigo (lhe diz) pôis não mereço
 Huma palavra ao menos? Ah! contenta
 Este meu coração: agora peço,
 Ou que a minha paixão nada crimines,
 Ou que a vencê-la, e a vencer-me ensines. „
 Adeos, Pastor, (Fileno lhe responde),
 O alegre sol deixando esta campina,
 Sua brilhante luz no mar esconde:
 Dos meus grandes desejos determina;
 Porém sabe, que tenho poucos annos,
 Para amor te inculcar, ou desenganos. „
 Ausentou-se Fileno; e entãõ Belmiro
 Buscou tambem a aldêa pezaroso,
 Por deixar taõ depressa este retiro.
 De Fileno ao principio hia queixoso,
 Mas logo serenou: Da sua amada
 Se lembra unicamente; e de mais nada.

I D I L I O.

O travêso Deos Cupido
 Sem farpões, sem arco, e aljava,
 Ao redor de mim, hum dia,
 Dando gemidos, voava.

„ Ouve, Belmiro, (me falla
 Sobre o meu collo pousando)
 O caso mais memoravel,
 Hum attentado execrando.

Fui ter, n'humta tarde destas,
 De infausta sorte guiado,
 Ao sitio mais aprazivel,
 Que tem o nosso montado.

Como me achava opprimido
 De correr tanto lugar,
 Dá minha dura fadiga
 Quiz hum pouco descansar.

No curvo ramo d'hum freixo
 Arco, e aljava pendurei,
 E livre deste embaraço,
 Sobre a relva me assentei.

Eis que logo, ao mesmo tronco
 O semblante recostando,
 Me cobrião docemente
 As azas do somno brando.

Dormi, Belmiro, algum tempo,
 Oxalá nunca dormira,
 Que entãõ penas deshumanas,
 Como sinto, não sentira!

Eu dormi; porém depois
 De acordar, já saciado,
 Me levanto para pôr
 O arco, e a aljava a meu lado.

Porém, que estranho succésso
 O Deos d'amor encontrou?
 Não sei, que maõ atrevida
 As minhas armas roubou.

Com esta perda se ouvia
 Meu coração palpitar,
 Aperto as mãos na cabeça,
 Entrando logo a chorar.

E para abrandar entãõ
 Minha cruel amargura,
 Ainda desconfiava
 Ser alguma travesura.

Mas agora já conheço,
 Que as armas d'amor roubáraõ,
 E que com ellas, as minhas
 Glorias todas acabáraõ.

Os mäs occultos lugares
 Mil vezes tenho buscado,
 Em vaõ procuro os vestigios
 De taõ infame attentado.

Mais promessas tenho feito,
 Do que tem o Ceo d'estrellas,
 A qualquer mortal feliz,
 Que me dêsse conta d'ellas.

Ninguem má dá: só disseraõ,
 Que ha pouco gemer te ouviraõ,
 Que em teu peito signaes frescos
 De feridas descobriraõ.

Se as minhas farpas sentiste
 Por estranha maõ lançadas,
 Dize-me quem foi, e tens
 As alviçaras ganhadas. »

Eu logo mostrando o peito
 Ao menino atraçoado,
 Lhe digo, vé como está
 Profundamente rasgado!

Porém naõ foraõ, Amor,
 As tuas settas mórtaes,
 Mas sim os olhos de Albana,
 Que ferem ainda mais. »

Cupido estremece, ouvindo
 Este caso inesperado,
 Remonta os ares, e foge
 Mais afflicto, e envergonhado.

S O N E T O.

Quando haveis de voltar, horas ditosas,
Instantes de prazer, em que eu ouvia,
Penetrado de gôsto, e de alegria,
Do meu bem as palavras extremosas?

Quando verei as encarnadas rozas,
Com que Amor suas faces revestia;
Aquelle inquieto olhar, que feriria
O coração das fêras mais raivosas?

Quando em fim tornarei, ou na campina,
Ou na aldêa a encontrar a creatura,
Que soberanamente me domina?

Ah! não tarde taõ doce conjuntura:
Tempo, corre veloz, pois sem Corina
Vivo infeliz, não posso ter ventura.

Tom. III.

C

S O N E T O. (*)

Solto me vi , se prêzo por Belmira
 Algum dia gemi na pobre aldêa ,
 E foi o desengano , que a cadêa ,
 Esta infame cadêa , sacudíra.

Sei , que o meu coração depois se víra
 Entre nova prizaõ mais dura , e fêa :
 Estalou : e em signal , que a naõ recêa ,
 Rotos pedaços vís ao ar atira.

A força da razaõ n'hum só instante
 Do torpe engano o imperio deixa extin-
 Ficando a liberdade dominante. (cto.)

Porém hoje d'amor mil chammas sinto ;
 He Corina o meu bem , sou della amante,
 Abominem-me os Ceos , se nisto minto,

(*) Pelos mesmos consoantes d'hum Soneto
 do II. Tomo.

S O N E T O.

Deixa, Pastora, que a mortal inveja
Pela bôca de alguns diga, e desdiga;
Pezar disso não tenhas, nem fadiga,
Por mais que o aleive temerario seja.

Se a tua alma extremo me deseja,
Serei fiel, se fores minha amiga;
Zomba de tudo o mais, pois nada obriga
A tomar armas, e a formar peleja.

Conservemos os corações ligados,
Afugentando os zelos monstruosos,
Que tantos peitos fazem desgraçados.

E acharás, que esses mesmos invejosos
Ficão severamente castigados,
Vendo em nós dous amantes venturosos.

S O N E T O

Commetto algum delicto por ventura
Em mostrar , que este peito afortunado
Hé sensivel , e vive dominado
Pelas eternas leis da formosura ?

Devo abáfar aquella chamma pura ,
Em que, por gôsto meu, ando abrazado,
Beijando os ferros , que me tem lançado
A mais bella , e innocentè creatura ?

A voz da natureza , que me ensina
Verdades immortaes , forte reprime
A dureza cruel desta doutrina.

Mas se he culpa o amar, ninguem se exime,
Vendo o angelico rosto de Corina ,
De ficar réo , de commetter hum crime.

S O N E T O.

Quantos Pastores correrão agora
Felicitar teus bons , teus faustos annos !
Com que força os Anfrizos , e os Albanos
Ouyir farão a sua voz sonora !

De muito boamente eu mesmo fôra
Unir os votos meus aos mais Serranos ,
E engrandecer os dotes soberanos ,
Que ornaõ teu genio , candida Pastora.

Porém , Marilia , temo justamente ,
Que de hum triste a enfadonha compa-
Os alegres prazeres amedrente. (nhia

Hum só ai , que exhalasse bastaria
Para fazer Belmiro impertinente ,
E perturbar a gloria deste dia.

S O N E T O.

Longos annos, Amor, entre o desgosto
 De crueis ferros, d'hum mortal conflicto,
 Viva suspirando, ancioso, e afflicto,
 A penosos combates sempre exposto.

Na triste pallidez do magro rosto,
 O meu fero tormento andava escrito,
 Inda o sangue se coalha, se medito,
 Em que termo fatal me tinhas posto!

Hoje não: meu destino está mudado;
 Acabáram-se os tempos de amargura,
 Quebrei teus ferros, vivo afortunado.

E para a minha dita ser segura,
 Trarei sempre ante os olhos debuxado,
 Negro quadro da antiga desventura.

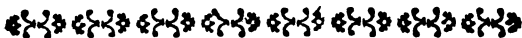
S O N E T O .

Deus me livre, Corina, que tivesses
Por mais dias a bárbara constancia (cia,
De estar longe de mim, n'humã distan-
Em que a gloria de vér-te me não desses!

Sem ti desprezo os proprios interesses,
Vivo pobre no meio da abundancia:
Afflige o coração terrivel ancia,
Que se acalma só quando me appareces.

Nestes termos repára, e considéra,
Que a tua falta causa mais ruina,
Que a chéa na Estação da Primavéra.

A saudade me tolhe, e me amofina:
Finalmente Belmiro desespéra,
Não vendo os bellos olhos de Corina.



A ALBANA.

Minha adorada Pastora,
 Teu sensível coração
 Ao meu coração unido,
 Ambos neste peito estáo.
 Não aspiro a maior bem,
 Sou feliz mais que ninguém.
 He precioso thesouro,
 Que os mesmos Deoses me invejaõ:
 As Divindades celestes
 Ser Belmiro hoje desejaõ.
 Sou ditosa creatura,
 Graças á minha ventura!
 Esses teus olhos divinos,
 Que as lindas graças animaõ,
 Volvidos sobre o meu peito,
 Ternos prazeres lhe intimaõ:
 Ó minha Albana, as estrellas
 Não me parecem taõ bellas.
 O doce favo do mel
 Nunca foi taõ saboroso

Como hum-casto beijo dado
No teu semblante formoso.

A natureza não tem,
Igual delicia, meu Bem.

Recréa menos o ouvir

D'hum rouxinol as Canções,
Do que dessa linda bôca
Affectivas expressões.

Vem com ellas graças tantas,
Que as almas todas encantas.

Por ti, Albana, suspiraõ

Ternos captivos Pastores,
Inflammados pelo fôgo
Dos teus olhos vencedores.

Porém que gloria! Eu respiro.
Só amas o teu Belmiro.

Inda que seja grosseiro,

E do ardente sol tostado,
Falto de todas as prendas,
Inda que não tenha gado;

Tu só estimas, meu Bem,
O que hum peito firme tem.

Teu genio em tudo sublime,

Quiméra julga, não préza
Exteriores qualidades,

Acaso da natureza:

D'alma as perfeições adóra,
Que o tempo nunca devóra.

Conheces, que em ti encontro
O prazer encantador,
Que és a vida da minha alma,
O meu bem, o meu amor.
Prezumes, não sem motivo,
Que para adorar-te vivo.
Ah doce Bem, não te enganas;
E os annos te haõ de mostrar,
Que a paixão que me inspiraste
Não pôde nunca findar.
Só mudará nossa sorte
A curva fouce da morte.



I D I L I O.

Belmira no verde campo
 As mansas ovelhas deixa,
 E buscando hum sitio occulto,
 Geme afflicta, e assim se queixa:

„ Prazeres, doce alegria,
 Amavel satisfaçãõ,
 Onde estais, que não ouvís
 A voz do meu coraçãõ!

De balde quero encontrar-vos;
 Fujo á aldêa, subo á serra,
 Belmira infeliz sem tino,
 D'huns bosques em outros erra.

Aquella paz innocente,
 Que no meu peito reinava,
 Tambem fugio, e deixou-me
 Das negras paixões escrava.

As Canções, em que exprimia
 Todo o meu contentamento,
 Succedem roucos gemidos,
 Tristes filhos do tormento.

Naõ tenho paz : a avezinha,
 A quem deshumana setta
 Traspassou o par amado,
 Vive menos inquieta.

Na clara vêa da fonte,
 Meu rosto mostra os signaes,
 De quem soffre dentro d'alma
 Mil tribulações mortaes.

Já naõ cuido pelo campo
 Em colher amores bellos
 Para com elles tocar.

A trança dos meus cabellos.

Anda solta pelas côstas,
 Feita ludibrio do vento,
 Nem me animo a lhe vedar
 Descomposto movimento.

Aquelle ingrato, que eu amo,
 Que na minha alma domina,
 He motivo dos meus males,
 Causa de tanta ruina.

Apascenta o seu rebanho
 Sempre distante do meu,
 Nunca procura alegrar
 Hum coração, que venceo.

O cuidado, que algum dia
 Em me amar constante teve,
 Acabou : no peito falso
 Se juntaõ montões de neve,

Belmira já lhe não lembra ;
 Até foge de encontrar-me ,
 Não ha desgraça , que indigno
 Contra mim cruel não arme .

A branda lira está muda ,
 Passaõ mezes , que não toca ,
 Já meu nome desgraçado
 Não se ouve na sua bôca .

Esquecêraõ-lhe os protestos ,
 Que tantas vezes fazia ;
 Transformou-se hum amor terno
 Na mais negra aleivozia .

Os meus suspiros o alegraõ ,
 Não o move a minha dôr ,
 Volta o rosto se lhe quero
 Sua ingratitude expôr .

Ah ! se padeço hum destino
 Taõ cruel , e impertinente ,
 Como pôde desta sorte
 Belmira viver contente ? »

Gemia a amavel Pastora
 A hum grosso freixo encostada ,
 Correndo lagrimas tristes
 Pela face descórada .

Belmiro , que era o motivo
 Da sua justa agonia ,
 Entre murtas escondido
 Todas as queixas ouvia .

(46)

Apparece de repente,
Humilde aos seus pés se lança,
E em breve tempo feliz
Peidaõ da Pastora alcança.

Alli passáraõ da tarde
O resto em tranquillidade,
Formando entre ambos, os laços
Da mais constante amizade.

SONETO.

Naõ me lances em rosto , naõ , Albana ,
A passada inconstancia ; pois se eu era
Flexivel , como ao sol a branda cêra ,
Culpa só minha sorte deshumana.

Sempre vinha a topar huma Serrana
De peito falso , e coração de féra ;
E ser firme , estimá-la naõ devêra ,
Encontrando-a perjura , vil , tyranna.

O teu coração mesmo , que de amavel ,
De grato , e de constante hoje se préza ,
Ver-se-hia forçado a ser mudavel.

E se nisto que digo tens certeza ,
Naõ julgues por delicto abominavel ,
O que inspira a razaõ , e a natureza.

S O N E T O.

Se algum dia no teu mimoso peito
Sentiste chamejar o incendio ardente,
Que os corações devóra lentamente,
Que mil ruinas aos mortaes tem feito;

Se Amor tyranno, á crueldade afeito,
Arrastada te trouxe, e descontente
Entre misera, triste, e afflita gente,
Sem gloria, sem alivio, e sem proveito;

Se entranhas encontraste já taõ duras,
Que insensiveis ficáraõ, tendo olhado
Para o rosto das tuas desventuras;

Linda Albana, lastîma hum desgraçado,
Que soffre semelhantes amarguras,
E que, além destas, vive desprezado.



I D I L I O.

Entre a despida rocha do alto monte,
Que está do Douro, as agoas assombrando,
Naõ em muita distancia d'hum fonte,
Que vai ao mesmo rio forças dando,
Belmiro brandamente repetia
Estes versos, que Amor dictado havia.

„ Solta alegre os teus sons, ó lira amada,
Acompanha o meu canto,
Pois já magoado pranto
Naõ corre pela face descórada.

Sou venturoso: a sorte, que opprimia
O meu peito innocente,
O faz sentir contente
Os benignos effeitos da alegria.

Albana, a linda Albana já piedoza
Me lança os olhos bellos,
Já procura detê-los
Sobre esta alma fiel, terna, e extremoza.

Foi sensível aos votos, aos clamores
D'hum coração constante,
No peito de diamante
Deixou entrar dourados passadores.

Pelos seus beijos he pronunciado
Sem medo, e sem horror
Este nome de Amor,
E o nome d'hum Pastor afortunado.

Ó minha lira, eu sou, eu sou ditoso ;
Albana me quer bem,
Ella, que a força tem
De fazer todo o mundo venturoso.

Branças flores, que da Pastora bella
As lindas mãos cortáraõ,
Já para mim formáraõ,
Para Belmiro ornar, huma capella.

Já pude que momentos de alegria !
Junto della assentado,
Contar-lhe o meu cuidado,
Fazer-lhe vêr o incendio em que eu ardia.

Já tive a gloria, já, de vêr unida
Ao teu accento grave,

A voz terna, e suave
D'Albana, do meu bem, da minha vida.

Nas aldêas visinhas, na espessura,
Neste largo ao redor
Naõ se encontra Pastor,
Que mais amado seja da ventura.

Já findáraõ os dias desgraçados,
Aquelles negros dias
Das minhas agonias,
Em que dava mil ais amargurados.

Por aquellos sombrios fundos valles,
Que altos freixos povôaõ,
Graças a Amor, naõ soaõ
Justas queixas, effeito dos meus males.

Qual rizonha aprazivel Primavera
Depois do Inverno feio,
Assim hoje me creio,
Tal o meu coração se considêra.

Albana foi principio, he o motivo
Desta feliz mudança:
A bemaventurança
Formou piedoza, em que agora vivo.

Sombria, feia, pálida tristeza,
 Não temo os teus combates;
 Não temo que me trates
 Com riço impulso de infernal braveza.

Amor me tem a Albana sempre unido;
 Sendo ella o meu escudo
 Superior a tudo,
 Em tempo algum já mais serei vencido.

Já da viçosa relva o gado manso
 Vem, e a aldêa procura:
 He quasi noite escura,
 Deseança, ó lira, q̃ eu tambem descanso.»

Levantou-se Belmiro, e pondo ao lado
 O sonoro instrumento que tocava,
 Se recolhe á cabana socegado,
 Pensando em glórias mil, q̃ Amor traçava.
 Cêa alegre, repouza bem seguro,
 Porque ignora os destinos, e o futuro.



A ALBANA.

Pastora, se tu piedoza
 Me dás a consolação
 De enternecida escutar
 A voz do meu coração.

Animado pela força
 Do teu genio compassivo,
 Vou expôr-te as amarguras
 Em que novamente vivo.

Tu já sabes, já tens lido
 Pelos troncos da espessura,
 Quanto n'outros tempos fui
 O ludibrio da ventura.

Fui a victima infeliz,
 De que Amor tanto zombou;
 Ao seu jugo annos, e annos
 Com duros ferros me atou.

Nestes dias de tristeza,
 Sem descanso de hum momento,
 Tudo em mim era afflicção,
 Tudo agonia, e tormento.

Mas minha estrella, que ás vezes
 Diversa influencia traz,
 Fez com que de brava guerra
 Me visse em ditosa paz.

Quebrei, Albana formosa,
 Aquelles ferros tyrannos,
 Funesta origem, a causa
 Do meu mal, de immensos danos.

Pude vêr-me ao doce abrigo
 Da innocente liberdade,
 Sem temer os duros golpes
 D'huma injusta crueldade.

As breves horas do dia
 Ligeiramente passavaõ,
 E já meus suspiros roucos
 Os valles não atroavaõ.

Ouvia alegre, e contente
 O canto dos passarinhos,
 Que entoavaõ pela sêsta
 Ao pé dos occultos ninhos.

Procurava ir entreter-me
 Com os Pastores da aldêa,
 A quem evitava, em quanto
 Soffria a cruel cadêa.

As brancas flores do campo,
 Ao levantar-me, apanhava,
 E com ellas simplesmente
 Os meus cabellos ornava.

O rebanho, que tambem
Participou dos meus males,
Era sempre conduzido
A verde relva dos valles.

Até, Albana, este rosto
Triste, magro, defecado,
Coberto c'hum véo alegre,
Começava a andar córado.

Eu era bem como o arbusto
Açoitado da tormenta,
Que chegando a Primavera,
Viçosas folhas rebenta.

Naõ tinha que dezejar
Com esta feliz mudança;
Eu gostava o doce fructo
D'huma bemaventurança.

Se alguma vez me lembravaõ
Os meus antigos pezares,
Naõ receava tornar
D'Amor aos impios altares.

Mas quãnto saõ inconstantes
As curtas glorias da vida!
O que te vou relatar
Ouve, Albana, enternecida.

Ha dias no coração
Mil desassocegos sinto,
E começa a reviver
O fogo que estava extincto.

Já tornaõ a rodear-me
 Os cuidados inquietos;
 Já tenho melancolia
 Entre innocentes objectos.

Já procuro como dantes
 As fundas brenhas do monte,
 Onde fómo sem descanso
 Dos meus olhos huma fonte.

Os cordeirinhos dispersos
 Andaõ no valle sem tino;
 Elles tambem participaõ
 Das iras do meu destino.

Porém, Albana formosa,
 Eu não sei a causa disto:
 He repentina a mudança;
 Foi este golpe imprevisto.

Só me lembra, que depois
 De teus lindos olhos vêr,
 Sem achar algum alivio,
 Comecei a padecer.

Porém me lembra igualmente,
 Que a pesar do negro fado,
 Bem podes fazer feliz
 O peito mais desgraçado.

E se tens, como tu dizes,
 Entranhas de compaixão,
 Quanto não deve esperar
 De ti o meu coração!



S O N E T O.

És cruel mais que as feras do montado :
Tu bem sabes , Albana , porque o digo ?
E se acaso isto fazes por castigo ,
Dize o delicto de que sou culpado.

Vivo innocente ; mas tenho assentado ,
Que tyranna só és para comigo ,
Querendo que o grilhaõ com que me ligo
Seja pela dureza reforçado.

Naõ obstante julgares extremoso
O meu affecto , naõ se desengana
Esse teu coraçãõ a ser piedoso.

Ora de genio muda , minha Albana ,
Que para me fazeres venturoso ,
Basta só encontrar-te mais humana.

I D I L I O

Quando á sombra d'humã faia,
 Entregue ao meu coração,
 Meditava sobre a causa
 Da sua nova paixão;

A liberdade innocente,
 Que acabava de perder,
 Cheia de sustos, chorando,
 Comigo alli veio ter.

« Pobre Belmiro, que fazes,
 (Entre suspiros me diz)

Que destino te conduz
 A ser agora infeliz?

Por ventura já te cansa
 Humã vida sem cuidado,
 Em que passavas o tempo
 No meu seio reclinado?

Aquelles ferros tyrannos,
 Que mal podias mudar,
 Saõ os mesmos que procuras,
 Que dezesjas arrastar?

Tão depressa te esqueceste
Do tormento em que vivias,
Das continuas amarguras,
Das negras melancolias?

Assim se guardaõ os votos,
Que em meus altares fizeste?
De tornar-te venturoso
O pago que dás he este?

Tu me deixas, deshumano,
Cruelmente desprezada;
Mas espero que bem cedo
Me veja de ti vingada.»

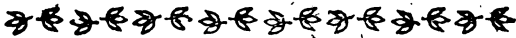
Estas vozes penetráraõ
A minha alma: e pertendendo
Desculpar a doce chamma,
Em que o peito estava ardendo;

Meus olhos fitos no chaõ
Eu timidamente ergui;
Mas por mais que procurei,
A liberdade não vi.

Ó Albana, se eu podésse
Ao menos dizer-lhe, que eras
A estimavel creatura,
Que eu já amava de véras;
Se chegasse a retratar-lhe
As graças, que a natureza
Tem semeado em teu rosto,
Fiel copia da belleza;

(60)

Estou certo que a paixão,
Que tenho, não culparia;
E talvez que a mesma Deoza
Por ti préza ficaria.



E G L O G A.

BELMIRO, E FILENO.

FILENO.

Está frôxo, Belmiro, o ardente impulso
Do excessivo calor: já nesta praia
Fresca viração corre; já se movem
As brandas folhas da copada faia.
Pela margem do rio caminhando
Vamos, Pastor amigo, pois não te nos
Á nossa conta nesta feliz tarde
Inquietos cabritos que guardemos.
Vivo livre, e também penso, que vives
Sem ter algum cuidado; e assim gostosos
Passaremos em doce companhia
Curtas horas, instantes venturosos.

BELMIRO.

Invejo, meu Fileno, a paz serena,
Que presinto reinar dentro em teu peito:
Zombas das paixões tristes, só procuras,
Passar o tempo alegre, e satisfeito.

Quebraste os grilhões duros, que ligavaõ
 Os teus nervozos pulsos, e prudente
 Foges daquelle campo, onde recêas
 Ser atacado, e prêzo novamente.
 Não tenho o mesmo bem, fallo sincêro,
 Dentro d'alma revoaõ mil cuidados,
 Que me fazem gemer tardes inteiras,
 Longe da gente, em sitios retirados.
 Ha bem pouco chegaste á nossa aldêa,
 Não temos inda estado em liberdade,
 Para depositar os meus segredos
 No teu peito, no seio da amizade.
 Agora, que nos vemos, e os Pastores
 Entretidos nas danças hoje estaõ,
 Ouvirás, meu Fileno, tudo quanto
 Occupa de Belmiro o coração.

FILENO.

Experiencia tens, ha muitos annos,
 Porque a doce amizade nos enlaça,
 De que estimo arredar quanto he possível
 Do teu peito os estragos da desgraça.
 Desafoga, Belmiro, falla, conta
 A paixãõ, o cuidado que te opprime;
 Patentêa-me o centro da tua alma,
 Pois o contrario obrar seria hum crime.
 Quando ser uteis possaõ meus conselhos,
 Pela voz d'hum amigo seraõ dados;
 E se não, has de vêr unir meu pranto

Ao teu pranto , aos teus ais amargurados.

Duvidas por ventura , que não julgue

Como proprio rebanho o teu rebanho ?

Que tudo que a Belmiro não pertence

Fileno o considéra como estranho ?

Não viste muitas vezes já meu peito

Arquejar de afflicção , e de agonia ,

Ou por não dar remedio a tantos males ,

Ou porque as tuas penas triste ouvia ?

BELMIRO.

Sim , Fileno adorado , vivo firme

Pelas próvas mais certas , na candura

Do teu amavel genio ; e que sem ti

Eu seria huma afflicta creatura.

Por isso desejava ha muitos dias

Encontrar-te distante da mais gente ,

Para seres fiel depositario

Dos cuidados que tenho novamente.

Porém com que vergonha , caro amigo ,

Eu te vou declarar , q nos meus braços ,

Não sei por que influencia do destino

Recahirão d'Amor os fortes laços.

Vamos andando , vamos , que eu refiro ,

Até que nos separe a noite escura

O estado da minha alma , tudo quanto

O meu sensível peito soffre , e atura.

FILENO.

Principia , Belmiro , não demores

O gosto que me dás em te escutar;
 E permittaõ os Ceos, que eu possa ainda
 Os teus males crueis remediar.

BELMIRO.

Já farto de gemer hia passando
 Como sabes, da minha vida o resto,
 Apascentando os mansos cordeirinhos,
 E cuidando em não ser a alguém molesto.
 As Belmiras, as Glauras, e as Elizas,
 Este rancho d' Amor falso, e mudavel,
 Mil estragos me fez, levou-me ao ponto
 Até de aborrecer o sexo amavel.
 Porém destes revezes, que julgava
 Ser do Fado cruel dura impiedade,
 Vim a colher depois de largos tempos
 O fructo da serena liberdade.
 Vivia em paz, Fileno, e persuadido
 De não tornar jámais á prizaõ dura,
 Onde tantos gemidos exhalára,
 Cercado de afflicãõ, e de amargura;
 Continuamente aos Ceos voar fazia
 As Canções innocentes, que expressavaõ
 Os doces, e tranquillos sentimentos,
 Que dentro do meu coração reinavaõ.
 Porém depréssa vi turbar-se o tempo
 Da benigna estaçaõ; e de repente
 Destes meus olhos tristes começáraõ
 Lagrimas a correr perennemente.

Longe do nosso Douro, ha muitos annos,
 Vivia huma Pastora linda, e bella,
 Pastora, que das graças mais amaveis
 A natureza repartio com ella.

Para minha ruina certamente
 Voltou ao patrio lar, onde nascêra,
 E foi a sua vinda festejada,
 Bem como a da agradavel Primavera.

Os Pastores alegres concorriaõ
 A saudar a gentil mimosa Albana,
 Que por ter natural benignidade,
 A todos acolhia meiga, e humana.

Eu tambem procurei esta Pastora,
 Bem longe de pensar, que ella seria
 A cadêa robusta, que a Belmiro
 Ao imperio fatal arrastaria.

Meu Fileno, eu a vi; e dos seus olhos,
 Que animavaõ as graças, e os amores,
 De repente voáraõ a ferir-me
 Agudos, e invenciveis passadores.

Logo o meu coração dentro do peito
 Com mais força batêo; logo assustado
 Comigo mesmo disse, eis-me outra vez
 N'huma paixão violenta mergulhado.

Por algum tempo continuei a vê-la;
 E de tôdas as vezes encontrava
 Mil novos, e modestos attractivos,
 Com que o fôgo d'amor mais se ateava.

Ultimamente adoro com excesso
 Esta filha das graças linda, e bella;
 Albana he o meu thesouro, a minha vida,
 Não respiro, Pastor, senão por ella.

FILENO.

Conheço bem a amavel creatura,
 Em que fallas, e que extremoso adoras;
 Estranhas não me são, tambem conheço
 As suas perfeições encantadoras.

Porém, Belmiro, por ventura sabe
 Albana da paixão que n'alma sentes?
 He sensivel ao fôgo que te queima,
 Tem dado alguns suspiros innocentes?

BELMIRO.

Sim, Fileno, ella sabe que a idolatro;
 Conhece muito bem, q' o mundo inteiro
 Não pôde ter em si algum objecto,
 Que me seja mais grato, e lisongeiro.

Tenho pelos seus beijos, que a modestia
 Por minha desventura inda recata,
 Ouvido proferir algumas vezes,
 Que nunca a encontrarei cruel, e ingrata.

Disse-me n'huma tarde com firmeza,
 Que o primeiro mortal havia eu sido,
 (Não sei se a crêa) que o seu terno peito
 Com as armas d'Amor tinha ferido.

Já muitas vezes minha frente ornou
 Com rozas, com junquillos engraçados,

Mimosa produçãõ da natureza,
E tambem produçãõ dos seus cuidados.
Finalmente, Pastor, eu tive a glõria
De gravar n'humã lagem do retiro,
Porque Albana me deo consentimento,
Junto ao seu nome o nome de Belmiro.

FILENO.

Entãõ, Belmiro meu, tendo encontrado
Tantos signaes d' affecto, e de ternura,
Ainda me appareces descontente,
Queixoso do destino, e da ventura?
Que seria de ti se Albana fosse
Huma indomita féra, ou que escutasse
Os teus ais friamente, ou que soberba
Escondesse em te vendo a amavel face?

BELMIRO.

Depois de ter o coraçãõ ferido,
Como tenho, verias n'hum momento,
Se tal acontecêra, que estalava
De magoa, de paixãõ, de sentimento.
Toda a minha tristeza tem a origem,
Naõ de ser actualmente desprezado,
Mas porque temo . . . e temo justamente
As vinganças d' Amor atraçoado.
Lanço os meus tristes olhos pelo quadro
Das passadas tragedias, e contemplo
De perjurios, de enganõs, de mudanças
Em peitos femininos fresco exemplo.

E 2

Albana he huma Pastora , e inda q' eu seja
 A candura em seu rosto sempre amavel ,
 Quem sabe se o poder da minha estrella,
 Em breves tempos a fará mudavel ?
 Além disto conheço o grande espaço ,
 Que medêa entre as nossas qualidades ;
 Sendo humilde Pastor a considero
 Superior ás mesmas Divindades.
 Quasi sempre me ataca esta lembrança ,
 Quer esteja na aldêa , ou entre os valles ;
 Daqui nascem as lagrimas que choro ,
 Eis-aqui o motivo dos meus males.

FILENO.

O atrevido receio , que inquieto
 Esse coração tímido rodêa ,
 Da tua paixão cêga a força ardente ,
 Meu Belmiro adorado , patentêa.
 Mas suffoca os temores indiscretos ,
 Tem da Pastora idéa mais humana ;
 Não podes encontrar melhor ventura ,
 És ditoso , pois eu conheço Albana.
 Naquelle peito de bondade cheio ,
 Só a bella innocencia he que respira ;
 E os seus beijos amigos da verdade ,
 Não sabem disfarçar a vil mentira.
 Se te disse , que havia de ser grata ,
 Declarando a paixão que lhe devias ,
 Naq' mudaõ largos annos os protestos ,

Que o amor lhe inspirou em poucos dias.

BELMIRO.

Oh! prazã aos Ceos, Fileno, q' assim seja!

Queira a fortuna, menos inconstante,
Demorar-se ao meu lado, até q' eu morra,
Conservando d'Albana o peito amante.

Se alcanço esta ventura, sempre alegre

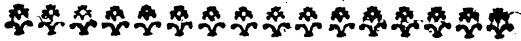
Hei de andar, quer na aldêa, quer no pra-
Nunca se verá mais o duro chaô (do;
Com lagrimas d'hum triste borrifado.

FILENO.

Lá vem Mertillo abaixo: e agora he justo,

Que profundo segredo em nós se guarde:
Muito á nossa vontade fallaremos

De Belmiro, e de Albana em outra tarde.



S O N E T O.

Em vão pertendo vêr da minha amada
 A gentil face, a face encantadora:
 Auzentou-se esta angélica Pastora,
 Deixando toda a aldeã consternada.

A tristeza da noite carregada,
 Continuamente vem cobrir-me agora,
 Escura me parece a mesma Aurora,
 Quando annuncia a fresca madrugada.

Perenne rezidencia tenho feito
 Entre as velhas paredes da cabana,
 Onde suspiros mil aos ares deito.

Padeço em fim saudade a mais tyranna,
 Que sempre ha de opprimir o terno peito,
 Em quanto não tornar a minha Albana.



QUADRA.

*Intentou Amor vencer
 O meu livre coração:
 Eu que sempre resistia,
 Resistir não pude, não.*

1.

Livre dos ferros d'Amor,
 Izento dos seus enganos,
 Inda havia entre os humanos
 Hum venturoso Pastor.
 Porém o Nume traidor,
 Ciladas lhe entra a fazer;
 Com esperança de ser
 Da sorte favorecido,
 Hum peito nunca vencido,
 Intentou Amor vencer.

2.

Meu peito insensível era,
 Que delle zombado tinha,
 Que valeroso sustinha
 A sua batalha fêra.

Amor raivozo tempéra
 Agudas setas em vaõ ;
 O mais provado farpaõ
 Torto cahe sem ter effeito,
 Nada fere este meu peito,
 O meu livre coraçãõ.

3.
 Mas o cruel já cañado
 De mil setas disparar,
 Outras armas foi buscar,
 Com que ficasse vingado.
 Mal eu me vi atacado,
 Perdi toda a valégnia;
 O mesmo peito offercia
 A golpes taõ penetrantes,
 Eu victorioso dantes,
 Eu que sempre rezistia.

4.
 D'improviso ouvi tinir
 As cadéas que arrastava,
 E a liberdade que amava,
 Chorando de mim fugir.
 Nem sequer eu pude ouvir
 A voz da sabia razaõ:
 Foi taõ activa a impressãõ
 D'huns lindos olhos, que logo,
 Qual a branda cêra ao fogo,
 Rezistir naõ pude, naõ.

SONETO.

Somos ditosos, ó formosa Albana, ^{su}o
 Hoje a sorte, e o Amor nos favorece;
 Entre aquelles arbustos apparece
 O repouzo feliz d'hum cabana ^{su}i

Vamos nella habitar, piedosa, ^{de} humana!
 Faze com q' esta gloria mais se apresse;
 Que fita ternura mil grinadas ^{rece}a
 Para coroar a minha Soberana ^{su}a

Mas tu chamas toucura, o que te digo ^{do}
 Teu coração cruel ainda insiste ^oA
 Em vê-me como barbaro inimigo ^o

Ah perdos, meu Bem, quanto me ouviste!
 Pois não pensava, que a viver comigo
 Nunca pôde aspirar hum Pastor arde.

SONETO.

Quando Amor do seu throno levantado
 Aos humanos mil premios repartia,
 A justa recompensa lhe pedia
 De ter sido fiel, de ter amado.

Eur logo lhe fiz vêr o duro estado,
 A triste situação em que vivia,
 As mesmas cicatrizes que trazia
 N'hum peito por seus ferros trespassado.

Cóndoe-se Amor dos factos que lhe conto,
 A dureza cruel mitiga, e aplans,
 Consulta a mãe, a premiar-me prompto.

Depois de ouvir a Deoga soberana,
 Avalia os serviços que lhe aponto,
 E deo-me em paga o peração de Albana.



EGLOGA.

BELMIRO, E ALBANA.

BELMIRO.

Deixa passar a calma rigorosa,
 Que te ha de fazer mal: anda sentar-te
 À sombra desta faia alta, e viçosa.
 Ella mesma parece convidar-te;
 A flexivel, e verde rama inclina!
 Ah! não vás descansar a outra parte:
 Não desprezes, Albana, por moftina,
 O recreio, mil góstos innocentes,
 Que a santa natureza te destina.
 Inquietos prazeres não presentes,
 Que te saúdaõ, que te esperaõ rindo?
 Não os deixes agora descontentes.
 O zefiro suave, sacudindo
 As brancas desmaiadas acucenas;
 Anda perfumes gratos exaurindo.

Preparaõ-te divinas cantilenas

Os Musicos do bosque : na agua pura

Banhaõ ligeiros as tostadas pennas.

Tratavel faze a tua formosura ;

Torna-os alegres ; menos deshumana

Attende a voz d'amor , e da ternura.

ALBANA.

Valha-me Deos ! Que tenha tanta prèssa . . .

Mas em fim sempre temo o sol ardente ,

E neste sitio esperarei contente ,

Que a força do calor se desvaneça.

BELMIRO.

Ah ! bem hajas ; Pastora soberana ,

O Ceo te dê mil glorias , e te conte

Pela mais rica , e mais feliz Serrana.

Cubra a larga extensaõ do nosso monte

Do teu rebanho a grande quantidade ,

E a triste mortal ronha-naõ, o afronte.

Lês pelos meus desejos ; tens piedade

D'hum coraçãõ fiel , que só contigo

Naõ soffre os golpes da cruel saõdade.

Agora vejo , que algum Deos amigo

Te conduzio aqui para mostrares

A tua compaixaõ para comigo.

Assenta-te ; Pastora , estes lugares

Sãõ da innocencia a habitaçaõ amada ,

Hoje vedados a cruéis peccares.

Estás alguma cousa fadigada . . .

Pela aspereza inculta do terreno;
 Ah descança, respira socegada
 As delicias d'hum sitio fresco, e ameno.

ALBANA.

Eu já me assento; e pois q' o Ceo permite,
 Que estejamos, Belmiro, juntamente,
 Quero fazer-te vêr a força ardente
 D'hum amor cégo, que não tem limite.
 Ouvirás desta bôca mil segredos,
 Que estavaõ dentro d'alma sepultados;
 Que nunca por mim foraõ revelados,
 Nem ainda ás montanhas, e aos penedos.
 Que gloria não terás, vendo que Albana,
 Que a dura Albana já suspira amante,
 Sem conservar no peito de diamante,
 A sua liberdade soberana!

BELMIRO.

Ah! não tardes, meu Bem, anda, começa
 A fiel narraçãõ de sentimentos,
 Em que tanto a minha alma se interessa.
 Voa ligeiro o tempo; alguns momentos
 Que tu perdes, seraõ irreparaveis;
 Não demores os meus contentamentos.

ALBANA.

Pela mão da innocencia conduzida,
 Respire do hum ar puço, hum ar sereno,
 Não bebia d'amor fatal veneno,
 Hia alegre passando a minha vida.

Sempre surda aos Pastores lizongeiros,
 Que a sonhada belleza me applaudiaõ,
 Só affecto, e cuidados me deviaõ
 Os meus proprios lanigeros cordeiros.
 Pela sésta nos bosques embrenhados,
 O terno som da minha voz se ouvia;
 E em singelas cantigas exprimia.
 A gloria dos meus dias bemfadados.
 Era qual a viçosa tenra planta,
 Que a frescura d'hun rio sempre goza:
 Passa a dura tormenta rigorosa,
 E as folhinhas flexiveis não quebranta.
 Neste amavel estado de ventura,
 Satisfeita vivia a triste Albana,
 A triste, porque agora deshumana
 Contra mim se voltou a sorte dura.
 Entre os outros Pastores tu vieste
 A combater a minha liberdade;
 E ao principio signaes de crueldade.
 No meu peito insensivel percebeste.
 Teimaste em me buscar com grande excéssõ;
 Eu te ouvia, Belmiro, eu te fallava,
 Porém jámais cuidei, nunca pensava,
 Que de te ouvir seria amor o preço.
 Fui-me insensivelmente descuidando
 Das ciladas fataes, que mal previa;
 Quando acordei do somno em q dormia,
 Deshumanas cadeas arrastando.

Já no peito não tinha a paz serena,
 Fecunda origem de innocente gosto;
 Já via desmaiado o proprio rosto,
 Bem como a folha murcha da açucena.

O som alegre de meu doce canto
 De todo se acabou; pelos retiros
 Só voavaõ mil ais, e mil suspiros,
 Acompanhados de saudoso pranto.

A tua imagem sempre andava unida
 Ao meu ligeiro, e inquieto pensamento;
 Finalmente d'amor o mais violento
 Me sentia, Belmiro, já perdida.

He possivel (immensas vezes disse)
 Que eu seja amante, e viva encadeada?
 Estarei por ventura allucinada,
 Esta nova paixão será tontice.

He Belmiro o Pastor, que tem ferido
 A minha alma innocente? Por Belmiro
 He que afflicta padeço, que suspiro,
 Sem q' o perca hum momento do sentido.

De Belmiro não he o ingrato peito,
 Que de tantas Pastoras tem mofado?
 Não me dizem, que falso, e traiçoado
 Vê contente as desgraças que tem feito?

Que dura sina, que fatal quebranto,
 Que Divindade barbara, e inimiga
 D'humã simples Pastora, hoje me obriga
 A ser sensivel, a estimá-lo tanto.

Com estas reflexões amargurava
Humrisiste coração, que meu não era;
E de ha de o socego que perdêra
Na aldêa, ou entre os montes procurava.
Assim andei, e ainda que te via
Dar-me signaes d'huma paixão ardente,
Mostrava-me insensivel, e indifferente,
O meu fatal amor não descobria.
Recordaste das vezes, que inflammado,
Quando só me encontravas na espessura,
Me fizeste a vivissima pintura
D'hum affecto extremoso, e desgraçado!
Pude, Belmiro, pude constranger-me
Ao silencio, que já conter não devo:
Sinto a paixão lutar, mas não me atrevo
A buscar promptas armas, e a vencer-me.
Hoje pois te declaro, que a minha alma
Vive de te querer, e de adorar-te;
Que podes entre todos gloriar-te
De alcançar da victoria a illustre palma.
Tiveste sim, cruel, a valentia
De fazer suspirar huma Pastora,
Que innocente, insensivel atégora,
Dos combates d'Amor zombava, e ria.
Arrancaste do meu constante peito
A doce, e preciosa liberdade:
Meu coração dominas, e a vontade,
Eis-aqui, deshumano, o que tens feito.

Quanto acabo de ouvir parece hum sonho,
 Meu Bem, minha Pastora, minha Albana,
 Reflectindo em ti mesma isto supponho!
 Agora terna, sendo deshumana,
 O q̃ eu sinto por ti, tu por mim sentes?
 Teu coração cruel talvez me engana.
 Porém essas palavras innocentes,
 Que não sabe formar vil impostura,
 Me dizem, me seguraõ, q̃ não mentes.
 Eu sou a mais ditosa creatura,
 Graças ao genio teu, Pastora bella,
 Que me deixa nos braços da ventura!
 Nasci debaixo de benigna estrella;
 E ainda q̃ algum tempo andava afflicto,
 Já nenhuma desgraça me atropella.
 Occultos sentimentos, que a ti dito
 Immensas vezes tenho, saõ verdade,
 E novamente agora te repito.
 És senhora de mim, toda a vontade,
 Que em Belmiro haver pôde, está sujeita
 A sua Albana, á sua divindade.
 Nunca verás esta alma satisfeita,
 Senão quando o teu soberano rosto
 A minha companhia alegre acceita.
 Correm dias, semanas, que não gôsto
 Os prazeres da aldeã; a tarde inteira
 Nos sitios mais dezertos fico posto.
 Tom. III. F

Da minha Albana a imagem lisongeira,
 Mal d'hum somno ligeiro despertava,
 Em vir ao pensamento era a primeira.
 Quando as pardas rolinhas encontrava,
 E se estavaõ beijando ternamente,
 Sensivel, e invejoso suspirava.
 Algum dia serei, par innocente,
 Como vós taõ feliz (eu lhes dizia),
 Que ao pé d'Albana possa estar contente?
 Não ignoras, meu Bem, que se tangia
 Na minha rouca lira algumas vezes,
 Era só quando junto a mim te via.
 Pelos valles deixava as mansas rezes
 Para te procurar; e algumas dellas
 Andavaõ sem Pastor mezes, e mezes.
 De mimosos arbustos, de singellas
 Flores do campo, alegre entrelaçava
 Os vistosos festões, gentís capellas.
 Estas cousas em fim, que praticava,
 E outras mais q' não digo, saõ capazes,
 De attestar a paixãõ q' em mim reinava.
 Mas na declaraçaõ que tu me fazes
 De amigavel, e terno sentimento,
 Féros espinhos misturados trazes.
 Não perturbes o meu contentamento,
 Esquece a historia triste d'huns amores,
 Que por dever lancei ao ar, e ao vento.
 Vive, Albana formosa, sem temores

Sobre a fé, que Belmiro amante jura ;
Vive certa, que os seus fiéis ardôres
Se extinguirão na fria sepultura.

ALBANA.

Teme as iras do Ceo, Belmiro amado,
Se quebrantas os votos que tens feito ;
Será vileza atraçoar hum peito
Atégora ás paixões sempre vedado.

Tu conheces que te amo ; em toda a parte
Melancolica estou, sem alegria,
Quanto vejo passar funesto dia,
Em q' não tenho o gôsto de encontrar-te.
Não me recordareis, como tu queres,
Da passada inconstancia ; eu já respiro
Andará na lembrança o meu Belmiro,
Elle será meus unicos prazeres.

BELMIRO.

Depois de a laços taes chegar a unir-me ;
Bem como a rocha dura, q' o mar bate,
Minha Albana adorada, serei firme.
Não haverá desgraça que os desate ;
E se tal succeder, corisco ardente
As rezes todas em castigo mate.
Eu seja o odio, e o escandalo da gente,
Se amar outra Pastora : seja olhado
Como tigre cruel, como serpente,
E por todo o Universo abominado.

ALBANA.

Não jures mais: eu parto na certeza
 De em ti achar hum coração amante,
 Que extremoso, sensível, e constante,
 Minha terna amizade estima, e préza.
 O calor já passou: Belmiro, adeos: (mos;
 Até á morte hum ao outro sempre ame-
 E pensa, que de quanto aqui dissemos,
 Tomo por testemunha os justos Ceos.

BELMIRO.

Como voou ligeiro o tempo breve!
 Adeos, meu Bem; por ultima bondade
 Deixa beijar-me a tua mão de neve.
 Este impulso de amor, e da vontade,
 Formosa Albana, ao teu Pastor consente;
 E impresso fique o sello da amizade,
 Que entre nós durará eternamente.

SONETO.

Nessa aldêa feliz, aonde a sorte
Póde levar-te só para meu damno,
Passas, Albana, huma estação do anno,
Sem temer da desgraça o impulso forte.

Não lastimas, que eu sinta, que suporte
Das saudades o golpe deshumano;
Que me conduza o fado mais tyranno
Até ás portas fataes da negra morte.

A fresca sombra d'alamos formosos
Respiras o prazer; pois sacudiste
Para longe os cuidados pezarosos.

Ora em viver alegre, Albana, insiste,
Sejaõ todos contentes, e ditosos,
Pois basta, que no mundo eu viva triste.

S O N E T O.

A PASTORA

Eu sei, bella Pastora, quanto passas
Distante do teu Bem, de mim auzenté;
Sei que a dura saudade impertinentel
Afflige o coração, por mais que faças.

Se passeas no campo, as lindas graças
Te vaõ acompanhando tristemente:
Satisfeita não cantas; com a gente
Da propria aldêa pouco te embaraças.

Conduzes a pastar as rnañsas rezes
Para dezerto, e solitario abrigo,
Evitando grosseiros camponezes.

E se me dás licença, tambem digo
E me animo a jurar, que muitas vezes
Teu pensamento vem fallar comigo.

SONETO.

Amados cordeirinhos, algum dia
Pelos valles, por estes mesmos prados,
Passei convosco tempos desgraçados,
Coberro de fatal melancolia.

Mas hoje sou feliz: doce alegria
Para longe arrastou negros cuidados;
Ando contente, e sois apascentados
Na melhor relva, que esta margem cria.

Findou o antigo mal; e por ventura
Sabeis quem foi a causa soberana
De tornar-se em benigna a sorte dura?

Pois foi huma Pastora bella, e honrada,
Hum genio suave cheiro de ternura
A gloria de Belmonte, e minha Albana.

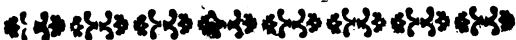
S O N E T O.

D'hum abysmo de mágoas arrancado,
 Não sei se por effeitos de piedade,
 Ao monte mais sublime da amizade
 Me conduziste, objecto idolatrado.

Nelle vivo contente, e o meu cuidado
 Não busca maior bem, fallo a verdade;
 Ouço ao longe bramir a tempestade,
 Sem ter o coração sobresaltado.

Mas quem sabe, se a negra desventura,
 Que aos humanos em seus grilhões enre-
 Tornará tanta gloria em amargura! (da,

Permitta o Ceo, que nunca tal succeda;
 Pois he certo, que á proporção da altura,
 Faltando a base, he perigosa a queda.



I D I L I O.

Encontrou Belmiro hum dia

A sua Pastora bella,
E lhe falla desta sorte,
Suspirando junto della:

„ Basta, meu Bem, de tormento,
De pezar, e de afflicçãõ;
Compadece-te de mim,
Tem dó do meu coração.

Abre o teu ferino peito
À ternura, e á compaixãõ;
Escuta a voz da piedade,
Tem dó do meu coração.

Se para me atar formaste
Nova, e segura prizaõ,
Soffríveis torna os meus ferros,
Tem dó do meu coração.

Pôz Amor minha ventura
Na tua severa maõ;
Deziste de ser teimosa,
Tem dó do meu coração.

Tu me ouves gemer mil vezes,
Rebentando com paixão;

Alivia hum desgraçado
Tem dó do meu coração.

Bem conheces que és o objecto
Só da minha adoração: ¶ I

Recompensa tanto extremo,
Tem dó do meu coração.

Naõ queiras ser deshumanizada
Assim como as feras são:

Minhas lagrimas suspende,
Tem dó do meu coração.

Antes frita a rotinha,
Que tem, por outra, paixão;

Façamos o que ellas fazem,
Tem dó do meu coração.

Estas aves innocentes
D'Amor exemplo nos dão;

Se assim como ellas, te adoro,
Tem dó do meu coração.

Quereres matar hum triste,
He huma injusta semrazão;

Os teus sentimentos muda,
Tem dó do meu coração.

Pousa neste affeiro peito
A nevada, e fêra mão;

E se o fogo te esaldar,
Tem dó do meu coração.

Albana, poupa os dezastres;
 Que produz a ingratitude;
 E por ser minha amiga,
 Tem dó do meu coração.

Os nossos ternos suspiros
 Junto d'Amor, principia o sacrificio,
 Principia o sacrificio,
 Tem dó do meu coração.

Conheço que as tuas graças
 Superiores me são;
 Mas que culpa tenho? Albana,
 Tem dó do meu coração.

Já me custa gemer tanto,
 Tanto suspirar em vão;
 Tantos pezaes acabem,
 Tem dó do meu coração.

Se p'alma nunca, sentiste
 A piedade, e compaixão,
 Dá signal destas virtudes,
 Tem dó do meu coração.

A formosa Albana esteve
 Ouvindo o triste Belmiro;
 E a resposta ás suas queixas,
 Foi dar-lhe hum terno suspiro.

I D I L I O.

A tempo que n'uma tarde
 Belmiro estava chorando,
 Vinha Albana, a dura Albana
 Junto ao seu gado cantando.

O Pastor, que ternamente,
 Mais que a si mesmo a adorava,
 Os seus passos foi seguindo,
 E deste modo fallava :

» Ouvem, Pastora, estes prados
 O teu doce, e alegre canto
 Ao mesmo tempo, que afflicto.
 Os ensópo com meu pranto.

As tuas vozes exprimem
 Interno contentamento;
 E este rosto defecado
 Mostra o meu duro tormento.

Mas tu cuidas que não sei,
 Que a causa de tudo ignoro?
 Por que motivo tu cantas,
 E por que razão eu choro?

Vai ouvindo meus queixumes,
 Já que a sorte o quer assim,
 E depois, querida Albana,
 Compadece-te de mim.

Tu conheces claramente
 A força d'humã paixão,
 Que todo o peito abrangendo
 Me filtrou o coração.

A minha alma, que tu mesma
 Com os teus olhos feriste,
 Procurou patemtear-te
 O ardor que nella existe.

Escutáraõ teus ouvidos,
 Pastora, mais, d'humã vez,
 O meu amor, quando estavas
 No montanhoso Geréz.

Naquelle sitio intratavel,
 Tendo os Ceos por testemunha,
 Te explicava os meus cuidados,
 A minha paixão te expunha.

Prometteste de adorar-me,
 De não ser teu peito ingrato,
 E foi a tua promessa
 Ao pé d'hum'claro regato.

Eu ditoso porque via
 O meu extremo attendido,
 Não importunava os montes,
 Exhalando hum só gemido.

Obrava pelo contrario

Naquella situaçãõ,
 Signaes dava a cada hora
 De pura satisfaçãõ.

Humas vezes pelos troncos,
 Teu bello nome entalhava,
 Outras com mimosas flores,
 Querida Albana, te ornava.

Nas tardes era infallivel
 Belmiro junto d'Albana,
 Quer no passeio do monte,
 Quer na rustica choupana.

Era insensivel a tudo,
 Só tinha gôsto, e alegria,
 Quando os Ceos me concediaõs
 Tua amavel companhia.

Naõ me quero recordar
 Do momento em que partiste,
 Ficandq naquelles montes,
 Na situaçãõ mais triste.

Tornei a ter a ventura
 De habitar perto de ti;
 Pela tua propria bôca
 Chamar-me o teu Bem ouvi.

Mas que importa que me digas
 Expressões de terno amor,
 Se as obras naõ correspondem
 Ao teu aparente ardor!

Em palavras, não consiste
A gloria de ser amado ;
Bem sabes o que he preciso
Para ser afortunado.

As aveziphas, que tem
Só por mestra a natureza,
Não mostram, como tu mostras
Ao teu Bem tanta dureza.

Buscaõ a rama sombria,
Quando o sol he mais ardente,
E embebidas em transportes,
Beijaõ-se amigavelmente.

Na bella estaçaõ do anno
Formaõ seus occultos ninhos,
E alli criaõ doce fructo
D'amor, os ternos filhinhos.

O mesmo lobo faminto,
O tigre féro, o leaõ,
Por obra mostraõ que tem
Hum amante coraçãõ.

Só tu, cruel te desvias
Da ordem taõ natural?
Dizendo que me idolatras,
Pertendes ser-me fatal?

Ó minha Albana adorada,
O capricho naõ te illuda;
Humaniza-te comigo,
Os teus sentimentos muda.

Divino prazer gozemos
A que o Amor nos convida;
Se me fazias morrer,
Então me darás a vida. »

Ouvio Albana estas vozes,
Dictadas pela paixão;
E deo provas de que tinha
Tocado o seu coração.



S O N E T O.

Temivel rugidora tempestade,
He tempo de acalmar. Toda a espessura
Chora humilde, e abatida a força dura
Da tua insupportavel crueldade.

Consente que a feliz serenidade
Espalhe nestes campos a ventura;
Que os cordeiros se alegrem na verdura,
E que os Pastores matem a saudade.

Contra o pobre Belmiro desafias
Com furia rigorosa, e deshumana,
As negras, as fataes melancolias.

Ah! deixa-me buscar outra cabana,
Que já soffrer não posso por mais dias
A auzencia do meu Bem, da minha Atba-
(na.

Tom. III.

G

S O N E T O .

A sabia , a providente natureza ,
Jámais obra formou taõ peregrina ,
Como a Ninfa gentil , bella , e divina ,
Por quem minha alma terna existe prêza .

Dos seus travessos olhos com destreza ,
Amor causa aos mortaes certa ruina ;
Hum dourado farpaõ de ponta fina ,
Ah ! naõ mata com tanta ligeireza .

Tem mil graças Albana , saõ incriveis
As suas perfeições ; vê-se adorada
Pelos mesmos Pastores inflexiveis .

Taõ formosa está sempre a minha amada ,
Que fere os coraçõs menos sensiveis ,
Até quando se mostra agoniada .

S O N E T O :

Pequenino cruel, se me tens dado
O coração d'Albana, os meus amores,
Porque lhe não sacodes os rigores,
De que sempre eu o encontro rodeado?

Qual he o motivo por que tem negado
Ao Pastor que a idolátra, os seus favores,
Os ouvidos ceifando a mil clamores,
Que rebentaõ d'hum peito atormentado?

Fracco não sejas, hum farpaõ tempéra,
Minhas lagrimas tristes lhe mistura,
Para vêr se tal genio se modéra.

Cuida Amor, em torná-la menos dura,
Pois em quanto existir teimoza, e féra,
Não posso com Albana ter ventura.



I D I L I O.

Os cordeiros innocentes
Na branda relva pastavaõ,
Em quanto Albana, e Belmiro
Ao desafio cantavaõ.

BELMIRO.

Eu já respirei contente
Sem grilhões d'Amor soffrer;
Mas tornei ao cativeiro,
Albana, tinha de ser.

ALBANA.

Nunca pôde Amor tyranno
Meu peito duro vencer;
Alcançou cruel victoria,
Belmiro, tinha de ser.

BELM.

Fiz votos, fiz juramentos.
De paixãõ por ninguem ter;
Por ti morro, sou perjuro,
Albana, tinha de ser.

(101)

ALB.

Eu tirava util proveito
Dos mais que ouvia gemer ;
Suspiro , já não sou livre ,
Belmiro , tinha de ser.

BELM.

As tuas graças amáveis
Fazem-me em paixão arder ,
Volto aos laços que rompi ,
Albana , tinha de ser.

ALB.

Neste meu peito innocente ,
Não reina o antigo prazer ;
Tu me fazes desgraçada ,
Belmiro , tinha de ser.

BELM.

Se te não vejo , meu Bem ,
Eu não sinto amanhecer ;
Vivo sempre em noite escura ,
Albana , tinha de ser.

ALB.

Amar-te , Pastor , chegando
O teu genio a conhecer ,
He força da minha estrella ,
Belmiro , tinha de ser.

BELM.

Bem podéra felizmente
Em socego , e paz viver ;

Porém se Amor me inquieta,
Albana, tinha de ser.

ALB.

O mesmo que aborrecia,
Já não posso aborrecer;
Está meu coração mudado,
Belmiro, tinha de ser. »

Acabáraõ de çantar,
Pois já vinha a anoitecer,
Hum ao outro prometendo
O ser firme até morrer.



I D I L I O.

Nhuma penha solitaria,
 Belmiro estando assentado,
 Deste modo ao som da lira,
 Entretinha o seu cuidado:

„ Vinde Graças, vinde Amores;
 Pousar sobre a doce lira,
 Pois cantar quero a belleza
 Da Pastora que me inspira.

A mesma Venus formosa,
 Suas perfeições admira,
 E até se mostra ciosa
 Da Pastora que me inspira.

Naõ ha peito duro, e forte,
 Que com seus olhos naõ fira;
 Todos sentem duros golpes
 Da Pastora que me inspira.

Cardume de amaveis Graças
 No seu rosto sempre gira:
 Ninguem póde separar-se
 Da Pastora que me inspira.

(104)

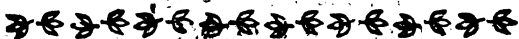
A carinhosa ternura
A ameiga quando suspira ;
Embelece a linda face
Da Pastora que me inspira.

Encadêa os corações
Inda mesmo cheia d'ira ;
Supportaveis saõ os golpes
Da Pastora que me inspira.

Continúa brando genio ,
Naõ cances , ó pinha lira ,
Celebremos os encantos
Da Pastora que me inspira.

Se o triste peito arquejando ,
Continuamente suspira ,
Eu perdoõ aos bellos olhos
Da Pastora que me inspira.

Albana , divino objecto
D'huma céga adoraçãõ ,
Fez callar o seu Pastor ,
Pois ella chegou estaõ.



I D I L I O.

Qual enfermo delirante,
Que se julga saõ, e forte,
Belmiro, o triste Belmiro,
Discorria desta sorte:

„ Saõ cruez os duros premios,
Que aos mortaes concede Amor,
Com elles vem misturados,
Afflicáo, penas, e dôr.

Ah Deos me livre
De amar alguem:
He o peor mal,
Que o mundo tem.

Logo no rosto apparece
Triste macilenta cor;
Enche o peito de amarguras
Este menino traidor.

Ah Deos me livre &c.

Nunca se encontra mais brando
Seu deshumaõ rigor;
A todos fere igualmente,
Quer seja Rei, quer Pastor.

Ah Deos me livre &c.

Ninguém pôde rezistir-lhe,
O peito chegando a expôr:
Os intrépidos Guerreiros
Perdem todo o seu valor.

Ah Deos me livre &c.

Foge a paz, fuge o socêgo,
E o prazer consolador;
Cuidados, zelos, angustias,
São companheiros d'Amór.

Ah Deos me livre &c.

Devota sempre as entranhas
Com fôgo consumidor;
Quanto mais augmenta a chama,
Tanto a desgraça he maior.

Ah Deos me livre &c.

Nos mesmos leões, nos tigres
Faz mil estragos Amor;
Dóma as feras mais cruéis
O seu arco vencedor.

Ah Deos me livre &c.

Peitos livres, e innocentes,
Olhai sempre com horror
Hum menino, que motiva
Afflicção, penas, e dôr.

Ah Deos me livre &c.

SONETO

Lês os meus tristes versos , e haõ sentes
Hum só ligeiro toque de piedade ;
Encobres a ferina crueldade
Debaixo de apparencias innocentes.

Ouves mil ais , vês lagrimas ardentes
Correr pelo meu rosto em quantidade ,
E estes signaes , só filhos da amizade ,
Saõ julgados por ti como indifferentes.

Dize-me pois ; hum peito , que te adora ,
Que em servir-te fiel estuda , e trata ,
Nunca em seus males ha de ter melhora ?

Albana , huma de duas : ou me mata ,
Que o crime te perdoe , ou deixa agora
De ser para o teu Bem teimoza , e ingrata.



E G L O G A.

ALBANA, E DIRCEA. I

DIRCEA.

Nunca vi, minha Albana, ha longo tempo
 Estes prados, o monte, a nossa aldêa,
 Taõ bellos, e formosos: de prazeres
 Huma tropa agradavel os rodêa.
 Tudo respira alegre; as tenras plantas,
 As mesmas delicadas rôxas flores,
 Sem declinar a graciosa frente,
 Do sol naõ temem asperos ardores.
 Pequenos, e innocentes passarinhos,
 Sobre as pontas flexiveis dos salgueiros,
 Repêtem alternadas cantilenas,
 Que transportaõ os nossos pegureiros.
 Até os mansos cordeiros pela relva
 Daõ saltos de prazer, e de alegria;
 Apparece risonha a natureza,
 Nas producções que providente cria.

Neste arredor feliz hum puro gôsto,
 Sem q̄ nuvens o assombrem, mora, e as-
 E vendo eu a alegria de nós todos, (siste,
 Só tu, Albana, me parece triste.

Melancolico véo cruel se estende
 Sobre os teus olhos bellos, costumados
 Com natural viveza, e alegria
 A afugentar pezares, e cuidados.

Correm horas contínuas, e naõ posso
 Ouvir-te huma palavra; meditando,
 Insensivel a tudo que te cerca, (do.
 Te escapaõ alguns ais de quando em quan-

E até pela agradavel fontezinha,
 Onde sempre pouzavamos, passaste;
 O som das claras aguas te chamava,
 E nem sequer o rosto lhe voltaste.

Minha amiga, que he isto? Que te opprime?
 Naõ afflijas huma alma que te préza:
 Dize, naõ és a mesma como dantes,
 Mudaste o coraçãõ, e a natureza?

No decurso da tua auzencia infausta
 Perdeste o teu antigo genio por ventura,
 Teu genio só capaz de consolar
 No meio da affliçãõ, e da amargura?

Ha tres semanas pouco* mais ou menos,
 Esta cruel differença tenho visto,
 E hoje só me resolvo a perguntar-te,
 Minha Albana adorada, a causa disto.

(110)

ALBANA.

Deixa, Dirceã, deixa, que eu só viva
Melancolica, e triste: embora goza
Da innocencia, e da paz, pois he impossivel
Que eu seja mais alegre, e venturoza. (vel,
Albana, a pobre Albana por occulto,
E invencivel poder do seu destino,
Ancias mortaes padece, penas soffre,
Que suffocar no peito determino.

DIRCEA.

Naõ queiras ser ingrata, naõ pertendas,
Que te chame cruel: fado inimigo
Causa as tuas desgraças? Minha Albana,
Communica, reparte-as comigo.

ALBANA.

E que lucras, Pastora, em ter noticia
Das minhas incuraveis amarguras?
Naõ he melhor que eu seja desgraçada,
Sem que penem as outras creaturas?

DIRCEA.

Naõ importa que eu sinta o activo effeito
Da justa, e merecida compaixão:
Póde ser q̄ em dizendo o que supportas,
Alivies o afflicto coração.
Eu terei além disto immensa gloria,
Que espalhes livremente, e sem receio
Dos teus olhos as lagrimas ardentes
Sobre o meu extremo, e eterno seio.

(III)

ALBANA.

Pois Dirceã adorada , se dezejas
Nas minhas afflições ter grande parte ,
Sentemo-nos , que agora fielmente
A minha vida vou communicar-te.
A romper o segredo mais occulto
A minha lingua tímida começa ,
Pois que tanto me estimas , e a tua alma
Em tudo que he de Albana se interéssa.
Tu serás a fiel depozitaria
Das minhas ternas lagrimas , daquella
Dezasthada paixão , que vorazmente
O socêgo , e a innocencia me atropélla.

DIRCEA.

Começa , minha amiga , que os dezejos
De te escutar agora mais se atêãõ :
Só prezencêa a faia que nos cobre ,
E os delgados arbustos que a rodêãõ.

ALBANA.

Bem certa viverás , que em todo o tempo ,
Em que junto de ti passei gostosa ,
Reinava no meu peito aquella paz ,
Que inspira a liberdade preciosa.
Via sempre correr serenos dias
No seio do prazer , e da amizade ,
Naõ encontrando quem toldar podesse
Toda a minha feliz tranquillidade.
Quando ouvia pintar algumas vezes

De amantes desgraçados o martirio ;
 Creando hum novo horror ás paixões cé-
 Condoida chorava o seu delirio. (gas,
 Tu bem te lembrarás, que immensas tardes
 Passavamos sózinhas lastimando
 As desgraçadas credulas Pastoras,
 Que ouviamos afflictas suspirando.
 Aos nossos olhos inda naõ vendados,
 Vinhaõ apparecer com vivas côres,
 Os enganos, as juras cavilosas
 Dos voluveis, e pérfidos Pastores.
 Lições taõ proveitosas felizmente,
 Contra as paixões me tinhaõ prevenido,
 E pensava, que em ferros deshumanos
 Nunca Albana daria hum só gemido.
 Porém, minha Dircêa, eu me enganei,
 Fez-me o tempo cruel triste sentir,
 Que huma Pastora fragil nunca póde
 A destinos occultos rezistir.
 Basta hum momento só para que o raio
 Soberbos cedros tronque em ametades,
 Inda quando por seculos afrontem
 O raivozo furor das tempestades.
 Deixei-te, e fui viver nos campos ferteis
 Do patrio Douro. Igual tranquillidade
 Neste sitio feliz por alguns mezes
 Me permittio a doce liberdade.

Mas Amor, que não só entre as cabanas

Assiste, mas também pelos retiros,
Pertendia arrancar d'hum livre peito
A premicia fatal dos meus suspiros.

Inspirou-me a cruel fragilidade,
De ouvir certo Pastor, de o escutar,
De attender aos excéssos que fazia,
Finalmente de o crer, e de o amar.

Agora tem paciencia, por piedade
Consente, que em teu collo reclinada,
Suspire hum pouco, alguns instantes cho-
A tua amiga, Albana desgraçada. (re

DIRCEA.

Sim, Pastora, estes braços estão promptos,
Eu os estendo já para apertar-te:
Conheces, que os meus unicos dezejos
São de meios buscar de consolar-te.

Mas não podes dizer, e confiar-me
O nome desse barbaro inimigo,
Que vencendo os propositos mais firmes,
Hum tão grande poder teve contigo?

ALBANA.

Eu vou a declará-lo, persuadida,
Que ficarás atónita, e pasmada,
Conhecendo o instrumento dos meus ma-
E por quem vivo agora encadeada. (les,

He Belmiro . . . Ah Dircêa, compassiva

Chora a paixão funesta que me opprime

Tom. III.

H

Se he delirio o amar, a triste Albana
 Não se póde eximir d'hum negro crime.
 He Belmiro, o Pastor, que bem conheces,
 Objecto dos meus votos: tem ferido
 Pela primeira vez hum terno peito,
 E aos males que elle sente reduzido.

DIRCEA.

Por ventura estás louca? Sim, deliras!
 Belmiro desconheces? Tu ignoras,
 Que o pérfido traidor immensas vezes
 Tem causado a desgraça das Pastoras?

ALBANA.

Oxalá delirasse: não, não tenho
 De agora to dizer algum recato;
 E se o meu coração mostrar podéra,
 Nelle impresso verias seu retrato.

DIRCEA.

Estou fóra de mim! Como chegaste
 Ao cume da paixão mais desastrada,
 Sem nunca te lembrar, q'ou tarde ou cedo
 Has de ser como tantas desgraçada?

ALBANA.

Das paixões em que tinha suspirado,
 Dos seus antigos laços bem sabia;
 E temendo que fosse pouco firme,
 Aos primeiros ataques rezistia.
 Em me fazer excéssos continúa,
 A pesar da indiff'rença que eu mostrava;

Persuadido que o tempo alcançaria
 A gloria que a fortuna lhe negava.
 Os sons da sua lira harmoniosa,
 Só para meu prazer se dirigiaõ ;
 E os brandos versos, filhos do seu genio,
 Innocentes louvores me teciaõ.
 Eraõ poucas as flores da campina
 Para alegre formar gentís capellas, (los
 Ornando a minha frente, e os meus cabel-
 Com verde louro, e as mais formosas del-
 Quando só me topava ingenuamente (las.)
 Da sua alma dizia o sentimento,
 Que me amava, que ardia por Albana,
 Sem remedio encontrar n'hum fogo lento.
 Ah Dircêa querida, pouco e pouco
 Se foi desvanecendo o horror antigo,
 Com que olhava feliz, e acautelada
 Para Amor, como barbaro inimigo !
 O meu coração já tinha interesse
 Nas tímidas palavras que lhe ouvia ;
 E suspirava triste, e impaciente,
 Se em alguma das tardes o não via.
 Dos calháos que nos cercaõ, eu não tenho
 A insensível, e morta natureza :
 Por Belmiro, que amante me adorava,
 Sem o saber, me vi ligada, e prêza.
 Em hum dia eu lhe disse: como posso,
 Extremoso Pastor, acreditar-te,

Como posso querer-te, se o teu genio
Inconstante he sabido em toda a parte?
Minha amiga, se visses dos seus olhos
De lagrimas brotar huma corrente!
Ficaras persuadida, que Belmiro
Naõ foi em tantos crimes delinquente.
Jurou-me, que naõ tinha merecido
A denegrida fama de mudavel,
Que a execranda perfidia das Pastoras
Na sua imperzistencia era culpavel.
Com tanta singeleza a sua bõca,
Os santos juramentos affirmava,
Que até jurar podia, que a verdade,
A candida verdade lhos dictava.
Naõ pude rezistir: no mesmo instante
Confessei-lhe a paixãõ, fiz-lhe patente
A ferida mortal, que no meu peito
Elle, e Amor tinhaõ feito cruelmente.
A planta quasi murcha dos ardores,
Que no estio calmoso experimenta,
Naõ fica taõ depréssa reanimada, (ta.
Quando o orvalho sereno a molha, e alen-
Aos meus pés se lançou terno, e sensível;
Com amantes protestos me segura,
Que ha de estimar Albana eternamente
Ainda além da fria sepultura.
Na verdade atégora sempre o encontro
Excessivo, e fiel; próvas tem dado,

De que Albana he senhora da sua alma,
Onde tem os sentidos empregado.

DIRCEA.

Ah credula Pastora, a tua sorte
De compaixão he digna, e de piedade!
Saõ fmdados teus dias venturosos,
Já não tornas a ter felioidade.
Attendes hum Pastor sem perzistencia,
Cega, de todo cega, e allucinada:
Não conhecendo as vozes da impostura,
Tudo acreditas, não recêas nada.

ALBANA.

Não pôdem ser quebradas as cadêas,
Cujó pêzo eu constante soffro, e aturo:
Só devo procurar, que o cativeiro,
Quanto possivel fôr, não seja duro.
Porém as quentes lagrimas que choro,
Os suspiros que exhá-lo angustiada,
Seraõ hum sacrificio voluntario,
Se o meu Bem perzistir na fé jurada.

DIRCEA.

Ora deixa, que o tempo corra, e esfrie
Os incendios da tua paixão féra;
E quem vive no centro das desgraças,
De ser ditoso nunca dezespera.

ALBANA.

**Naõ te cances , Dircêa , em consolar-me
D'hum mal, q'eu hem conheço, mas q' esti-
Nem a minha paixãõ tenho contado, (mo:
Porque a quero acabar, porque a lastimo.
Soffrer ou naõ soffrer pouco me importa ,
Que seja ou naõ a minha sorte humana ;
Belmiro tem mostrado que he constante,
Ha de ser-lhe fiel a sua Albana.**

CANÇÃO.

Ah minha Albana, como
Voas rapidamente
As horas, os momentos preciosos,
Em que alegre, e contente,
Sentado ao pé de ti vejo a ternura
Nos teus olhos formosos!

O relampago fende
Com menos ligeireza
As densas nuvens. Move-se apressado
Da mesma natureza
O certo giro; e fico n'hum instante
Do meu Bem privado.

Sim, amavel objecto,
Hum dia, e outro dia,
Não digo bem, cem annos, que estivera
Na tua companhia,
Seria para mim risonha tarde
De alegre Primavera.

(120)

Porém , que differença
Longe de ti não sinto !

Os longos dias seculos parecem :
N'hum triste labiryntho
Conto as horas , e peço aos Ceos piedosos,
Que os momentos se apressem.

Aos altos montes subo ,
E desço aos fúndos valles
Para vêr se disfarço a crueldade
Dos meus ferinos males ,
Porém sempre teimosa me acompanha
A mais viva saudade.

Insensivel ás graças ,
As graças innocentes
Do campo , que tu mesma tanto exaltas ,
Me são impertinentes
As bellas produções da natureza ,
Pois tu , meu Bem , lhe faltas.

Minha adorada Albana ,
Porque sou desgraçado ?
Porque sou , do que as ternas avezinhas ,
Menos afortunado ?
Donde procede estrélla tão funesta ,
Dize , não adivinhas ?

Apenas vem raiando
A fresca madrugada,
Divino rouxinol com ternos cantos
Desperta a sua Amada,
E a convida a gozarem mutuamente
Os naturaes encantos.

Remontaõ apressados
Junto da fonte clara,
Que até parece, que benigna, e affavel
A mansa vêa pára,
Esperando que as lizas penas banhe
Aquelle pár amavel.

Voao depois ao campo
De flores matizado,
Onde estaõ largas horas entretidos
Sobre o feno orvalhado.
Da tristeza, ditozos, nunca soffrem
Os golpes atrevidos.

Mas quando o sol despede
Os raios mais ardentes,
Do salgueiro a fresca amenidade
Buscaõ ambos contentes,
Onde em Canções reciprocas exprimem
Sua terã amizade.

Oh minha Albana, ainda
Fortuna igual teremos?
Sempre serás á auzencia condemnados.
Nossos doces extremos?
Ainda corações, que tanto se amaão,
Geraão separados?

Quando abrir estes olhos,
Com que saudoso choro,
E os lançar pelos cantos da cabana,
Buscando o Bem que adoro,
Hei de vêr outro objecto, que não seja
A minha linda Albana?

Quando ouvir entoar
Mimosas cantilenas,
Na campina ao claraõ da branda Lua,
E nas manhás serenas;
Hei de achar, q' outra voz as fórma, e entõa,
E que não seja a tua?

Não, Albana, os destinos
Nem sempre são crueis,
Suspiremos auzentes, e saudosos,
Mas sejamos fieis:
Pois ainda algum tempo, objecto amado,
Seremos venturosos.

Vai, ó Canção ditosa,
Da minha Albana ter á mão piedosa.



S O N E T O .

Já não se encontra Amor farpas vibrando
Contra os peitos q̄ conquistar pertende,
Nem aos tristes mortaes laços estende,
Para os trazer ao seu ferino mando :

Considera tambem , que he fôgo brando
O lume roedôr , que n'alma accende ,
E q̄ a taes armas só quem quer se rende,
Ou do fraco poder fica zombando.

Valentes corações , tema-se a ira
Do vingativo Amor , pois he diverso
O instrumento fatal côm que hoje atira.

Rendamo-nos depressa , o Nume adverso
Traz por settas os olhos de Belmira ,
Com elles vencerá todo o Universo.



T O D E

Os sons caducos da cançada lira,
 Da minha lira triste,
 Que do tempo voraz
 Supporta a força, e os seus estragos sente,
 Hoje revivem; no mais terno accento,
 Cedem á dura mão do meu tormento.

Não he da paixão cega o impulso ardente
 Que as cordas lhe tempera;
 Nem sobre ella se estendem
 As azas vergonhosas do interesse:
 Tu, ó santa amizade, és tu a authora
 Desta mudança, que se encontra agora.

Tu levas á presença de Marília
 Os meus grosseiros versos,
 Fazes que os seus ouvidos
 A entender alta rima acostumados,
 Escutem compassivos neste dia,
 As Canções pobres, faltas d'harmonia.

Por ti, ó Deoza amavel, hoje envio
Meus puros sentimentos
A saudar a Pastora,
Que as margens honra do famoso Douro ;
E ao pé de quem as Ninfas, e os Serranos
Cantaõ alegres seus festivos annos.

Oh ! quem podéra ter sublimes côres,
E o pínçel mais famoso
Para pintar ao vivo
D'hum terno coração gratos desejos !
Quem podéra gravar, doce amizade,
No peito de Marilia esta verdade !

Entaõ conhecêria, que Belmiro
Ama as suas virtudes ;
Que em Marilia contempla
O perfeito modelo das Pastoras :
Que aos Ceos roga, q̃ ainda por cem annos
Do veloz tempo vença o estrago, e os da-
(mos.



I D I L I O

AOS ANNOS D'ELIZA.

Passarinho, que na rama
 Deste loureiro sombrio,
 Livre de crueis cuidados,
 Estás cantando ao desafio;
 Voa agora de repente
 Do Ave aos campos ditosos,
 Onde verás a alegria,
 E os prazeres venturosos.
 Vai unir os teus gorgeios
 Á voz d'illustres Serranos,
 Que respeitosos celebraõ
 D'Eliza os festivos annos.
 Vai depréssa, ó passarinho,
 Nesta ventura ter parte:
 Oh! quem pudéra hir contigo,
 Quem pudéra acompanhar-te.
 Porém como a sorte minha,
 He sempre sorte de hum triste,
 Ao que he felicidade
 Mui facilmente reziste.

Mas se não posso em pessoa
Essa pastora buscar,
Da minha parte hum recado,
Passarinho, lhe has de dar.

Olha, para que tu tenhas
Hum favoravel destino,
Como te has de portar sempre,
Antes que vões te ensino.

Assim que alegre deixares
Esta saudosa espessura,
Sulcando o ar espaçoso,
Vôa ao Ave em direitura.

Has de saber a cabana,
Que esconde a amavel Pastora,
A Princesa dos encantos,
Que da minha alma he senhora.

Chega ao pé: e n'hum arbusto,
Que esteja della visinho,
Pousa ligeiro, e o teu canto
Começa então, passarinho.

Quando Eliza arrebatada,
Na janella apparecer,
Para sem estorvo algum
Tuas canções entender;

Enche de valor o peito,
Huma temeridade ouza,
Vôa ao pé do amavel rosto,
Sobre o seu hombro lhe pouza.

E depois de receberes
O effeito do seu transporte,
Em segredo, que só ouça,
Lhe fallarás desta sorte:

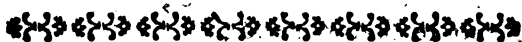
- » Pastora, não estremeças
- » Ao nome que te profiro:
- » Conheces inda hum Pastor,
- » Que se nomêa Belmiro?
- » Pois este genio excessivo,
- » Que tanto calçado tens,
- » Por mim aos teus annos, manda
- » Dar eternos parabens.
- » Manda-me, já que não pôde
- » Vir a tua mão beijar,
- » Manda-me, que os seus desejos,
- » Te venha, Eliza, expressar.
- » Que pede ao Ceo, que mil vezes
- » Attende a voz dos humanos,
- » Te faça entre mil venturas,
- » Contar numerosos annos. »

Apenas ella escutar
Este pequeno recado,
Para infeliz nunca seres,
Foge logo do seu lado.

Nem huma palavra entendas
Da sua hôca engraçada;
Se não queres ficar prêzo
N'humã innocente cilada.

Não vejas os olhos seus,
Onde amores sempre girão,
Temo-te firão o peito,
Assim como me ferirão.

Torna então, meu passarinho
Este sitio procura;
E no em tanto fico triste,
A gemer, a suspirar.



C A N Ç A O.

Sobre ramos floridos,
O passarinho canta alegremente
Os seus ternos amores.
Na campina esmaltada de mil flores,
O cordeiro innocente
Anda pulando ; e em tremulos balidos,
Que a alegria lhe ensina,
Explica o prazer doce que o domina.

Junto da clara vêa
Do cristallino Téjo, mil Serranas
Mais amaveis que o dia,
Estão cantando ao som da onda fria.
Pastoras soberanas
A tristeza afugentaõ desta aldêa ;
Vivem todas contentes
No meio de recreios innocentes.

Só eu, Filena ingrata,
Ao rouco som das asperas cadêas

Hei de soar meus males?
Só eu farei soar nos fundos valles,
Huma voz insensata?
Minhas palavras de tristeza chejas,
Serão ellas ouvidas,
Como d'hum peito afflicto despedidas?

Se a natureza inteira
Respira nestes campos alegria:
As plantas animadas,
O prado com mil côres engraçadas,
O Tejo que gemia,
Agora alegre banha esta ribeira;
Só eu, Filena ingrata,
Morrerei, porque o teu amor me mata?

Sim, ouves os gemidos,
Que a minha dôr espalha ao surdo vento;
Vês-me acabar a vida
Sem ficares cruel compadecida.
O meu féro tormento,
Recrêa-te, consola os teus ouvidos;
Só te alegras, Filena,
Quando o peito me estala a dura pena.

Se digo que te adoro,
Ficas austéra, sizuda me pareces:
Se me achas suspirando,

Então cruel, então he que zombando
Dizes, que te enterneces:
Porém se a tua piedade imploro
Com supplicas activas,
Não entendes as minhas rogativas.

Cruel, já que és tão bella
Como os raios do sol na madrugada,
Tem hum genio piedoso;
De mim separa o impulso furioso
Da sorte desgraçada;
Adornando-te então huma capella
De mil galantes flores,
Cantarei a Filena os meus amores.

AO SENHOR D. P. DE A., MANDANDO-LHE
HUNS VERSOS, QUE ME OBRIGOU A RE-
METTER-LHE.

E P I S T O L A.

Huma destas manhãs, quando eu estava
Meio vestido, quasi a levantar-me,
A minha Musa vi, que o quarto entrava,
Porém taõ differente, taõ mudada,
Que bem pouco faltou, para que eu mesmo,
Quem procura, menina? perguntasse.
Trazia o rosto triste, e descórado,
Olhos mortaes, cabello desgrenhado,
Muito mal apertada a vestidura
Eu por mim, nunca a vi com tal figura.

Fiquei confuso; e quando hia a pedir-lhe,
Que me contasse a estranha novidade,
Ella m'interrompêo com mil gemidos,
E apertando as mãos sobre a cabeça,

» Ai de mim , ai de mim , (assim começa
 » A faltar-me com voz desentoadada)
 » Ai de mim , louco Alcino , a q̃ desprezos
 » Me vaõ agora expôr os teus projectos !
 » Tu farás com q̃ eu perca a honra , e a fa-
 » Tu farás infeliz a minha sorte. (ma,

» Se cuidas q̃ o ignoro , eu sei q̃ intentas
 » Tirar da escura sombra , onde se achavaõ,
 » Parte dos frios versos , que algum tempo
 » Pude inspirar no teu humilde engenho.
 » Ah ! se eu podéra vê-los como os outros
 » Sepultados no eterno esquecimento !
 » Pois hoje não teria o meu cuidado ,
 » Taõ vivas afflicções , tantos tormentos.
 » A quem vais tu mostra-los , louco Alci-
 » Até isto redobra as minhas penas : (no !
 » A quem vais tu mostra-los ? A Pierio ?
 » A Pierio , que as aguas d' Hipocrene
 » Gosta sempre na origem clara , e pura ,
 » Que no alto do Pindo tem assento
 » Junto do mesmo Apollo ? Tu não ouves
 » As suaves Canções com q̃ s'illustra. (qas,
 » Mais e mais o seu nome ? O Genio , e as Gra-
 » Q'ornaõ seus cultos versos , q̃ os animãõ ?
 » Entãõ como he possivel , q̃ lhe offereças
 » As fracas producções d' hum rude Plectro !

- „ O teu espirito justo, e penetrante,
 „ Verá em cada regra mil defeitos :
 „ Os seus ouvidos sempre acostumados :
 „ Á cadente harmonia,
 „ Quanta aspereza, quanto desagrado,
 „ Não estarão sentindo, quando ouvirem
 „ Da embrulhada rima os sons ingratos?
 „ Pobre de ti, Alcino ! todo o fructo
 „ D'esse teu arrojado atrevimento,
 „ Depois de o affligir, será sómente
 „ Merecer compaixão, porque és tão louco,
 „ E que será de mim, se a Pierio encontro
 „ No Parnaso algum dia? Eu penso, e tremo.
 „ Pondo os olhos no chão, o meu semblante
 „ As côres mudará d'istante a instante :
 „ Cuidarei, que elle diz consigo mesmo,
 „ Aquella Musa he boa ! Os seus influxos,
 „ Produzem, como eu vi, galantes versos! »
- „ Reflecte, Alcino, bem no que te digo :
 „ Tem piedade de mim, e ainda contigo
 „ Não queiras ser injusto. Ah! muda, muda,
 „ O projecto que dantes te occupava ;
 „ Consume esse papel, onde apparece
 „ Da tua frouxidão vivo o retrato.
 „ Mas se queres seguir o teu dezejo,
 „ Se o intentas mostrar, não seja a Pierio.
 „ Melhor modo se dou: Corre, procura,

» Da tua aldeia os ingremes desertos,
 » E no meio d'alguma escura mata,
 » Repete em alta voz taõ froxos versos. »

Assim fallou ; e eu que tinha estado
 Immovel , e c'os olhos fixos nella ,
 Em silencio fiquei alguns momentos ,
 E depois respondi : » Senhora Musa ,
 Eu sempre lhe mereço outro conceito.
 Sei conhecer-me , sei té onde chego ;
 Os limites da minha curta esfera. (culpa
 Os meus versos saõ máos ... saõ máos , e a
 Naõ he só minha ... cuido que me entende.
 A tantas orações que eu lhe fazia ,
 Bem podéra encontra-la mais benigna. »

Quando soube algum tempo, q' eu mostrasse
 Essas raes , ou quaes obras que fazia ?
 Se por fugir da vã ociosidade ,
 Em compôr algum verso me occupava ,
 Mal lido o tinha , logo o sepultava ,
 E quasi todos forãõ perecendo ,
 Cheios de pó , cobertos de desprêzo.
 Naõ será este hum testemunho claro
 Da pouca estimaçãõ que d'elles faço ?
 Porém se quer culpar-me , porque agora
 A Pierio illustre dou os que me restaõ ,
 Quando devo cumprir o seu preccito ,

Não chame atrevimento ao que he respeito.
 Eu sei do seu engenho a alta valia,
 A rara multidão dos seus talentos,
 Que tem nobres, sublimes pensamentos,
 Que canta com doçura, e magestade, (ço,
 Que he sabio em fim: porém tambem conhe-
 Que tem huma alma cheia de bondade.

Tambem me lembra hum Rei, q̄ vendo es-
 Em público lugar os seus vassallos, (tava
 Os quaes para mostrar o fiel respeito
 Com que o Poder Augusto veneravaõ,
 Preciosas offertas lhe traziaõ,
 D'ouro, prata, brilhante pedraria,
 E de tudo o melhor, que a terra cria.
 Hum pobre, q̄ d'hum canto estava vendo:
 A soleimne funçaõ, por dentro ardia
 Nos desejos de ter alguma cousa,
 Que ao Monarcha offerecesse neste dia,
 Em testemunho da vontade nobre:
 Vontade inutil! pois elle era hum pobre.

Mas de sublime impulso arrebatado,
 Corre a huma fonte, e nas mãos recebe
 Porçaõ pequena d'agua, que corria.
 Volta com ella, ao throno se avizinha,
 Prostra-se, falla, e co'as mãos lha offerece:
 Aceita, grande Rei, os meus desejos.

« Eu não te offereço mais , pois mais não te
 Enternece-seo Rei, recebe-a, e estima(nho.
 Esta humilde oblação, liza, e sincera,
 Mais que quantos tributos preciosos
 A affectada lisonja lhe off'recera.

Assim, Pierio excelso, que está vendo
 De meus votos o humilde rendimento,
 Sem que repare se a offrenda he fraca,
 Conhece-me a vontade, e isto lhe basta.
 Com que, Senhora Musa, não se afflija,
 Nada fica perdendo, eu lho asseguro.
 Ninguem sabe o seu nome; vá, descance,
 Porém se acaso Pierio a encontrasse,
 D'hum sabio taõ benigno, inda a ter culpa,
 He facil conseguir graça, e desculpa.

Acabei de fallar-lhe, e a pobre Musa
 Do antigo susto hum pouco respirando,
 Co'as vivas côres, que o prazer retrataõ,
 Fôï outra vez a linda face ornando.
 Já entre os beijos tinha o alegre rizo,
 E chegando-se a mim com voz mais terna,
 « Está feito, me disse, cáro Alcino,
 « Cumpre-o assim, he justo, eu to approvo:
 « Mas quando os froxos versos lhe entrega-
 res, (tre,
 « Pede-lhe ao menos, q' a ninguem os mos-

» Porque nem todos tem igual piedade.

Ausentou-se, Senhor, quando eu queria
Pedir-lhe, que a desculpa em rima desse;
Mas talvez, que lembrando o susto antigo,
Hum só verso direito não fizesse.

NOTAS

REMEITENDO ALGUNS DOS MEUS VERSOS
A' SENHORA D. A. A.

EPISTOLA.

Acceita, bella Anarda, alguma parte
Dos froxos versos que escrevi sem arte,
Sem graças, sem engenho,
E sem ter a paixãõ, que agora tenho.
Aqui naõ acharás brilhantes côres,
A força, a solidez, o ornato, as flores,
Que outros muitos com destra maõ espal-
haõ
Nas obras immortaes. Quando trabalhaõ,
Arde o fôgo divino, que os anima:
A vasta erudiçaõ, sevêra lima,
Aperfeiçõa os dotes soberaõs, (nos;
Que alguns buscaõ sem fructo annos, e an-
E de hum rápido vôo estaõ subindo
Até o cume do elevado Pindo.

Huns, tirando do Plectro harmonioso
 O Canto magestoso,
 Louvaõ os Deozes, os Heroes celebraõ,
 Do tempo arrebatado as azas quebraõ,
 Sem deixar que sepulte a antiga idade
 A virtude, o valor, a heroicidade.
 Outros vaõ de Melpomene chorosa,
 Repetindo a voz triste, e lastimosa.
 Os écos nos retiros
 Suspiraõ, só de ouvir os seus suspiros.
 Palpitaõ os humanos corações,
 Vendo o vivo retrato das paixões,
 Que mil Genios amaveis entregáraõ
 Á desgraça horrorosa, em que acabáraõ:
 E naõ palpitaõ só, rebenta o pranto,
 Que huma arte taõ divina póde tanto.
 Outros, que invocaõ mais alegres Numes,
 Reformaõ os costumes,
 As modas, os abusos dominantes,
 Sem enrugar os funebres semblantes,
 De huma moral sévera carregados.
 Os rizos co'a doutrina misturados,
 O desprezo nos mostraõ sobre a scena,
 Daquelles vicios, que a razaõ condemna.
 Outros em fim, (e destes ha milhares)
 Devotas romarias aos Altares
 Vaõ fazer de Cupido,
 Chamaõ-lhe ás vezes o seu Deos querido;

Sem as cáras prizões, q̃ elle urde, e tece,
 O maior bem desgraça lhes parece;
 Tudo o mais enfastia, e desagrada,
 Em lhe faltando Amor, o mundo he nada.
 Mas outras vezes perdem-lhe o respeito,
 Dizem q̃ he Deos traidor, Deos contrafei-
 Horriuel exemplar de crueis tyrannos, (to,
 Que se nutre do sangue dos humanos,
 Cégo, rapaz, perjuro, impio, perverso,
 E mil injurias mais em cada verso.
 Assim vaõ por caminhos diferentes,
 Colher o louro que lhes cinge as frentes,
 Merecendo ser lidos, decorados,
 E no templo do gôsto collocados
 Estes nobres modelos de Poezia,
 Que Apollo do seu throno approvaria.
 Mas se alguns, como eu, nada tem feito,
 Que seja menos máo, que tenha geito;
 Se engenhaõ quando muito alguma gloza
 Inda mais fria do que a fria proza;
 Se organizaõ mirrados esqueletos
 A que chamaõ depois os seus Sonetos;
 Pódem estes querer que alguém os lêa?
 Naõ basta a confundi-los só a idéa,
 De que cheguem talvez a publicar-se
 Obras taes, que devêraõ sepultar-se?
 Sim, bellissima Anarda, era bem justo,
 Que tremesse de susto,

Sem nunca me animar a offerecer-te
 As rudes producções de hum genio inerte,
 Feitas para não vêr a luz do dia,
 Sepultadas no pó, que as encobria.
 Mas tu mandaste; e eu entãõ respeito
 Mais q̃ a minha vontade o teu preceito.

Porém nunca te esqueça

Cumprires-me a promessa
 De não passar a estranho senhorio
 As fracas oblações, que te confio.
 Nem penses que esta supplica he nascida
 Da virtude entre nós desconhecida,
 Que dizem ser modestia, ou humildade:
 He só por amor proprio, he por vaidade,
 Que procuro, e talvez com bem trabalho,
 A todos esconder quaõ pouco valho.

Sê tu sómente, Anarda encantadora,
 Dos versos meus a candida censora.
 De hum gôsto exacto, e puro conduzida,
 Que enfadonha acharás, que desabrida
 Esta leitura, que a seu proprio dono,
 A fallar-te a verdade, causa somno;
 Sem ter mais, (a ter inda esta belleza)
 Que huma pobre, e despida singeleza!

Agora sim, agora se eu podésse
 Communicar aos versos que escrevesse,
 Algum calor daquelle incendio activo,
 Em que abrazado vivo;

Então posso jurar-te, que lerias
Em vez de froxidões, d'imagens frias;
Expressões fortes do Amor ardente,
Que tu me inspiras, e minha alma sente.
Mas Anarda, eu conheço,
Que nada sei contar do que padeço.
Quasi sou semelhante
Ao pequenò rapaz, ao tenro infante,
Que por mais que forceja
Por fallar, por dizer quanto dezeja,
Nunca pôde exprimir os seus cuidados
Em sons confusos, mal articulados;
Antes talvez, se alguma afflicção sentè,
Em vez de enternecer, faz rir a gente.



UNDO DE JORNADA , E OUVINDO CANTAR
HUM PASSARINHO.

S O N E T O .

Como cantas , alegre passarinho ,
Junto deste pacifico ribeiro ,
Celebrando sonoro , e lizonjeiro
Da Aurora o nascimento já visinho.

Fazes parar suspenso no caminho
Para te ouvir mais tempo o passageiro ,
E animas o teu cáro companheiro ,
Que tece cuidadoso o occulto ninho.

Quem pudéra aqui estar continuas horas ,
Escutando a tocante suavidade
Com q os peitos mais rusticos namoras.

Mas pois cumprir não posso esta vontade ,
Ao pé da verde rama em que tu moras ,
Te deixo huma vivissima saudade.

Tom. III.

K

VENDO ANARDA A FLOR QUE CHAMAÕ
MARTIRIO, PÔZ-SE A CHORAR.

S O N E T O .

Vê Anarda hum martirio ; e cuidadosa
Observa as partes de que está composto ;
Prizões , espinhos , chagas , q̃ tem posto
A natureza nesta flor mimosa .

Pondo os olhos no chaõ , sente piedosa ,
Que males traz consigo hum só desgosto ;
Suspira , chora , e o encendido rosto
Troca em pálida cõr a cõr de roza .

Quem vio scena , e ternura mais tocante !
Genio adoravel , pelo Amor formado ,
Hymnos o mundo em teu aplauso cante .

Mas ai de mim ! e como está mudado !
Insensivel zombando a cada instante
Dos martirios cruéis que tem causado .

S O N E T O. (1)

O T E R A O 2

Foge Philautia , foge ; Apollo irado
Contra os teus atrevidos pensamentos
Do seu ~~excelso throno~~ a mil tormentos
Com justa recridão te ha condemnado.

Pelo Grande Camões foste accusado
Desses loucos sacrilegos intentos ;
Pois tendo em cada verso erros aos centos,
Queres ser mais do que elle respeitado.

Inda que ha muito tempo soffro , e aturo ,
Teus roucos sons , satiricos , perversos ,
De si me compadeço : assim to juro :

Para apylacar o Deos , meios diversos
Podéra aconsellar-te ; o mais seguro
He que não tornes mais a fazer versos.

(1) About Versista maldizente , que era inda
peior do que eu.

S O N E T O.

Tem os loiros cabellos ondeados,
Q'inda lhe passad da cintura airosa,
A testa clara, as fates cor de roza,
Onde os brancos jasmins estaõ mistura-
(dos.

Huns olhos matadores disfarçados,
De que a mãe de Cupido anda invejosa;
Orna-lhe o rosto a graça carinhosa,
Reluzindo entre os beiços encarnados.

Tem da neve mais pura, e cristallina
Formado o gentil seio, que o recato
Lhe está cobrindo com subtil cortina.

(bato,
Tem mais... não sei q' diga... eu me arre-
Cahe-me a penna da mãe, formosa Alci-
Sem poder acabar o teu retrato (na,

S O N E T O

Vem, Alcina adorada, entre os meus braços,
Gozar de hum fino amor doces ternuras,
Vejaõ estas alegres espessuras
Da nossa fé os venturosos laços.

Naõ temas, bella Ninfa, os embaraços,
Que levantaõ as minhas desventuras;
O tempo, a distancia, invejas duras,
Tudo vence o Amor: apressa os passos.

Faze que entre pezares taõ crecidos,
Veja os teus bellos olhos docemente
Cahir sobre o meu peito enternecidos.

Mas se queres q' eu morra, entaõ consente,
Que antes de dar os ultimos gemidos,
Te diga adeos, e morrerei contente.

S O N E T O

Se alguma vez te conto, bella Alcina,
A pura chamma que me abraza o peito,
Se te digo as finezas que tem feito
Hum triste coração que Amor domiña;

Eu não sei que mudança repentina
Troca do teu semblante o doce aspecto;
Ficas sévera, e hum tímido respeito,
De todo me perturba, e me allucina.

Que agudas afflições minha alma sente,
Quando tu ao voltar-me o gesto irado,
Partindo já me chamas delinquente.

Ah! ingrata! se he culpa o haver-te amado,
Onde acharás hum só peito innocente,
Que chegue a vêr-te, sem ficar culpado?

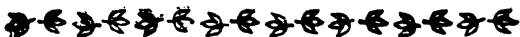
SONETO.

Já de longe apparece a róxa Aurora,
 Pouco a pouco os objectos descobrindo,
 A noite foge, e vai tambem fugindo
 A casta Deosa, que Endimiao adora.

Tambem já se ouve a musica sonora
 Das aves, que dos ninhos vaõ sahindo,
 Co proprio bico as azas sacudindo
 Do fresco orvalho, q as molhou agora.

Mil beijos carinhosas se estaõ dando;
 Ninguem lhe altera a paz afortunada,
 Disse eu mesmo comigo suspirando.

Ah se alguma ditosa madrugada,
 Como a ellas, me visse estar beijando
 O teu candido rosto, Alcina amada!



DIZENDO ALCINA , QUE QUERIA DEIXAR
AMOR , E SEGUIR A VIRTUDE.

S O N E T O.

O cilicio , o jejum , a penitencia
Te desterrem do mundo o falso engano ;
Eu no templo de Amor , do Amor tyran-
Os grilhões sofferei com paciencia. (no,

Reza , Alcina , medita com frequencia ,
Aproveita as lições do desengano ;
Em quãto eu mesmo , sem temer o damno ,
Dobro os laços , confirmo a obediencia.

(nhas ;
Deixa o mundo , e as lembranças q' entãõ ti-
Os meus ternos suspiros incessantes
Vaõ encher as florestas mais visinhas.

Nãõ cessem as acções edificantes ;
Tu serás o exemplo das Santinhas ,
Eu serei o modelo dos Amantes.

SONETO

Prepara-te Cupido, o ingrato peito
 Da cruel Nize fere sem piedade;
 Trespasa hum coração, q' jámais ha de
 Aos teus doces grilhões viver sujeito.

Que desprezos, que ultrajes não tem feito
 As tuas leis a sua crueldade!
 Se suspendes o golpe, em toda a idade
 Verás os teus Altares sem respeito.

Empunha o arco, aponta a setta dura,
 Não repares, atira, surprehido
 Não te deixe de Nize a formosura.

Fere, fere... Mas ah que estou perdido!
 Agora que farei! Que desventura!
 Daquella ingrata foge Amor vencido.

S O N E T O

Pude escapar do triste cativoiro
 Em q' Amor tantos annos me opprimia,
 Da infame escravidão, onde me vira
 Sem razão, sem vontade, e sem dinheiro.

Nunca o cuidei: Valeo-me o verdadeiro
 Sentimento, que o desengano inspira:
 Porém desde hoje já não temo a ira,
 Nem os embustes desse Deos frêcheiro.

Por mais que se disfarce apparecendo
 Entre os carinhos de huma moça bella,
 Cã de largo direi: » Sim, bem o entendo;

» Senhor Cupido, adeos, tenho cautella:
 » Ande, trabalhe, e ficará sabendo,
 » Que não caio outra vez nessa esparrella.

CONSONA TORAL

Não peço-lhe fôrte numerozo gado, 7
Nem largos campos onde o apascente;
O meu genio me faz viver contente,
Tendo hum fraco surrao, e hum só ca-
(jado.

Inda menos se occupa o meu cuidado 7
Das grandezas que busca a errada gente;
Sou Pastor pobre, vivo livremente,
Sem ter invejas de mais alto estado.

Se o Rico, e Potentado se regerá 7
Na fertil-meza, na dourado leite,
Nem entao se entristece a minha idea.

Deos me livre de andar a isso afeito: 7
Oh feliz liberdade desta aldêa,
Quanto vales tu mais, que o seu respeito!

SONETO ALLEGORICO.

O freixo corpulento, e levantado, (ra,
Quinda hontem assombrava esta espessu-
De hum corisco sentindo a força dura,
Por três partes cahio despedaçado.

Porém aquelle arbusto tão delgado,
Que me lembra ter sempre pouca altura,
Está com folhas, vive em paz segura,
Entre as mesmas tormentas socegado.

Por mais que a negra tempestade venha,
Os flexiveis raminhos não destroça,
Nos duros troncos toda a força empenha.

Daqui aprenderei, e em quanto possa,
Darei graças a Deos, pois faz q eu tenha
Seguro abfigo nesta humilde choca.

S O N E T O.

Tu és prôcias galas precibzas,
Grandes thesouros, montes de riqueza,
Altos palacios, exquisita meza,
Soberbos moveis, armações custosas.

Perdes o tempo ainda quando gozás
Dos vaós respeitoos, que a vaidade prêza:
Nem te lembras de ti, nem da incerteza
De venturas tão vis, tão mentirosas.

Acorda, ó Fabio, o teu erro adverte:
Vê já a foice da morte levantada,
Humta tão triste imagem te desperte.

Olha que nessa grandeza idolatrada,
D'istante para instante se converte
Em pó, em cinza, em fumo, em vento,
(em nada.

S O N E T O .

Vinde apressar, Amantes : Lidia, aquella,
Que as vivas graças tinhaõ sempre ornada,
Vos desengana já desanimada,
Se vos soube enganar por ser taõ bella.

Naõ pôde a formosura defendê-la,
Lidia morreu : Entrai, vede-a prostrada,
Taõ macilenta, taõ desfigurada,
Que he difficil jágora o conhecê-la.

A mesma que adorastes, vos põe medo,
Já se enterra no horror da sepultura,
Rodeada d'hum lugubre segredo.

Mas debaixo daquelle pedra dura (cedo,
Mortas ainda vos grita; ou tarde ou
Nisto de q' para a humana formosura.

SONETO.

Eu não posso viver hum só momento
Separado de ti, amada Alcina,
Ou esteja no valle, ou na campina,
Sempre trago comigo o meu tormento.

Em vão quer o saudoso pensamento
Disfarçar a afflicção que o domina,
Pois como o enfermo, q' erra a medicina,
Faz o seu mal maior, e mais violento.

Só tu podes, meu Bem, em dor tão forte,
Vencer as furias do Destino irado,
E arrancar-me as mãos da mesma morte.

Deixa-me ver teu rosto delicado,
Verás fugir de mim a horrivel sorte,
Verás ser venturoso hum desgraçado.

S O N E T O .

Quem pudéra, Dorinda, converter-se
De hora em hora em pequeno passarinho;
Q'voasse ao teu quarto, e alli sózinho,
Sem ser visto chegasse a esconder-se:

Que depois d'estar lá fosse metter-se
Bem perto do teu leito a algum cantinho;
Que montes de cristal, doce Bemzinho,
Ao tu deitar-te, poderiaõ vêr-se!

Vendo-te assim formosa e descuidada,
Deixando fingimentos te diria,
"Sou eu, Dorinda, fica socegada.

Quantos ternos abraços te daria!
Quantos, quantos na face delicada,
Roxos signaes d'Amor te deixaria!

S O N E T O.

Quem vio, Anarda, genio similhante !
Amas-me agora , e logo me aborreces ;
Hoje alegre , e risonha me appareces ,
Hoje me mostras funebre semblante.

Vejo-te ao mesmo tempo ingrata, e amante,
Lembras-te agora do que agora esqueces ,
És huma' á noite , e outra me amanheces ,
Nem é a mesma d'hum em outro instante.

Da tua propria boca tenho ouvido
Palavras meigas cheias de piedade ,
Outras logo c'o tom mais desabrido.

Naõ sei que faça ! Fallo-te a verdade ;
Se chore quando for favorecido ,
Se cante quando achar em ti crueldade.

S O N E T O.

Aquiltens, bella Anarda, o teu marido !
Hum velho de cem annos corcovado,
Cheio de rugas, triste, desmaiado,
De beiços negros, e nariz comido.

Já não tem dentes, falla enrouquecido,
Anda em duas moletas encostado ;
He hum vivo esqueleto, e assim mirrado
Para maior desgraça está rendido.

He rabujento, que ninguem o atura,
Remusga á noite, ralha o dia inteiro,
Ferve com elle em caza a guerra dura.

Quem poderá querer hum tal zoupeiro ?
Mas não falta quem venda a formozura,
Tanto póde a ambição de ter dinheiro !

S O N E T O.

Os prados , que até'qui cheios de flores
C'o fresco orvalho estavaõ reluzindo ,
Começaõ a murchar , já presentindo
Do triste inverno os asperos rigores.

Aos arvoredos destes orredores ,
De todo as secas folhas vaõ cahindo ;
Cobre a neve os outeiros , vem fugindo
Para a choça os rebanhos , e os Pastores.

Fecha-se o Ceo co'as nuvens carregadas ;
Revolvem tudo os ventos furiosos ,
Retumbaõ as medonhas trovoadas.

Fogem , Dorinda , os tempos deleitosos ,
Em que á sombra das arvores copadas
Cantei no teu regaço hymnos ditosos.



EMBARCANDO-SE HUMA MENINA DA MINHA
AMIZADE PARA ASSISTIR COM SEU ESPOZO.

S O N E T O.

Vai, ditoso Navio ; os elementos
Te façã sempre alegre companhia ,
Pois me levas a prenda , que fazia
A minha gloria, os meus contentamentos!

Do bravo Mar os fortes movimentos
Naõ te abalem de noite, nem de dia ;
Vai com bonança; e em prospera harmonia
Te inchem as vélas os ligeiros ventos.

Conduz' aos braços do seu caro Esposo
A amavel Victorina , que a piedade
Naõ moveo o meu pranto lastimoso ;

Viva' ella em feliz tranquillidade ,
Inda que acabe hum peito desditoso
Aos duros golpes da cruel saudade.

S O N E T O .

AO MESMO ASSUMPTO.

Tu partes, Victorina ! Que impiedade,
Te obrigou a romper o laço estreito,
Que em nossos Corações havia feito
A doce, a pura, a candida amizade.

Chama-te o Esposo ! Vai, mata a saudadê
C'o seu cruel veneno hum terno peito ;
Sóbe ao Navio ; parte ; eu me sujeito
A ser triste, a seguir tua vontade.

Porem se o vento as vélas meneando
Der hũ som semelhante aos dos gemidos,
Som, q̃ tu ouvirás de quando em quando ;

Teus olhos de lá volta enternecidos,
Sabendo que por elle assim te mando,
Os tristes écos de meus ais sentidos.

S O N E T O.

Eu vejo dessa esfera luminosa
Descer á terra os Deozes apressados,
De luz brilhante, d'esplendor cercados,
Com face nobre, augusta, e magestosa.

Eu vejo nas campinas numeroza
Multidão de Pastoras com cuidados.
Já recolhendo os lirios engraçados,
Frescas boninas a purpurea roza.

Hum doce canto alternadamente
Faz sentir a celeste melodia,
Que hum peito triste voltará contente.

Mas todo este prazer, toda alegria
Que vemos sobre a terra, he justamente,
Pois fazeis, Senhor, annos neste dia.



DANDO-SE ESTE

M O T E

Fugi d'Amor , fugi , tristes humanos.

G L O Z A

Quer o cruel Cupido , que os Amantes
Sem ter socêgo sofraõ guerra dura ;
Que sejaõ vis escravos , os que dantes
Enganozo elevou á maior altura : (tes ,
Ninguem lheouça as promessas inconstã-
Que tanto mente mais , quanto mais jura.
Temei pois , ó mortaes , os seus enganos ,
Fugi d'Amor , fugi , tristes humanos.

Qantas vezes Amor nos aparece
Rizonho , meigo , affavel , carinhozo ,
E dentro n'hum instante já parece
Tigre feroz , ou inda mais raivozo.
A si mesmo talvez se naõ conhece ,
Tãnto sabe fingir-se o Deos manhozo !
Temei pois , ó mortaes , os seus enganos ,
Fugi d'Amor , fugi , tristes humanos.

Vede as setas ainda ensanguentadas
Dos corações, que ha pouco tem ferido ;
Vêde as grossas cadeias penduradas ,
Que tantos até a morte tem sofrido ;
Ouvi d'huns vozes mil desesperadas ,
Ouvi d'outros o pranto , e o alarido :
Temei pois, ó mortaes, os seus enganos ,
Fugi d'Amor , fugi , tristes humanos.

S O N E T O.

Já que d'Amor cruel tenho sofrido
Tantos ultrajes, sem-razoens taõ duras,
Quero ao menos q̃ as minhas desventuras
Sirvaõ d'exemplo aos q̃ as naõ tem sentido.

Vós, a quem o Deos falso ha sorprendido
C'os laços d'enganozas formozuras,
Vereis todo o prazer dessas venturas
Bem depressa em mil magoas convertido.

Vinde aprender de mim, q̃ me tem pôsto,
Em paga de servi-lo tantos annos,
Entre as sombras funestas do desgosto,

Aproveitai tao justos dezenganos,
E sem mais querer ver-lhe o infame rosto,
Fugi d'Amor, fugi, tristes humanos.



O D E.

Aos demandistas injustos.

Onde correis , profanos ,
Inimigos da Paz , e da Concordia ,
Flagellos da innocencia dos humanos ,
Horriveis companheiros da Discordia !

Que furia rebentando
Das entranhas do abismo tenebrozo ,
Nos impios corações vos está soprando
Da injustiça o halito odioso !

Correi , ide em tumultos
Inventar sem-razões , urdir maldades ,
Ajuntai a hum insulto mil insultos ,
Fartai-vos , ó crueis , d'iniquidades.

O pobre , o desvalido
Calcai aos pés ; do orfaõ sem amparo
Naõ entorneça o pranto , e o alarido
As extorsões do vosso genio avaro.

Fazei tremer de susto
O lavrador sincero, que recêa
Largar ás mãos do vosso orgulho injusto
A herdade de seus Pais, quando a semêa.

Que contra a venenoza,
Contra a cega paixão, que vos domina,
Nos vale o Ceo: Oh Virgem Magestoza,
Tu nos proteges, tu, Themis Divina!

Vem Divindade Augusta,
Vem domar estes monstros de fereza!
Lança aos abismos a Cubiça injusta
Que faz gemer a humana Natureza.

Da espada reluzente
Fugi, impios, fugi! A fiel balança,
Não se inclina ao poder; peza igualmente
Pobre, e rico, que nella se afaança.

Soltem desesperados
Horrorosos bramidos pelos ares ;
Os negros corações sacrificados ,
Ó implacavel Deoza , em teus Altares.

Já mais alguma se anime
A procurar nas tuas leis brandura ;
Pune severa : o venenoso crime
De longe nos verá em Paz segura.

SENDO ELEITA ABBADESSA DE S. BENTÓ
D. J. C.

O D E

A distinta Nobreza,
Sangue herdado de heroicos ascendentes,
Que a cega Natureza
Reparte sem medida ; reverentes
Cultos mereçaõ nos Annaes da historia ,
Q' eu nem lhe invejo , nem lhe augmento a
(gloria.

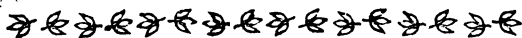
Talvez estima o mundo
Quem só se adorna c'õ as acções alheias ;
Mas , Senhora , eu não fundo
Vosso louvor em tão subtis ideias.
Fallo de vós , e deixo a Fidalguia ,
Que honra a vossa immortal genealogia.

A modestia , a prudencia ,
Hum puro coração , a alma illustrada ,
Que a sabia Providencia
Movêraõ a eleger-vos por Prelada ,
Celebraria com sublime Canção
Se o humilde engenho meu pudesse tanto.

Que prendas ! que virtudes !
Nos manifesta o vosso merecimento !
Bem que raivoza estudes
Os meios de offuscar-lhe o luzimento ,
Sordida Inveja , os valles escondidos
Te ouvem sem fructo os roucos ais sentidos.

Venturoza Clauzura !
Felizes , vós de Bento illustres Filhas !
Benigno o Ceo procura
Encher-vos de prazer. Que maravilhas
Naõ vereis no governo sabio , e justo
Que faz mais de Jozefa o nome augusto !

Será o seu exemplo
Clara luz , que dirija as mais Preladas,
Da Memoria no Templo
Suas bellas acções seraõ gravadas ,
E a fama em fim co' as vozes mais activas
Irá conta-las entre alegres vivas.



O D E

Ah Dorindo, Dorindo ! que receio
Detem o furor sacro, que te inspira
O Deos, o Pai das Muzas !
Que perigozo enleio
Te assusta, te suspende? Aspira, aspira
À carreira da gloria,
Onde as obras produzas.
Q' entrem no templo da immortal memoria.

O teu feliz engenho ha de fazer-te
Facil ainda, o que he mais difficultozo:
Que gostosa Esperança !
Vê como o Grego inerte
Nunca deziste do combate honrozo ;
Lutando co' a incerteza,
Porfia, não descansa
Sem vencer a rebelde Natureza.

Já que aos genios da sabia antiguidade
Tens pedido as Lições mais proveitosas,
Recolhe o doce fructo.
Quanto a Posteridade
Venera essas reliquias preziosas
Q' eternizaõ seus Nomes,
Sem te pagar tributo,
Ó lei Lethea, que os mortaes consumes!

O que contou dos miseros Troianos
Os trabalhos; o que d' Achilles forte
Canta o furor guerreiro,
Muito ha mais de mil annos
Vivem; triunfaõ do poder da morte.
Os seus Heroes louváraõ,
Mas, hum mais verdadeiro
Mais seguro louvor a si deixáraõ

Tu, que eterno Padraõ á Luza gente
C' os teus sonoros versos levantaste,
Honra da fama o templo!
Hum culto reverente
Te deve o mundo, e o Povo, q' illustraste.
Vai Dorindo buscá-lo,
Imita o seu exemplo,
Feliz de ti, se chegas a imitá-lo.

Sim , meu Dorindo , as musas carinhosas
Vem convidar-te, e os seus dons te offrecem,
Dons de tanta valia.

Trazem nas mãos mimosas
Capellas d'era ; a frente te guarnecem ;
Já rizonhas t'entregão
A suave Harmonia ,
O grande bem , que a outros muitos negão.

O alto estilo , os nobres pensamentos
Te promete Calliope Divina ,
Dos Heroes respeitada.
Que pompa ! que ornamentos !
Que brilhante grandeza ! Ó Deoza , ensina
O teu sublime Canto ;
Inspira , ó Muza amada ,
O meu Dorindo que o merece tanto !

A que ensinou Horacio vem trazer-té
As subtis graças , de que fuge o vicio :
Confuzo , e envergonhado.
Cada qual quer fazer-te
Mimozo c'os seus dons : que beneficio !
Melpomene sentida
A terna voz te ha dado ,
Com que Orpheo pede Euridice querida.

Que mais podes querer para animar-te?
Venturozo Dorindo! ouve ainda agora
Da Cipria o filho amado.
» Eu venho procurar-te ;
» Tu bem sabes, que o Mundo todo adora
» O poder de Cupido.
» Para eu ser respeitado ,
» Em cada peito tenho hum téplo erguido ;

» Mas os Destinos querem que me faças
» Companhia feliz na melhor parte
» Dos triunfos , que gozo.
» Cultiva as bellas graças
» Que o benefico Apollo te reparte.
» Farás , mais q̃ os meus tiros ,
» C'o plectro harmoniozo
» Sahir dos corações ternos suspiros.

Apollo, Amor, hum Nome eterno, a Fama,
Tudo te anima ; corre meu Dorindo ,
Segue a ventura , e a gloria , que te chama.



AOS ANNOS DO EXCELLENTISSIMO , E RE-
VERENDISSIMO SENHOR D. JOAÕ RAFAEL
DE MENDONÇA , BISPO DO PORTO.

O D E

A triste duraçãõ dos que se enterraõ
Nos encantos da froxa ociosidade ,
 Á sua Patria inuteis ,
 Inuteis a si mesmos ,
Naõ me causa prazer , antes piedade.

Nem de algum infeliz , que só respira
O venenoso crime , as paixões feras ,
 Sem razaõ , sem justiça.
 Ruina dos mais homens
Quanto fora melhor se naõ nascêras !

Os meus votos sinceros se accumulãõ
Por quem segue a virtude , e á pura Gloria
 Corre , voa incansavel ;
 Exemplo dos humanos
Que vai honrando Templo da Memoria.

M 2

Seus annos me interessaõ: todo o mundo,
Excepto o corrompido, os conta, e goza,
Pende a vida dos mais
Da sua heroica vida,
Naõ deixando de ser a ãlguem preciosa.

Assim contente vejo o fausto dia (ta,
Que á vossa idade hum lustro hoje acrescen-
Idade conduzida
Entre acções immortaes, (ta.
Que a cada instante de outras mil se augmen-

O suave Prazer voa aos retiros,
Onde a fraca Indigencia reanimada
C' os vossos beneficios,
Naõ lembra sem ternura
A maõ, que a consola, a maõ sagrada.

O sabio, o justo em vós, Senhor, contemplaõ
Mestre Exemplar, e protector zeloso;
Só o vicio aterrado
Com raivosos bramidos
Se sepulta no abysmo tenebroso.

A Igreja , venturoza, florescente
Pelos vossos cuidados , se recrea
 Dos sazonados fructos
 Que a pura Fé recolhe
Quando a doutrina solida os semea.

Ainda o Deos eterno nos concede
Tempos felizes , ainda novos annos
 Conta o genio sublime ,
 Criado para o bem
Dos mortaes nos Conselhos soberanos.

Oh ! seja a idade sua taõ comprida
Como os seus beneficios ! tenha o Mundo
 Quem o reforme, e ensine ,
 Quem o encha de gloria ,
Quem o illustre com saber profundo.

Taes saõ os geraes votos que resoã
Alegres neste dia , em que eu vejo
 Em honra da virtude
 Constantemente unidos
Os desejos dos mais ao meu desejo.



O D E.

Amavel solidão , seguro azilo ,
Da doce Paz , da candida Innocencia ;
Ouve os votos sinceros , que te offereço ;
Por ti mesma inspirados.

Longe desses tumultos perigosos ,
Que a virtude mais solida recea ,
Tu me fazes passar os bellos dias
Em ditozo socêgo.

Os meus olhos não vem spectros horriveis
Corações cheios de mortal veneno ,
Que com rizo enganozo estão cobrindo
Cruéis , impios projectos.

Por estes largos Campos não divizo
Estatuas da soberba , e da vaidade ,
A que a lizonja vil com rosto humilde
Vai offerecer incensos.

Aqui não me horrorizaõ as mudanças
Successivas da sorte, que huns eleva
Do pó da terra, que outros precipita
No fundo dos abysmos.

Nem posso ver os Idolos profanos,
Origem das Paixões q̃ o luxo adorna,
De que foge a modestia envergonhada
C'o as mãos cobrindo o rosto.

Amavel solidaõ, nunca hum só dia
De ti me apartarei; tu me arrebatas,
Comtigo sou feliz, nada desejo,
Vivo com liberdade.

Apenas vem raiando a luz da Aurora,
Com que face rizonha se não mostra,
Entre os mais innocentes attractivos,
A simples Natureza!

Fogem as sombras, deixaõ ver a terra
Taõ engraçada, como a bella Esposa,
Que brilhante, e modesta se prepara
No dia nupcial.

Já se divizaõ nos alegres campos
Verdes ervinhas , flores matizadas,
Já os altos outeiros vaõ dourando
Do sol os resplandores.

Ao redor destas arvores frondozas
Voltejaõ os contentes passarinhos ,
Em quanto os outros com suaves cantos
Vaõ festejando o dia.

Alguns percebo entre occultos ramos ,
Que ainda começaõ a tecer os ninhos ;
Outros levaõ nos bicos o alimento
Para os caros filhinhos.

Aqui a hum lado vejo estar pendentes
Dos curvos ramos os dourados fructos ,
Ou vejo as outras arvores floridas
Cubertas de esperanças.

E quando o ardente Phebo tem chegado
Ao meio da carreira , á fresca sombra
Junto de alguma fonte clara , e pura ,
Me deito socegado.

Passo os dias contente, as noites durmo ;
Sem nada perturbar-me, em Paz tranquilla,
Ouço, se acordo, o canto enternecido
Da doce Philoméla.

Mimoza solidão ! oh quem tivera
Conhecido ha mais tẽpo os teus agrados !
Para não te deixar hum só instante
Dos dias que passáráo.

Tu me animas dos nobres sentimentos
De que o Mundo perverso não faz caso ;
Em ti a natureza a honrar me ensina
O Pai da natureza.

Nas suas obras vejo retratado
O seu poder eterno ; ah quantas vezes ,
Hũ rochedo, hũa fonte, hũ bicho humil-
Me encham de Desenganos ! (de

Aqui posso empregar continuas horas
Em reflectir nos sabios documentos ,
D'esses que honrando os seculos antigos,
Vivem depois de mortos.

**Quantos exemplos ! quantos ! se me offrecem
De corações sublimes , que cansados
Entre os tumultos de hũa vã grandeza,
Só em ti respiravaõ.**

**Huns , vivendo na paz do seu retiro ,
Recusaõ acceitar a corõa , e o sceptro ;
Outros depois de governar o mundo
Vaõ cultivar seus campos.**

**Acceita pois , acceita estes meus votos ;
Eu te procuro cheio de alegria :
Hum justo desengano te consagra
Os tempos que me restaõ.**

**Nunca te deixarei ; mas se os Destinos
Me arrancarem deste socego amavel ,
Verás meu pranto ; e de qualquer parte ,
A ti voaraõ sempre os meus suspiros.**



**OUVINDO ALGUNS VERSOS DA EXCELLEN-
TÍSSIMA SENHORA B HUMA EXCEL-
LENTE ODE DA MESMA FEITA A'S PARCAS.**

O D. E.

O som que a meus ouvidos
Está chegando de suave lira ,
Que todos os sentidos
Me eleva , me arrebatá , que me inspira
Transportes de ternura ;
Não he , não he de humana creatura.

As mesmas Divindades
Cantar não podem Hymnos mais tocantes ;
Fogozas tempestades ,
Rijos ventos , vós ondas fluctuantes !
Tudo , tudo parára
Se esta divina voz a ouvir chegára.

O tempo a quem não prende
Do mortal que mais póde a vãa canseira,
Para ouvi-la suspende
Das suas azas a veloz carreira.

Quem he , Muza , me inspira ,
Esta Deoza , que a natureza admira !

Este genio elevado
Cheio de graças , cheio de harmonia ,
Sabio , culto , illustrado ,
Como os melhores , que tem visto o dia !
Talvez , talvez se conte ,
Entre os nove que tem o sacro monte.

Talvez . . . mas eu que vejo !
O Deus do Pindo sobre a terra desce.
Attende o meu desejo
Excelso Nume ! Dize quem merece
Conseguir poder tanto
Para igualar-te no suave canto ?

Sou feliz : já responde
A meus votos o deus : “ N’outro hemisferio
„ Não cuides , que se esconde.
„ Nasceo , e vive neste Luzo Imperio ,
„ E do seu nome a gloria
„ Honra , e celebra a immortal memoria.

„ Eu mesmo só por vê-la ;
„ Mil vezes deixo a habitação sagrada ;
„ Quando estou ao pé della
„ Ouvindo a voz sonora , e delicada ,
„ C'o Prazer que me inspira
„ Me cahe sem o sentir da mão a lira.

„ Esta he de meus cuidados
„ A amada filha , a filha a quem concedo
„ Os influxos dobrados ;
„ Esta he Lilia . . . he Lilia que tão cedo ,
„ Desde os mais tenros annos
„ Soube igualar os Gregos, e os Romanos. „

Ah ! como he venturosa
A minha Patria , a Lilia produzindo !
Canta, canta vaidosa
O teu triumpho, hum sabio possuindo ,
Smirna ; mas tu não tens
Nem tanta gloria , nem tamanhos bens.

Porém a voz sentida ,
Nume sobrano, como lhe ouço agora !
Com tristes sons ferida
Das duras Parcas o soccorro implora. ,
Ouvi-a ; e desarmadas
Ficai , crueis, junto a seus pés prostradas.

Sim , que esta voz divina
De seus cantos c'o a terna suavidade,
Como a de Orpheo, domina
No reino obscuro os monstros da crueldade ,
Pode fazer sensivel
Do severo Plutaõ a alma inflexivel.

E vós , que lhe usurpastes
A doce Paz , destinos rigorosos ,
Que os seus dias cercastes
D'imagens tristes ; sede mais piedosos :
Naõ tinhaiis consternada
Enganoza illuzaõ ! supplica errada !

Hum coração sublime
Inda maior , que toda a desventura
Naõ decahe , naõ se opprime
C'os seus revezes ; vive em paz segura ,
E do destino injusto ,
Sabe o poder , conhece-o , mas sem susto.

Até se a mesma terra
Rebentando os Abismos descobrisse ,
Se em desusada guerra
O Ceo os elementos confundisse ;
Lilia , sabia , illustrada ,
Ficaria em si mesma socegada.

Contra a desgraça impia
Que a tudo consternára, Lilia sente
Co'a paz que possuia
Dobrado esforço. A luz resplandecente
Mostra mais formozura
Entre os horrores d'huma noite escura.

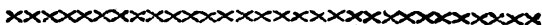
Tu, que nas ondas bravas
Em fraco lenho quazi soçobrado,
Da lira ainda tiravas
Acordes sons c'o genio soçegado;
Tu d'Autriche famosa
Naõ tens alma mais firme, e generosa.

Mas o deos luminoso
Vai ver de perto a musica sonóra;
Oh! quanto és mais ditoso
Excelso Nume, ouvindo Lilia agora,
Que no elevado Pindo
Das nove Irmãs o doce canto ouvindo.

Jozimo, Pastor do Vouga, indo viver para huma aldeia situada nas margens do Tamega, namorou-se de Isbella, Pastora que habitava no mesmo lugar. Andáraõ hum, e outro alguns tempos sem declararem a sua reciproca inclinaçaõ, até que depois de muitos rodeios, chegáraõ a fallar com liberdade, e a fazerem protestos de constancia eterna. Quando estavaõ no melhor dos seus amores, succedeo auzentar-se Isbella com seu Pai, taõ repentinamente, que apenas pôde despedir-se de Jozimo, renovando os protestos, que já tinha feito, prometendo escrever-lhe do sitio para onde seu Pai a conduzisse, pois ainda o ignorava; e dizendo-lhe que de lá mesmo lhe remetteria o seu retrato, feito pelas suas proprias maõs, o qual já lhe tinha anteriormente prometido. Ausentouse; e Jozimo naõ tendo no Tamega noticias da sua amada, veio para as margens do Vouga, onde Alcino, seu amigo pertende felicitar-se com a sua vinda; e depois d'elle lhe contar as suas

infelicidades , intenta consolá-lo , fazendo-o esperar com as noticias de Isbella huma melhor fortuna. Esta he a primeira Egloga.

Quando Jozimo suavizava as suas melancolias com esta doce esperanza , recebeu huma carta d'Isbella. Abrio-a , e achou dentro hum coração , que lhe tinha dado , feito em pedaços ; o retrato da Pastora com huma fita preta , representando tristeza , e com bastante dissimilhança do seu original ; e finalmente achou huns versos , em que o arguia de vileza , e de inconstancia , protestando-lhe , em vez do antigo amor , hum irreconciliavel aborrecimento. Alcino , tendo noticia que Jozimo recebêra a carta , sem saber o que trazia , vai dar-lhe os parabens : Jozimo lhe descobre todo o successo , e deplora a sua nova desgraça. Eis-aqui o objecto da segunda Egloga.



E G L O G A.

JOZIMO, E ALCINO.

Alc. **B**em vindo sejas, meu Jozimo amado
Para as margens do Vouga deleitozo,
Onde foste mil vezes dezejado.

Eu fallo-te a verdade ; desgostoso
Passava todo o tempo tristemente
Cansado já de suspirar saudoso.

Né cuides, q̃ era eu só, pois toda agente,
Quer grãde, quer pequena, desta aldêa,
Por te não ver andava descontente.

A linda Primavera, que semea
Os nossos campos de vistozas flores,
Sem ti nos parecia triste, e fea.

Até, Jozimo, nas funções maiores,
Que tem este lugar, nunca se ouvia
Tocar huma só flauta entre os Pastores.

Ninguém da festa o tempo distinguia
Do tempo de trabalho ; mas já'gora
Torna contigo a vir nossa alegria.

Joz. Oxalá , oxalá , que isso assim fôra !
Mas como ha de causar contêtamento,
Quem anda triste sêpre , e sempre chora ?

Quem traz o perturbado pensamento
Voando sempre d'hum a outra terra,
Sem que tenha descanso hũ só momento ?

Quê tamanha afflicção no peito encerra ,
Q' encheria de dor c'hum só gemido
Os mesmos brutos na embrenhada serra ?

Alc. Que pôde pois haver-te succedido ,
Q' hum igual sentimento te mereça ?
Acazo o teu rebanho tens perdido ?

Oh nunca tal dezaſtre me aconteça !
Perém a acontecer-me , tu verias
Como a perda esquecia bem depressa.

Joz. Não ; as minhas mortaes melancolias
Não tem cauza taõ fraca ; outro motivo
Cérca de dores os meus tristes dias.

Nem se pôde extinguir o mal activo ,
Pois como dêtro d'alma está gravado ,
Comigo ha de viver em quanto eu vivo

Alc. Estamos sós ; e já que o manso gado
Pela viçosa relva anda comendo ,
Sem rodeios me conta o teu cuidado.

Que depois de o saber entãõ pertendo ,
Ou dar algum alivio aos teus pezares ,
Ou contigo ficar tambem soffrendo.

Joz. Tudo te contarei ; mas se chegares
O meu tormêto a ouvir , quanto receio ,
Que se enchaõ de tristeza estes lugares !

E talvez nem me entendas, pois no enleio,
Em que vivo , começo muitas vezes
O mesmo conto , sem passar do meio.

Alc. Naõ te afflijas , pois os revezes ,
Que a dura sorte eternos representa ,
Vemos mudados em bem poucos mezes.

Á sombra destes alamos te assenta ;
E sem nada passar , conta-me a cauza
Da cruel afflicçaõ , que te atormenta.

Joz. Tu bem sabes, q̃ ás margens apartadas
Do Tamega levei o meu rebanho,
Deixando as terras de meus Pais herdadas
Para viver em hum paiz estranho.
Tanto póde comnosco, caro Alcino,
Esta força invizível do destino.

Ali passava, ainda que saudozo
Da minha aldêa, sempre com socego;
Tratar do meu rebanho numerozo,
Conduzi-lo a beber ao manso pego
Só era entã o meu maior cuidado;
Mas com que ligeireza o vi trocado!

Em pouco tempo logo conhecido
Fui por todos aquelles, arredores;
Ria, brincava, andando divertido
Co'a sincera amizade dos Pastores:
Com elles a cantar passava a sésta,
Na choça ás vezes, outras na floresta.

Naõ me faltava a fruta saboroza
C'o fresco orvalho da manhã colhida,
O queijo, o leite, os outros bens, q̃ goza
Pastor ditozo na campestre vida.
A ninguem n'esse tempo tinha inveja,
Pois he feliz quem tem quanto dezeja.

Vindo a noite contente me deitava ,
E com tanto socego adormecia ,
Que do somno tranquillo despertava
Só depois de raiar a luz do dia ,
Ouvindo celebrar co'a voz sonora
Dos passarinhos , a rizonha Aurora.

Oh preciozo tempo , que passaste
Mais breve , que o relampago ligeiro !
Que depressa inconstante te mostraste ,
Roubando-me o socego lisongeiro ,
O socego , que dantes possuia ,
O socego feliz , em que eu vivia !

Na tarde de hum Domingo me rogáraõ
Para a choça d'Anfrizo , onde as Pastoras
Mais formozas da Aldéa se ajuntáraõ ,
Formozas na verdade , e encantadoras ,
Mas o meu coração , vendo-as a ellas ,
Sem susto conhecia , que eraõ bellas.

D'humas alegre o doce canto ouvia ,
Vendo das outras os ligeiros passõs ,
Sem saber que o astuto amor urdia
Para alli me prender taõ fortes laços .
Voltei acazo o rosto , e n'hum momento
Fui a cauza encontrar do meu tormento.

Fui encontrar hum taõ gentil semblante ,
Que nem posso atrever-me a retratá-lo.
Mil novas graças de hũ em outro instante
Sem nunca descançar vinhaõ orná-lo.
Fui encontrar huns olhos matadores ,
Que o mesmo amor faraõ morrer de amo-
(res.

Vi na face modesta , pura , e bella ,
Da belleza a mais rara maravilha ;
Vi de repente em fim a linda Isbella ,
D'Anfrizo venturozo 'a amavel filha ;
Isbella , que d'amor me fez cativo ,
Isbella , por qué morro, e por quem vivo.

Mal a cheguei a ver , o activo effeito
Senti d'hum movimento desusado ;
O mesmo coraçãõ dentro no peito
Me bateo mais veloz , mais apressado ;
Talvez por que sentido conhecêra
A feliz liberdade , que perdêra.

Taõ absorto fiquei ; que me fallavaõ
Sem que eu a couza alguma respondesse ;
Nem ouvia as Pastoras que cantavaõ ,
Era como se ali naõ estivesse :
Tendo os olhos na minha Isbella amada ,
Della só me occupava , e de mais nada .

Mas quando em adorar-lhe o gentil rosto;
 Sem me lêbrar de mim, estava embebido,
 Quando junto. d'Isbella tinha pôsto
 Toda a minha alma, todo o meu sentido,
 Não sei que voz cruel veio avizar-me.
 Q'era chegado o tempo d'auzentar-me.

Não causa maior susto o fulminante
 Raio, quando das nuvens desce ardendo;
 Nem se perturba mais o caminhante,
 Que de puro cansaço adormecendo,
 Acorda de repente espavorido,
 D'huma féra raivoza acommettido.

Quantas vezes voltei os meus saudozos
 Aos bellos olhos donde amor domina!
 Com que passos tardios, vagarozos
 Deixei aquella habitação divina?
 Outro tanto á minha alma não custára,
 Se de mim para sempre se apartára

Que pezada afflicção veio opprimir-me
 Na humilde choça, tendo entrado nella!
 Tal me deixou, que pude persuadir-me,
 Que a minha habitação não era aquella.
 Mas ai de mim! talvez não me enganava
 Pois só junto d'Isbella he que alma estava.

Por mais que procurei buscar dormindõ
Algun alivio ao meu cruel tormento,
O somno tanto mais de mim fugindo
Deixava livre o triste pensamento,
Q'ia buscar-me hum mal inda mais duro
Nos distantes successos do futuro.

Sem me deter a noite tenebrosa
Pelos bosques corri mais intrincados;
Ali soltei ao vento a voz queixoza,
Ali dei mil suspiros magoados:
Os ecos em me ouvindo emudecêraõ,
Só os funebres mochos respondêraõ.

Nunca tanto tardou ao meu dezejo
A vagaroza luz da manhã clara:
Desterra a escura noite, em que me vejo,
Corre a mostrar-me a minha Prenda cara!
Assim gritava, como que eu pudêsse
Fazer, que mais depressa amanhecesse.

Vindo a manhã, corri sem mais demora
Ao lugar, onde Isbella se occultava,
Mas não a vendo, a sua voz sonora,
Que só de longe ouvi, me consolava.
He ella, disse entãõ, ella he a que falla:
Outra nenhuma o coraçãõ me abala.

Tornei a separar-me , suspirando
A toda a hora cheio de saudade ;
Até que em pouco tempo grangeando
D'Anfrizo a estimaçãõ , e a amizade ,
Na sua choça entrava , vendo nella
Com mais frequencia a minha linda Is-
(bella.

Mas nem sei se encontrava lenitivo
O meu saudozo , e misero tormento ,
Ateando inda mais o incendio activo
Dos olhos seus o doce movimento ;
Sendo taõ breve espaço , o que eu a via ,
E eterna a chama , q̃ em meu peito ardia.

He verdade , que a funebre lembrança
Menos triste deixou de atormentar-me ,
Huma suave , e timida esperança
Veio mais algum tanto consolar-me ;
Pois , quando os nossos olhos s'encontra-
D'amor parece , que entre si fallavaõ. (vaõ.

Mas eu via tambem no seu semblante
Taõ modesta , e taõ grave sisudeza ,
Que andava de continuo vacillante
No meio da esperança ; e da incerteza.
Quem sabe , me lembrava , se o q̃ vejo ,
Será engano só do meu dezejo ?

Hum dia , que me achei mais combatido
 De discursos taõ varios , taõ differentes ,
 Vendo-me hora feliz , hora mettido
 No meio dos mais tristes descontentes ,
 Rezolvi-me a sahir a todo o custo
 De tanta confusaõ , de tanto susto.

Busquei Anfrizo , para que se houvesse
 Alguma occasiaõ , dezenganado
 Da boca do meu bem saber pudesse
 Se era feliz , ou se era desgraçado.
 Achei-a só , mas c'hum gesto sisudo ,
 Fui a querer fallar-lhe , e fiquei mudo.

E vindo a conhecer , que em vaõ tentava
 Claramête expressar-lhe os meus amores ;
 Huma cantiga fiz , em que os contava
 Declarando na mesma os meus temores.
 Ouvio-a Isbella. Ainda que naõ presta ,
 Eu ta digo : se bem me lembro he esta.

Minha bella Pastora
 Inda mais engraçada ,
 Que a luz da madrugada ,
 Que a rizonha Aurora.

Quem pudéra contar-te
A amoroza paixão,
D'hum triste coração
Que tanto sabe amar-te.

Piedoza me soccorre,
Mostra-me mais ternura,
Não mate a desventura,
Quem já d'amores morre.

Se a minha voz pretende
Contar-te o meu tormento,
Desmaia, perde o alento,
O teu respeito a prende.

Em confusos gemidos
O meu amor direi,
Mas ah! que até não sei,
S'elles são entendidos.

Piedoza me soccorre,
Mostra-me mais ternura,
Não mate a desventura,
Quem já d'amores morre.

Acabei ; e depois d'estar-me ouvindo
Chamando outra Pastora sua amiga ,
Ao som da flauta a doce voz unindo ;
Começou a dizer esta cantiga.
Naõ sei se a fez entaõ , ou se a já tinha ;
Ouve-a, e verás quanto he melhor q̃ a mi-
(nha.

Odio eterno a amor
Dantes jurei segura.
Vingou-se , fui perjura
Em vendo o meu Pastor.

Nos funebres retiros
He que viver dezejo ;
E quando lá me vejo
Dou triste mil suspiros.

Penhascos , vós sereis
Do que eu , mais venturozos !
Pois os grilhões penozos
D'amor nunca sofreis.

Nem de dizer , que o adoro
Me fica a liberdade ;
Prendendo-me a vontade
O infeliz decóro.

Quem tanto supportou !
Às mãos d'amor morrer.
Sem que possa dizer
D'amor spirando estou ?

Penhascos , vós sereis
Do que eu , mais venturozos ;
Pois os grilhões penosos
D'amor nunca softeis.

Naõ fica mais contente , o que atacado
Ha muitos annos de algum mal penoso ,
No instante , em que está desesperado
De remedio , por cazo milagroso ,
Se vê livre das dores , que ha sofrido ,
Ao natural vigor restituído :

Do que eu fiquei , ouvindo a voz sonora ,
Que não dizo amor me assegurava.
Respirei : e senti sahir-me fóra
Do peito a negra nuvem , que o cercava.
Julguei entaõ , Alcino , que sahia
Do escuro abismo a ver a luz do dia.

Não tardou muito, que sahindo Isbella
 Á campina d'alguns acompanhada,
 Eu a vi sem poderem socorrê-la,
 Cahir de hum alto sitio despenhada.
 Tremi, gritei, corri, e a breves passos
 Pude apará-la illesa nos meus braços.

Oh Alcino ! que gloria, que ventura,
 Succedeo logo ao meu temor primeiro !
 Tinha salvado á morte a formozura,
 Que triste deixaria o mundo inteiro.
 E tinha estreitamente a mim unida,
 Quem tal dissera ! Isbella, a minha vida.

E logo assim, que a face preciosa
 Deixou do susto o repentino effeito,
 Disse, ao dar-me hũa flor murcha, e mima
 Que trazia chegada ao claro peito ; (sa,
 Tu verás na minha alma permanente
 Queria dizer mais, mas veio gente.

Depois, que em liberdade estar pudémos
 Mil expressões lhe ouvi do amor mais fino:
 Então constância, e fé nos promettemos
 Contra todas as forças do Destino ;
 Então vi animar-se o seu semblante
 De huma côr mais divina, e mais brilhante.

Quantas vezes passei tardes inteiras
No regaço d'Isbella reclinado !
Com que ternas caricias lizongeiras
A sua mão me fez affortunado !
Quantas vezes senti cheio de go-to ,
Molhar-me ella com doce pranto o rosto !

Huma vez , que do meu amante extremo
Lhe estava recontando a viva ansia ,
“ Quanto temo, me disse, quanto temo (cia!
” Que a tanto amor succeda hũa inconstan-
” Sépre isto ouvi contar dos mais Pastores:
” E serás tu assim c'os teus amores ?

” Mas ao menos, q' a minha imagé veja ;
” Pertendo , se és fiel , ou se és ingrato :
” E para que ao teu peito unida esteja ,
” Quero fazer , e dar-te o meu retrato ,
” Retrato mais feliz , que a sua authora ,
” Pois Jozimo o verá a qualquer hora. ”

Tinha o meu Bem unidos co'a belleza
Os dotes raros de hum subtil engenho.
C'o pincel trasladava a Natureza ,
Tanto era fecundo o seu desenho !
Tudo imitava. Mas que não faria ,
Quem o seu rosto retratar podia !

Depois de ouvir o tímido receio

Que augmentava ainda mais minha vétura ;
Nos braços a apertei , ao branco seio
Meu peito unindo com maior ternura :
“ Ah ! não temas, lhe disse com transporte,
” O meu amor, não o acaba a morte.

” Retrata o teu semblante, se he possível
” Ser taõ divino gesto retratado ;
” Pois inda q̃ em meu peito amor sensível,
” Co’as suas proprias mãos o tem gravado ,
” Como , inda que o adoro, nunca o vejo,
” No outro fartarei o meu dezejo. ”

Outra vez, que a buscá-la fui contente ,
Sentada, e triste a achei co’a mão na face;
Mal me vio , levantou-se de repente ,
Sem esperar que ao pé della me chegasse:
“ Oh Jozimo , Jozimo ! oh prenda cara !
” Oh meu Jozimo ! a sorte nos separa. ”

Ouvi-a; e de tal sorte perturbado

Ficou o coração , e o pensamento ,
Que ali mesmo parei, como pasmado,
Sem juizo , sem voz , sem movimento.
Nem hoje sei o tempo, que assim’stive,
Sei sómente , que entaõ vida não tive.
Tom. III. O

Sei , que tornando á mim , achei Isbella
 Suspirando abraçada ao meu pescoço :
 Não tinha forças de animar-me a vê-la ;
 A mim mesmo me admira como posso ,
 Lembrar agora esta terrivel scena ,
 Sem que me estale o coração de pena .

Mas em fim animei-me o mais que pude ,
 E com a voz incerta , e inda tremendo ;
 « Pois quem , quem he possível , q̃ te mude ?
 » Quem ha de separar-te ? ah ! eu pertendo
 » Morrer antes , lhê disse , que perder-te ,
 » Morrer antes , que não tornar a ver-te . »

Respondeo-me alimpando o triste rosto ,
 Inda banhado em copiozo pranto :
 « Se te custa , Jozimo , este desgosto ,
 » A não me custar mais , custa-me tanto .
 » Mas eu levo de ver-te as esperanças ,
 » Animem-te a ti mesmo estas lembranças .

» Meu Pái quer auzentar-se , e ainda ignoro
 » Onde o Destino o leva : em toda a parte ,
 » Tu verás que t'estimo , que te adoro :
 » E poderia eu , meu bem , deixar-te ?
 » Na minha fé constante assegurado ,
 » Vive , Jozimo , sem temor do Fado .

„ Quanto sinto naõ ter inda completo
„ O retrato ; porém em breves dias ,
„ To mandar´a , Jozimo , o meu affecto ,
„ Naõ rizonho , naõ cheio d´alegrias ,
„ Como no tempo , em que já fui ditoza ,
„ Mas qual hoje me vês triste , choroza .

„ Jozimo, adeos; meu bem, a deos, jágora
„ Pouco tempo nos resta. Oh préda amada !
„ Minha Isbella, pois q̃ ! tu vais-te embora?
„ Assim fiquei, sem lhe dizer mais nada. „
Correo ella a abraçar-me , e d´improvizo
Se suspêdeo , pois vinha entr´ado Anfrizo .

Eu nem sei o que fiz , nem o que disse ,
Desd´entaõ , nesta infausta despedida .
Talvez , que Anfrizo mesmo presentisse ,
Vendo-me hũ corpo sem signaes de vida ,
Que a meus olhos roubando a filha bella ,
Me roubava tambem alma com ella .

A hum canto da triste , e humilde choça ,
Sem saber como vim , lá fui achar-me .
Cruel amor ! onde haverá quem possa
D´huma perda taõ grande consolar-me ?
Isbella , Isbella , por q̃ assim me deixas ?
Estas eraõ minhas continuas queixas .

Sem socego de hum valle em oütros valles
 Bem como furiozo andei correndo :
 Penhasco não havia , a q' os meus males
 Não estivesse em alta voz dizendo.
 E a todas as Pastoras , que encontrava ,
 Se tinhaõ visto Isbella perguntava.

Mil vezes fui á choça , onde já fora
 Mais que algum dos mortaes afortunado ;
 Mas não achando alguém , ali de fóra
 Estava largos tempos enco-tado ;
 E taõ louco , que nem ao menos via
 A gente que passava , e que se ria.

O meu pobre rebanho o dia inteiro
 Stava ás vezes , sem que a pastar sahisse :
 He gado sem Pastor , sem pegureiro ,
 Todos vinhaõ dizer-me ; e eu mesmo o dis-
 Pois conhecia , que isto o menos era , (se,
 Quando tudo o que tinha já perdêra.

Nem se quer soube os campos venturozos ,
 Onde o meu bem talvez vive contente ,
 Sem ouvir os suspiros lastimozos ,
 Os tristes ais , que dou continuamente ,
 Os ais , os fristes ais , q' o vento brando
 Para bem perto della irá levando.

Agota julga tu , amado Alcino ,
Se tenho mil motivos d'affligir-me ;
Vejo sujeito aos golpes do destino
O peito mais fiel , o amor mais firme.
De mim fóge o prazer , a feliz sorte ;
Até fóge de mim a mesma morte.

Porem se piedosa , e compassiva
Co'a vida me acabar a desventura ,
Grava esta letra n'huma penha viva ,
Pondo-a junto da minha sepultura.
« Jozimo amou constante a linda Isbella ;
» Foi infeliz , até morrer por ella. »

Alc. Oh meu Jozimo! nunca Deos permitta,
Hum tal successo nos meus dias veja,
Que só lembrado lagrimas m'incita!

Em vez d'entristecer-te , antes forceja
Por encontrar alivio : facilmente
O chega a conseguir quem o dezeja.

Bem que a sorte penosa te atormente ,
Quantos inda que tu mais desgraçados ,
Passão a vida menos tristemente !

Espalha desde agora os teus cuidados ;
Pois quem nelles sem tino considera ;
Só faz que sejam cada vez dobrados.

Espera hum tempo mais feliz , espera ,
Que o teu peito d'amor favorecido
Torne outra vez a ser quem dantes era.

Quantas vezes me tem acontecido ,
Ser feliz quando menos o cuidava ,
Na profunda tristeza submergido ?

Porém se a tua Isbella te jurava ,
Huma constante fé , s'inda ao deixar-te ,
Tantos signaes de fino amor te dava ;

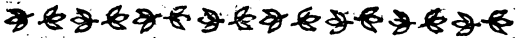
Quantos motivos tens de consolar-te ,
Conhecendo , que vives no seu peito ,
A pesar da distancia , em qualquer parte !

Se não andas de todo satisfeito ,
Consola-te , Jozimo , eu já to disse ,
Amor a muitos peor mal tem feito.

Joz. Pois a mim não podia : Inda q' eu visse
C'os propios olhos todo o horror da mor-
Não creias, não, q' tão me affligisse. (te,

Mal conheces o meu tormento forte!
Dezengana-te, Alcino, que mudança
Não pôde ter a minha triste sorte.

Alc. De ser ainda feliz, tem esperança,
Pois quem espera (he dito verdadeiro)
Ou mais tarde, ou mais cedo sempre al-
(cança.



E G L O G A.

Em continuação da precedente.

JOZIMO , E ALCINO.

Alc. **P**arabens, meu Jozimo ; pois já'gora
Mais contente estarás , mais satisfeito ,
Sabendo o sitio , onde Isbella mora.

Já não te affligirá o triste peito
O tormento cruel , que te fazia
Andar sempre em mil lagrimas desfeito.

Escreveo-te o teu bem ? oh que alegria !
Que ternas expressões para mandar-te,
Quando escrevesse , amor lhe dictaria !

Mas tu voltas o rosto a outra parte !
Pões os olhos no chão ? Pastor q' he isto !
Tu suspiras em vez de consolar-te ?

Joz. Eu estou louco , Alcino, eu não reziſto
A hũ novo mal, q̃ tãto mais me opprime,
Quanto menos de mim fora previsto.

Tu d'antes me animavas ; persuadi-me ;
Esperei ver mudada a desventura ;
Màs hoje inda haverá quẽ mais me anime?

Vejo ultrajada a fé constante, e pura ,
Que guardei infeliz nos meus amores,
Que dentro n'alma conservei segura.

Cuidei, q̃ a ingrata Isbella as minha dores
Consolasse piedosa, e compassiva ,
Mas a cruel as quiz fazer maiores.

Quer q̃ inda sofra mais ; que a furia activa
Exprimente da ultima desgraça ;
Aborrece-me já , não quer que eu viva.

Com mil, e mil desprezõs me trespassa
O terno coração, e o que eu lhe dera,
Com afrontoza injuria despedaça.

Quem tal julgára ; Alcino, quem disséra,
Que esta ingrata comigo exprimentasse
Tãdo meiga em outro tẽpo, hoje tãdo fera !

Quem podia esperar, que ella faltasse,
Sem ter motivo algum, á fé jurada,
Que d'amor á insconstância assim passasse!

Mas se a minha razão alucinada
Chegou a acreditar os seus enganos,
De mim devo admirar-me, e de mais nada.

He bem feito, q̃ sofra tantos danos,
Já que fechei os olhos cegamente
A proveitosa luz dos desenganos.

Naõ ouvia clamar continuamente
Contra a inconstancia mil desesperados,
Que até fugiaõ de viver co'a gente?

Naõ pude ler nos alamos gravados
Os tristes, porém sabios documentos
D'outros, primeiro que eu, desenganados.

Naõ via na inscripção dos seus tormentos,
Que as Pastoras sem pejo,algũ romperaõ
Tantos votos, taõ firmes juramentos?

E se a todas por falsas conheceraõ,
Como teria Isbella mais lealdade,
Isbella, que he mulher, como ellas eraõ!

Ou foi loucura, ou foi simplicidade :
Mas que tarde a conheço ! pois não vejo
Remedio algum á minha infelicidade.

Tristes sombras da morte, eu vos dezejo !
Só no centro do vosso abismo escuro,
Desesperado algum alivio elejo.

Ingrata Isbella ! o coração perjuro,
O teu genio ferino occupa embora
Em meditar as afflicções, que á tuas.

De lá mesmo onde estás, cruel Pastora,
Dize contente: « Por me achar fingida,
» Pobre Jozimo, estás morrendo agora ! »

Pois bem depressa ficarás sentida,
Sabendo, que tem fim os meus pezares,
Que não podem passar além da vida.

Mas não, cruel, ainda aqui não pares,
Podes inda empregar a tirannia
Nos mortaes restos, q̃ de mim achares.

Vem ultrajar a minha cinza fria,
Vem; e calcando-a aos pés, então se farte
De desprezos a tua aleivozia.

Porem treme , cruel ! a qualquer parte
Onde fores , a minha alma queixoza
Com vozes tristes ha de acompanhar-te.

Naõ esperes já mais viver gostosa...
Tu mesma lias de vingar-me, em relem-
Que eu innocente fui, tu aleivoza. (brádo,

Alc. Meu Jozimo, que estás imaginando?
Como vais com lembrança tão funesta
As tuas afflicções acrescentando ?

O que de novo tens me manifesta:
Se consolei a tua magoa antiga ,
Talvez , que o mesmo faça hoje com esta.

Joz. Achei huma cruel , huma inimiga ,
Huma fera em amante disfarçada.
Naõ esperes, Pastor, que eu mais te diga.

Alc. Pois se Isbella do teu amor lembrada,
Se cumprindo a promessa , que fizera ,
Te escreveu, como a julgas tu culpada ?

Joz. Oxalá , que antes nunca me escrevera ;
Pois nunca o doce alivio , que esperava ,
Em veneno mortal se convertera.

Nunca vira, que a ingrata me mostrava
Hum coração tão vario, e denegrido
Co'as manchas, q̃ atégora me occultava !

Naõ lera este papel, onde offendido
Me vejo, e mais que nunca desprezado
Pela cruel, que tudo tem fingido.

Eu to leio porém tão perturbado,
Me sinto já, que a vista naõ conhece
Se elle tem letras, ou se está riscado.

Alc. Eu, Jozimo, o lerei: quanto padece
Quem desprezando a liberdade amavel,
A tão cegas paixões o peito offrece!

« Naõ te escrevo, Pastor, para dizer-te
» As ternas expressões, que costumava.
» Sabe sim, que começo a aborrecer-te,
» Se em outro tempo louca te adorava.
» Nê he justo, q̃ empregue os meus amores
» N'hum Pastor vil, vergonha dos Pastores.

- » Esse Retrato meu seja offrecido
- » Por humilde despojo á tua amada.
- » Se hum coração me destes repartido ;
- » He esta prêda em mim mal empregada ;
- » Aceita-o outra vez ; e desde agora
- » Esquece Isbella, e não offendas Flora.

Estranha confusão ! caso notavel !

Mas onde haverá huma , que não seja ,
Mais que as folhas do alamo mudavel !

Joz. Agora sim , Pastor , faze que eu veja
Esperanças de ter melhor ventura ,
Vem consolar Jozimo , que o dezeja .

Vê se fazes constante huma perjura ,
Vê se podes chamar illuzão cega
A pena horrivel , que minha alma atura .

Ale. Não te afflijas : hum pouco te socega ,
Pois o alivio , como eu já te disse ,
Quando menos se espera ás vezes chega .

Quem sabe! pôde ser que Isbella ouviſſe
Q'ias contar a alguém os seus favores,
E te chamasse vil, se o presentisse.

Joz. A ninguem descobri, que tinha amores;
- Ouvindo os meus suspiros, nem sabiaõ
Porque assim suspirava os mais Pastores.

Quando a afflicçaõ no meu semblante viaõ,
« Jozimo que terá, que anda taõ triste! »
Huns para os outros entre si diziaõ.

Tu mesmo, caro Alcino, tu se ouviste
Contar o meu cuidado, que encuberto,
Ha tantos tempos dentro n'alma existe;

Tu naõ o ouviras, se vivesses perto
Desta cruel, que assim me martiriza,
E podesses quem he saber de certo.

Oh quanto isto inda mais me penaliza!
Ver q' a ingrata taõ baixos pensamentos
Ou me quer imputar, ou me diviza.

Leva, tiranna, os meus contentamentos,
Despedaça com barbara féreza
Do nosso amor antigo os monumentos!

Porém chamar-me vil? Em mim vileza?
 Rouba-me embora c'o socego a vida,
 Mas deixa-me ficar a honra illeza.

Que só esta sentira ver perdida,
 Inda mais do que a gloria encantadora
 De ter a minha fé co'a tua unida.

Alc. Quem sabe se a paixão abrazadora
 Dos zelos a obrigou a assim queixar-se,
 Pois Isbella te lança em rosto Flora.

Joz. He artificio só, he só disfarce;
 Ajuntou, a hum delicto outro delicto,
 Tentou culpar-me, para desculpar-se.

Em quanto triste neste monte habito,
 Em quanto sem a ver, continuamente
 D'ella me occupo só, n'ella inedito;

Sei, que esta minha auzencia nada sente,
 Que c'os Pastores folga, brinca, e dança,
 Que sabendo, q' eu morro, está contente.

Da sua repentina, e impia mudança,
 Este o motivo foi; que hum descontente
 Quanto o póde affigir depressa alcança.

He de Flora o amor, amor sonhado;
A cruel bem sabia, se o tivera,
Que para mais não vir tinha passado.

Sabia o mesmo então, quando me déra
Mil juramentos de ser sempre minha,
De não ser o que he perfida, e féra.

E se d'antes as mesmas cauzas tinha,
Como se hoje lembra tão queixoza,
O que á lembrança d'antes lhe não vinha.

Tu ouvistes a magoa lastimoza,
Com que só por Isbella suspirava
Na minha solidaõ triste, e saudoza.

Só o nome de Isbella consolava
A pezada afflicçaõ, que me opprimia;
Quando pela não ver sem tino andava

Sómente Isbella, Isbella repetia;
Né meu peito outro nome em si conhece;
Nem outro nome repetir podia.

Porém a ingrata mil enganos tece,
Para fazer julgar que com motivo
Me despreza, me deixa, me aborrece.

Tom. III.

P.

Ah cruel ! tu verás , que em quanto eu vivo ;
Conheço , que só foi tua vontade
De me deixares unico incentivo.

Do teu mesmo Retrato a variedade
Era justo , que ao mundo persuadissem
Da mão , que o dezenhou , a falsidade.

Ou quereria amor , que não sahisse
De ti mesma nem huma só pintura ,
Que como tu tambem se não fingisse

Tiranna Isbella ? em vão , em vão procura
Invectivas subtis para roubar-me
A gloria , que merece a fé mais pura ;

Pódes o bem que tenho arrebatarm-me ;
Mas hum peito fiel , terno , innocente ,
Quer tu queiras , quer não , ha de ficar-me.

Morrerei lastimado , e descontente ;
Mas oh quão he melhor huma tal morte ,
Do que viver perjuro , e delinquente !

Alc. Tu tens na tua mão a tua sorte :
De amor , q he taõ mal pago , os duros laços
A prudente razão desde hoje corte.

Se o desengano vês , segue os seus passos :
Estás livre de hum triste cativoiro ;
Que gloria ! q̄ prazer ! dá-me os teus bra-
ços.

Já não occuparás o dia inteiro
Em dar sentidos ais ; o teu rebanho
Será nas tuas ditas companheiro ;

Já o não guiará Pastor estranho ;
E em tu vindo contente á nossa aldêa
Quem não celebrará gosto tamanho !

Se huma ingrata em deixar-te se recrea ,
Por lhe ter conhecido os fingimentos ,
Com mais nobre prazer te lizongea.

Joz. Ah vinde , vinde tristes pensamentos !
Vinde , e fazei correr mais apressados
Os derradeiros , os fataes momentos.

Correi a dar o fim aos meus cuidados ;
Pois só então verás ás mãos da morte
Os laços que me prendem dezatados.



E G L O G A.

ALMENO, E ALCINO.

Deixa o pobre rebanho o triste Almeno
 Sem guarda alguma errante na espessura,
 Busca hum lugar occulto, e pouco ameno,
 Lugar proprio de hú homem sem ventura.
 Alli se encosta ao rustico cajado,
 Geme, suspira, e conta o seu cuidado.

Alm. Ai de mim infeliz ! como estou vêdo,
 Acabar todo o bem que dantes tinha ;
 Que desgraças cruéis vaõ succedendo
 A gloria infausta, q̃ a enganar-me vinha,
 Que depressa mudou a estrella impia,
 Em noite escura a luz do claro dia !

Eu passava huma vida taõ gostosa,
 Que servia d'inveja aos mais Pastores,
 Eu via descansar a Paz ditoza
 Junto de mim, ao pé dos meus amores :
 De Marfida no candido regaço
 Me teve a sorte naõ pequeno espaço.

Quantas vezes ; depois de ter ouvido
As ternas expressões , que amor dictava ;
C'o formozo semblante enternecido ,
Chegãdo a mim nos braços me apertava !
Quantas vezes não tive em laço estreito
Meu peito unido de Marfida ao peito !

Quantas vezes deixando todo o gado
Pelo veraõ á sombra da floresta ,
Vinha ao pé de Marfida o meu cuidado
Passar gostoso na calmosa sesta !
Quãtas vezes... Quem sêpre assim ficasse!
: Pude beijar-la na mimosa face !

Lembra-me inda , que estando certo diã
Enchendo de prazer o meu desejo ,
Essa Pastora timida dizia ,
Baixando os olhos com modesto pejo :
“ Tu vês o fino amor com que te trato ;
” Ah ! não chegues 'Almeno a ser-me ingra-
(to.
” Tu sabes , tu conheces que atégora ,
” Só estimava a minha liberdade ,
” Que passava contente de hora em hora
” No meio da feliz tranquillidade ,
” Vir ao prado , colher as brancas flores ,
” Este era o mêu desvelo , os meus amores.

„ Mas tudo se acabou : a tua vista
 „ Me teceó as prisões, soube vencer-me ;
 „ Debalde a razão diz que lhe rezista ,
 „ Quando o amor não deixa defender-me ;
 „ De balde o pejo quer servir de escudo ,
 „ Pois tu podes Almeno mais que tudo . „

Assim dizia , e dando alguns suspiros
 Reclinava a cabeça no meu peito ;
 Vós Ninfas , que habitaes estes recintos ,
 Visteis tantos signaes de amor perfeito !
 Vos ouvistes , sombrios arvoredos ,
 Da nossa chama os intimos segredos !

Muitas vezes , depois que novamente
 Eu lhe jurava a fé dos meus amores ;
 Ella corria ao prado diligente
 A tecer coroas d'engraçadas flores ;
 Trazia-as no regaço , e carinhosa
 Mas cingia na frente venturosa .

A minha pobre choça alguns instantes
 Teve debaixo do humilde tecto
 Almeno , e Marfida , os dous amantes
 A quem unira venturoso affecto .
 Ella nos vio . . . Mas ah ! q' assim fugiste ,
 Doce ventura , do meu peito triste !

Agora não encontra o pensamento,
Mais q̄ imagens funestas do meu damno ;
Agora entre as mãos do sentimento
Consumo todo o dia , o mez , o anno ;
(1) Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto,
E sem nunca passar o meu desgosto.

De toda a parte a cruel desgraça
Em me affligir o seu poder emprega ;
Suspiro sempre sem saber que faça ,
Pois a hum triste nunca o alivio chega.
Mas quem diria, que he Marfida ingrata,
A mesma que me afflige, a que me mata !

Quem diria , depois de ter ouvido
As ternas expressões , q̄ eu lhe escutava ;
Que podia esta ingrata haver fingido ,
A fé constante , a fé que me jurava !
Ah ! que nunca terá o mundo inteiro ,
Peito mais enganoso , e lisongeiro !

Quem diria , que a ingrata tão depressa
Havia de romper a prisaõ forte ,
Que tão juntos nos teve ! hũa promessa ,
Que affirmou não temer o tẽpo, e a sorte !
Triste de mim ! a todos o meu damno
Servirá de liçaõ , de dezengano.

(1) Este verso he de Joaõ Xavier de Mattos.

A Pastora infiel, nem quer ouvir-me
 Os pesares que sinto, porque a adoro;
 Se lhe fallo de amor, cuida em fugir-me,
 Ou se me escuta, inutilmente choro;
 Diz que a minha paixão he só delirio,
 Zombando do meu mal, do meu martirio.

Os olhos, em que eu vira antigamente
 Huns doces movimentos de ternura,
 Onde andava brincando amor contente,
 Onde eu ia buscar toda a ventura,
 Se se encontra c'os meus com impia arte
 Fogem depressa para outra parte.

E d'onde nascerá esta mudança,
 Que chego a exprimétar na infiel **Marfida?**
 Pensamentos crueis! triste lembrança!
 Vós me ireis consumindo a infausta vida,
 Vós me vindes dizer, q' hũ novo emprego
 Me rouba com a ingrata o meu socego.

Eu já cuido que vejo em ternos laços
 Esse Pastor feliz: **Marfida** corre,
 Carinhosa o recebe entre os seus braços,
 E o meu triste amor suspira, e morre.
 Aqui tens, ó **Almeno** desgraçado,
 Tudo o que colhes de a ter amado.

Aqui tens os triunfos, os prazeres,
Que te pintava a louca fantazia:
Aqui o premio tens de lhe querereres;
Mais que a todos os bens, que a terra cria.
Tu sentes rebentar de magoa o peito,
Outro com ella vive satisfeito.

Ah! Pastora cruel! inda mais fêra,
Que as mesmas fêras, desta serra inculta,
Pois na apparencia candida, e sincera,
Alma taõ aleivosa tens occulta:
Quando, dize, se vio na nossa aldêa
Inconstancia taõ vil, acção taõ fêa!

Ah Marfida, Marfida... e suffocada
No meio da garganta a voz afflicta,
Forceja em vaõ por ver dezabafada
A dôr funesta, que de novo a incita.
O pastor emmudece, e soluçando
Tristes suspiros dá de quando em quádo.

Immovel assim fica, até que Alcino
Que de traz de hum penedo sobranceiro,
Tinha ouvido do seu cruel destino
A dura sem-razão, o caso inteiro,
Vai buscar o Pastor, e em fim procura
Dar-lhe esperanças de melhor ventura.

Tres vezes lhe gritou , sem que acordasse
 Do lethargo , em que estava adormecido,
 Pois bem que junto d'elle alguem passasse,
 De nada este infeliz dava sentido.
 Grita Alcino outra vez , e elle assustado
 Torna a si , repetindo o nome amado.

E depois de passar hum breve espaço
 Para descanso da confuza idéa ,
 Pegando do Pastor no esquerdo braço ;
 Alcino o faz sentar na branda area.
 Pouco a pouco lhe falla , e principia
 A desfazer-lhe o mal , que elle sentia.

Alc. Meu Almeno , que estrella rigorosa ,
 Faz que sejas cruel mesmo comtigo ?
 Ah deixa , deixa vida taõ penosa ,
 E faze por tornar ao estado antigo :
 Deixa esses sentimentos , que assim deixas
 De espalhar sem rasoã inuteis queixas.

Tu choras de Marfida a ligeireza ,
 Do seu gênio inconstante a falsidade ;
 Como se fosse a falta de firmeza
 Entre as nossas Pastoras novidade :
 Quem as conhece , Almeno , naõ ignora ,
 Que se mudaõ mil vezes cada hora.

Quem mais que Alberto amou a Damiana!

Queria adivinhar-lhe os pensamentos ;
 Nem socegava o pobre na cabana
 Se passava sem vêlla alguns momentos,
 Quer ella fosse ao prado , quer á fonte
 Sempre Alberto se achava ali defronte.

Passaraõ hum, e outro nesta vida ,
 Segundo eu me lêbro, alguns tres annos ,
 Elle cheio de amor , ella fingida ,
 Elle obrando finezas , e ella enganos ,
 Até que o despresou bem claramente ,
 Sem se lhe dar do que diria a gente.

Tambem Silvio , q̄ he tido entre os Pastores
 Por hũ dos mais discretos, mais bê feito ,
 Ha pouco experimentou em seus amores
 Como tu da inconstancia igual effeito.
 Quem deixou de saber na nossa aldêa
 Os successos de Armindo com Althêa ?

Entaõ se tantas vezes acontece ,
 Que a mentida, apparencia de piedade
 Se descobre por fim , se desvanece
 Como a noite do Sol co'a claridade ,
 Naõ chores por hum caso sem segundo
 O q̄ está vendo a cada instante o mundo.

Deves tu estranhar, que o nosso gado
Busque o pasto ? que o lobo carniceiro
Sempre ande ás furtadellas desvelado
Só a ver se nos pilha algum cordeiro ?
Olha Almeno, hũ feroz, outro faminto,
Cada qual vai seguindo o proprio instin-
(cto.

Assim da mesma sorte se quebrada
Das Pastoras a fé mil vezes viras,
Se essa mesma, que viste empregada
Em te amar, se mudou, naõ te admires:
Naõ te admires se naõ tem firmeza,
Pois nellas a mudança he natureza.

Que fazes tu agora em dar suspiros,
Sem cuidar nem de ti, nem do teu gado ?
Em buscar as montanhas, e os retiros,
Em ficar ali vivo, e sepultado ?
Por tu passares taõ estranha vida,
Remedeas o mal que fez Marfida ?

Pequena perda foi, que huma inconstante
Desta paixãõ taõ cega te livrasse:
Antes ella esquecesse a fé de amante,
Que hũ só dos teus cordeiros te faltasse.
Tu has de achar, Almeno, eu to prometo,
Quem estime melhor o teu affecto.

Acceita o meu conselho : huma Vingança
Servirá de remedio ; principia
A perder da cruel toda a lembrança ,
E seja este o venturoso dia.
Naõ te perturbes , fica socegado
Quando vires Marfida , e estás vingado.

Se ella tantas finezas desattende
Vale mais procurar quem tas mereça ;
Se ella cuida talvez , que inda te prende,
Veja-te solto , livre te conheça :
Faze-lhe ver , que a sua crueldade
Te fez feliz , te deo a liberdade.

Alm. Bem sei Alcino : ah ! como facilmete,
Falla , aconselha , e quer ir persuadindo,
Aquelle que está livre , o que naõ sente
As crueis afflicções que estou sentindo.
Ou nunca amaste , ou entaõ suspeito ,
Que he diverso dos mais esse teu peito.

Assim se esquece o que chegou a amar-se ?
Hum coraçãõ , que andava acostumado
As delicias de amor , póde deixar-se
De recordar o tempo já passado ?
Póde esquecer ao pensamento triste ,
Esse bem q̃ passou , e o mal que existe ?

Quando a serra de neve carregada,
 Faz a todos sentir o Inverno frio ;
 Quando a fêa , e medonha trovoadã ;
 Esconde o ceo , e faz crescer o rio ,
 Quem de nós haverá , que não quizerã
 Ver antes a risonha Primavera ?

Ora eu , que me vejo tão diffrente
 Do que fui quando a ingrata me queria ,
 Que entãõ passava os dias felizmente ,
 E nem sei hoje , se amanhece o dia ,
 Hei de ficar quieto , e socegado ,
 Como se fosse hum tronco inanimado ?

Ainda ha pouco , hum lobo , a quem leváraõ
 Daquelle cova os filhos pequeninos ,
 Entrando nella , e vendo que os roubáraõ
 Fazia , como eu vi , mil desatinos .
 Mordia-se a si mesmo , não parava ,
 Corria os montes , sem descanso uivava .

Conhece agora tu , se o meu tormento
 Tem razãõ de causar-te algum espanto ,
 Quando vês , q de hum mal o sentimento ,
 Até c'os mesmos brutos póde tanto ;
 Quando vês me roubou a sorte minha
 Sem mais remedio todo o bem que tinha .

Eu bem quizera ver-me aliviado
Das afflicções terriveis que padeço ;
Quizera estar contente , e socegado ,
Quizera amar a vida , que aborreço ,
E não ter dentro n'alma este alvoroço ;
Eu tudo isto quizera , mas não posso.

Por mais que faça estudo de vencer-me ;
Suffocando a lembrança alguns instantes ,
He sem fructo , pois logo torno a ver-me ,
Inda muito peor do que era dantes .
Fujo da gente , nada me recria ,
E não posso parar dentro d'aldêa .

Eis-aqui como estou ; e em quanto a morte
Me não levar esta importuna vida ,
Sempre sempre andarei da mesma sorte ,
Não terá termo a minha infausta lida .
Já agora , e com razão , tenho assentado ,
Que só comigo acaba o meu cuidado .

Alc. Não desesperes ; tudo póde o tempo ,
Vem o dia depois da noite escura ,
E talvez que atraz deste contratempo
Tu chegues a gozar melhor ventura .
Se hoje a sorte he cruel , que alegre viste ,
Talvez verás alegre , a q' hoje he triste .

Porém, Almeno, a noite vai chegando
Mal anoitece logo cerra o escuro,
Vai tu as tuas rezes ajuntando
Que o sitio por aqui não he seguro,
Não te fique nenhuma cá por fóra,
Se queres, eu te ajudo, e vem-te embora.

Alm. Vamos, Alcino, vamos; mas pondera,
Que por mais q̃ te cances, nunca Almeno
Póde tornar a ser quem dantes era.

Alli vinhaõ os sonhos lisonjeiros
Mostrar-lhe os seus triunfos gloriosos,
Firmes amantes, tristes prisioneiros,
Que arrastraõ sêpre os seus grilhões peno-
Outros via nos funebres retiros (sos.
C'os olhos baixos, dando mil suspiros.

As Ninfas sobre as ondas encrespadas,
As Napeas, os Faunos, os Pastores,
No trono augusto as Testas coroadas,
Os heroes entre os bellicos suores,
Tudo em fim quanto ha neste hemisferio
Vinha cultos render ao seu Imperio.

Até os deoses do alto firmamento
Sem gloria, sem poder, sem magestade,
Queriaõ com suspiros cento e cento
Mover-lhe os sentimentos de piedade.
O mar, a terra, o ceo, tudo o sensivel
Está tremendo deste deos terrivel.

Sómente huma mortal, quem o disséra !
Despresa as suas leis, rompe os seus laços;
Por mais q' as setas, e os farpões tempera,
Sem a ferir se fazem em pedaços ;
Naõ póde por mais vezes que o tem feito,
Vencer de Amelia o invencivel peito.

O vago pensamento lha fazia
Ver naquelle lugar ; imaginava
Que a desdenhosa Amelia surprendia
O arco , as setas , os farpões , a aljava ,
Que lhe ouvia dizer : “ Cruel Cupido ,
” Sem armas foge , ou ficarás vencido. ”

Cria que estava vendo em liberdade
Os mesmos , que atégora o respeitavaõ ,
Que sem temer a sua crueldade
Por desprezo , nem para elle olhavaõ ;
Que alguns delles tratãdo-o com insultos
A Amelia davaõ respeitosos cultos.

Entaõ acorda Amor todo assustado ,
Ligeiro vòa , ás armas se arremessa ,
Empunha o arco a hum , e a outro lado
Sem q̃ algum dos objectos lhe appareça.
O antigo temor se desvanece ,
Mas o corpo de novo lhe estremece.

“ Ah ! vença-se a cruel , q̃ assim me ultraja ,
” Vença-se ; disse amor dãdo hum gemido ;
” Ningué desde hoje em diãte , ningué haja ,
” Que mais respeite o nome de Cupido ,
” Se vir , q̃ outra vez dorme , ou q̃ descança ,
” Sem da ingrata tomar justa vingança !

Q 2 .

Já a buscá-la ; e repentinamente
 O suspendeo a magica harmonia ;
 Que os ares vai ferindo brandamente
 Entre acordes concertos de alegria.
 Inda naõ póde o que he saber de certo ,
 Vôa apressado , e vai-o vêr de perto .

Era Himeneo n'hum throno luminoso ,
 Que no seu templo augusto lhe formáraõ ,
 De quahto a terra tem de mais precioso
 Com liberal grandeza o adornáraõ ,
 Viaõ-se ali subir dos seus altares
 Os cheirosos perfumes pelos ares .

De ouro, e marfim co'as pedras mais brilhâtes
 As doricas columnas se elevaõ ,
 As purpuras que Tyro tingio dantes
 Os largos pavimentos tapissavaõ ,
 E por sima se viaõ semeadas
 Frescas boninas , rosas encarnadas .

As bellas Ninfas com vistosas danças ,
 Outras com afinados instrumentos
 Soltando ao vento as douradas tranças,
 Publicavaõ os seus contentamentos.
 Vinhaõ tambem daquelles orredores
 As Pastoras gentís c'os seus Pastores .

Vinha Amelia de mirtho , e de amaranto
Coroadá com lucida capella ,
Formosa a todos parecia tanto
Como o sol na manhã serena , e bella.
Lucindo a conduzia ao illustre lado
De triunfante louro coroadó.

As tres graças com elles repartiaõ
Os dons preciosos ; e de instante a instáte
Já nos olhos de Amelia appareciaõ ,
Já lhe adornavaõ o gentil semblante ,
Já de Lucindo no agradavel rosto
Brilhar faziaõ o prazer , e o gosto.

Mas Amor , que de perto esta inimiga
Via junto de si taõ descuidada ,
Intenta ver agora se a obriga
Á sua lei mil vezes desprezada.
Com impulso ligeiro o arco aprompta ;
Põe-lhe huma seta de dourada ponta.

Fazendo Amor a pontaria estava ;
Mas reparou , que o Himeneo contente
Do seu augusto trono assim fallava ,
Erguendo hum pouco a magestosa frente.
“ Illustres corações , vinde a meus braços
” Tecer fieis , e venturosos laços.

» Huma doce , e feliz tranquillidade
» Vos dá a lei immutavel do-destino ;
» E sem nunca offender-vos a crueldade
» Dos enganos que tece o deos menino. »
Ouvio Amor o caso inesperado ,
E as armas escondeo d'envergonhado.

« Ninguem em vós verá , assim começa
» Outra vez a fallar , a chama ardente ,
» Que assim como arde com violêta pressa ,
» Tambem sabe extinguir-se brevemente.
» Em vós se ha de ver sempre a uniaõ pura ,
» Suave paz , reciproca ternura.

» Sim Lucindo , se ha pouco lamentastes
» Huma esposa adorada que perdestes ;
» Se em cima do sepulchro lhe espalhastes
» Tristes ramos dos funebres ciprestes ;
» Se por signal de a ter amado tanto
» Ias banha-lo com saudoso pranto ;

» Hoje Lucindo , deves satisfeito ,
» Gostoso celebrar taõ fausto dia ;
» Entaõ a dôr te maltratava o peito ,
» Hoje o alenta a candida alegria ;
» Roubou-te a cruel Parca hum a consorte ,
» Mas quanto achastes liberal a sorte !

» Amelia, a linda Amelia, te offerece
» Hum terno Coraçãõ, hum genio affavel,
» Hum risonho semblante onde apparece,
» Quanto pôdem as deosas ter de amavel.
» Eu a vejo... He como a Cypria bella
» Taõ formosa, mas mais modesta que ella.

» Feliz esposo, a quem deo a ventura
» Neste spirito nobre vinculadas
» Virtude excelsa, e rara formosura,
» Que quasi sempre vivem separadas!
» Tu verás que no templo da memoria
» Se conta ao mundo taõ sublime gloria.

» E tu, esposa illustre, que chegando
» Ao pé dos meus altares em ti vejo,
» Que estás a face delicada ornando
» Co'as bellas cores do amavel pejo,
» As tuas ditas igualmente apressa,
» Pois achaste em fim quem te mereça.

» Achastes em Lucindo hũ genio grato,
» Huma alma grãde, hum coraçãõ sensivel,
» Virtude, prendas, carinhoso trato,
» E quanto pôde haver de apeteçivel,
» Quem faça de estimar-te hũ terno estudo,
» Quem te assemelha, pois he mais q' tudo.

„ Vós q̄ sois hũ do outro esposos dinos ;
„ Celebrai este jubilo sagrado.
„ Que grande gloria a ordem dos destinos
„ Vos naõ tem igualmente preparado !
„ Que descendencia augusta , e florescente,
„ Digna em tudo da vossa antiga Gente !

„ Semelhantes a huma arvore fecunda ;
„ Que produzindo os ramos dilatados ,
„ Com elles se ennobrece até que abunda
„ Dos copiosos fructos sasonados ,
„ Vereis nascer de vós quẽ encha a historia
„ De acções illustres , e a vós de gloria.

„ Os Noronhas vereis q̄ ao pé do Ganges
„ Fizeraõ respeitavel o seu nome ,
„ Grangeando entre os Indios alfanges
„ As honras , que a idade naõ consome.
„ Vereis os Mellos na sanguinea guerra
„ Livrar da servidaõ a Patria terra.

„ Ah ! quem podéra agora ir-vos dizendo
„ O que lá no futuro está disposto
„ Verieis docemente irem correndo
„ Nas vossas faces lagrimas de gosto !
„ Mas hum alto preceito naõ consente
„ Que vos possa fallar mais claramente.

„ Colhereis hũ , e outro em longa idade
„ Desta esperança os fructos vantajosos ,
„ Huma nobre , e feliz posteridade
„ Fará os vossos dias preciosos :
„ Eu o torno a dizer : Vinde a meus braços
„ Tecer fieis , e venturosos laços. „

Apenas acabou , logo deixando
O trono luminoso que occupava ,
Os dous consortes junto a si levando ,
Com gesto carinhoso os abraçava ;
E depois d'assim star alguns instantes
As mãos lhe unio c'hũ laço de diamâtes.

Então o numeroso ajuntamento
Q'immovel em silencio tinha estado ,
Nos transportes do seu contentamento
Encheo de vozes o lugar sagrado.
O templo , o grande templo retinia
Com cantos de prazer , e de alegria.

As Ninfas carinhosas rodeavaõ
A linda Amelia , e no cabello louro ,
As desfolhadas rosas lhe espalhavaõ
Como signaes de hum venturoso agouro.
E quanto mais miudamente a viaõ ,
„ Ah ! como he bella ! „ entre si diziaõ.

Os Pastores tambem se vão seguindo
Huns atraz de outros em confuso aperto,
Nenhum fica gostoso, se a Lucindo
Naõ chega com socego a ver de perto;
Mas outros, que naõ pódem ir rompendo,
De algum sitio mais alto o estaõ vendo.

Cada qual á porfia se desvela
Em lhe dar parabens; sómente usando
D'huma lingoagem pura, mas singella,
Que os sentimentos d'alma está mostrádo;
Huns dizem que he feliz com tal consorte
Outros louvaõ de Amelia a fausta sorte.

O mesmo Amor em fim, q' ha pouco estava
Soluçando raivoso a dar suspiros,
Que na confusa idéa preparava
Inda de novo os seus funestos tiros,
Sabiamente mudou os crueis projectos
Em brandos, e ternissimos affectos.

Arco, e setas deixando, humanamente
Aos esposos fallou: « Ah! eu naõ posso
» Deixar agora de viver contente,
» De ter parte neste intimo alvorço.
» Naõ queirais vós tratar como inimigo,
» Quem vos jure fiel ser vosso amigo.

» Eu não vos tecerei os deshumanos
» Grilhões, q̃ sépre arrastraõ noite, e dia,
» Os miseros mortaes annos, e annos
» Entre as mãos da fatal melancolia,
» Eu nunca accenderei fogos violentos
» Que imitaõ tanto os infernaes tormentos.

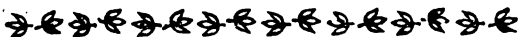
» Sómente hei de fazer, q̃ em vós esteja
« Prazer puro, suave, e verdadeiro;
» Sómente hei de fazer que em mim se veja
» Hum amor da virtude companheiro. »
Assim fallou; e d'himeneo nos braços
Juráraõ mutuamente eternos laços.

Já do templo famoso se apartavaõ:
Já adiante a plebe dos Pastores,
Depois ao som das harpas entoavaõ
As bellas Ninfas as canções melhores.
As Napeas lançavaõ nos caminhos!
Molles juncos, cheirosos rosmaninhos.

Himeneo, e Amor iaõ no meio
Com seria gravidade conduzindo
Penetrados de hum suave enleio
A linda Amelia, o immortal Lucindo,
E viaõ-se ao redor de quando em quando
Os prazeres pacificos voando.

Os cumes dos outeiros se cobriaõ
Da multidaõ de gente , que esperava
Ver os consortes ; todos se moviaõ
Se algum delles primeiro o divisava.
Ninguem por todo o monte está ouvindo
Mais q os nomes de Amelia , e de Lucin-
(do.

Assim foraõ , até que finalmente
Se chegou á morada appetecida ;
As Ninfas , e os Pastores ternamente
Lhe fizeraõ saudosa despedida ;
O Himeneo , e Amor juntos entráraõ ,
E em perpetua paz alli ficáraõ.



E L E G I A .

Imagens venturosas, que algum dia
Voando sempre á roda de meu peito,
Delle apartaveis a desgraça impia;

Se me visteis andar taõ satisfeito
Dessa gloria, que Amor entaõ me dava,
Vêde-me hoje em mil lagrimas desfeito.

Fugio-me todo o bem que antes gozava;
Fugiraõ-me as suaves esperanças
Com q̃ amor, ou eu mesmo me enganava.

Tudo levou nas rapidas mudanças
Comsigo a cruel sorte, a infausta estrella,
Sem nada me deixar, mais q̃ as lêbranças.

Para sempre a perdi; perdi aquella
Belleza ornada pela maõ divina,
Que nunca teve igual a naõ ser ella.

A linda face , que a modestia ensina ,
Hum spirito fecundo em poucos annos,
Unico alivio meu ; a bella Alcina.

Alcina , que nasceo entre os humanos ,
Para que algum tempo o mundo visse
Huma imagem dos deoses soberanos.

E quem podia haver , que naõ sentisse ,
Depois de vê-la , os ternos movimentos
Que gera amor , por mais que lhe fugisse ?

Ah ! vinde , vinde vós peitos isentos ,
Constantes inimigos da ternura ,
Sacrificar-lhe tantos vencimentos.

Vinde , vinde adorar-lhe a formosura ,
E rendereis a antiga liberdade
As graças , e ao poder desta alma pura.

Entaõ lhe offrecereis toda a vontade
Entre os brandos suspiros amorosos ,
Que hã mover de olhos seus vos persuade.

Entaõ... Mas ai de mim ! fados raivosos !
Que glorias , que venturas imagino ,
Sem lembrar-me os successos lastimosos !

Como póde esquecer-te o teu destino?
Como podes julgar inda presente,
Quê taõ longe de ti... ah! pobre Alcino!

He verdade, ai de mim! o peito o sente:
Já naõ vejo o meu bem, o bem que adoro,
Já naõ posso tornar a ser contente.

Nem teraõ fim as lagrimas que choro,
Nem deixarei os asperos rochedos
As brutas serras onde habito, e moro.

Debaixo dos escuros arvoredos
Soltarei livremente os meus gemidos
De hum amor infeliz tristes segredos.

Vejo aqui do meu mal compadecidos,
Como se fossem de outra natureza,
Os feros ursos, os leões, temidos.

Das garras deixaõ ir fugindo a preza,
Só por ouvir immoveis, e espantados
Da minha sorte á barbara fereza.

Os concavos outeiros levantados
Me repetem ao longe a voz funesta,
Me respondem c'os ecos magoados.

Pois que outro algum alivio me não resta ;
Consumo o dia, e noite, em prato afflicto,
Clamo , suspiro ; a minha vida he esta.

Se penso respirar , quando medito
Co'a lembrança na gloria já passada ,
Socégo hum pouco , e de repente grito.

Outras vezes minha alma fatigada
Me deixa aqui ficar horas inteiras
Semelhante a huma estatua inanimada.

Ah se fossem as horas derradeiras ,
Em que eu visse acabar a luz do dia ,
Em que tivessem fim minhas canceiras !

Mas que de balde espera a morte impia
Hum triste peito cheio de desgraça ,
Que na morte algum bem alcançaria !

Não ma consente , não , a sorte escassa ;
Foge de mim por mais que eu a procuro ,
Por mais q' hũ tempo, e outro tempo passa.

Quasi que me congela o inverno duro ,
Quasi que me consome o estio ardente,
Mas vivo sempre para o mal que aturo.

Se me lembra que a sorte mais clemente
Será hum dia; o dia que amanhece
Mil afflicções me causa novamente.

Nem quando por acaso me acontece,
Cerrar os olhos de soffrer cansado,
A força do tormento se enfraquece.

Ainda então me vejo rodeado
De horriveis sonhos, q̃ com tristes côres
Me estão pintando o meu funesto estado.

A clara luz do sol me enche de horrores,
Cuido que vejo a mata mais sombria,
No prado ameno co'as mimosas flores.

Por isso, vós, imagens de algum dia,
Deixai ficar hum triste, hum desgraçado,
Ide buscar mais doce companhia.

Voai junto do rosto delicado
Da minha bella Alcina, que podéra
Fazer o seu Pastor afortunado.

Quem me déra ir comvosco ! Quem me déra
Saber ao menos se ella inda reziste
Da distancia, e do tempo á lei severa !
Tom. III. R

**Mas já que o não consegue hum peito triste,
Vós lhe dizei, que o desgraçado Alcino,
Na fé que lhe jurou, vive, e persiste
Contra todo o poder do seu destino.**



R O M A N C E .

Se a fortuna inimiga , que reparte
Desigualmente os bens entre os humanos ,
Me desse alguns , que foss' aos meus deveres
Ou similhantes , ou proporcionados ;

Se este nobre desejo , que me eleva
Até á gloria d'hoje obzequiar-vos ,
Naõ tivesse o fatal impedimento
De hum poder taõ pequeno , e limitado ;

Verieis , Senhor , hoje neste dia ,
Hum dia em que fazeis ditosos annos
Carroças triunfaes , que competissem
Co'as mais ricas dos Cesares Romanos.

Verieis ir ao Ceo nuvens cheirosas
Dos perfumes , que tem o adusto Arabio ;
Em fim verieis todos estes sitios
D'augustas telas d'ouro tapeçados.

R 2

Porém como eu não logro , não possuo
Mais bens do que este pobre humilde canto ,
Que hum desejo efficaz de quem vos ama ,
Offereço quanto tenho , e satisfaço.

São estes os obsequios d'hum sobrinho
Que em vossa vida s'interessa tanto ,
Que pede sempre a quem governa tudo .
Vos dê annos felizes dilatados.

E vós que hoje com jubilos festivos
Applaudís este dia tão preclaro ,
Preparai os sonoros instrumentos ,
Não tenha o nosso gosto algum descanso.



*Quanto mais , meu bem , intentaõ
Separar-te de meus braços ,
Tanto mais hei de viver
Apertado em estreitos laços.*

O tempo , a distancia , o fado ,
Procuraõ , Laura , a ruina
Da paixãõ , que me domina ,
Da fé , que tenho jurado.
Mas contra o voto sagrado
Furias mil em vãõ fomentaõ ;
Antes tanto mais augmentaõ
A gloria de hum firme amor ,
Quanto o seu odio he maior ,
Quanto mais , meu bem , intentaõ.

2.

O seu injusto poder
Rompe prisaõ menos forte ,
Naõ a minha , pois a morte
Mesma a naõ pode romper.
Verás como sei vencer

Constante os seus ameaços ;
E dobrando os doces laços
A que o peito unido está ,
Laura , ninguém poderá
Separar-te de meus braços.

3.

Se o alto tronco cercado
Em volta da era amorosa ,
Vê crescer a união que gosa
C'o tempo mais dilatado ;
Meu extremoso cuidado
Irá delles aprender ;
Quanto mais tempo correr
Depois que Amor me prendeo ,
N'um coração , que já he teu ,
Quanto mais has de viver.

4.

Viverás , que a formosura
Do teu amavel semblante
Renova de instante a instante
No meu affecto a ternura.
Que doce paz ! que ventura !
Seguem da constancia os passos !
Ah Laura ; outra vez os braços
Para as prisões offrecêra ,
Se inda Amor me não tivera
Apertado em tristes laços.



QUADRA.

*Se a lembrança de perder-te
Me atormenta o coração,
Que será quando sentir
A tua ingratitude.*

Sem ti, amavel Marfida,
Nesta rigorosa ausencia,
He tal da dôr a violencia,
Que quasi aborreço a vida.
De meus braços desunida
Quanto me he custoso ver-te.
Ai de mim! nem sei dizer-te
No horror de taõ dura sorte,
Se mais me custára a morte,
Se a lembrança de perder-te.

2.

Vê meus olhos denegridos
De verter rios de pranto;
Ouve, se tu podes tanto,
Ouve os meus tristes gemidos.
Penhascos endurecidos

Movêra a minha afflicçaõ ;
 E tu talvez compaixaõ
 Naõ tens desta desventura ,
 Que abrindo-me a sepultura
 Me atormenta o coraçãõ.

3.

Té o proprio pensamento
 Comigo mesmo cruel ,
 Em te fingindo infiel ,
 Vem redobrar-me o tormento.
 Ardo n'hum fogo violento ,
 Tomára de mim fugir...
 Oh Marfida ! se o fingir
 Qu'és inconstante me mata ,
 Huma perjura , huma ingrata ,
 Que será , quando sentir.

4.

Naõ seja assim por piedade ;
 Antes a tua firmeza
 Consolar venha a tristeza
 Da minha ardente saudade.
 Se a antiga fidelidade
 Combate a distancia em vaõ ,
 Verás que meu peito entãõ
 Menos triste os dias passa ,
 Naõ tendo a maior desgraça
 A tua ingraticidaõ.



Q U A D R A.

*Eu de amante , e tu de ingrata ,
Ambos deixaremos fama ,
Eu de amor a quem me mata ,
Tu de matar a quem te ama.*

I.
Inda que tu desattendes,
Cruel , o meu triste rogo ,
Longe de apagar o fogo
Em que ardo , de novo o accendes.
Faze embora o que pertendes ,
As caras prisões desata ,
Que se Amor fiel retrata
Os corações no seu templo ,
Lá nos porá para exemplo
Eu de amante , e tu de ingrata.

2.

Vendo-me , saudoso pranto
Qualquer por mim chorará ;
Vendo-te , recuará
Cheio de horror , e de espanto.
Honrará saudoso canto

A minha extremosa chamma ;
Em quanto contra ti clama ,
Contra ti o mundo todo ,
Olha cruel por que modo
Ambos deixaremos fama.

3.
E quem sabe , se dirão ,
Que amor tão cego he loucura ,
Pois ter com fêras ternura
He delirio da razaõ.
Vençasse a antiga paixãõ ,
Que assim cruel me maltrata !
Já que insensivel a ingrata
Fica aos ais , com que me queixo ;
Conheça , que eu tambem deixo ,
Eu de amar , a quem me mata.

4.
Conheça ... ai de mim ! que faço !
Como em vão fugir desejo ,
Se quanto mais eu forcejo ,
Tanto mais aperto o laço ;
De sorte os instantes passo ,
Nutrindo esta infeliz chamma ,
Que podes fazer , que a fama
Terna huma vez te conheça ,
Acabando mais depressa
Tu de matar a quem te ama !



C A N T I G A.

*Sem eu saber como , ou quando ;
Me vi ferido d'Amor :
Ob quem achára o remedio ;
Qu'a chaga vai a peor.*

G L O Z A.

Corações que inda gozais
D'huma feliz liberdade ,
Que suspiros ! que saudade !
Qu'invejas me naõ causais !
O dia , e a noite passais
Em paz doce respirando :
Triste de mim ! que pensando
Fugir d'Amor ás paixões ,
Fui dar nas suas prisões
Sem eu saber como , ou quando.

Qual passarinho innocente ,
Que na floresta sombria
Festeja o risonho dia ,
Vôa , e canta alegremente ;
Mas ferido de repente

- Cahe aos pés do caçador ,
Assim eu , quando o melhor
Tempo da vida passava ,
Quando em amor não cuidava ,
Me vi ferido d'amor.

C'o venenoso farpaõ
Taõ profundo golpe abrio ,
Taõ cruel, que me ferio ,
No meio do coração.
Sem alivio, e sem razão
Faz-me a mesma vida tédio ;
S'intento morrer, impede-o
Amor : infeliz de mim !
Para não viver assim ,
Oh quem achára o remedio !

« Não desesperes , me diz
» Amor, corre a Tirce bella ,
» Vai-a buscar , que só ella ,
» Te póde fazer feliz. »
Ah Tirce ! d'hum infeliz
Cura a penetrante dôr ;
Hum teu pequeno favor
Fará , com que eu convaleça ,
Mas seja , Tirce , depressa ,
Qu'a chaga vai a peor.

CANTIGA.

*Se virem que sou ingrato
Nãõ se admire ninguem,
Q'buma Ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem*

GLOZA.

Mertilo, quem cuidaria,
Q'Amira assim m'enganasse,
Q' taõ depressa trocasse
Amor em aleivosia!
Mas se a fé, que me devia,
Quiz ultrajar sem recato,
Qu'importa! desde hoje trato
D'esquecer taõ vís amores;
Culpem-me embora os Pastores,
Se virem, que sou ingrato.

De affecto taõ verdadeiro
Ter as lembranças extinctas!
Deixar o fiel Amintas
Por hum rustico barqueiro!
Qu'erro taõ baixo, e grosseiro

Jámais commetteo alguém !
Mas , não , Mertilo , não vem
Estranha esta culpa a ser ,
Ella obrou como mulher ,
Não se admire ninguem.

Se Amintas do patrio Sado ,
E d'essa infiel distante ,
Renovava a cada instante
D'Amor o voto sagrado ;
Já este infeliz cuidado
Bem como hum sonho acabou :
O mesmo Amintas não sou ,
Q'andava em amor aceso ,
Uso sómente o desprezo ,
Q'humã ingrata me ensinou.

Naõ spere Amira a prisaõ
Soldar , que fez em pedaços ,
Pois em mais ditosos laços
Se prende o meu coração.
Cheio de consolação
Sacrifica a hum novo bem ;
E só o que afflicto o tem ,
Mertilo meu , neste enredo ,
He não começar mais cedo
A ser ingrato tambem.

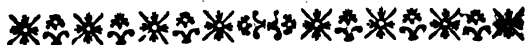
G L O Z A. II.

Ninguem me culpe : he verdade
Q'deixo Amira jágora ,
Essa inconstante , onde mora
A traição , e a falsidade.
A não mudar de vontade
Como seria insensato !
Tu , Amor , que o infame trato
Sabes , em que Amira vive ,
Tu , conta as razões que tive ,
Se virem , que sou ingrato.

Mostrou querer-me algum dia ,
Constante fé me jurou ;
Mas que importa , se mudou
Toda a fé em aleivosia !
Amei-a em quanto via
Amar-me Amira tambem ,
Mas hoje que a cruel tem
Novo Amor , novo cuidado ,
Se a deixo desenganado ,
Não se admire ninguem.

He verdade, que a fé pura,
 Que minha alma lhe jurava
 Se a deixassem passava
 Inda além da sepultura.
 Eu mesmo vendo a ternura
 Que em mim Amira inspirou,
 Do grilhão, que m'enlaçou,
 Nunca me esperei soltar;
 Mas pude... pude-o quebrar,
 Q'humã ingrata m'ensinou.

Por hum barqueiro arribado
 D'estranha Nação, se gente,
 Despresa hum peitor innocente,
 Com ella, e amor criado.
 Coração! se acostumado
 Estás a querer-lhe bem,
 Troca o amor em desdem,
 A falsa Amira s'esqueça;
 Inda que tarde, começa
 A ser ingrato também.



G L O Z A III.

D I A L O G O .

AMINTAS, E AMIRA.

Am. **Q**ue he feito, Amira, que he feito
Da fé mil vezes jurada ?

Amir. Tua imagem retratada
Trago, meu bem, no meu peito.

Am. Como ! se d'outro sujeito ,
Prezas o cortejo , e o trato !

Amir. Ser civil , ter genio grato ,
He culpa ? d'isso te offendes ?

Am. Amira , tu me defendes ,
Se virem , que sou ingrato.

Amir. Cruel ! não vistes meu pranto ,
Quando de mim te ausentastes ?

Am. Sim ; porém depois julgastes
Ser loucura chorar tanto.

Amir. Mal sabes , Amintas , quanto

Tom. III.

S

Morta a saudade me tem:

Am. Merfalo o sabe também,
Sabe-o toda a nossa aldêa;
Mas d'ingratidaõ taõ fea,
Naõ se admire ninguem

Amir. As margens do nosso Sado
Meu continuo pranto viraõ;
Os tristes ais repetiraõ
Os ais, que Amira tem dado.

Am. Sim, o teu novo cuidado
N'ellas bem publico andou.
Entaõ como certo estou,
Qu'a outro destes teus braços;
Vou seguindo os mesmos passos,
Q'humã ingrata m'ensinou.

Amir. Das fêras cruels famintas
Me vejas tu devorada,
Se teve em meu peito entrada,
Outro algum sem ser Amintas.

Am. Ah! tal desastre naõ sintas:
Deos te faça todo o Bem:
Mais justo alivio me tem
por Inspirado Amor; começo
A mudar o antigo excesso,
A ser ingrato também.



Q U A D R A.

*Ai de mim! que fui fazer!
 Dei a minha liberdade,
 A quem talvez se está rindo
 Da minha facilidade.*

Eu vi, bella Nize, hum dia,
 Que Amor contigo brincava,
 Que o arco, e setas pendurava,
 Que em teus olhos se escondia.
 Taõ risonho apparecia,
 Que nada me fez temer;
 Tive desejos de o ver
 Tambem brincando comigo,
 Chego ao peito este inimigo,
 Ai de mim! que fui fazer!

Apenas ao peito o chego
 Logo experimento os seus tiros,
 Entro a dar tristes suspiros,
 Perco a razão, e o socorro
 Mas, Nize, inda que o deos cego

Respeita a minha vontade ,
Inda que a sua crueldade
Duras prisões me teceo ,
Tu foste só a quem eu
Dei a minha liberdade

3.

E como já receava
Majores damnos soffrer ,
Pedi a Cupido , a ver
Se o teu coração tocava ;
Mas Amor , que a ti voltava ;
Ligeiro as azas abrindo ,
“ Infeliz , que estás pedindo ,
” Me diz , que queres , que eu diga
” A quem he tua inimiga ,
” A quem talvez se está rindo.

4.

” Olha , não tens que fazer ,
” Hum mal sem remedio chora :
” Pobre de ti ! pois já agora
” Sempre infeliz has de ser . ”
Sim , ó Nize , eu chego a ver ,
Que Amor me fallou verdade ,
Vejo , que a tua crueldade
De zombar nunca se cança ,
Da minha louca esperança ,
Da minha facilidade .



Q U A D R A.

*Dize, triste pensamento,
 Aquella ingrata beldade, (1)
 Que conheça os meus amores,
 Que tenha de mim piedade.*

As vezes que reclinado
 Do campo na relva fria,
 Sinto que a doce alegria
 De mim se tem apartado;
 As vezes, que no montado
 Faz ecos o meu lamento;
 O meu penoso tormento,
 Esta desgraça insoffrivel
 A Lizena; se he possivel,
 Dize, triste pensamento.

2.

Vai, caminha diligente,
 Cuida em mudar-me a ventura,
 E se a vires, com ternura
 Lhe chama, féra, inclemente.

(1) Não usaria desta palavra, se tivesse a liberdade de mudar a quadra; mas não a tinha.

Dize o amor innocente,
 Que me domina a vontade;
 Mas se achares d'impiedade
 Inda signaes no seu rosto,
 Vem, fuge, e não des desgosto,
 Aquella ingrata beldade.

Porém não, não fujas d'ella,
 Não te apartes hum só dia,
 Pois talvez vençat a porfia,
 Se amor não pôde vencella.
 Beija-lhe a mão d'ara, e bella,
 Faze os excessos maiores,
 Roga, suspira, e se fores
 Vendo mais pouca izençaõ,
 Anima-te, e pede entãõ
 Que conheça os meus amores.

Mas tu já voltas queixoso;
 Dize, não te recolho
 Occultáras, que eras meu
 Se querias ser ditoso.
 O coração receoso
 Bem me dizia a verdade,
 Amor, tão dura, crueldade
 Castiga, que assim me trata,
 Ou, faze com essa ingrata,
 Que tenha de mim piedade.

QUADRA

*Oh quantas vezes , oh quantas ,
Tu ingrata chorarás!
Segue os teus varios intentos ,
Que tu te arrependerás.*

De Amor nos grilhões tirannos
Soffri lamentavel sorte,
Sem romper prisão tão forte,
Hum dia, hum mez, muitos annos.
Màs com teus doces enganos
Hoje cruel não me encantas,
De crer falsidades tantas.
Em que me ias entretendo,
Oh! que vezes me arrependo
Oh quantas vezes, oh quantas!

Que ternos suspiros! que ais!
Meu peito ao vento espalhou!
Ah! do estrago que passou,
Vejo inda os tristes signaes.
Nunca, nunca hei de ter mais

A innocencia , o gosto , a paz ;
Olha cruel , o que faz
Quem falta á fé , que assevera ,
Olha , que a não seres féra ,
Tu ingrata chorarás.

3.

Mas não penses , que procura
A voz da minha afflicção
Mover-te o impio coração ,
Huma alma , que foi perjura.
Eu não te peço ternura ,
Nem alivio a meus tormentos ,
Continúa os sentimentos
Que teu mesmo genio quer ,
Mostra por fim , que és mulher ,
Segue os teus varios intentos.

4.

Segue hum sujeito elevado ,
De graças mil applaudido ;
Talvez , que o novo escolhido
Chegue a deixar-me vingado.
No que busca o teu cuidado
Desprêso eterno acharás ,
E vendo que elle te faz ,
O que o teu genio me fez ,
Então , ingrata , talvez
Que tu te arrependerás.

F I M.

INDICE.

SONETOS.

A sombra de frondosos castanheiros.	6
Amados cordeirinhos, algum dia.	87
A sabia, a providente natureza.	98
Aqui tens, bella Anarda, o teu marido.	162
Cheguei ao gráo mais alto de ventura.	9
Commetto algum delicto por ventura.	36
Como cantas, alegre passarinho.	145
Depois de ter passado a primavera.	10
Deixa, Pastora, que a mortal inveja.	35
Deos me livre, Corina, que tivesses.	39
D'hum abysmo de magras arrancado.	88
Eu parto, amado bem, fero o destino.	8
Es cruel mais que as feras do montado.	57
Em vaõ pertendo ver da minha amada.	70
Eu sei; bella Pastora, quanto passas.	86
Eu não posso viver hum só momento.	159
Eu vejo dessa esfera luminosa.	166
Foge Philautia, foge; Apollo irmão.	147
Inimigos da paz, e da amizade.	3
Inda quando me vejo suffocado.	15
Já não se encontra Amor farpas vibrando.	123
Já de longe apparece a roxa Aurora.	151
Já que d'Amor cruel tenho soffrido.	169
Largos annos, Amor, entre o desgosto.	38

Lês os meus tristes versos , e não sentes	107
Mil cousas impossiveis destramente	13
Naõ me fujas , Albana ; por piedade	7
Naõ me admira que o pobre marinheiro	11
Naõ me lancees em rosto , não , Albana	47
Nessa aldea feliz , aonde a sorte	85
Naõ peço á sorte numeroso gado	155
O teu rosto gentil entre as Serranas	4
O cilicio , o jejum , a penitencia	133
O freixo corpulento , e levantado	156
Os prados que atéqui cheios de flores	163
Pequenino-cruel , se me tans dado	99
Prepara-te , Cupido , o ingrato peito	153
Pude escapar do triste cativoiro	154
Que me importa , Nerina , que tu graves	14
Quando haveis de voltar horas ditosas	33
Quantos pastores correrão logo	37
Quando Amor do seu throno levantado	74
Quem pudéra , Dorinda , converter-se	160
Quem vio , Anarda , genio semelhante	161
Raia a clara manhã , acaba o dia	5
Solto me vi , se preso por Belmira	34
Se algum dia no teu mimoso peito	48
Somos ditosos , ó formosa Albana	73
Se alguma vez te conto , bella Alcina	150
Tão bello rosto , que mil almas prende	12
Temivel , rugidora tempestade	97
Tem os louros cabellos ondeados	148
Tu só procuras galas preciosas	197
Tu partes , Victorina ! Que impiedade	165
Vê Anarda hum martyrio , e cuidadosa	146
Vem , Alcina adgrada , entre os meus braços	149

INDICE

283

Vinde aprender, Amantes; Lidia, aquella. . . 158
 Vai, ditoso náo; os selamentos. 164

I D E L I O S.

Ar tempo que n'hum tarde. 192
 Belmira no verde campos. 194
 Dentro da humilde cabana. 196
 Entre a despida rocha do alto monte. 199
 Encontrou Belmiro hum dia. 200
 N'hum penha solitaria. 203
 O travesso Deús Cupido. 205
 Os cordeiros innocentes. 200
 Passarinho, que na toma. 206
 Quando á sombra d'hum faia. 208
 Qual enfermo delirante. 205

2 2 0

E G L O G A S.

Bem vindo sejas, meu Jozino amado. 194
 Deixou a triste aldeia o bom Fileno. 20
 Deixa passar a calma rigorosa. 75
 Deixa o pobre rebanho o triste Almeno. 228
 Está froxo, Belmiro, o ardente impulso. 61
 Nunca vi, minha Albana, ha longo tempo. 168
 Parabens, meu Jozino; pois já'gora. 216

A A L B A N A.

Minha amada Pastora. 20
 Pastora, se tu piedosa. 53

QUADRAS.

Ai de mim ! que fui fazer.	275
Dize , triste pensamento.	277
Eu de amante , e tu de ingrata.	265
Intentou Amor vencer.	71
Oh quantas vezes , oh quantas.	279
Quanto mais , meu bem , intentas.	262
Se a lembrança de perder-te.	263

CANÇÕES.

Ah minha Albana , como.	119
Sobre ramos floridos.	130

ODES.

A distincta Nobreza.	173
Ah Dorindo , Dorindo ! que receio.	175
A triste duraçãõ dos que se enterraõ.	179
Amante solidaõ , seguro asilo.	182
Os sons caducos da cançãda lyra.	124
Onde correis , profanos.	170
O som que a meus ouvidos.	187

EPISTOLAS.

Accetta , bella Anarda , alguma parte?	140
Huma destas manhãs , quando eu estava.	133

M O T E.

Fugi d'Amor, fugi, tristes humanes. 10

E P I T H A L A M I O.

Na fresca relva Amor se reclinava. 241

E L E G I A.

Imagens venturosas, que algum dia. 253

R O M A N C E.

Se a fortuna inimiga, que reparte. 215

C A N T I G A S.

Sem eu saber como, ou quando. 267

Se virem que sou ingrato. 269

LIVROS que se vendem em casa de ROLLAND,
Rua Nova dos Martyres, Num. 10, abai-
xo do Theatro de S. Carlos.

Joanninha, ou a Engeitada generosa, Histo-
ria divertida, e instructiva, em 8. 2 Vol.

Historia do Infeliz Conde de Comminge, e
de Adalaida de Lussan, em 8.

Historia das Imaginações extravagantes de
Mr. Oufle, causadas pela leitura dos livros
que tratao da mágica, dos Endemoninha-
dos, &c. Em 8.

Elisabeth, ou os Desterrados da Siberia:
Obra sentimental, e pathetica de Mad.
Cotin. Em 8.

Aventuras de Robinson Crusoe, 2. Vol.

Adelia de Senange, ou Cartas do Lord Sy-
denham. Em 8.

Belizario, estrito em Francez por Marmon-
tel. Em 8.

Carlos, e Maria, Novella Inglesa. Em 8.

Cartas sobre as modas. Em 8.

Collecção de Historias, Anecdotas, Fac-
tos, Fabulas, Dialogos, Cartas, e Dra-
mas. Em 8. 3 Vol.

Choupana India. Em 12.

Desgraças da Inconstancia, ou Cartas da Mar-
queza de Syrcé, e do Conde de Mirbelle.
Em 12. 2 Vol.

Emma, ou a Filha do desgosto. Em 12.
2 Vol.

Escolha de Anecdotas antigas, e moder-
nas. Em 8.

Emilia, e Affonso, ou o Perigo de en-
tregar-se ás primeiras impressões. Em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos
Moraes, em 8. 7 Vol.

Filosophia por amor, ou ~~Cartas de~~ duas
Amantes. Em 12. 2 Vol.

Fabulas de Esposo. Em 8.

Historia da Virtuosa Portugueza. Em 8.

Historia da Virtuosa, e Infeliz Clara Har-
lowe. Em 8 10. Vol.

Historia galante do Joven Siciliano. Em
8. 4 Vol.

Historia da Vida, conquistas, e Religião de
Mafoma. Em 8.

Irma, ou as desgraças de huma joven Or-
fãa, Em 8. 4 Vol.

Mulher feliz, dependente do mundo, e da
fortuna. Em 8. 3 Vol.

Mil e hum Quarto de hora. Em 12. 3 Vol.

Mil e huma Noites, Contos Arabicos. Em
12. 8 Vol.

Numa Pompilio. Em 12. 2 Vols

Paulo, e Virginia. Em 12.

Peregrinação de Christo. Em 8.

D. Quixote de La Mancha. Em 8. 6 Vol.

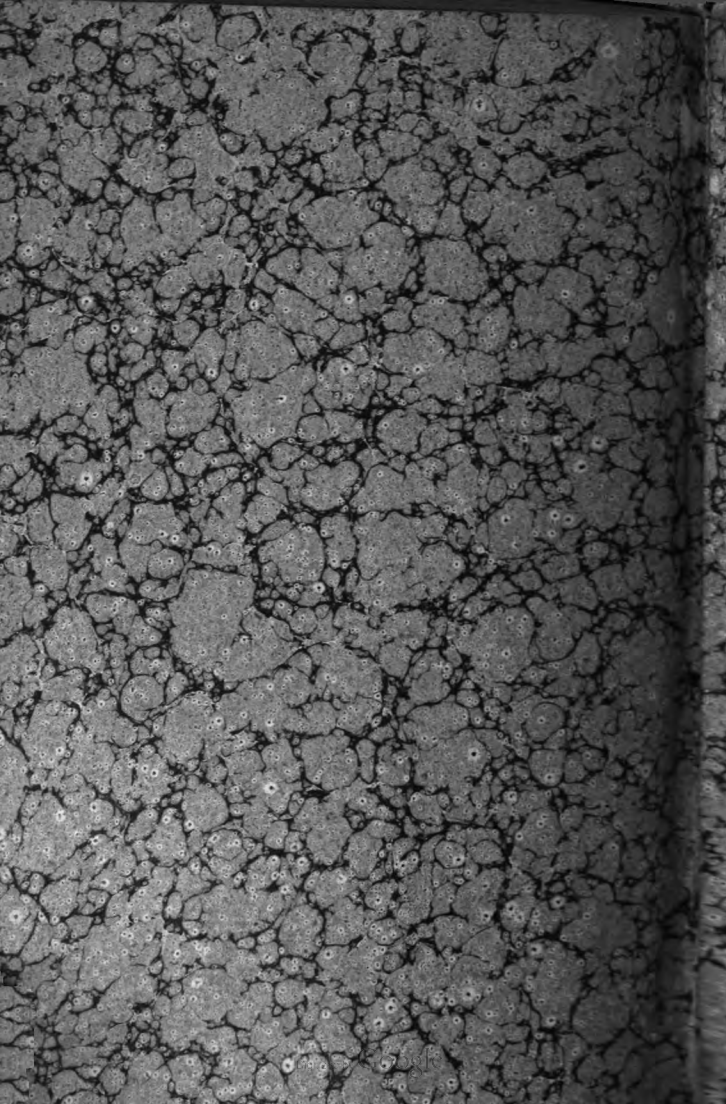
Serões do Palacio. Em 8.

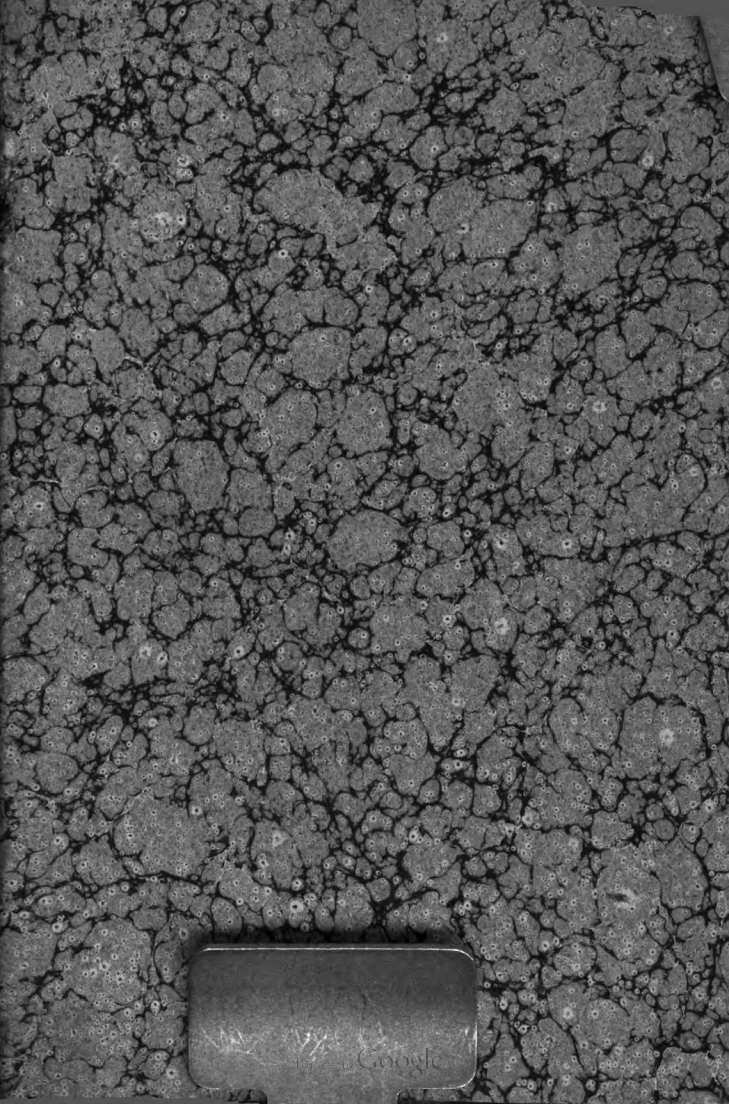
Theatro Estrangeiro. Em 8. 7 Numeros.

Victor, ou o Menino da Selva. Em 12. 4
Vol.

Viagens de Antenor pela Grecia, e Asia.
Em 8. 6 Vol.

Viajante Universal, ou Noticia do Mundo
antigo e moderno. Em 8. 51 Vol.





Digitized by Google

